

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA

**TAIZA DANIELA SERON**

---

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA E MATRIZES TEÓRICAS: O  
CENÁRIO DA FORMAÇÃO INICIAL NO ESTADO  
DO PARANÁ**

---

---

Maringá  
2011

**TAIZA DANIELA SERON**

---

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA E MATRIZES TEÓRICAS: O  
CENÁRIO DA FORMAÇÃO INICIAL NO ESTADO  
DO PARANÁ**

---

---

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa Associado  
de Pós-Graduação em Educação  
Física – UEM/UEL, para obtenção do  
título de Mestre em Educação Física.

**Orientadora: Profa. Dra. Ieda Parra Barbosa Rinaldi**

Maringá  
2011

**TAIZA DANIELA SERON**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E MATRIZES TEÓRICAS: O  
CENÁRIO DA FORMAÇÃO INICIAL NO ESTADO  
DO PARANÁ**

Dissertação apresentada à  
Universidade Estadual de Maringá,  
como parte das exigências do Programa  
Associado de Pós-Graduação em  
Educação Física – UEM/UEL, na área  
de concentração em Estudos do  
Movimento Humano, para obtenção do  
título de Mestre.

APROVADA em 28 de Janeiro de 2011.

---

Prof. Dr. **Samuel de Souza Neto**

---

Prof. Dr. **Amauri Aparecido Bássoli de  
Oliveira**

---

Profa. Dra. **Ieda Parra Barbosa Rinaldi**  
(Orientadora)

## **Epígrafe**

---

---

*“Sábio é aquele que conhece os limites da  
própria ignorância”.*

*Sócrates.*

# **Agradecimentos**

---

---

*À Deus, pela vida.*

*Aos meus pais, João e Leonides, pelo amor, carinho, confiança e educação.*

*Aos meus irmãos, Telma e Junior, pelo amor e respeito.*

*Aos meus sobrinhos (Vitor, Eduardo, Pedro e Júlia) pelo sorriso, alegria e sinceridade de criança que me impulsionavam nessa caminhada.*

*À todos os familiares que acompanharam o processo.*

*Ao meu namorado Alexis, pelo amor, pela paciência e por acreditar em mim.*

*À minha orientadora, Profa. Dra Ieda Parra Barbosa Rinaldi, pelo acolhimento, pelos ensinamentos acadêmicos e de vida, pela calma, paciência, serenidade, profissionalismo, amizade, carinho, confiança, respeito, amor e, principalmente, por acreditar. Ieda, muito obrigada!*

*Ao CNPq pelo auxílio financeiro.*

*À Universidade Estadual de Maringá, e especialmente, ao programa de Pós-graduação em Educação Física UEM/UEL pela oportunidade.*

*Ao Departamento de Educação Física e aos professores que estavam do meu lado e aos funcionários que contribuíram para esse processo.*

*Aos Profs. Drs. Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Samuel de Souza Neto e às Profas. Dras. Eliana Ayoub e Larissa Michelle Lara pela contribuição, pelo profissionalismo e disposição.*

*À companhia gímnica da UEM pelas discussões.*

*À todas as IES e coordenadores que contribuíram com esse estudo.*

*À amiga Juliana Pizani pelo companheirismo em todas as horas e pela amizade, pelos telefonemas de tranquilidade, pelas risadas.*

*Ao amigo Antonio Carlos pelas risadas, pelas palhaçadas e, principalmente, pelo apoio moral e braçal, que foi imprescindível.*

*À amiga Taciane Tissei pelo carinho, pela força e pela sinceridade.*

*À amiga Juliana Montenegro pelo amor, carinho e apoio.*

*À amiga Carolina Coelho, parceira demais, pelo apoio, pela força.*

*Ao Prof. Dr. Wilson Rinaldi pelos conselhos, pelo carinho e pelas brincadeiras.*

*À Profa. Dra. Roseli Terezinha SelicaniTeixeira pela confiança, carinho e parceria.*

*À todos os amigos que de alguma forma contribuíram.*

*Muito Obrigada!*



SERON, Taiza Daniela. Educação física e matrizes teóricas: o cenário da formação inicial no Estado do Paraná. 2011. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

## RESUMO

---

---

Um dos fatores que têm motivado as discussões na área da Educação Física nos últimos anos diz respeito ao processo de formação inicial. As Resoluções nacionais 01 e 02 CNE/CP/02 e 07 CNE/CES/04, dividiram muitas opiniões na área, uma vez que estabelecia a separação entre a licenciatura e o bacharelado. Para alguns autores essa divisão era necessária, especialmente para garantir o melhor atendimento no contexto escolar e contemplar os mercados emergentes extra-escolares que surgiam admitindo a necessidade de conhecimentos mais especializados. Outros autores, por sua vez, identificaram problemas, que não garantiam essa separação, pois os cursos ainda não atendiam a formações diferenciadas, mantendo propensão para a licenciatura. Ainda tinham aqueles que não concordavam com a separação e defendiam uma formação generalista. Diante desse quadro, nossas preocupações se voltaram para a formação no Estado do Paraná, em especial pela investigação de referenciais teóricos que estavam presentes nas duas formações, buscando encontrar ou não diferenças nesse contexto. Sendo assim, estabelecemos como objetivo geral investigar a base teórica dos cursos de educação física do Estado do Paraná por meio dos referenciais teóricos utilizados, a fim de conhecer se há diferença significativa entre os cursos de licenciatura e bacharelado. Para alcançar esse objetivo, selecionamos quatro IES públicas do Estado do Paraná, analisamos as disciplinas dos cursos de licenciatura e bacharelado indicando aproximações e distanciamentos quanto à terminologia e referencial teórico básico e complementar e entrevistamos sete coordenadores de cinco Instituições de Ensino Superior pesquisadas que buscaram descrever a realidade de cada IES. A análise dos dados apontou que os cursos de licenciatura têm se organizado para atender com mais ênfase as dimensões do conhecimento pedagógico e de cultura de movimento, sendo que o curso de bacharelado apresenta mais disciplinas que se voltam para o conhecimento técnico-instrumental além do cultural do movimento. Quanto aos referenciais, encontramos na maioria das IES mais aproximações entre os cursos com a especialidade da área, em especial nas disciplinas da dimensão produção do conhecimento, cultural do movimento, produção do conhecimento científico e tecnológico, sendo que o bacharelado ainda não apresenta um referencial consistente na dimensão didático-pedagógica. Identificamos também a presença de matrizes teóricas da área, contudo, mais voltadas para a perspectiva pedagógica. Os resultados indicam que no que se refere ao referencial, a área precisa avançar para caminhar rumo à uma formação mais solidificada, ou seja, que atenda e caracterize a formação pretendida, seja licenciatura ou bacharelado. Espera-se que esse estudo contribua com a área e que incite que novas pesquisas sejam realizadas para que possamos ter mudanças concretas na formação inicial em nosso país.

Palavras-Chave: Formação Inicial. Educação Física. Matrizes Teóricas.

SERON, Taiza Daniela. Physical Education and Theoretical Matrices: the ambit of initial formation in the State of Parana: 2007. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Cidade, Cidade, 2011.

## ABSTRACT

---

---

One of the factors that have motivated the discussions in the area of Physical Education in recent years with regard to initial formation. The national Resolutions 01 and 02 national and 07 CNE/CP/02 CNE/CES/04, for education, shared many views on physical education, since it established the separation between the degree and bachelor degree. For some authors this division was needed, especially to guarantee the best service in the school context and consider the emerging markets out of school that acknowledging he need arose for more specialized knowledge. Other authors, in turn, identified problems, which had no this separation, because the courses have not met the training differentiated propensity for maintaining degree. Still had those who disagreed with the separation and advocated a generalist formation. Given this situation, our concerns have turned to training in the State of Paraná, in particular for investigating theoretical frameworks that were present in two formations, searching or do not find differences in this context. Therefore, we established aimed at investigating the theoretical basis of courses physical education in the state of Parana through the theoretical frameworks used, to ascertain whether there are significant differences between the courses graduate and undergraduate degree. To achieve this goal, we selected four public higher education institutions of the State of Parana, we analyzed the disciplines of bachelor and degree courses and indicating approaches distances on the terminology and basic and complementary theoretical and interviewed seven coordinators of five institutions Higher Education surveyed who sought to describe the reality of each IES. The data analysis indicated that the degree courses have been organized to meet with more emphasis on the dimensions of knowledge educational and cultural movement, and the bachelor's program shows that more disciplines are turning to the technical-beyond the instrumental cultural movement. As for references, found in most of the IES more similarities between the courses with specialty of the area, especially in the disciplines of production scale knowledge, cultural movement, knowledge production science and technology, and the bachelor has not presented a benchmark consisting of didactic and pedagogic dimension. Identified also the presence of theoretical frameworks in the area, however, more focused for the pedagogical perspective. The results indicate that with respect to the reference, the area needs to continue to move towards a more solidified formation, in other words, that meets the training and features desired, either degree other bachelor degree . It is hoped that this study contributes to the area and that spur more research has been undertaken so that we have concrete changes in the initial training in our country.

Keywords: Initial Formation. Physical Education. Theoretical Matrices

# LISTA DE QUADROS

---

---

<b>Quadro 1</b> – Prós e contras da reestruturação curricular – Licenciatura e Bacharelado .....	57
<b>Quadro 2</b> – Instituições de Ensino Superior selecionadas para o estudo e dados coletados .....	62

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Conhecimentos da educação física presentes no programa curricular de formação de professores de 1934 .....	27
<b>Figura 2</b> - Conhecimentos da educação física - Decreto-lei n. 1212/39 .....	29
<b>Figura 3</b> - Conhecimentos da educação física – Resolução 69 CFE/69 .....	32
<b>Figura 4</b> - Conhecimentos da educação física - Resolução 03 CFE/87.....	34
<b>Figura 5</b> - Conhecimentos na formação do professor - curso de licenciatura - Resolução 01 CNE/CP/02 .....	36
<b>Figura 6</b> - Conhecimentos da educação física – curso de Bacharelado - Resolução CNE/CES 07/04 .....	37
<b>Figura 7</b> – Teoria da educação física e matrizes teóricas .....	43
<b>Figura 8:</b> características dos cursos de Licenciatura, a partir dos dados encontrados acerca do referencial teórico apresentado nas disciplinas .....	117
<b>Figura 9:</b> características dos cursos de Bacharelado, a partir dos dados encontrados acerca do referencial teórico apresentado nas disciplinas .....	118

# LISTA DE TABELAS

---

---

<b>Tabela 1</b> – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 1 .....	103
<b>Tabela 2</b> – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 2 .....	104
<b>Tabela 3</b> – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 3 .....	105
<b>Tabela 4</b> – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 4 .....	106
<b>Tabela 5</b> - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar dos programas das disciplinas da dimensão do conhecimento Relação Ser Humano e Sociedade do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4 .....	122
<b>Tabela 6</b> - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Biológica do Corpo Humano do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.....	141
<b>Tabela 7</b> - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Produção do Conhecimento Científico e Tecnológico do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.....	149
<b>Tabela 8</b> - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Cultural do Movimento Humano do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.....	156
<b>Tabela 9</b> - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Técnico-instrumental do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.....	178
<b>Tabela 10</b> - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Didático-pedagógico do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.....	198

# LISTA DE GRÁFICOS

---

---

<b>Gráfico 1</b> – Porcentagem de disciplinas e de carga horária por área do conhecimento nos cursos de Licenciatura das IES 1, 2, 3 e 4.....	87
<b>Gráfico 2</b> – Porcentagem de disciplinas e de carga horária por área do conhecimento nos cursos de Bacharelado das IES 1, 2, 3 e 4.....	93
<b>Gráfico 3</b> – Média (em %) do número de disciplinas e de carga horária por dimensão do conhecimento dos cursos dos Licenciatura e Bacharelado das IES 1, 2, 3 e 4.....	100
<b>Gráfico 4</b> – Categorização do referencial teórico apresentado nos programas das disciplinas dos cursos de licenciatura das IES 1, 2, 3 e 4.....	109
<b>Gráfico 5</b> - Categorização do referencial teórico apresentado nos programas das disciplinas dos cursos de bacharelado das IES 1, 2, 3 e 4.....	110

# LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

---

---

<b>CEE/EF</b>	Comissão de Especialistas em Educação Física
<b>CFE</b>	Conselho Federal de Educação
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>CNE/CES</b>	Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior
<b>CNE/CP</b>	Conselho Nacional de Educação /Conselho Pleno
<b>COESP-EF</b>	Comissão de Especialistas de Ensino em Educação Física
<b>CONFEF</b>	Conselho Federal de Educação Física
<b>COPEP</b>	Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
<b>ENEFD</b>	Escola Nacional de Educação Física e Desportos
<b>IES</b>	Instituição de Ensino Superior
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>LDBEN</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>SESu/MEC</b>	Secretaria de Ensino Superior/Ministério da Educação

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTEXTO PROFISSIONAL E ACADÊMICO DA ÁREA</b> .....	24
1.1 O CONTEXTO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS INSCRIÇÕES DA HISTÓRIA.....	25
1.2 CONTEXTO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	39
<b>CAPÍTULO 2 - LICENCIATURA E BACHARELADO: UMA DIVISÃO NECESSÁRIA?</b> .....	49
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA</b> .....	59
3.1 A ESCOLHA METODOLÓGICA.....	59
3.2 DEFINIÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	61
3.3 COLETA DOS DADOS.....	63
<b>3.3.1 Dos documentos</b> .....	64
<b>3.3.2 Das entrevistas</b> .....	67
3.4 A ANÁLISE DOS DADOS.....	68
<b>CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	72
4.1 OS COORDENADORES E SEUS RELATOS SOBRE O CURSO, OS DOCENTES E A ESTRUTURA DAS DISCIPLINAS.....	72
4.2 AS DISCIPLINAS DOS CURSOS.....	84
<b>4.2.1 As disciplinas que compõe o currículo do curso de licenciatura e de bacharelado em educação física a partir das dimensões do conhecimento presentes nas diretrizes da área</b> .....	84
4.3 OS REFERENCIAIS TEÓRICOS DAS DISCIPLINAS DOS CURSOS.....	108
<b>4.3.1 Categorias de análise dos referenciais teóricos</b> .....	108
<b>4.3.2 Banco de dados dos referenciais teóricos</b> .....	118
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	212
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	215
<b>ANEXOS</b> .....	223

# **INTRODUÇÃO**

Desde o final do século XVIII e início do século XIX até os dias atuais, inúmeras transformações marcaram a sociedade mundial, entre elas o estabelecimento da economia liberal, o surgimento de potências econômicas mundiais, a globalização, o aparecimento de novos campos de trabalho e de profissões, entre outras. Essas mudanças geraram impactos em diferentes contextos sociais em todo o mundo, como na política, na economia, na ciência, na filosofia, na arte, na cultura, no esporte e na educação, afim de atender a nova configuração social.

Na área da educação física surgiram campos de atuação bem diferentes dos que estavam consolidados até a década de 1980. As academias, os clubes, o atendimento personalizado na área da saúde voltado para a prevenção, promoção e reabilitação, as demandas na área do lazer e do esporte de aventura, as equipes multiprofissionais da saúde, são alguns exemplos de novos espaços de intervenção.

Sobre os campos de intervenção, Oliveira (2000) aponta cinco grandes áreas de atuação na profissão: 1) Escola: (Creche/pré-escola ao ensino médio); 2) Saúde: hospitais, clínicas de recuperação, clínicas de reeducação motora, centro de tratamento de distúrbios mentais e outros; 3) Lazer: clubes, hotéis, estâncias hidrominerais, hotéis fazenda, SESC, SESI, animação cultural e outros; 4) Esporte: profissional e amador (clubes esportivos, empresas prefeituras, clubes sociais, etc; 5) Empresa: indústrias, academias, escolas de nataação, escolas de tênis, escolinhas de forma geral e outros.

O contexto de atuação nessa área tornou-se mais abrangente e exigente, o que contribuiu para mudanças na formação inicial, visando uma preparação profissional que atendesse os diferentes setores de intervenção. Além do mais, com a nova configuração da sociedade (globalização, diferentes organizações do trabalho, ampliação de setores), existem novas exigências e demandas na área da educação e da formação profissional. Um exemplo é o aumento, nos últimos vinte anos, do número de cursos de graduação em educação física no Brasil que cresceu em larga escala,

alcançando o número de 876<sup>1</sup>, conforme dados do Ministério da Educação (MEC, 2009): Região Norte - 60 cursos; Região Nordeste - 109 cursos; Região Sudeste - 453 cursos; Região Centro-oeste - 74 cursos; e Região Sul - 180 cursos.

Santos e Simões (2008), com base nos dados apresentados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), fazem uma retrospectiva do crescimento dos cursos de educação física no Brasil e mostram que o número é ainda maior. Em 1991 havia 117 cursos, em 2004 ultrapassou o número de 469 cursos, sendo que a partir de 1998 percebe-se uma acentuada aceleração do crescimento e em 2007 o INEP cadastrou no sistema 1031 cursos.

Os autores também chamam a atenção para o número de cursos na região sudeste que, em 2004 totalizava 225 cursos de graduação, sendo o Estado de São Paulo responsável por 120 cursos, número maior do que em todo o país no ano de 1991. Neste mesmo ano, as instituições públicas alcançavam 50,42% dos cursos e as instituições privadas 49,58%, em 2004 as instituições públicas representavam 33,68%, e as privadas 66,32% do ensino superior em Educação Física (SANTOS; SIMÕES, 2008).

Se por um lado esse aumento vertiginoso permitiu o acesso ao ensino superior, por outro trouxe problemas no âmbito da formação, uma vez que não houve tempo hábil para a realização de um planejamento adequado e nem para a formação dos professores, que passaram a fazer parte do corpo docente dessas instituições, participando, na última década, da construção dos projetos pedagógicos dos cursos de educação física no Brasil, organização e elaboração de currículos, atividades pedagógicas, estágios e os programas das disciplinas e seleção de referencial teórico, sendo que deveriam ir ao encontro dessa nova configuração do ensino superior mediante a reformulação curricular motivada pelas Resoluções 01 e 02 CNE/CP de 2002 e a Resolução 07 CNE/CES de 2004.

Essas consequências geraram não só preocupações nacionais voltadas para uma escolarização fortalecida, mas também, e em especial, voltadas para a formação do professor.

---

<sup>1</sup> Considerando o fluxo contínuo para que as IES façam novas solicitações de autorização de cursos, esse número já pode ter sido alterado.

Somado a isso, não podemos nos esquecer das reflexões em torno dos problemas da formação do Licenciado e do Bacharel<sup>2</sup> em Educação Física, a problemática sobre a definição desse profissional acompanha a educação física desde o surgimento dos primeiros cursos de preparação de profissionais no país, na década de 1930. “A denominação e função específica para esse profissional relacionou-se principalmente, para não afirmar, unicamente, junto ao ensino formal, como Professor, sendo o curso denominado de Licenciatura” (TOJAL, p. 16, 2004). Situação que se manteve até a Resolução 69 CFE/69 a qual estabeleceu o currículo mínimo, carga horária e duração dos cursos para a formação de professores, esse documento ainda previa que a frequência de mais duas disciplinas garantiria a apostila de Técnico Desportivo.

Em 1987, as problemáticas que envolviam a formação do bacharel e do licenciado mantinham constantes debates na área. O desenvolvimento do pensamento da classe e o amadurecimento do debate educativo em torno das necessidades da sociedade faziam parte de encontros e seminários que contavam com a participação de especialistas, além do envolvimento de professores e alunos, dos 96 cursos que existiam no país (BRASIL, 1987b, p.1).

Sendo assim, em 1987 o Parecer 215 CNE/CES trouxe pela primeira vez as especificidades para a licenciatura e bacharelado, além do posicionamento do técnico desportivo. Dispunha sobre a reestruturação dos cursos de graduação em Educação Física, sua nova caracterização, mínimos de duração e conteúdo. De acordo com esse documento,

fica evidenciada a distinção entre o Bacharel (graduado em nível superior, para o exercício profissional na área de seus estudos) e o Licenciado (graduado em nível superior, cuja formação é direcionada para o magistério de 1º e 2º graus). Ambos, conforme a ação que exerçam, são considerados ou chamados, na prática, de professor, independente da titulação acadêmica.

---

<sup>2</sup> Este termo é expresso na Resolução 07 CNE/CES de 2004 como graduado, sendo que a graduação é a denominação para a formação em bacharelado. Nesse estudo, optamos pelo uso da palavra Bacharelado ou Bacharel, considerando que as instituições, tanto do Paraná como de todo o país, entendem dessa forma e tem adotado essa terminologia, assim também como o INEP.

O documento ainda ressalta que os cursos de bacharelado poderiam oferecer habilitações específicas, desta forma, poder-se-ia ter o bacharelado generalista e o especialista. Estava clara, para o conselho de especialistas, a diferenciação entre as duas formações, cada uma com sua característica de atuação profissional, com seu perfil de formação específico e não apenas diferenciado em sua titulação. Deveriam dispor de conhecimentos para atender os diferentes campos consolidados na área da educação física. Sendo assim, o referido Parecer deu origem à Resolução 03 CFE/87, a qual proporcionou liberdade no processo de construção dos projetos pedagógicos, iniciativa pioneira na área do ensino superior brasileiro, além da preparação do bacharel,

aquele que deve dominar os conhecimentos científicos e conceitos básicos necessários e indispensáveis para que seja capaz de estar desempenhando com qualidade, competência e responsabilidade todas as funções que a sociedade dele espera, assim como, proporcionou que através da complementação de uma formação que pudesse ser considerada básica e pela participação e frequência de programação com agregação de conhecimentos pedagógicos e pertinentes para o desenvolvimento das funções de ensino junto ao sistema formal de educação, oferecida através do Curso de Licenciatura, pudesse ser considerado como preparado para todas as infinitas funções inerentes a esse campo profissional” (TOJAL, p. 16-17, 2004).

Posteriormente à implantação dos regulamentos para a orientação da formação em educação física (a partir da Resolução 03 CFE/87), Tojal (2004) esclarece que foram encontrados muitos problemas nas IES, essa ideia de considerar as disciplinas listadas no Anexo 1 do Parecer 215/87 não deu muito certo, pois direcionou os currículos para as mesmas situações, o projeto de algumas IES foram cópias de outras intuições, fato que o autor considera como falta de compromisso e seriedade com o processo formativo, pois parte das IES que ofereciam o curso de educação física

passou a desenvolver a preparação tanto do Bacharel, quanto do Licenciado em um único projeto pedagógico, como se as funções fossem idênticas e os conhecimentos específicos, a intencionalidade, os componentes técnicos e os procedimentos em nada se diferenciavam, de um para outro campo de ação uma vez que Resolução citada, não impedia esse processo, que apesar de não ser ilegal, servia para

demonstrar a falta de comprometimento dessas IES com a qualidade da futura atuação dos profissionais que graduava” (TOJAL, p. 17, 2004).

Para além disso, vale ressaltar ainda que, alguns fatores foram decisivos para que os encaminhamentos tivessem essa direção, como: 1) Os docentes se envolviam pouco ou quase nada com as questões curriculares; 2) O Currículo não cabia às IES, mas era um assunto do MEC; 3) A formação docente tinha caráter técnico; 4) A pós-graduação era incipiente naquele momento, e; 5) Não tínhamos produção acadêmica, os livros que estavam disponíveis eram em sua maioria voltados para os aspectos técnicos e de treinamento.

Os problemas dessa natureza encontrados na formação depois do estabelecimento da Resolução 03 CFE/87 também foram apontados por Nascimento (2006), em seu estudo sobre as questões da heterogeneidade dos programas de formação da área, diferente da homogeneidade característica do currículo mínimo.

As novas definições para a formação inicial em educação física puderam ser vistas a partir da primeira década do século XXI, com a instituição das Resoluções 01 e 02 CNE/CP/02, que definiram as diretrizes para orientar a formação na licenciatura, e a Resolução 07 CNE/CES/04, que além de definir as diretrizes para o bacharelado, trouxe informações específicas para a licenciatura, instituindo a formação diferenciada considerando a especificidade de sua atuação. Contudo, a área da educação física ainda tem muito para avançar sobre os aspectos que envolvem seu objeto de estudo, seu campo de atuação e sua concepção acadêmica.

Um exemplo da disparidade acadêmica da área é o estudo realizado por Reis (2002), no qual a autora analisa cinco sugestões de diretrizes curriculares para os cursos de educação física que surgiram em 2001. A primeira delas foi proposta pela Comissão de Especialistas em Educação Física (CEE/EF) e tramitou, até outubro de 2001, na SESu/MEC, CNE, outras três foram disponibilizadas para análise e sugestões no site do Conselho Federal de Educação Física (CONFED) e uma outra referente ao Parecer CNE/CES 0138/2002, de 03 de abril.

A formulação de cinco propostas diferenciadas corroborou as discussões já estabelecidas em relação à identidade da área da educação física, haja vista que aponta para a constituição de um campo acadêmico com disparidades conceituais, que

carece de consolidação e de matriz teórica que a identifique. Gaya (1989, p. 36) corrobora a ideia ao apontar que a “falta de estrutura de pensamento, de uma teoria geral para a educação física a tem levado por caminhos diversos”.

Apesar das dessemelhanças teóricas, os documentos legais que orientam a formação inicial na área da educação física (especialmente a Resolução 07 CNE/CES/04), instituem Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de licenciatura e bacharelado em educação física, além de provocar discussões polêmicas na área da educação física quando o assunto é formação inicial. Ao propor a diferenciação profissional aponta para formações que atendam os diversos campos de atuação da área, sinalizando para as exigências de ordem política, social e educacional.

Com o advento dessas mudanças, os cursos de graduação em educação física iniciaram um processo de reformulação curricular, que contemplasse na formação ampliada todas as dimensões do conhecimento (relação ser humano-sociedade, biológica do corpo humano e a produção do conhecimento científico e tecnológico), e na formação específica os conhecimentos identificadores da área (culturais do movimento humano, técnico-instrumental e didático-pedagógica), além de adequar os referenciais teóricos para que atendessem às formações diferenciadas.

Atualmente, a maioria das Instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de educação física no país vivencia seu quinto ano após a reformulação curricular, considerando o prazo máximo (15 de outubro de 2005 - CNE/CP 02/2004) de implantação dos currículos com formações distintas: bacharelado e licenciatura. Esse quadro provoca intensas discussões acerca da (não)necessidade de duas formações, haja vista que estudos<sup>3</sup> apontam que a área ainda não possui uma identidade própria. Gaya (1989, p. 36) salienta que a educação física,

passa a parasitar corpos de conhecimento estruturados para outros fins, aos quais, ela não consegue dominar adequadamente, e como tal a educação física perde sua força, e se transforma em um subsistema [...], dificultando a definição de sua identidade. [...] se perde em um emaranhado de conceitos, princípios e propriedades tão diversos, tão atomistas, que não permitem a integração destes conhecimentos em um campo teórico amplo e coerente que oriente e, ao mesmo tempo, seja orientada pela sua prática.

---

<sup>3</sup> Gaya (1989); Reis (2002); Tani (1989).

Pelo exposto, nos indagamos: De que forma os cursos de formação inicial em educação física promoveram mudanças curriculares no que diz respeito ao seu referencial teórico buscando atender as duas formações? Quais matrizes teóricas estão presentes nos currículos de modo a instrumentalizar de maneira diferenciada a formação profissional em licenciatura e em bacharelado em IES do Paraná? Os referenciais teóricos utilizados nos cursos de licenciatura e bacharelado apresentam conhecimentos específicos para a formação que pretendem?

Para responder tais questões, traçamos como objetivo geral: investigar a base teórica dos cursos de educação física do Estado do Paraná por meio dos referenciais teóricos utilizados, a fim de conhecer se há diferença significativa entre os cursos de licenciatura e bacharelado.

Como objetivos específicos, delineamos: Estudar a formação inicial em licenciatura e bacharelado na área da educação física, a partir do referencial da área e das Diretrizes Curriculares Nacionais, bem como da reformulação curricular motivada pelas Resoluções 01 e 02 CNE/CP/02 e 07 CNE/CES/04; Comparar a formação inicial em educação física nos cursos de licenciatura e bacharelado de Universidades Públicas do Estado do Paraná, a partir das disciplinas oferecidas, bem como das suas cargas horárias e das referências básicas e complementares apresentadas nos programas; Elaborar um banco de dados de referências dos cursos de licenciatura e bacharelado das IES selecionadas, a partir dos referenciais básicos e complementares dos programas das disciplinas; Discutir a incidência de determinados referenciais teóricos nos programas das disciplinas e possíveis relações com a formação em licenciatura e bacharelado.

O estabelecimento desses objetivos se deu em função de inquietações que foram sendo incorporadas pelo pesquisador, no contexto da docência no ensino superior, a partir de descontentamentos que eram apresentados pelos próprios acadêmicos. Estes, após concluírem o curso de licenciatura ou de bacharelado, voltavam para obter a outra formação, e nesse retorno se queixavam sobre uma proporção considerável de disciplinas que eram idênticas ao curso anterior e que por

isso não agregavam conhecimentos tão distintos que os pudessem impedi-los de atuar em contextos diferenciados.

Buscando alcançar os objetivos propostos, nosso trabalho foi organizado da seguinte forma:

No capítulo 1 – **Educação física: contexto profissional e acadêmico da área** – buscamos fazer um resgate histórico sobre a consolidação da formação inicial em educação física, enfatizando as diferentes resoluções/diretrizes e ênfases epistemológicas que serviram de bases para os cursos e para as diretrizes da área, bem como o estabelecimento e a consolidação dos campos de trabalho/intervenção. Trouxemos ainda discussões sobre as matrizes teóricas que se fizeram (ou ainda se fazem) presentes na área da educação física brasileira desde seu surgimento no âmbito da formação até os dias de hoje, as diferentes linhas epistemológicas do conhecimento humano, trazendo as contribuições das diferentes ciências no processo de construção da área. Apresentamos também os debates que tratam da educação física como área de conhecimento científico e prática pedagógica, visões que têm apontado para um entendimento dualista da área e provocado, desde os anos 80 do século passado, divergências epistemológicas, insatisfação acadêmica/profissional e crise de identidade.

Capítulo 2 – **Licenciatura e Bacharelado: uma divisão necessária?** – buscamos estudos que problematizaram a educação física a partir da divisão curricular em licenciatura e bacharelado, trazendo prós e contras dessa estrutura desde a Resolução 03 CNE/1987 até a Resolução 07 CNE/CES/2004, específicas da área da Educação Física.

No Capítulo 3, denominado **Metodologia**, descrevemos a organização metodológica do trabalho, o processo de seleção das IES participantes do estudo, de coleta de dados a partir dos referenciais teóricos de base e complementar presentes nos programas das disciplinas dos cursos de bacharelado e licenciatura e a forma de tratamento e análise dos dados.

No capítulo 4 intitulado **Apresentação e discussão dos dados**, apresentamos e discutimos os dados encontrados. Trazendo aproximações e distanciamentos com a temática da formação em educação física, em especial a partir das Resoluções 01 e 02 CNE/CP de 2002 e 07 CNE/CES de 2004 e do referencial teórico da área.

Nas **Considerações finais** resgatamos as discussões apresentadas no texto e trouxemos sugestões de possíveis trabalhos que possam continuar as discussões sobre a formação na área da educação física.

Com essa pesquisa esperamos contribuir, no sentido de mapear a formação nos cursos superiores do Estado do Paraná, identificando aproximações e distanciamentos entre os mesmos, bem como fomentar discussões sobre a identidade da área da educação física no Estado, bem como fornecer informações que subsidiem estudos e reflexões acerca das (de)semelhanças existentes entre as formações de licenciatura e bacharelado em educação física após a reformulação curricular motivada pelas Resoluções 01 e 02 CNE/CP de 2002 e 07 CNE/CES de 2004.

# CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTEXTO PROFISSIONAL E ACADÊMICO DA ÁREA

---

---

Na atualidade, especificamente, a área da educação física tem se debruçado em diversos discursos voltados para a discussão de sua (não)legitimidade acadêmica no âmbito universitário, bem como para o processo de formação inicial, o qual tem tomado rumos bastante divergentes nas universidades brasileiras, gerando conflitos ideológicos na área e entre os atores da formação no país.

As discussões acerca do âmbito profissional se intensificaram principalmente com a consolidação do bacharelado, previsto já ao final da década de 1980, com o estabelecimento da Resolução 03/CFE de 1987, o que abriu brechas para a reflexão de outros contextos de atuação profissional, além dos debates sobre a formação na licenciatura, que deveria atender exclusivamente a escola.

Por outro lado, as preocupações centrais das discussões sobre a área acadêmica da educação física se localizam no seu objeto de estudo e na crise de identidade, em especial no tocante às direções epistemológicas que orientam a prática e a pesquisa na área.

Trabalhos como os de Bracht (1989), Betti (1996), Verenguer (1997), Reis (2002), Betti (2005), Novaes (2006), Benites, Souza Neto, Hunger (2008), Fuzzi (2010), além de tantos outros como os de Lawson (1990, 1993)<sup>4</sup> um dos pioneiros a tratar de concepções científicas na área, são exemplos de discussões que se fazem no âmbito acadêmico e profissional da educação física.

Buscando revigorar essas discussões e provocar maiores reflexões, apresentamos algumas ideias sobre o assunto a partir de articulações das teorias apresentadas por autores que se dedicam ao entendimento dos fenômenos educação física e formação inicial.

---

<sup>4</sup> Para maiores esclarecimentos consultar Betti (1996).

## 1.1 O CONTEXTO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS INSCRIÇÕES DA HISTÓRIA

O processo de profissionalização na educação física tem sido foco de muitas pesquisas entre estudiosos da formação inicial. Entre as preocupações na área estão as competências e os conhecimentos que são adquiridos no processo de preparação profissional, o currículo, a discussão sobre os documentos que regularizam o ensino superior, além do surgimento de campos de atuação distintos, entre outras.

Para entender melhor esse processo de profissionalização na atualidade, nos servimos dos estudos de interlocutores que descrevem a constituição histórica da formação em educação física, contribuindo também para a compreensão da própria área.

O trabalho desenvolvido por Souza Neto (1999) constitui um referencial relevante que abarca a temática da formação em licenciatura e bacharelado, identificando as implicações dessa separação para a área da formação em educação física. Para o autor, o setor universitário brasileiro é marcado por três acontecimentos principais: 1) o Estatuto das Universidades Brasileiras, de 1931, que tinha um papel eminentemente prático na constituição de institutos e faculdades e estabeleceu um modelo de organização didático e administrativa para ensino superior; 2) A reforma Universitária de 1968; e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Esses documentos vão apresentar mudanças significativas no âmbito da formação profissional.

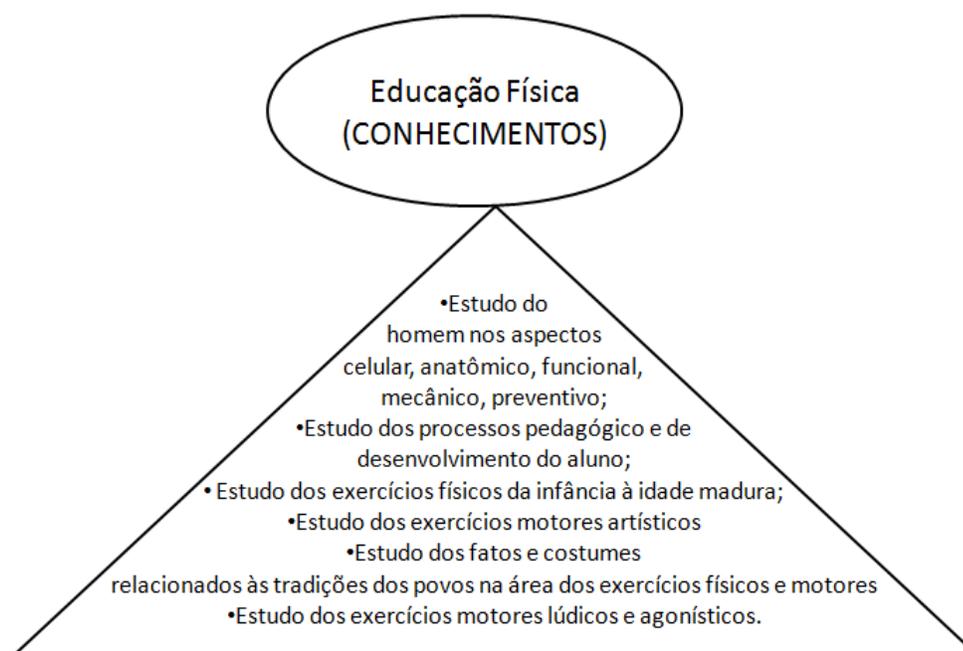
No que diz respeito à área da Educação Física, Souza Neto et al. (2004, p. 114) esclarece que “a construção do Projeto Educação Física teve início, em território brasileiro, quando os primeiros grupos de colonos, imigrantes, militares, em diferentes partes do país, começaram a se estruturar em atividades afins, buscando o lazer, a formação corporal ou a disciplina”. Depois desse período, especialmente a partir da década de 1930 e 1940, preocupações voltadas para a formação de profissionais especializados na área da educação física começaram a aparecer. O espaço escolar deveria contar com professores formados para orientar as crianças nas atividades físicas e, inicialmente, instituições civis de formação começaram a surgir.

Souza Neto (1999, p. 50) descreve que o

período que vai de 1932 a 1945 (correspondente a era Vargas) a Educação Física estruturou-se profissionalmente na luta pelo seu espaço na sociedade. Dentro desse espaço, no jogo político pela demarcação de seu território, ela utilizou como estratégia de combate a divulgação de seus trabalhos, a glutinação e formação de seus profissionais e, principalmente a ideologia da raça em relação a nação na formação de um novo “corpo”.

Para Collet (2009, p. 493) os primeiros cursos superiores que surgiram na década de 1930 no Brasil habilitavam profissionais para atuarem principalmente no ambiente escolar. Naquele momento histórico, “o objetivo do curso era formar instrutores de ginástica e professores de Educação Física, baseados no ideário da instituição militar”, e as reformas políticas políticas é que orientavam essa formação, inclusive a evolução da oferta dos cursos e os enfoques prioritários que deveriam adapta-se aos interesses e demandas dos momentos sóciohistóricos.

Em 1934, a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, apresenta o primeiro programa civil de um curso de educação física. Os saberes nessa época se voltavam para mais especificamente para o estudo da vida humana em seus aspectos celular, anatômico, funcional, mecânico, preventivo; dos exercícios físicos da infância à idade madura; dos exercícios motores lúdicos e agonísticos; dos processos pedagógicos e de desenvolvimento do aluno; dos exercícios motores artísticos; dos fatos e costumes relacionados às tradições dos povos na área dos exercícios físicos e motores. Ao final do curso tinha-se professores de educação física ou instrutores de ginástica (SOUZA NETO et al., 2004). Os saberes dessa proposta são apresentados por Souza Neto (1999) da seguinte forma:



**Figura 1** - Conhecimentos da educação física presentes no programa curricular de formação de professores de 1934. (Adaptado de Souza Neto, 1999).

Esse curso formava ou o professor de educação física ou o instrutor de ginástica. Sobre ele, Betti (1991, p. 73) salienta que “(...) também se constituiu sob forte influência militar, pois parte de seu corpo docente foi treinado nos cursos do Centro Militar”.

Por outro lado, de acordo com Oliveira (2006, p.17), foi só a partir da promulgação do Decreto-Lei 1212 de 1939 que a formação profissional na área passou a ter caráter civil, “quando cria a Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física. Até então a formação era de cunho militar e, por conseguinte, sob os auspícios de sua doutrina”.

Com o estabelecimento desse Decreto a área da educação física passa a contar com a regulamentação do currículo para a formação de professores, uma vez que com a Constituição de 1937, a educação física passa a ser obrigatória nas escolas, representando a necessidade de professores preparados para a atuação nesse contexto (SOUZA NETO, 1999).

Nesta época, os cursos de formação contavam com as ciências biológicas e os conhecimentos técnicos dos esportes e das ginásticas como principais bases teóricas, e ao analisarmos o Decreto-Lei 1212/39 verificamos que as disciplinas eram

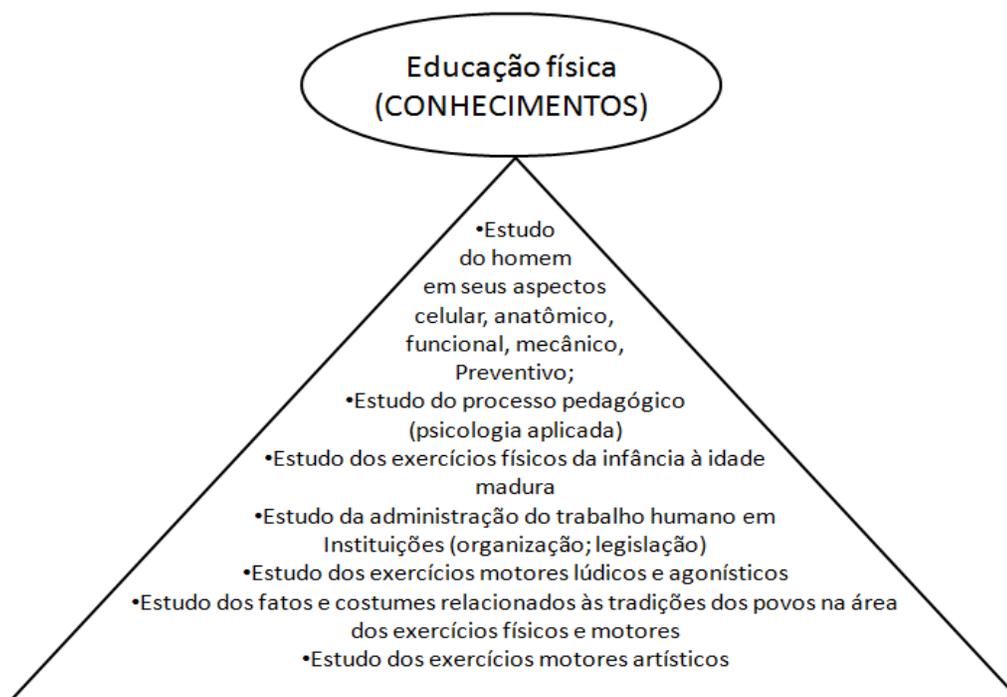
voltadas exclusivamente para os esportes (incluindo aspectos históricos), a psicologia e as ciências biológicas, sendo que a ginástica rítmica destinava-se somente às mulheres.

Vale ressaltar que, antes do surgimento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) já existiam no país outras escolas de formação na área de educação física, contudo a ENEFD foi a primeira de nível superior ligada a uma universidade, tendo sido criada para ser modelo na formação do profissional no Brasil.

Sobre a ENEFD, Reis (2002, p. 13) salienta que mesmo após nove anos de sua criação, “teve sua direção e grande parte do corpo docente ocupadas por militares. A outra parte dos docentes era composta por médicos, muitas vezes também militares, conferindo um *status* de cientificidade para a área”. Esse fato marca uma época em que a educação física possuía cunho exclusivamente biológico, e as ciências que lhe davam respaldo estavam nos campos da biologia, da fisiologia e da anatomia, além dos aspectos de treinamento.

De acordo com Souza Neto et al. (2004), nesta nova configuração da formação, o profissional de educação física ao terminar o curso poderia atuar como instrutor de ginástica, instrutoras de ginástica (professoras primárias), professor de Educação Física, médico especializado em Educação Física, técnico em massagem e técnico desportivo. Outro aspecto é que, dois anos era o tempo que se levava para formar professores, para as demais formações apenas um ano.

Essa nova proposta curricular, como mostrado na Figura 2, incorporou na formação em educação física os seguintes saberes:



**Figura 2** - Conhecimentos da educação física - Decreto-lei n. 1212/39. (Adaptado de Souza Neto, 1999).

De acordo com Oliveira (2006, p. 17) não é possível afirmar se essa nova configuração mudou o contexto da área de forma imediata. Porém, avançou no que diz respeito à formação em educação física. Assim, o novo processo formativo “acontecia em uma estrutura de dois anos de formação, com ênfase aos aspectos biológicos e técnicos (conhecimentos sobre o corpo humano e conhecimentos relacionados às ginásticas e aos esportes)”.

No ano de 1945, foi encaminhada uma nova reestruturação do currículo, a ideia era adequar cada vez mais os programas de formação inicial na área, para isso o decreto-lei 8.270 ditou algumas (poucas) mudanças. De acordo com Souza Neto et al. (2004, p. 118) “as modificações ficaram por conta da exigência de diploma, como pré-requisito para os cursos de educação física infantil, técnica desportiva e medicina aplicada à educação física e desportos”. Outra mudança foi a duração da formação do professor, que passou a ter três anos, apontando para uma atenção docente especial nessa época.

Fuzzi (2010), ao realizar uma análise sobre currículo e práticas curriculares na área, destaca que entre os períodos de 1939 a 1945 o currículo de educação física sofreu tanto as influências mais vinculadas às atividades práticas, quanto de uma orientação acadêmica centrada nas ciências biológicas. Baseado em outros autores<sup>5</sup>, Fuzzi reconhece a influência notável da biologia no processo de formação de professores, e a partir dos estudos de Garcia (1999)<sup>6</sup> identifica que o currículo segue as orientações de um modelo baseado na observação e na experiência, pois a ênfase é dada principalmente no “saber fazer”, e também na perspectiva de formação acadêmica e científica. De acordo com o autor, a matriz principal desse currículo seguiu principalmente o modelo acadêmico, proposto por Garcia (1999).

Em relação ao saberes que eram exigidos na formação dos professores durante o período de 1939 a 1945, Souza Neto (1999, p. 60) explica que mesmo não havendo grandes diferenças entre as disciplinas de cada curso, em 1945 existe uma disposição para “um melhor ordenamento das matérias, duração, passando a formação do Técnico Desportivo a ser feita após a graduação. Aliás diga-se de passagem, que a presença das modalidades esportivas no currículo aumentou significativamente”.

No ano de 1962, dois pareceres foram emitidos pelo Conselho Federal de Educação: o 292 (relaciona as matérias pedagógicas dos currículos mínimos de licenciatura) e o 298 (fixou o currículo mínimo dos cursos superiores de educação física). Entretanto, esses pareceres não foram efetivados na prática, apenas no ano

---

<sup>5</sup> Saviane (1999) e Viviane e Bueno (2006). Para maiores esclarecimentos consultar Fuzzi (2010).

<sup>6</sup> Garcia (1999 apud FUZZI, 2010) apresenta características da formação, que são estabelecidas acerca das visões de currículo, professor, avaliação e prática pedagógica. Para ele a leitura de uma determinada realidade formativa pode ser caracterizada de cinco formas: **Acadêmica**: enfatiza o domínio do conteúdo, aponta para uma formação especializada e apresenta duas abordagens: a enciclopédica (ênfase no conhecimento) e a compreensiva (o professor não é enciclopédia, mas compreende a estrutura geral de sua matéria) sua forma de avaliação utiliza de provas e testes; **Tecnológica**: apresenta as competências como uma das formas mais representativa dessa formação, sendo que a avaliação também está centrada nas competências ou habilidades técnicas; **Personalista**: centra-se na pessoa e nos seus limites e possibilidades, tem influências especialmente na psicologia, humanismo e fenomenologia, enfatizando o caráter pessoal do ensino, a avaliação privilegia os traços da personalidade e o professor é visto como “suficiente” e não como “eficaz”.; **Prática**: vista como a mais presente na aprendizagem da arte, da técnica e do trabalho do professor, a experiência tem lugar de destaque. Há duas abordagens, a tradicional (processo de ensino pautado em tentativas e erros) e a reflexiva (professor autocrítico e dotado de competências cognitivas). A avaliação de caminhar para o solucionamento de problemas em situações reais de prática); **Sócio-Reconstrucionista**: o professor deve apresentar-se com um ativista político comprometido com a sociedade, a formação do professor vai pautar-se na teoria crítica, a avaliação também volta-se para a prática, porém sem esquecer as questões éticas pessoais e políticas da escola e do ensino. Para maiores esclarecimentos conferir a dissertação de Fuzzi (2010).

de 1968 que as matérias pedagógicas foram incluídas no currículo dos cursos de educação física (MIZUKAMI; STEFANE, 2002).

No mesmo ano, com a internacionalização do mercado, o advento do esporte como fenômeno de massas e a instituição do militarismo no país “é realizada a Reforma Universitária de 1968 – modelo de universidade científica e pós-graduação –, na qual se propõe um novo currículo” (SOUZA NETO et al., 2004, p. 119).

Entre as medidas propostas pela Reforma, com o intuito de aumentar a eficiência e a produtividade da universidade, sobressaem: o sistema departamental, o vestibular unificado, o ciclo básico, o sistema de créditos e a matrícula por disciplina, bem como a carreira do magistério e a pós-graduação (FÁVERO, 2006, p. 34)

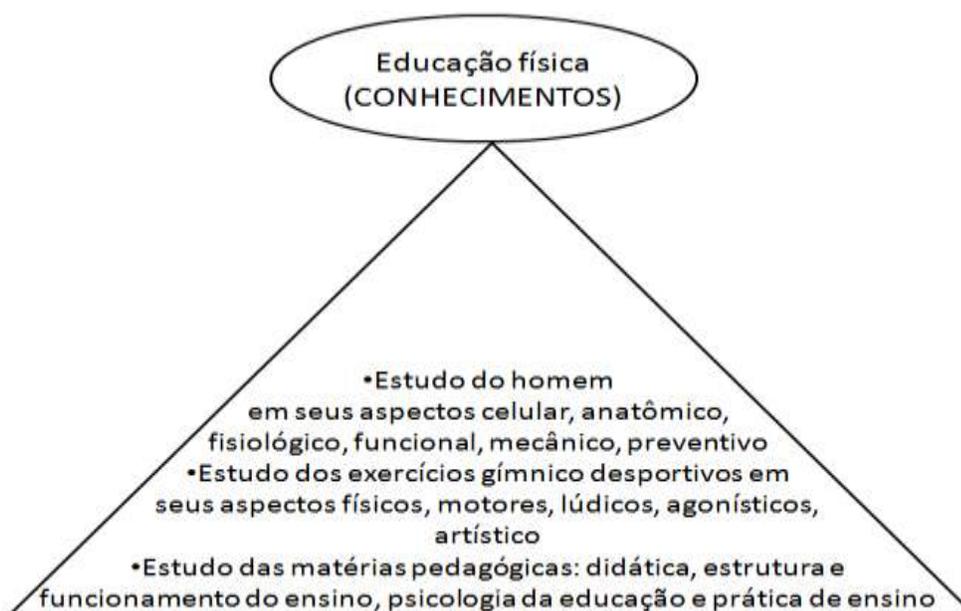
Além das mudanças já apontadas, observou-se também uma maior flexibilização nos currículos. Vale salientar que essas mudanças que aconteceram não só no ensino superior, mas também em todos os níveis da educação brasileira, são frutos de pactos bastante conhecidos, e muitas vezes criticados, no âmbito educacional, a exemplo dos acordos entre o MEC (Ministério da Educação) e a USAID (United States Agency for International Development). Sobre esses acordos, Alves<sup>7</sup> (1968, p. 23) denuncia que um planejamento educacional traçado com a embaixada americana, a qual o financiou, em grande parte “terá de ser dirigido pelos interesses norte-americanos e não pelos do Brasil”.

Em 1969, foram publicados a resolução CNE 69/69, o parecer 894/69 (estabelecia o currículo mínimo e carga horária das disciplinas para os cursos de formação de professores de educação física) e o parecer n. 672/69 (fixava as matérias pedagógicas comuns a todas às licenciaturas). Como nos mostra Oliveira (2006), o processo formativo na área passou por mudanças, como a inclusão de matérias pedagógicas na formação do licenciado – Didática, Psicologia da Educação, Estrutura do Ensino e Prática de Ensino/Estágio Supervisionado. Ademais, a duração do curso passou a ser de três anos, com mínimo de 1800 horas-aula. Contudo, o autor ainda ressalta que, a formação não fugia da estrutura técnica, dando ênfase na formação do instrutor técnico.

---

<sup>7</sup> Deputado brasileiro que, na época da realização dos acordos MEC-Usaid, foi considerado um dos mais eloqüentes líderes da oposição. Em seu livro, Beabá dos MEC-USAID, refere-se aos documentos de acordo como um “um verdadeiro beabá do imperialismo através do condicionamento de gerações” (ALVES, 1968, p. 18).

Souza Neto (1999, p. 67) ao abordar os saberes nessa nova proposta, esclarece que foram organizados em dois eixos: as matérias básicas “biologia, anatomia, fisiologia, cinesiologia, biometria e higiene e, o outro, pelas matérias profissionais – socorros de urgência, ginástica, rítmica, natação, atletismo, recreação e as matérias pedagógicas (didática, prática de ensino e psicologia da educação)”. Esses saberes podem ser visualizados da seguinte forma:



**Figura 3** - Conhecimentos da educação física – Resolução 69 CFE/69 – (Adaptado de SOUZA NETO, 1999).

Vemos nesse novo modelo o aparecimento de matérias pedagógicas, voltadas para a compreensão do universo escolar como um todo, desde o aluno até a estrutura e funcionamento do ensino, o que daria base para que o professor atuasse para além da exclusividade prática e refletisse todo o contexto educacional que estava inserido.

Ao efetuar uma análise do currículo de 1969, Fuzzi (2010) destaca que o mesmo propõe o estabelecimento de um currículo mínimo, e a inclusão de matérias como Prática de Ensino/Estágio Supervisionado, que deveria ser desenvolvida nas escolas, além de outras disciplinas pedagógicas. De acordo com a leitura da formação, baseado em Garcia (1999), Fuzzi (2010) considera o modelo de currículo como acadêmico, contudo, voltou-se para a orientação prática de abordagem tradicional, ao valorizar a

experiência na formação, e a para a orientação tecnológica ao apropriar-se de conhecimentos de prescrição de exercícios e da didática.

Em 1987, a Resolução 03 CFE de 16 de junho trouxe um avanço para a estrutura curricular dos cursos, ao estabelecer a separação entre licenciatura e bacharelado, sendo este esse justificado pela questão do mercado de trabalho e da necessidade de um conhecimento científico específico para a área (SOUZA NETO, 1999).

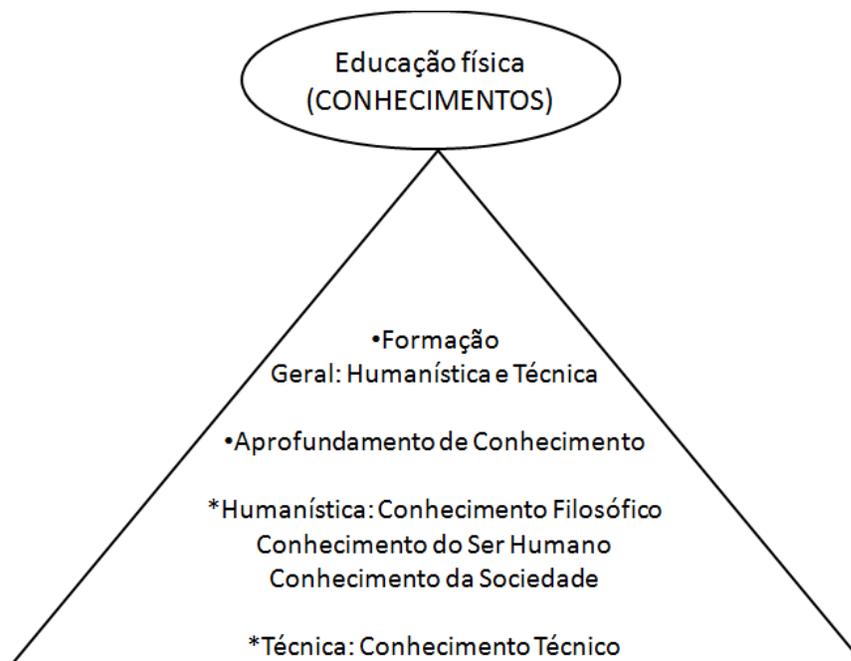
Com a Resolução CFE 3 de 1987, a educação física caminhava para a sua consolidação em outros contextos, posto que previa a possibilidade do curso de bacharelado. De acordo com esse documento,

§ 2º Cada instituição de Ensino Superior (IES), partido dessas quatro áreas, elaborará o elenco de disciplinas de parte de Formação Geral do currículo pleno, considerando as peculiaridades de cada região os perfis profissionais desejados (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena).

§ 3º A parte do currículo pleno denominada Aprofundamento de Conhecimentos deverá atender os interesses dos alunos, criticar e projetar o mercado de trabalho considerando as peculiaridades de cada região e os perfis profissionais desejados. Será composta por disciplinas selecionadas pelas IES e desenvolvidas de forma teórico-prática, permitindo a vivência de experiências no campo real de trabalho.

O modelo de currículo apresentado pelo documento esclarece que a formação deveria ser organizada nas seguintes partes: Formação geral (humanística e técnica) e Aprofundamento de Conhecimentos. Dentro da formação geral, o conhecimento filosófico e o do ser humano e da sociedade se tornaram básicos para a formação profissional na área. O documento ainda deixa clara a autonomia das IES frente à elaboração de seus currículos, sendo que aquelas “deverão estabelecer os marcos conceituais fundamentais dos perfis profissionais desejados, elaborar as ementas, fixar a carga horária para cada disciplina, e sua respectiva denominação, bem como enriquecer o currículo pleno, contemplando as peculiaridades regionais” (RESOLUÇÃO 3 CFE 1987, parágrafo 4º).

De acordo com Souza Neto (1999) essa proposta apresentava os seguintes conhecimentos, tanto para a licenciatura quanto para o bacharelado:



**Figura 4** - Conhecimentos da educação física - Resolução 03 CFE/87. (Adaptado de SOUZA NETO, 1999).

Os conhecimentos abordados nessa nova proposta curricular já se apresentavam mais diversificados e abrangentes, com inclusão também de conhecimentos filosóficos. Contudo, não podemos esquecer que o processo de reformulação não é algo tão simples, e nem sempre acolhe o entendimento dos atores da área. Tivemos avanços, mas a educação física ainda carecia de legitimação.

Souza Neto (1999, p. 105) acrescenta que com as mudanças da Resolução 07 CFE de 1987, “implementou-se uma nova visão de currículo, aberto e flexível, rompendo com todas as orientações que até então tinham sido dadas aos currículos pela próprio Conselho Federal de Educação. [...] estabeleceu-se uma nova referência para a formação profissional”.

Fuzzi (2010) compreende que esse novo modelo de currículo se desliga de um modelo pautado em normativos legais, além disso, volta-se para uma orientação tecnológica na formação geral, por meio de disciplinas ligadas à atuação profissional, contudo o modelo acadêmico é que representa o seu perfil.

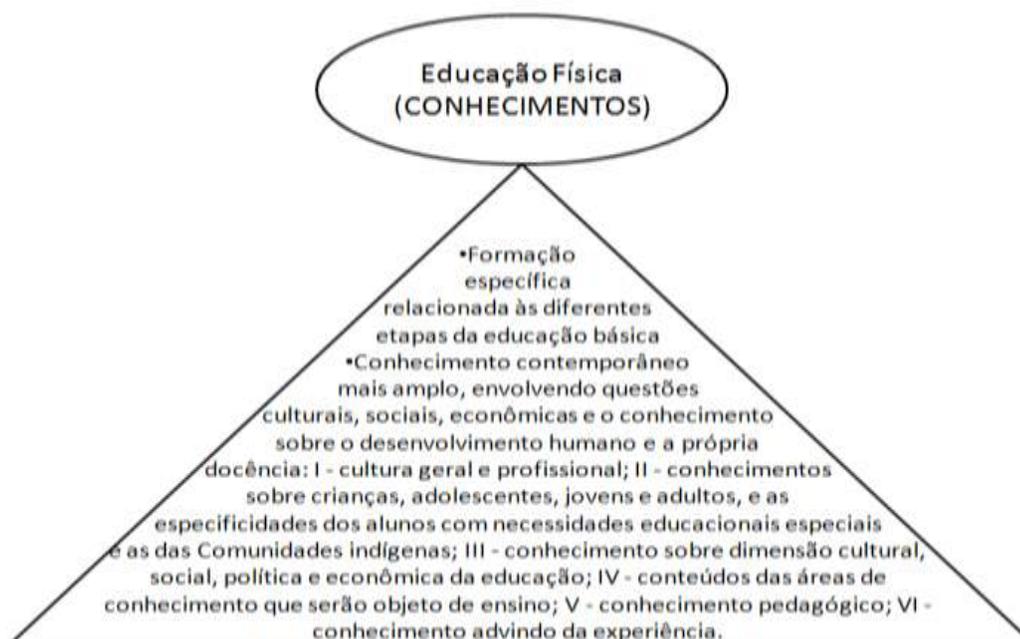
Souza Neto (199, p. 109) acrescenta que

embora a profissão esteja evoluindo, ao longo dos anos , observa-se que na proposta de 1987 [...] ainda fica difícil enquadrar o bacharelado que atua no mercado não-escolar porque muitos vão estar identificando nele a figura do professor, da mesma forma que sofre a concorrência do licenciado nesse segmento. Em função dessa questão e de outras acontecerá um positivo debate contínuo sobre essa nova fase da Educação Física, ora considerando os aspectos pertinentes, ora desvelando-se a que reveste os problemas crônicos.

Outras mudanças significativas também apareceram no âmbito legal, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394 de 1996, segundo a qual ficou estabelecido que “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar” (LDBEN 9396/96, p.8).

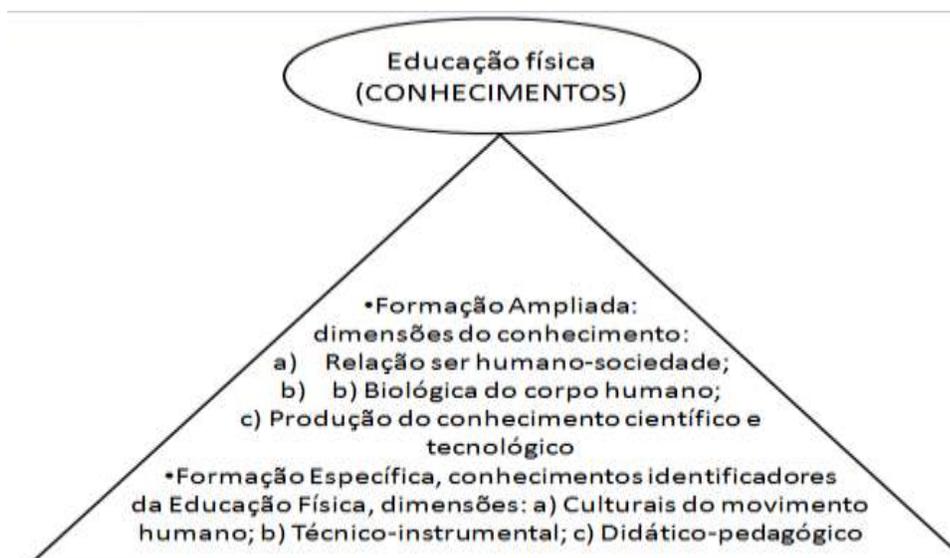
Esta nova configuração da área e as novas exigências sociais para a educação física levaram para mudanças imediatas na formação profissional, de modo a preparar o futuro professor para atuar na educação básica e também em outros contextos sociais. Vale salientar que, desde a década de 1960 até início da década de 1980, a quase exclusividade era para a atuação do profissional de educação física era na escola ou no treinamento esportivo, havia poucos profissionais fora dessa área, as academias e outros contextos só foram engrenados na segunda metade da década de 1980 (OLIVEIRA, 2006).

No ano de 2002, as Resoluções 01 e 02 CNE/CP estabeleceram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Dentre as propostas, a formação em Bacharelado e Licenciatura deveria ser diferenciada dentro dos cursos, visando os diferentes campos de atuação, sendo a Licenciatura voltada somente para a intervenção na escola. De acordo com esse documento o conhecimento na formação do professor deveria contemplar:



**Figura 5** - Conhecimentos na formação do professor - curso de licenciatura - Resolução 01 CNE/CP/02.

Dois anos depois, a Resolução 07 CNE/CES apresentou as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena, buscando atender as demandas sociais acerca dos campos de atuação fora da escola. Depois de diversas discussões, os conhecimentos selecionados para compor a estrutura curricular dos cursos de graduação (bacharelado) ficaram assim organizados:



**Figura 6** - Conhecimentos da educação física – curso de Bacharelado - Resolução CNE/CES 07/04.

Os conhecimentos abordados nessa nova proposta curricular já se apresentavam mais diversificados e abrangentes, com inclusão também de conhecimentos filosóficos. Contudo, não podemos esquecer que o processo de reformulação não é algo tão simples, e nem sempre acolhe o entendimento dos atores da área. Tivemos avanços, mas a educação física ainda carecia de legitimação. Sobre esse documento, Oliveira (2006, p. 27) destaca que seu processo de elaboração “foi bastante conflituoso entre as diversas vertentes internas até que se chegou devido à existência da exigência social da necessidade de ter um documento oficial”.

Para Fuzzi (2010, p. 44) na nova configuração curricular, proposta pela Resolução 07 CNE/CES/04, “nota-se grande ênfase à prática, como estrutura que deve permear todo o currículo em dimensão crítica e reflexiva, apesar de ser uma proposta curricular pautada no escopo da Pedagogia das Competências”. Propõe ainda uma formação ampliada, que toma como base os conhecimentos da relação ser humano-sociedade, biológico do corpo humano, produção do conhecimento científico e tecnológico, e na formação específica os conhecimentos: cultural do movimento, didático-pedagógico e instrumental.

Perpassa esta proposta curricular a perspectiva de uma Orientação Prática – Abordagem Reflexiva, no que se refere à reflexão da atuação profissional; uma Orientação Tecnológica pautada na Pedagogia das Competências; uma Orientação Acadêmica vinculada ao conhecimento disciplinar; uma Orientação Socio-Reconstrucionista mediada com a questão da função social da escola. Porém, a Orientação Prática e a Orientação Sócio-Reconstrucionista estão sob um domínio relacionado mais a Orientação Acadêmica e Orientação Tecnológica, considerando que se trata de um modelo dual de formação: uma forte básica teórica no início (modelo acadêmico) mesclada com componentes de uma reflexão prática epistemológica e de um currículo mais operacional e profissional na segunda metade da formação com ênfase para o campo de atuação, ou seja, a escola (FUZZI, 2010, p. 44).

Para o cumprimento dessa nova estrutura, a Resolução 02 CNE/CP de 27 de agosto de 2004, instituiu o prazo de 15 de outubro de 2005 para que todas as instituições se adaptassem à essa mudança. Assim temos, entre bacharelado e licenciatura, e entre novos cursos aproximadamente 1031 cursos de formação na área da educação física por todo o país, sendo que as IES privadas são as que mais oferecem essas habilitações. Esse quadro demonstra, sem sombra de dúvidas, que a área tem crescido quantitativamente de forma aligeirada. Se pararmos para pensar um instante, são minimamente 60 alunos formados por IES a cada ano, isso significa 61.860 profissionais adentrando os mais diferentes contextos de atuação profissional.

Por trás dessas reformulações, que orientaram a formação inicial no país, a área da educação física viveu momentos de discussões epistemológicas e de legitimidade acadêmica, principalmente a partir da década de 1980, quando professores buscaram concluir seus estudos de pós-graduação em instituições estrangeiras e tiveram a oportunidade de conhecer outras literaturas. A definição de um modelo ideal de currículo caminhava junto com a discussão de definição da área, que buscou em outras áreas suporte científico para encontrar respostas para o que é educação física. Essa trajetória de discussões, que será apresentada no próximo tópico, foi determinante para que mudanças tanta no contexto da prática pedagógica quanto das pesquisas na área.

## 1.2 CONTEXTO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente tópico busca tecer discussões sobre os conhecimentos e as matrizes teóricas que se fizeram, ou ainda se fazem presentes, na área da educação física brasileira. Tentaremos ainda alavancar os debates que tratam da educação física como área de conhecimento científico ou prática pedagógica, visões que têm apontado para um entendimento dualista da área e provocado, desde os anos 1980, confusões epistemológicas, insatisfação acadêmica/profissional e crise de identidade. Para contextualizar esses debates, iremos iniciar descrevendo um pouco da história da educação física no Brasil.

A educação física brasileira, como apresentada por Bracht (1989), tem seu início a partir dos sistemas educacionais da sociedade burguesa europeia dos séculos XVIII e XIX, em especial a partir dos trabalhos de Guts Muths e Pestalozzi, os quais buscaram desenvolver atividades corporais voltadas para o contexto da escola. Com o surgimento dos métodos ginásticos, esses pedagogos são superados, e os métodos desenvolvidos por Ling na Suécia e o Método Francês, também conhecido por Regulamento Geral de Educação Física, passam a ter grande influência no contexto escolar e também no contexto militar.

Além desses métodos, a escola também contou com a presença de militares, os quais tinham uma formação rígida, firmada no desenvolvimento da disciplina, da coragem e de hábitos saudáveis por meio dos exercícios físicos. Considerando a escola como um espaço de ação pedagógica, esses instrutores militares foram os responsáveis pelo ensino da educação física, em especial como uma atividade educativa que traria contribuições para a higiene e a formação do caráter dos alunos (BRACHT, 1989).

Sobre a inserção dos métodos ginásticos no Brasil, Parra-Rinaldi (2004) esclarece que os mesmos foram implantados de forma idêntica a sua origem europeia, negando a identidade cultural do país.

Foram seguidas as mesmas orientações européias, vinculações com a saúde e educação moral, além de seu conteúdo ter-se revelado marcadamente medicalizante e, com isso, revelar quais ciências lhe serviam de base. Nesse momento histórico, a legitimação da Educação Física brasileira, no âmbito escolar, dava-se pela sua contribuição à saúde, ou melhor, como função higiênica (PARRA-RINALDI, 2004, p. 81-82).

Para que pudesse se legitimar na escola, sua presença se justificava a partir de conceitos anatômicos e também anátomo-fisiológicos, contudo a educação física “não desenvolveu a este tempo um corpo de conhecimentos que a diferenciasse fundamentalmente da instrução física militar”, além disso, por ser compreendida como atividade predominantemente prática, impedia que reflexões teóricas fosse travadas em seu interior (BRACHT, 1989, p. 14).

Mediante essas contribuições, pudemos notar que a educação física brasileira, quando surge na escola é pautada em conhecimentos importados da sociedade europeia burguesa, por meio de métodos ginásticos, que são mesclados às instruções militares buscando se legitimar presença como uma prática que seria importante para se obter hábitos saudáveis por meio de exercitações físicas. Não desenvolveu conhecimentos próprios, contudo pautou-se nos conhecimentos anatômicos e fisiológicos para a compreensão dos benefícios físicos para a sociedade.

Com o surgimento das primeiras escolas civis de formação de professores de educação física, final da década de 1930 e início de 1940, a área inicia um processo de desvinculação ao militarismo, contudo, como observa Bracht (1997, p. 21) esse processo de “desmilitarização não alcançou em nossos dias o nível desejável tanto na Educação Física quanto ao nível da sociedade em geral”.

Outro aspecto que trouxe mudanças significativas para área da educação física foi o esporte. Em meados da década de 1940, com o fim da II Guerra Mundial, o esporte ganhou grande destaque e desenvolvimento. Na escola, a educação física cumpriu o papel de descobridora de talentos esportivos, a partir do discurso de que esporte é cultura e educação. Na literatura da área surgem os livros de estratégias de aprendizagem do esporte, focado nos conhecimentos técnicos e táticos e nas dimensões fisiológicas e neuro-motoras para a prática esportiva (BRACHT, 1997).

Até o final da década de 1970 o esporte era o grande destaque na área, isso porque, como já visto anteriormente, os outros contextos de atuação só foram incrementados a partir da segunda metade da década de 1980. Época também em que a educação física brasileira passa por questionamentos sobre sua atuação e legitimação acadêmica e profissional. Reis (2002) aponta que foi a partir da década de 1980 que a educação física começou a avançar nos aspectos das práticas científicas quando professores ingressaram em programas de mestrado e doutorado no exterior e tiveram contato com a literatura local, que já estava avançada nos questionamentos sobre a identidade acadêmico-científica na área. Outros fatos apontados pela autora, e que merecem destaque no processo de reformulação da área foram o desenvolvimento de programas de pós-graduação “e a vinda ao Brasil do filósofo português Manoel Sérgio, proporcionando uma aproximação com a sua proposição sobre a motricidade humana e seus argumentos sobre a não cientificidade”.

Nesse momento, a hegemonia esportiva começa a sofrer as primeiras desordens, momento esse que “talvez possamos falar do início de uma crise” (BRACHT, 1989, p. 15). O esporte e a técnica dão lugar para a reflexão da prática do professor, para discussões voltadas para o homem como produto e produtor da sociedade e para a formação diferenciada no contexto da universidade. De acordo com Oliveira (2006, p. 20), o profissional de educação física deveria ir além da simples função de formar atletas e/ou contribuir para a disciplina de educação física na escola, tendo sido “isso que motivou uma série de discussões na década de 1980 e que culminaram em suscitar mudanças significativas na área e formação geral do profissional de Educação Física”.

Daolio (1998) destaca que as publicações antes e depois desse período (década de 1980), são bastante diferenciadas, marcando um divisor de águas na educação física brasileira. Ele aponta que as publicações anteriores eram mínimas, e que se referiam principalmente às modalidades esportivas com ênfase nos aspectos: técnico-tático, fisiologia esportiva e preparação física. As obras que vêm depois desse período avançam no que diz respeito ao trato exclusivamente técnico e biológico da área, e iniciam uma reflexão também psicológica e social. As ciências que foram historicamente constituídas, como a psicologia, a história, a sociologia e a pedagogia, “ofereceriam

base teórica para o estudo da educação física, do corpo e do movimento humanos” (DAÓLIO, 1998, p.44).

O mesmo autor ainda acrescenta que a partir da década de 1980

com o estabelecimento de um ‘inimigo comum’ – a ênfase biológica na área e a dicotomia mente-corpo – boa parte da então nascente comunidade científica da educação física alinhou-se em seus trabalhos, discursos e publicações, sob a denominação de ‘progressista’, visando a construção de um movimento de renovação na área. Entretanto, pouco tempo depois, com o próprio desenvolvimento dos estudos e debates, foram sendo explicitadas as diferenças entre as várias tendências na educação física brasileira (DAÓLIO, 1998, p. 51).

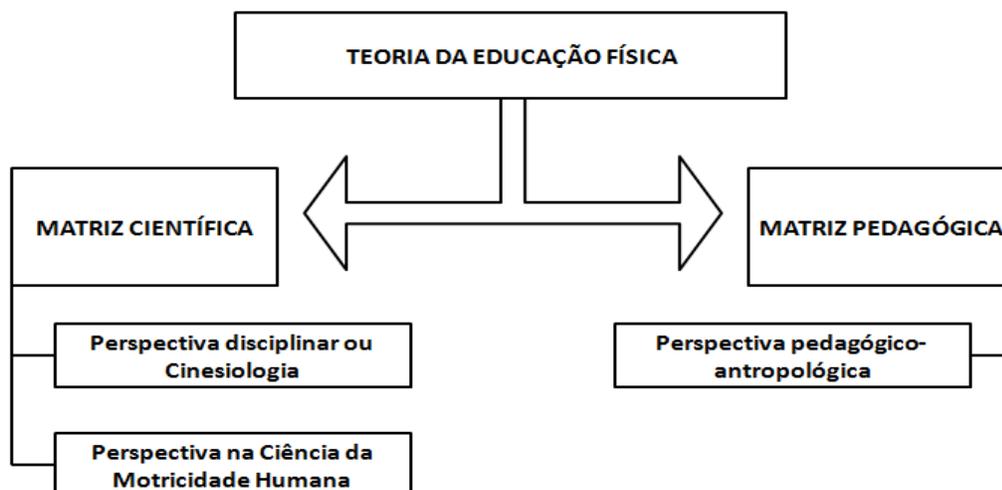
De lá pra cá inúmeras mudanças foram observadas no campo científico e na produção de conhecimento, o que de certa forma acentuou a necessidade de consolidar duas áreas de formação distintas, o bacharelado e a licenciatura, uma vez que foi um momento de repensar a prática para além do contexto escolar.

Betti (1996, p. 73), ao abordar esse período de agitação, destaca o aparecimento de uma “macro-dicotomia”, presente na divisão dos discursos sobre a teoria da educação física: “uma, que vê a Educação Física como área de conhecimento científico; outra, que vê como prática pedagógica”.

Para Bracht (2000, p. 55) o discurso científico é responsável por acompanhar e criar a educação física, essa imposição cultural acerca da fundamentação científica nas práticas sociais relevantes,

acaba por produzir um campo acadêmico que, paradoxalmente, vai, em determinado momento (1980 e 1990) questionar fortemente essa vinculação (casamento). E isto, tanto no que diz respeito ao conceito de ciência adotado para fundamentar e dirigir a Educação Física, quanto, a partir do desvelamento da sua visão implícita de homem e sociedade aos seus efeitos práticos, sobre a formação e a saúde. Mesmo o Marxismo, importado pela Educação Física da Pedagogia, nutria um otimismo entusiasta pela ciência, uma outra, é verdade, não positivista, mas ciência.

Na tentativa de compreender esses discursos científicos e pedagógicos da área, Novaes (2006) apresenta essas diferentes tendências da seguinte forma:



**Figura 7** – Teoria da educação física e matrizes teóricas. (NOVAES, 2006).

Sobre a matriz científica Betti (1996) lembra também da influência da Alemanha com a(s) “Ciência(s) do Esporte”, a qual teve prestígio de forma mais marginal e localizada, provavelmente devido a problemas relacionados com sua interpretação. As outras influências destacadas por Betti, e já contempladas na figura 7, são: a norte-americana e a européia.

A influência norte-americana concebe, a partir de trabalhos como os de Henry<sup>8</sup>, a educação física como uma disciplina acadêmica. Essa argumentação de Henry veio após algumas constatações sobre a educação física feitas por Lawson. A legitimidade acadêmica “não poderia basear-se apenas na mera proficiência de habilidades, mesmo que ela fosse considerada pertinente a um campo prático. Todavia, não se justificando nesta instância, deveriam ser cancelados todos os cursos da área de pós-graduação” (NOVAES, 2006, p. 38).

Esse movimento disciplinar da área também foi reforçado com os estudos de Ziegler & Vander-Zwagg<sup>9</sup> e Brooks<sup>10</sup>, como mostrado por Novaes (2006).

<sup>8</sup> HENRY, F. M. **The academic discipline of physical education**. Quest, nº 29, p. 13-29, 1978. HENRY, F. M. Physical education: na academic discipline. In: BROOKS, G. A. **Perspectives on the academic discipline of physical education**. Champaign, Ill: Human Kinetics. Para maiores esclarecimentos consultar Betti (1996) e Novaes (2006).

<sup>9</sup> ZIEGLER, E. F., VANDER-ZWAGG, H. J. **Physical Education: progressivism oressentialism?** 2 ed. Champaign: Stipes, 1968.

<sup>10</sup> BROOKS, G. A. *What is the discipline of physical education?* Proceedings

No Brasil, os desdobramentos dessa corrente se deram a partir dos trabalhos de Go Tani<sup>11</sup> que apresentavam a Cinesiologia como uma ciência básica composta de três subáreas: biodinâmica do movimento humano, comportamento motor e estudos sócio-culturais do movimento humano. A ideia de Tani (1989) não prevê qualquer tipo de interação entre as sub-áreas no nível da pesquisa básica. “Por sua vez os conhecimentos produzidos nestas sub-áreas seriam utilizados no nível da pesquisa aplicada pelas áreas que necessitam de conhecimento sobre o movimento humano; não só a Educação Física, mas em outras, como a fisioterapia e a terapia ocupacional” (BETTI, 1996, p. 77).

A outra perspectiva da matriz científica foi teorizada pelo professor português Manoel Sérgio, que propõe a ciência da motricidade humana. Nesta linha de pensamento, esta ciência trata de compreender e explicar as condutas motoras, “visando o estudo e constantes tendencias da motricidade humana, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropossociológico” (SÉRGIO, 1987 apud BETTI, 1996, p. 74).

Além dessas duas perspectivas apresentadas anteriormente, Souza Neto (1999) caracteriza também a perspectiva esportiva, que na Alemanha ganha contornos mais expressivos, com a criação da Escola Superior de Esporte de Colônia, em 1947. Esse fato vai culminar com a substituição do termo “Educação Física” por “Esporte”, o qual indicaria qualquer trabalho realizado na área das atividades físicas e a integração entre ciência e profissão.

Ao contrário dessas abordagens apresentadas, a matriz pedagógica se estabelece no contexto da educação física a partir da sua aproximação com abordagens pedagógicas que irão estabelecer um corpo de conhecimento teórico para a área. Sendo assim, a sua orientação vem da Pedagogia a partir dos movimentos da Escola Nova (progressivismo), da Psicologia Humanista, do Construtivismo e da Teoria

---

National Association for Physical Education in Higher Education, v. 3, p. 5-9, 1982.

<sup>11</sup> TANI, Go. Pesquisa e pós-graduação em educação física. In: PASSOS, S. C. E. (org.) **Educação física e esporte na universidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988. TANI, Go. Perspectivas da educação física como disciplina acadêmica. In: **Anais...** Simpósio Paulista de Educação Física, 2. Rio Claro: Unesp, 1989.

Crítica, sendo que essa no enfoque da área propunha a cultura corporal ou cultura de movimento (SOUZA NETO, 1999).

Essa matriz pedagógica da área pós década de 1980, teve grande repercussão nos debates sobre a educação física escolar, sendo que Valter Bracht representa uma das figuras principais desse movimento. Betti (2006) entende que essa matriz intensificou a dicotomia na área uma vez que não caminhou para a interdisciplinaridade entre as disciplinas que se ocupam do movimento humano.

Nesse sentido, Bracht (1999, p. 78) compreende que o eixo central da crítica que se estabeleceu frente à aptidão física e ao esporte, foi apresentado pela análise da função social da educação, e da EF em particular, que passou a incorporar, nas décadas de 1970 e 1980 as discussões pedagógicas, com influência especialmente da sociologia e da filosofia da educação de cunho marxista. “Toda a discussão realizada no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela EF”.

Betti (1996, p. 80) enfatiza que os defensores dessa perspectiva pedagógica na educação física, preocupados com o desaparecimento da mesma, buscam preservá-la no interior da escola,

restringindo o seu alcance conceitual, quando deveriam buscar ampliá-lo. Perdem igualmente a Educação Física quando a encontram. Antagonizam com o Esporte, hostilizam as Academias, criticam as bases epistemológicas das ciências da Natureza e associam a si próprios com as Ciências Humanas (e instalam aí uma nova dicotomia...).

Bracht (1999) esclarece que a década de 1980 foi fortemente marcada por essa influência, o que culminou com o estabelecimento de corrente chamada inicialmente de revolucionária, e também de crítica e progressista. Se primeiramente o movimento progressista apresentava-se bastante homogêneo, marcando um período de denúncias na área, “hoje, depois de mais de 15 anos de debate, é possível identificar um conjunto de propostas nesse espectro que apresentam diferenças importantes”. Essas propostas, sinalizadas pelo autor, e que não são as únicas, vão abarcar as que não se vinculam a uma teoria crítica de educação, quais sejam, a abordagem

desenvolvimentista, a psicomotricidade, ou educação psicomotora e a proposta de João Batista Freire, e duas abordagens que vão estar mais voltada à pedagogia crítica brasileira, a crítico-superadora e a crítico-emancipatória. O autor ainda destaca a proposta da concepção de aulas abertas à experiência, proposta no Brasil pelo professor Heiner Hildebrandt.

Para Novaes (2006) as abordagens pedagógicas são uma tentativa de colocar ordem no processo, no sentido de encontrar a constituição de um quadro teórico, além das que foram apresentadas acima, o autor acrescenta a abordagem sistêmica e a interacionista-constructivista. E mais recentemente, autores como Daolio e Lovisolo também apresentaram suas contribuições à área ao aplicar o referencial teórico da Antropologia à educação física escolar.

Desde o surgimento dessas preocupações na área da educação física até os dias de hoje, momento em que vivemos a consolidação de duas formações, bacharelado e licenciatura, muitas discussões permeiam a identidade da educação física. Assim, nos parece que a área passou por inúmeras transformações sociais, políticas, pedagógicas e epistemológicas, levando-a a questionar as razões de sua existência e seu objeto de ação.

Massa (2002) ao abordar a caracterização acadêmica e profissional da área aponta para incoerências na denominação do que é educação física. E destaca que, se perguntarmos de que se trata a engenharia ou a medicina teremos respostas bastante coerentes, diferente do que acontece na nossa área. O autor salienta que nos EUA, na década de 1990, foram encontrados mais de 70 terminologias para designar os departamentos responsáveis pelos cursos associados à educação física. “Embora o termo Educação Física seja de conhecimento mundial, nem mesmo as pessoas envolvidas com ele, seja no ambiente profissional ou acadêmico, apresentam um consenso a respeito de seu significado”, a diversidade de conceitos pode provocar variações nos seus objetivos, além de interpretações e classificações diferenciadas, contribuindo para a descaracterização da área (MASSA, 2002, p. 30).

Outro aspecto relevante é apontado por Reis (2002), quando a autora faz uma análise de cinco sugestões de diretrizes curriculares para os cursos de educação física, como já mencionado. A autora destaca que, não há um consenso mínimo entre elas no

que diz respeito aos argumentos significativos de relação com a definição de identidade acadêmica e científica da área, seja na organização conceitual, nos aspectos organizacionais, na essência do conhecimento ou nas linguagens técnicas e não técnicas. “O que se verifica é muito mais um distanciamento, ainda que haja tentativas em cada proposta, no sentido dessa identidade, não parecem conseguir tal intento no conjunto de sua composição” (REIS, 2002, p. 189-190).

Fensterseifer (2000, p. 36), apoiado no discurso sobre a crise da racionalidade moderna, tenta discutir as relações de fundamentação do conhecimento, e traz elucidções para a área da educação física, que irão esclarecer e apontar possíveis caminhos para lidar com os distanciamentos epistemológicos da área, afirmando que :

o esforço epistemológico, como eu o visualizo, não deve preocupar-se em apontar esta ou aquela vertente como a que expressa o que é a “Verdadeira Educação Física”, mas identificar os diferentes discursos e seus pressupostos, mantendo vivo o debate argumentativo que produz, este sim, a *verdadeira Educação Física*, da qual somos artífices, os quais se movimentam no plano da finitude. O interesse na manutenção desde debate é a única, e frágil, garantia que sustenta a unidade da área”.

Entendemos que as ideias expostas até o momento parecem apresentar problemáticas eminentes no campo da formação profissional em educação física, trazendo pressupostos para refletir um contexto marcado por dúvidas e incertezas teóricas, além de embates epistemológicos que não caminham para uma unidade da área.

De acordo com Gamboa (2007, p. 26) “à semelhança de outras áreas, a Educação Física sofre as flutuações do denominado ‘*colonialismo epistemológico*’ das ciências mães”, como a Psicologia **da** Aprendizagem Motora, a Sociologia **do** Esporte, a Fisiologia **do** Esforço, que passam a subsidiar a área da educação física.

Somado a isso, temos ainda o papel desempenhado pelos professores formadores no ensino superior. Para Tardif (2007, p. 93), os professores universitários formados em educação (e por que não em educação física?) se parecem com os produtores de saberes profissionais. Isso porque esses docentes formam os práticos, exercendo controle sobre eles (pois são responsáveis pela sua qualificação) e produzem conhecimentos novos por meio das pesquisas. Há algum tempo a formação

dos professores dependia das escolas normais, que se fundamentavam numa pedagogia normativa e na experiência profissional dos professores.

Ora, os professores universitários formados em ciências sociais e humanas contestaram essa pedagogia normativa e os saberes experimentais dos professores de profissão. Propuseram abordagens 'racionais' da educação, da formação, da infância, etc. Em suma, eles são ao mesmo tempo aliados e representantes da modernização da educação. Graças a seus trabalhos e a sua crença no valor da 'ciência, da racionalidade e da modernidade', eles trouxeram novos saberes para dentro da pedagogia tradicional, e contribuíram para uma divisão dos saberes cada vez mais nítida, baseada na especialização da pesquisa e da formação (TARDIF, 2007, p. 93).

Como aponta Tardif, os saberes universitários graças aos professores, e também às mudanças sociais no campo da ciência, apresentam-se divididos por área de conhecimento de forma especializada. Essas considerações corroboram com o que Gamboa (2007) nos apontou anteriormente sobre o "o colonialismo epistemológico" na área da educação física.

Percebemos que a educação física assumiu características diferentes no decorrer de sua trajetória. Inicialmente, a área voltava-se exclusivamente para as questões biológicas, médicas e de saúde, sendo os civis os pioneiros no ensino formal, posteriormente, a forte influência do esporte aponta para uma formação mais técnica, e a partir da década de 1980 começa a repensar sua prática a partir de referenciais teóricos da sociologia, da psicologia, da antropologia, entre outros. Além do mais, tínhamos um corpo docente técnico que pensava a escola como o principal campo de atuação profissional, além do esporte, e que desenvolvia suas pesquisas buscando solucionar aspectos voltados para a solução de problemas no âmbito escolar e/ou esportivo e, atualmente, vemos iniciativas para a consolidação do bacharelado nas universidades que caminha junto com o surgimento de contextos de atuação não-formais que muitas vezes surgem no sentido de complementar as carências da escola.

Enfim, ao refletir sobre o contexto da formação profissional e acadêmica em educação física, podemos perceber que os desafios ainda são muitos, se muito já foi feito, há muito ainda por fazer.

## CAPÍTULO 2 - LICENCIATURA E BACHARELADO: UMA DIVISÃO NECESSÁRIA?

---

---

Desde as mudanças curriculares resultantes da Resolução 03 CFE/87 e posteriormente das resoluções 01 e 02 CNE/CP/02 e 07 CNE/CES/04, em especial no que tange à separação da licenciatura e do bacharelado, as discussões sobre os rumos da formação na área da educação física têm se tornado cada vez mais intensas. Pesquisadores que estudam o fenômeno do currículo e da formação inicial questionam sobre a real necessidade dessa ruptura e de suas consequências para o futuro profissional. Além disso, se perguntam se a área está profissional e tecnicamente preparada para promover essa formação diferenciada, especialmente quando pensamos em corpo docente e produção teórica.

Buscando compreender melhor as peculiaridades dessas habilitações, os Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura (2010, p. 30) esclarecem que, ao bacharel em educação física cabe

o planejamento, prescrição, supervisão e coordenação de projetos e programas de atividades físicas, recreativas e esportivas. Em sua atividade, avalia as manifestações e expressões do movimento humano, tais como: exercício físico, ginástica, jogo, esporte, luta, artes marciais e dança. Pesquisa, analisa e avalia campos da prevenção, promoção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora e do rendimento físico-esportivo. Planeja e gerencia atividades de lazer e de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas. Em sua atividade gerencia o trabalho e os recursos materiais de modo compatível com as políticas públicas de saúde, primando pelos princípios éticos e de segurança.

O mesmo documento explica que, por outro lado, o licenciado é o professor, responsável pelo planejamento, organização e desenvolvimento de atividades e materiais relativos à educação física na Educação Básica.

Sua atribuição central é a docência na Educação Básica, que requer sólidos conhecimentos sobre os fundamentos da Educação Física, sobre seu desenvolvimento histórico e suas relações com diversas áreas; assim como sobre estratégias para transposição do conhecimento da Educação

Física em saber escolar. Além de trabalhar diretamente na sala de aula, o licenciado elabora e analisa materiais didáticos, como livros, textos, vídeos, programas computacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros. Realiza ainda pesquisas em Educação Física, coordena e supervisiona equipes de trabalho. Em sua atuação, prima pelo desenvolvimento do educando, incluindo sua formação ética, a construção de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico (BRASIL, 2010, p. 31).

De certa forma, esta definição de áreas e de tarefas está se tornando cada vez mais clara no âmbito da formação e atuação profissional, e tem motivado grandes embates teóricos sobre sua contribuição ou não para o avanço da área. Quando analisamos os discursos presentes tanto na educação física, como também em outros contextos como a educação, entre outros que sofreram com essa separação, percebemos alguns prós e contras dessa reformulação. Tentamos reunir diferentes pontos de vista sobre o rompimento entre a licenciatura e o bacharelado, de modo a motivar reflexões e discussões profícuas para o amadurecimento do entendimento desse processo para além da sua superficialidade.

Sendo assim, a partir de leituras de trabalhos realizados na área da educação física e da educação, identificamos posicionamentos diferenciados de estudiosos que pensam a formação inicial. Autores como Barros (1996), Rangel-Betti e Betti (1996), Taffarel (1997), Taffarel (1998), Freitas (2002), Souza Neto et al. (2004), Nascimento (2006), Oliveira (2006) e Benites, Souza Neto e Hunger (2008) apontam para situações presentes no âmbito da formação e que há tempo têm sido foco de discussões no contexto científico, desde o estabelecimento da Resolução 03/87 da CFE, documento que, pela primeira vez, estabelece duas formações distintas: licenciatura e bacharelado. Vejamos alguns dos posicionamentos.

Souza Neto et al (2004, p. 121) abordam a Resolução 03 CFE/87 e apresentam reflexões acerca dessa reestruturação curricular. Para os autores, se por um lado o curso de educação física alcançou autonomia e flexibilidade na organização do currículo, “por outro, a forma de organização curricular proposta, poderia conduzir à perda de um núcleo identificador da área que estaria operando dentro de uma base de identidade para a formação e uma parte diversificada para a profissionalização”. Há dois lados da moeda, autonomia para a construção de seus currículos e perda de

identidade para a área da educação física, uma vez que existiriam duas formações distintas.

Por outro lado, Barros (1996), ao relatar sobre o mesmo documento, posiciona-se a favor da separação, pois entente que o surgimento do bacharel em educação física contribui para significativos avanços para a educação física. Para confirmar sua posição a favor, destaca o trajeto histórico que passou o Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro com o oferecimento do curso de bacharelado em 1989, buscando atender a esse documento e o interesse dos alunos.

Com essa nova configuração é possível visualizar alguns aspectos do relativo amadurecimento acadêmico e profissional da área. “O reconhecimento de que a Educação Física, simplesmente entendida como licenciatura, não mais atendia as necessidades da sociedade brasileira por serviços especializados nesta área, é um desses aspectos” (BARROS, 1996, p. 73).

Sobre esse assunto, Barros (1996) salienta que o surgimento do curso de bacharelado colaborou com a busca de definição do objeto de estudo da área da educação física, e permitiu melhor atendimento aos interesses dos alunos e também do mercado de trabalho. Para a autora a reestruturação curricular buscando atender essa demanda, culminaria com o aprimoramento da formação profissional na área da educação física no Brasil e também possibilitaria “uma preparação mais sólida, com um aprofundamento de conhecimento na área de interesse do aluno, garantindo a necessária competência profissional, melhorando a qualidade dos serviços prestados à sociedade” (BARROS, 1996, p. 78).

Benites, Souza Neto e Hunger (2008, p. 345) reconhecem que, apesar da demora em incorporar parâmetros normativos, a educação física conquistou um *status* de qualidade com a Resolução CFE 03/87 ao organizar a área por eixos temáticos de conhecimento e ao delimitar o Bacharelado e a Licenciatura. O estabelecimento do bacharelado foi considerado uma conquista em 1987, uma vez que visou “sedimentar um corpo de conhecimento que desse maior legitimidade à própria profissão em seu processo de profissionalização. Essa mudança provocou um divisor de águas no sentido de se produzir a profissão e a área de conhecimento Educação Física”.

Oliveira (2006) ainda traz outras mudanças positivas para a área da educação física com a Resolução CFE 03 de 1987, como a ampliação dos anos de formação de três para quatro anos, aumento do mínimo de horas-aula para 2.880, implantação do bacharelado, a iniciação à pesquisa, a inserção da monografia para a conclusão do curso e a abertura de novas áreas de atuação profissional.

Contudo, alguns autores de linhas teóricas divergentes assinalam para as armadilhas e as ideologias que cercam a formação inicial. Taffarel (1997, p. 43) posiciona-se criticamente a respeito das reflexões curriculares que aconteceram ultimamente no Brasil no âmbito da formação do profissional de Educação Física & Esporte. Para a autora essas reflexões “apresentam fortes vínculos com o projeto histórico capitalista e desconsideram os reais setores lucrativos do capitalismo senil”. Taffarel (1997, p. 44) afirma que,

ao tratar de questões curriculares na formação profissional, uma das dimensões a serem considerada é a do ‘Mundo do Trabalho’, ou seja, o movimento das forças produtivas no seio do modo de produção capitalista. Essa posição teórica não pode ser confundida com a tendência de discutir currículo a partir do mercado de trabalho, equívoco histórico que orientou a reformulação do currículo do profissional de educação física na década de 80.

A autora chama atenção para a confusão teórica presente nos discursos da formação inicial, na tentativa de aproximar “mercado de trabalho” com o “mundo do trabalho”. Esses equívocos não compactuam com uma formação no ensino superior que atenda ao ensino público de qualidade.

Taffarel (1997) adverte que perante condições de regressão sócio-econômica, de miséria popular e de descontentamento social, o desafio é “vincular o trabalho acadêmico, enquanto uma instância concreta de combate, à luta imperialista global”, buscando a articulação entre interesses atuais e uma ação estratégica de clara conformação anticapitalista, no sentido de alcançar reconceptualização curricular. “Sem tal articulação, qualquer alteração curricular é fenomênica e não de essência” (TAFFAREL, 1997, p. 48-49).

A mesma autora, ao tecer reflexões acerca das incongruências teóricas no processo de reformulação curricular, baseou-se nas propostas encaminhadas ao

Conselho Nacional de Educação para a criação das diretrizes curriculares, bem como a resolução 03/87 da CFE, e observa que há expressivas diferenças entre as propostas do governo e as propostas da sociedade brasileira que busca a universidade pública, gratuita e de qualidade social para todos, para isso reúne vinte um tópicos para realizar suas análises. Dentre os pontos destacados por Taffarel (1998, p. 19-20) apresentamos três em especial:

**Fundamentação filosófica:** o enfoque no perfil, na competência, nas habilidades, no individualismo, na adaptação ao mercado de trabalho *versus* "objetivos-avaliação na formação humana, profissional, com base nas necessidades da sociedade de transformação social, no mundo do trabalho"

**Visão de formação:** divisão entre formação acadêmica e formação profissional entre bacharéis e licenciandos, entre pesquisadores e aplicadores, com universidades de ensino, de pesquisa e de extensão/serviços *versus* "formação integral □ sólida base teórica para intervenções nos campos de trabalho em expansão pela ampliação do poder aquisitivo distribuição de renda e por direitos assegurados e dever/responsabilidade do Estado";

**Concepção de perfil profissional:** formação por perfil desejado (acadêmico e profissional, dicotomizado), com base em competências e habilidades ligadas ao mercado de trabalho *versus* "formação por objetivos-avaliação, com base em necessidades históricas, de relevância social, relacionadas ao mundo do trabalho capitalista e à perspectiva de sua superação, de acordo com interesses da sociedade brasileira".

Conforme apresentado por Taffarel (1998), a autora quer deixar claro as desconexões que há entre o que é proposto pelo governo, por meio das diretrizes que orientam a formação em educação física em termos de legislação educacional, e o que realmente é necessário na prática.

Rangel-Betti e Betti (1996, p. 11) ao caracterizarem os principais tipos de modelos curriculares utilizados na formação profissional em Educação Física, apontam para dois tipos principais: o currículo tradicional-esportivo e o de orientação técnico-científica. Este último surgiu em meados da década de 1980, se consolidou na década de 1990, acompanhou as discussões epistemológicas da área e recebeu influência da concepção que considera a educação física como ciência responsável pela produção de conhecimentos acerca do movimento humano. Essa concepção de currículo somada às necessidades do mercado culminou com a implantação do Bacharelado. "Na ânsia

de atender ao mercado de trabalho, os currículos de Licenciatura em Educação Física, baseados neste modelo, sofreram um "inchaço", provocado pela incorporação de conteúdos ligados à novas áreas de atuação (musculação, ginástica aeróbica, educação física adaptada, etc)".

Além dessas problemáticas, Freitas (2002, p. 151-152) ao discutir sobre a formação de professores no Brasil, traz outras considerações sobre o estabelecimento do bacharelado, para o autor além de outras mudanças, "a separação dos cursos de bacharelado e, portanto, da produção de conhecimento nas áreas específicas, são fatores que vêm reforçando e confirmando a formação aligeirada em seu conteúdo e no tempo destinado à formação".

Em 2004, o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de bacharelado em educação física por meio da Resolução 07 CNE/CES rouba a cena no âmbito das discussões sobre a formação inicial e novas polêmicas surgem na área. A partir desse momento, as IES ao oferecerem cursos deveriam fazê-lo de maneira distinta, e o prazo para essas mudanças de acordo com a Resolução 02/CNE/CP de 2004 é 15 de outubro de 2005. A partir dessa data, os currículos dos cursos de formação inicial deveriam se adequar para atender a nova exigência.

Vários autores vão posicionar-se acerca dessa mudança. Oliveira (2006, p. 28) traz aspectos positivos acerca do formato estabelecido pelas Diretrizes na Resolução 07 CNE/CES/04, para ele

haverá uma maior satisfação aos anseios dos futuros participantes dos cursos, pois desde o início estarão mais próximos das estruturas de intervenção que escolheram. [...] Essa nova estrutura para a área da Educação Física reduz o foco de formação e o direciona para objetivos mais definidos com possibilidades de aprofundamentos.

O mesmo autor ainda pressupõe situações em que o acadêmico ao ingressar na universidade visualizando uma atuação profissional na área do *fitness*, se vê ministrando aulas na Educação Infantil e vice-versa.

Outro aspecto que tem justificado a presença do bacharelado e da licenciatura como áreas de atuação específicas, diz respeito à ampliação da atuação profissional na área da educação física fora do contexto escolar. Sobre o assunto, Oliveira (2006) acrescenta que atualmente acompanhamos as novas políticas públicas de saúde, que tem oportunizado espaços importantes junto aos profissionais da área. Para além do

bacharelado, as mudanças que vêm ocorrendo na atualidade apontam para um melhor atendimento da área da licenciatura, uma vez que promove a formação integral para a área da Educação Básica, possibilita aprofundamentos sobre os aspectos gerais e específicos que embasam o fenômeno educativo, aproxima o aluno das práticas pedagógicas desde o primeiro ano do curso, visa à superação da prática pela prática e terá uma atuação especialmente voltada para os aspectos educacionais (OLIVEIRA, 2006). Por outro lado, Nascimento (2006) chama a atenção para a estrutura curricular dos cursos de bacharelado em educação física, pois nos últimos anos o surgimento de cursos com o intuito de suprir a demanda do mercado emergente, muitas vezes não passa de um falso bacharelado. Junto a essa problemática poderíamos citar o surgimento de inúmeras IES por todo o Brasil, em especial as que têm iniciativa privada. O autor coloca ainda a situação das disciplinas que são pulverizadas a cada ano na ânsia de preparar o futuro profissional para atender as necessidades emergentes do mercado. Assim as IES incham seus currículos com disciplinas marcadas por modismos provisórios da área, culminando com o trabalho individual de professores, que buscam o reconhecimento da própria produção acadêmica, cada vez mais especializada e com a perda da qualidade da formação (NASCIMENTO, 2006).

Os problemas apontados anteriormente por Nascimento (2006), somados à intenção de atender mercados característicos de diferentes regiões contribui para o surgimento de contradições de formação da área da educação física, isso porque os cursos de formação apresentam modelos de currículos diferenciados que não caminham para a homogeneidade que estava presente no currículo mínimo, o que também pode levar a adoção de concepções diferenciadas sobre licenciatura e bacharelado.

Sobre esse assunto, Nascimento (2006, p. 66) afirma que algumas instituições

se baseiam mais na concepção clássica de que licenciatura privilegia o desempenho de funções docentes em diferentes níveis de ensino enquanto que o bacharelado concentra-se mais no domínio de conhecimentos. Outras se fundamentam na concepção de bacharelado como desempenho de outras funções além do ensino da disciplina de Educação Física no sistema escolar.

Podemos considerar que, essa falta de compreensão acerca do que é licenciatura e o que é bacharelado são consequências de um currículo que, desde o final da década de 1980, se tornou mais autônoma, flexível e desvinculada de um currículo mínimo.

As constatações apresentadas apontam para dificuldades presentes na área da educação física e que devem ser constantemente refletidas no âmbito científico. Assim, buscamos sintetizá-la, no quadro 1 apontando os prós e os contras dessa reestruturação curricular, em especial no que diz respeito à separação da licenciatura e do bacharelado, a partir dos principais posicionamentos dos autores apresentados até agora.

	<b>Prós</b>	<b>Contras</b>
<b>Licenciatura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dedicção exclusiva às reflexões e práticas pedagógicas do contexto escolar.</li> <li>- Atendimento à educação física escolar com mais qualidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação aligeirada no ensino superior/perda da qualidade.</li> <li>- Acentuação de antagonismos relativos ao <i>status</i> social.</li> </ul>
<b>Bacharelado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atendimento ao mercado emergente.</li> <li>- Suprimento de necessidades extra-escolares.</li> <li>- Discussão da área para além do contexto da licenciatura.</li> <li>- Acesso aos conhecimentos que são relevantes para o momento histórico.</li> <li>- Possibilidade de identificação mais clara de novos cursos de graduação na área: esporte, dança, recreação e lazer.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Especialização docente e discente.</li> <li>- Carência de corpo docente especializado.</li> <li>- Modismos passageiros, disfarçados de emergências de mercado.</li> <li>- Inchaço de disciplinas nos currículos dos cursos.</li> </ul>
<b>Ambas as formações</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Maturidade para a escolha profissional (leva o aluno a pensar sua atuação).</li> <li>- Intensificação dos debates no âmbito da formação profissional.</li> <li>- Fortalecimento de áreas específicas, no que diz respeito ao ensino e à pesquisa.</li> <li>- Melhor preparação profissional para a área de atuação pretendida.</li> <li>- Estágios específicos como forma de regular a escolha profissional.</li> <li>- Emancipação da área a partir da resolução 03/87 do CFE.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sentimentos de inferioridade e superioridade dos campos de atuação: Educação Formal x Não-formal.</li> <li>- Falta de identidade e de objeto da área que a caracterize.</li> <li>- Limitações acerca da leitura da realidade de forma dialética.</li> <li>- Aumento desenfreado de cursos de formação.</li> <li>- Carência de referencial teórico que caracterize as duas formações.</li> <li>- Formações similares e certificados diferentes.</li> <li>- Diferentes concepções entre licenciatura e bacharelado</li> <li>- Contradições na formação profissional da área.</li> </ul>

**Quadro 1** – Prós e contras da reestruturação curricular – Licenciatura e Bacharelado.

Não queremos, afirmar que há mais situações negativas nessa reformulação, visto que ainda temos muito para pesquisar e refletir sobre esse fenômeno. Mas quando analisamos as discussões teóricas sobre o assunto, percebemos que os aspectos positivos tendem mais para o atendimento ao mercado de trabalho, e os

negativos defendem uma formação mais crítica que não compactue com modismos mercadológicos passageiros.

Souza Neto et al. (2004, p. 122) chamam a atenção para a diferenciação entre bacharelado e licenciatura, pois para os autores “ela deveria proporcionar um adequado instrumento de operacionalização, desde que não se deixe levar pelo imediatismo do mercado de trabalho e pelo corporativismo”.

O fato é que o quadro está instalado, é cada vez mais fortalecido. Assim, nosso papel é desenvolver artifícios para driblar as incongruências resultantes dessas mudanças que enfraquecem a formação e impedem o avanço da área da educação física em todos os aspectos. Nascimento (2006, p. 67), colabora com nossas preocupações e aponta que as novas resoluções e pareceres do Conselho Nacional de Educação

desafiam os profissionais para realizarem mudanças curriculares para promover melhorias substanciais na formação, evitando os problemas de coerência interna, de fragilidade dos conteúdos, de fragmentação curricular e heterogeneidade dos programas de formação. As principais preocupações constituem a busca da harmonização curricular na realidade brasileira, assim como assegurar as especificidades dos cursos de licenciatura e de bacharelado de acordo com os respectivos contextos de atuação profissional.

Uma parte desse desafio já está sendo cumprida com a realização desse estudo, pois os dados que levantaremos e as análises que faremos poderão nos dar respostas consistentes e promover análises mais aprofundadas que envolvem a problemática da reformulação curricular.

## **CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA**

### 3.1 A ESCOLHA METODOLÓGICA

O que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar (GOLDENBERG, 2004, p.14).

É a partir das palavras de Goldenberg (2004) que iniciamos este tópico, demonstrando a relevância do estabelecimento de um percurso metodológico adequado no processo de construção da pesquisa científica. Existem muitas formas de se caminhar, além de diversos caminhos à nossa frente. Contudo, cabe aos pesquisadores, a partir das experiências acumuladas, a escolha daquele que se apresenta mais adequado ao objetivo traçado.

Discutir a formação inicial na área da educação física, em especial as matrizes teóricas que acompanham o processo formação profissional, é algo que, a nosso ver, é bastante complexo, pois envolve muitos elementos que precisam ser analisados, por isso a escolha de uma abordagem metodológica deve buscar respostas para as questões mais eminentes que cercam a problemática da proposição.

Para Nascimento (2006, p. 59) o conceito da formação profissional tem evoluído bastante nas últimas décadas, “de um modo geral, as transformações ocorridas podem ser identificadas na evolução dos elementos que constituem o próprio conceito, essencialmente a clientela atingida, o local que é realizada a formação e os conteúdos de aprendizagem”. Os últimos é que se tornam mais expressivos nesse estudo, uma vez que estamos investigando os conhecimentos presentes na formação inicial.

Pensando nisso, escolhemos para nosso estudo a pesquisa do tipo descritiva e de característica qualitativa, com o intuito de atender o objetivo geral da investigação que é investigar a base teórica dos cursos de educação física do Estado do Paraná por meio dos referenciais teóricos utilizados, a fim de conhecer se há diferença significativa entre os cursos de licenciatura e bacharelado. Direcionamos nossos estudos a partir de uma abordagem qualitativa, que vai além dos aspectos imediatos provenientes dos

dados quantitativos, de modo a promover uma discussão mais elaborada da realidade apresentada no Estado do Paraná acerca dos conhecimentos selecionados e as matrizes teóricas da formação inicial. Sobre a pesquisa qualitativa, Chizzotti (2003, p. 221) afirma que ela envolve

uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após esse tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Sobre o tema em questão, Minayo (1999, p. 28) destaca que “qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade, não pode ficar restrita somente ao referencial teórico quantitativo”. É por essa, e por outras razões, que defendemos ser importante que a pesquisa qualitativa esteja presente quando o assunto envolve a formação e a educação dos indivíduos, visto que implica uma leitura mais densa da realidade apresentada, que pode vir expressa a partir de um caso particular de uma dada realidade, de uma experiência profissional, de uma proposta metodológica, de uma nova forma de avaliação ou de novas diretrizes para a formação em educação física.

Quanto à pesquisa descritiva, a mesma será encaminhada no sentido de trabalhar com dados atuais que se apresentam em um determinado contexto. Em nosso caso, observamos as insituições públicas do Estado do Paraná, para compreender a formação inicial vinculada à problemática das reestruturações curriculares motivadas por documentos oficiais. De acordo com Gil (2010, p. 27) a pesquisa do tipo descritiva tem “como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis”.

Ao descrever fatos e fenômenos a pesquisa descritiva não faz a manipulação dos dados, apenas registra, correlaciona e descreve esses dados de modo a conhecer determinada realidade a partir de pequenas ou grandes amostras.

### 3.2 DEFINIÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Para definição dos participantes desse estudo, que investiga os cursos de licenciatura e de bacharelado em educação física oferecido por Instituições de Ensino Superior públicas do Estado do Paraná, seguimos os seguintes critérios:

- a) Ser instituição pública do Estado do Paraná submetida às Resoluções do Ministério da Educação;
- b) Ser instituição de ensino superior com pelo menos dez anos de existência;
- c) Ter as duas formações (licenciatura e bacharelado), conforme a Resolução CNE/CES 07/2009;
- d) Aceitar participar da pesquisa, facilitando o processo de contato com os coordenadores e de coleta dos dados.

As razões para delimitarmos somente as IES públicas nesse estudo devem-se à necessidade momentânea dos pesquisadores de delimitação da pesquisa, à tradição dessas instituições no processo de formação, à condição pública que lhe confere mais autonomia e discussão no âmbito acadêmico, além das ações que reúnem em seu tripé o ensino, a pesquisa e a extensão.

Mediante os critérios apresentados identificamos seis IES no Estado do Paraná que respondiam aos critérios pré-estabelecidos. Assim, estabelecemos um contato inicial com os coordenadores dos cursos, para que concordassem livremente em participar da pesquisa. Dessa forma, encaminhamos cartas convite (Anexo B) para que tomassem conhecimento da pesquisa, dos objetivos e das contribuições do estudo para a área, um documento de autorização para a realização do estudo (Anexo C), bem como o termo de consentimento (Anexo D).

A partir do aceite dos coordenadores em participar da pesquisa, definimos como amostra o número de seis IES públicas do Estado do Paraná, num total de 12 cursos, contudo durante o processo de coleta tivemos alguns problemas em relação à obtenção dos documentos e com a realização das entrevistas.

Uma IES não apresentou as referências nos programas das disciplinas e por motivos pessoais do coordenador não foi possível realizar a entrevista, e mesmo após novo contato, não foi possível contemplá-la em nossa pesquisa.

Outra instituição disponibilizou os programas das disciplinas com informações faltantes (sem as referências organizadas por disciplinas), porque assim está em seu Projeto Pedagógico, mas o coordenador realizou a entrevista. No caso dessa IES, decidimos por utilizar a entrevista feita com coordenador e desconsiderar os documentos, haja vista que os dados necessários para nosso estudo não foram disponibilizados.

Sendo assim, nossa amostra foi constituída por cinco instituições e dez cursos de educação física. Com relação aos programas, utilizamos os documentos de oito cursos, sendo quatro de licenciatura e quatro de bacharelado. Quanto às entrevistas, estas foram realizadas com sete coordenadores, isto porque, das cinco instituições que participaram do estudo, três apresentam o mesmo o coordenador para as duas formações (licenciatura e bacharelado) e em duas instituições existe um coordenador para cada curso.

Visando esclarecer essas informações, organizamos abaixo um quadro com as IES e os coordenadores que participaram desse estudo. Para os coordenadores, utilizamos nomes fictícios para, além de preservar as identidades, tornar a leitura fluente:

IES	DADOS COLETADOS
IES 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programas das disciplinas dos cursos de licenciatura e bacharelado;</li> <li>• Entrevista com o coordenador 1 (Atena/CO1) (cursos de bacharelado e licenciatura).</li> </ul>
IES 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programas das disciplinas dos cursos de bacharelado e licenciatura;</li> <li>• Entrevista com o coordenador 2a (Acácio/CO2a) (curso de licenciatura);</li> <li>• Entrevista com o coordenador 2b (Neófito/CO2b) (curso de bacharelado).</li> </ul>
IES 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programas das disciplinas dos cursos de bacharelado e licenciatura;</li> <li>• Entrevista com o coordenador 3 (Deucalião/CO3) (cursos de licenciatura e bacharelado).</li> </ul>
IES 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programas das disciplinas dos cursos de bacharelado e licenciatura;</li> <li>• Entrevista com o coordenador 4a (Apolo/CO4a) (curso de bacharelado);</li> <li>• Entrevista com o coordenador 4b (Dionísio/CO4b) (curso de licenciatura).</li> </ul>
IES 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista com o coordenador 5 (Mentor/CO5) (curso de licenciatura e bacharelado).</li> </ul>

**Quadro 2** – Instituições de Ensino Superior selecionadas para o estudo e dados coletados.

Para que essa pesquisa pudesse ser concretizada, o projeto inicial foi encaminhado ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEM (COPEP), o qual visa à garantia do bem-estar do sujeito da pesquisa e dos direitos do ser humano. Salientamos que, a presente pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “Panorama da formação inicial em educação física no estado do Paraná”, sendo assim, para esse grande estudo obtivemos a aprovação sob o CAAC N° 0151.093.000-10 e o Parecer n° 247/2010, garantindo o início do processo de desenvolvimento desta pesquisa e da coleta de dados.

Vale ressaltar que a resposta positiva dos coordenadores foi determinante para a aprovação dessa pesquisa no Comitê de Ética.

Durante o processo de análise sistemática dos dados, os nomes das instituições não serão divulgados, garantindo assim o anonimato e respeitando os aspectos éticos que envolvem a pesquisa acadêmica.

### 3.3 COLETA DOS DADOS

Para a definição das técnicas de coleta dos dados, bem como seu trato metodológico, seguimos as orientações de Lüdke e André (1986), Marconi e Lakatos (2005), Gil (2008), Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) e Gil (2010), a fim de sustentar o percurso metodológico das ações de seleção, coleta, análise e discussão dos dados.

A definição dos dados constitui uma etapa importante da pesquisa científica, uma vez que são eles que nos colocarão frente a frente com os indicadores da realidade, nos levarão ao alcance dos objetivos inicialmente traçados e nos darão informações necessárias para que as discussões possam ser concretizadas. Dessa forma, a identificação e seleção de métodos são primordiais nesse processo, uma vez que, devem ser efetivos no processo de coleta para que nenhuma informação escape ao nosso olhar.

Pensando no trabalho proposto optamos por duas formas de obtenção dos dados. Inicialmente coletamos, junto às IES selecionadas, os programas das disciplinas dos cursos de bacharelado e licenciatura, a partir desse documento fizemos um recorte

das referências bibliográficas básicas e complementares apresentadas para subsidiar as duas formações e, posteriormente, realizamos uma entrevista semi-estruturada (Anexo 1) com os coordenadores dos cursos dessas mesmas IES.

### **3.3.1 Dos documentos**

Com o intuito de discutir sobre as questões que envolvem o corpo de conhecimentos na formação inicial, em nosso estudo levantamos os programas das disciplinas dos cursos de educação física de quatro IES públicas do Estado do Paraná. Em duas instituições os programas das disciplinas foram disponibilizados pessoalmente, no momento da entrevista e nas outras duas os coordenadores disponibilizaram via e-mail, totalizando as quatro instituições participantes da pesquisa.

Com os programas em mãos fizemos um recorte a partir do título das disciplinas, da carga horária e das referências bibliográficas básicas e complementares, posto que a bibliografia básica e complementar de um curso de formação constitui o corpo de conhecimentos, rigorosamente selecionado e aprovado por um grupo de professores, também selecionados, que estudam e discutem uma determinada área. Esses referenciais representam o saber científico a ser apropriado pelo acadêmico durante seu processo de formação, de modo a instrumentalizá-lo em sua atuação profissional. Além disso, as referências teóricas devem atender a uma formação generalista, dando suporte para que o egresso possa discutir os diferentes contextos de intervenção da área.

Utilizar documentos para a pesquisa, na visão de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 2) é uma ação positiva, pois “a riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar [...] possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural”. Além do mais, a principal característica da pesquisa documental, é que sua fonte de dados esteja exclusivamente voltada para documentos que não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetos do estudo (GIL, 2008; MARCONI, LAKATOS, 2005).

Verificamos junto às bibliotecas digitais, disponibilizadas em domínios de pesquisa acadêmica, que estudos do tipo documental têm sido utilizados com frequência no país desde a década de 1990, como divulgado por programas de pós-graduação em educação física. Entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, encontramos quarenta e uma pesquisas que se voltam para esse tipo de metodologia. Destacamos aqueles estudos que apresentaram como objeto de análise e discussão a formação inicial, bem como as problemáticas que envolvem o currículo e disciplinas específicas da área da educação física. Como exemplos de pesquisa, temos Verenguer (1996), Moreno (1998), Gonçalves (2002), Silva (2005) e Souza (2007), que desenvolveram estudos na área da formação inicial a partir do método documental.

Souza (2007), em seu estudo que delimitou as disciplinas esportivas nos cursos de licenciatura do Estado de Goiás, além de análise documental dos projetos pedagógicos e das ementas e programas da disciplina, acompanhou sistematicamente algumas aulas para buscar subsídios que comprovassem e orientassem o que foi analisado nos documentos. Sobre as referências utilizadas na disciplina, a autora buscou classificar as obras em: didáticas, técnicas ou outras, sendo que estas se voltavam para as ciências humanas e sociais. Além disso, o estudo abordou o ano de publicação das obras utilizadas, problematizando a falta de conhecimento dos professores acerca de publicações atuais que poderiam orientar a prática pedagógica.

Gonçalves (2002) ao discutir a disciplina educação física adaptada, também se apropria de programas e ementas, e busca aproximações e distanciamentos entre os diferentes cursos analisados. Sobre o referencial teórico apresentado, a autora traz apontamentos essenciais para pensarmos a preparação do futuro profissional, o qual não se esgota no ensino superior.

Estudos na área do lazer, na área de políticas públicas e que envolviam documentos legais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), também utilizaram a pesquisa documental para seu desenvolvimento. Vale ressaltar que, outras metodologias foram utilizadas como complemento à documental: a bibliográfica, o estudo de caso, a exploratória, a de campo, a empírica, e também a utilização de observação sistemática e entrevistas.

De acordo com Gil (2002) esse tipo de pesquisa tem suas vantagens: os documentos são fonte rica e estável de dados, já que subsistem ao longo do tempo; seu custo é significativamente baixo, já que demanda do pesquisador apenas tempo, além da capacidade; e não exige contato com os sujeitos da pesquisa, o que às vezes torna-se problemático dependendo das circunstâncias que envolvem o contato.

Quando abordamos sobre a capacidade do pesquisador, é importante frisar que a mesma não deve limitar-se a uma leitura rasa de dados, que não avança para discussões e reflexões no âmbito acadêmico. É imprescindível o domínio do fenômeno que se pretende investigar, tecendo relações entre o objeto e a dinâmica social que o cerca. Essa falta de rigor pode ser reforçada pelos estudos de André (2001, p. 55), a qual apoiada em Gatti (2000)<sup>12</sup>, discute sobre a pesquisa científica, destacando que há uma tendência ao pragmatismo imediatista nos trabalhos da área da educação

tanto na escolha dos problemas quanto na preocupação com uma aplicabilidade direta dos resultados. Embora reconhecendo a necessária origem social dos temas e problemas da pesquisa em educação e a importância das questões que no imediato são carentes de análise e proposições, [...] nos alerta para a tendência do recorte excessivamente limitado e para as análises circunscritas aos aspectos aparentes dos problemas, deixando de lado as perguntas mais de fundo e de espectro mais amplo.

Pensando nisso, esperamos que as discussões travadas nesse estudo mediante os documentos utilizados possam contribuir com a área, trazendo pontos relevantes para pensar a formação inicial em educação física no Paraná, propondo discussões enriquecedoras que norteiem o trabalho dos formadores nas instituições de ensino superior em todo o país.

---

<sup>12</sup> GATTI, B. A Produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações socio-político-educacionais: uma perspectiva da contemporaneidade. Campinas, 2000. Trabalho apresentado na III Conferência de Pesquisa Sociocultural.

### 3.3.2 Das entrevistas

Nesse estudo as entrevistas foram realizadas pessoalmente pela pesquisadora no dia marcado com o coordenador. Para o registro das informações utilizamos um Notebook da marca HP. Os relatos foram salvos em formato mp3 e posteriormente, foram transcritos na Microsoft Office Word sem a utilização de programas de conversão de áudio em texto.

A utilização da entrevista como instrumento de coleta objetivou nossa aproximação junto às discussões travadas dentro de cada instituição, na tentativa de discutir a prevalência dos conhecimentos nos referenciais teóricos dos programas e verificar como o curso se organizou no que diz respeito ao referencial teórico, buscando atender as duas formações previstas nas Resoluções 01 e 02 CNE/CP de 2002 e 07 CNE/CES de 2004.

De acordo com Lüdke e André (1986) a entrevista pode ser realizada de maneira padronizada ou não. A segunda indica maior liberdade para o entrevistador que pode tornar o instrumento mais flexível, indicando uma forma mais adequada para as pesquisas no âmbito educacional. Sendo assim, optamos pelo modelo não estruturado de entrevistas, contudo utilizamos um roteiro para guiar os questionamentos.

Sobre a entrevista, Marconi e Lakatos (2006, p. 92) afirmam que a mesma consiste em “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Os autores ainda destacam as vantagens de se utilizar a entrevista: 1) pode ser utilizada com analfabetos e alfabetizados; 2) o entrevistado não precisa saber ler ou escrever, fornecendo uma amostragem melhor; 3) há maior flexibilidade, podendo o entrevistador fazer esclarecimentos, repetir ou reformular a questão; 4) o entrevistado pode ser observado no que diz e como diz, a partir de registro de reações e gestos; 5) permite obter dados que são significativos e que não podem ser encontrados em fontes documentais; 6) encontrar dados mais precisos; 7) os dados podem ser quantificados.

### 3.4 A ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados coletados por meio dos programas das disciplinas das IES selecionadas e das entrevistas realizadas junto aos sete coordenadores, seguiremos as orientações de Lüdke e André (1986) para a análise dos documentos.

De acordo com as autoras o pesquisador já deve prever alguns encaminhamentos da sua pesquisa e deve então debruçar-se em desvendar os achados da pesquisa, além disso, “é preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 48).

Considerando as orientações apresentadas a análise documental se deu da seguinte forma:

1) Organizamos o rol de disciplinas que compõe o currículo do curso de bacharelado e de licenciatura de cada IES separadamente, a partir das dimensões do conhecimento proposta pelas diretrizes na Resolução 07 CNE/CES/04, quais sejam: Formação Ampliada: a) **Relação ser humano-sociedade**, b) **Biológica do corpo humano**, c) **Produção do conhecimento científico e tecnológico**; e a Formação Específica: a) **Culturais do movimento humano**, b) **Técnico-instrumental** e c) **Didático-pedagógico**.

Sobre essas dimensões do conhecimento, que fazem parte dos Conhecimentos Identificadores da área, buscamos caracterizá-las, no sentido de reconhecer suas peculiaridades, bem como os conhecimentos agregados à formação para que possam nos auxiliar nas futuras discussões.

Quando nos referimos à **Relação Ser humano-sociedade**, estamos tratando do homem histórico que é produto e produtor de uma determinada realidade social, seus aspectos sócio-culturais que envolvem sua vida social, as formas de pensamento que moveram e movem as relações até hoje, além das contradições dos pensamentos e seus atos e conseqüências, sinalizando a condição humana nas diferentes estruturas socioculturais. Abarca os conhecimentos: filosófico, psicológico, antropológico, cultural, social e histórico. A dimensão **Biológica do corpo humano** está voltada para os

conhecimentos construídos a partir de estudos na área da biologia e que dão base para o entendimento do funcionamento do organismo humano vivo, bem como de suas partes constituintes, seus tecidos, sistemas, órgãos, entre outros. O conhecimento biológico do indivíduo também pode ser contemplado nos estudos científicos específicos da área da educação física quando estão relacionados com o movimento humano, de modo a analisar biologicamente como se comporta o organismo nas ações do seu dia-a-dia e das atividades físicas em geral, nos esportes, na dança, na ginástica, entre outros. Abarca os conhecimentos: químico, físico, biológico e do desenvolvimento antropogenético.

A **Produção do conhecimento científico e tecnológico** refere-se ao estudo sobre o processo de produção do conhecimento na área da Educação Física, à análise dos procedimentos e técnicas ligados ao processo de pesquisa da área. Busca proporcionar aos alunos o entendimento do processo histórico da produção do conhecimento na área da Educação Física, bem como apresentar os procedimentos e técnicas relacionados aos processos de elaboração de pesquisa em Educação Física. Abrange as técnicas de estudo e de pesquisa.

Os conhecimentos relacionados à dimensão **Cultural do movimento humano**, abrange os saberes relacionados às diferentes manifestações da cultura do movimento nas suas formas de jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas, seus aspectos históricos, e também a cultura que permeia o surgimento e evolução desses temas.

Dentro das especificidades da área, o saber **Técnico-instrumental** trata do estudo de teorias, métodos e técnicas que abordam diferentes áreas do conhecimento que sustentam a atuação do professor/profissional de educação física em suas especificidades. Trata das bases teóricas e metodológicas aplicadas ao desempenho humano identificado com as diferentes manifestações da cultura do movimento.

Quando nos referimos ao aspecto **Didático-pedagógico** nos reportamos aos conhecimentos que dão base para os encaminhamentos e intervenções didáticas e pedagógicas que envolvem a prática profissional nos diferentes espaços de educação: formal ou não-formal, além dos saberes produzidos no âmbito de pesquisas educacionais.

Apesar do foco desse estudo não ser as disciplinas em si, mas sim os referenciais teóricos previstos em cada uma delas, consideramos que as disciplinas já indicam um caminho de análise no que diz respeito à matriz teórica, além de problematizar as discussões acerca dos contextos distintos da formação, uma vez que a disciplina já denota um determinado conhecimento a ser adquirido. Sendo assim, quando analisamos as quantidades de disciplinas por outro ângulo, podemos concluir que há mais semelhanças do que diferenças entre o bacharelado e a licenciatura, uma vez que o número de disciplinas que são iguais é superior ao número de disciplinas que são específicas de cada formação.

2) Quantificamos o número de disciplinas apresentadas em cada uma das formações, bem como a carga horária destinada a cada dimensão do conhecimento (Relação ser humano-sociedade, Biológica do corpo humano, Produção do conhecimento científico e tecnológico, Culturais do movimento humano, Técnico-instrumental e Didático-pedagógico). Ainda, identificamos quantas disciplinas eram semelhantes ou não para as formações distintas a partir das observações do título e do referencial teórico básico e complementar.

3) Categorizamos as referências bibliográficas básicas e complementares presentes nos programas das disciplinas de acordo com as dimensões do conhecimento propostas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em educação física em nível superior já citadas anteriormente (Relação ser humano-sociedade, Biológica do corpo humano, Produção do conhecimento científico e tecnológico, Culturais do movimento humano, Técnico-instrumental e Didático-pedagógico).

4) Organizamos um banco de dados dos referenciais encontrados nos programas das disciplinas, para podermos organizar as referências bibliográficas e autores mais citados nos programas das disciplinas dos cursos. A ideia inicial foi listar os autores e suas obras, de modo a obter uma visão geral da seleção de referenciais teóricos na formação em educação física em instituições públicas do Estado do Paraná e, posteriormente, compará-los entre as IES.

Inicialmente apresentamos o(s) autor(es), a temática de que trata os referenciais desse(s) autor(es), o total de obras que aparecem nos programas dessas disciplinas

nos cursos de licenciatura e bacharelado e quantos do total estão presentes nas diferentes formações. Os dados organizados dessa forma nos permitiram uma visão geral dos referenciais teóricos que são selecionados para dar base para a formação em educação física nas IES públicas do Estado do Paraná, para os cursos de bacharelado e licenciatura.

5) Apresentação de referências bibliográficas e autores mais citados nos programas das disciplinas dos cursos. A ideia foi detectar quais obras são mais frequentes nos cursos de formação inicial em educação física no Estado do Paraná.

Quanto aos dados obtidos a partir das entrevistas com os coordenadores, os mesmos foram transcritos na íntegra para posterior análise e utilizados para a discussão dos resultados obtidos na pesquisa documental, conforme orientações propostas por Lüdke e André (1986).

Vale ressaltar que durante o processo de análise tentamos realizar comparações entre os cursos de formação inicial em educação física de universidades públicas do Estado do Paraná, a partir dos referenciais teóricos presentes nos programas das disciplinas.

## CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

---

---

Os resultados encontrados nessa pesquisa foram organizados a partir das seguintes temáticas: 1) Os coordenadores de curso e seus relatos sobre o curso, os docentes e a estrutura das disciplinas; 2) As disciplinas dos cursos; e 3) Os referenciais teóricos das disciplinas dos cursos. Buscamos durante a apresentação das temáticas traçar relações entre as disciplinas, os referenciais teóricos e a formação em licenciatura e/ou bacharelado. Na primeira temática trouxemos a fala dos sete coordenadores que foram entrevistados, os mesmos relataram sobre os cursos, os docentes e a estrutura das disciplinas/referencial teórico; na segunda temática abordamos as disciplinas presentes nos cursos de licenciatura e bacharelado trazendo as proporções de carga horária e número de disciplinas a partir das áreas do conhecimento apresentadas na resolução nacional, além disso indicamos as disciplinas, entendidas aqui como um *locus* de conhecimento acadêmico, que são exclusivas e equivalentes para as formações em cada IES; na terceira temática apresentamos o referencial teórico, a partir das dimensões do conhecimento por meio da organização de um banco de dados com as referências mais utilizadas nos cursos.

### 4.1 OS COORDENADORES E SEUS RELATOS SOBRE O CURSO, OS DOCENTES E A ESTRUTURA DAS DISCIPLINAS

Indagamos os coordenadores sobre o processo de seleção da disciplina, sobre a existência de possíveis matrizes teóricas nos referenciais do curso e ainda se há uma indicação do cursos para a escolha desse referencial teórico. A partir da entrevista identificamos elementos importantes que apontam para a constituição dos cursos, bem como o entendimento acerca do papel do professor nesse processo e a estrutura das

disciplinas e dos referenciais que dão base para as mesmas. As falas dos coordenadores podem ser conferidas nos trechos que se seguem.

Quanto aos critérios de seleção do referencial teórico das disciplinas, Atena/CO1 reconhece que há uma busca

*“que toda disciplina tivesse no seu referencial teórico os autores clássicos, os autores de referência da área, há um desejo de que isso aconteça, não posso afirmar com certeza que todas as áreas de conhecimento, as áreas que compõem esse currículo fazem isso, mas é um desejo muito grande, há professores ainda que misturam, acho que isso também algum momento é saudável desde que ele trabalhe muito bem com essas questões, mas há uma busca no sentido de estar atualizando o referencial teórico das disciplinas a partir das discussões atuais. Então você vai pra seminários de diferentes áreas, você vai pra congresso, você convida pessoas, que fazem o quê? Que discutem determinadas áreas nacional ou internacionalmente e que são de ponta, porque é isso eu acho que vai também possibilitar o contato desses novos professores ou profissionais no seu campo de atuação com pessoas que discutem coisas também da atualidade”.*

Em Atena/CO1 percebe-se a valorização do professor na escolha do referencial, na expectativa de que ele vá contribuir com a sua área de atuação, contudo, ainda existem dúvidas sobre como os professores fazem essa seleção, sendo que o desejo é de que estejam atualizados com a produção do conhecimento na área. Ou seja, é o professor que estabelece a partir de seus estudos e suas pesquisas o referencial que julga mais adequado para aquela disciplina, o que pode apontar para tendências teóricas dentro da formação dependendo da linha de pesquisa assumida pelo professor. A coordenadora ainda se preocupa com aqueles professores que fazem uma mistura de matrizes teóricas como se fossem comuns, o que pode ser problemático se ele não souber lidar com as especificidades desses conhecimentos, contudo reconhece que

*“o acadêmico em formação inicial deve ter contato com essas diferentes formas de olhar os fenômenos os sujeitos as ações e as sociedade como ela se apresenta sob diferentes óticas e aí eu acho que ele conhecendo outras vai optar para sua formação, ele vai traçar seu próprio perfil. Eu acho que essa é a função de um curso de formação inicial, é deixar possibilidades pra aquele sujeito conhecer todas as formas de olhar o que está no seu redor” (ATENA/CO1).*

A fala de Atena/CO1 sugere que o professor seja um pesquisador na área, de modo a contribuir de forma integral para a formação do aluno, apresentando-lhe as diferentes visões que existem no trato com a educação física, o contato com esse leque de conhecimentos vai orientá-lo na sua escolha e definir o seu perfil profissional. Para Acácia/CO2,

*“a seleção do referencial teórico fica de acordo com própria matriz teórica de cada professor, nós temos professor que está mais ligado ao materialismo histórico, então ele vai colocar, outro na perspectiva mais positivista, outro na fenomenológica, então eu vejo que nisso não tem como nós traçarmos” (ACÁCIA/CO2a).*

O que é um problema, porque o professor acaba trabalhando de acordo com suas ideologias. De acordo com Fensterseifer (2011, p. 100) a

atividade reflexiva em relação ao conhecimento produz um efeito antidogmático em torno das “verdades” que produzimos e ensinamos. Efeito contrário ao produzido por uma noção de epistemologia que zela por um imperturbável modelo de cientificidade forjadora de verdades definitivas diante das quais nos prostramos e que, muito provavelmente, assim serão ensinadas. Afinal, os professores não abrem mão de suas verdades se não compreendem o caráter de “construção” (sócio-histórico) dessas verdades. Ensiná-las não constitui um problema, o problema são as ilusões que as acompanham.

Além disso, Fensterseifer (2009, p. 210), apoiado em Tardiff (2002) aponta que “os conhecimentos que sustentam o trabalho docente, por um lado, não são exclusivamente provenientes das chamadas ciências humanas e da educação, mas

também são oriundos do senso comum”, por essa razão esses conhecimentos devem ser compreendidos a partir da relação com o contexto do trabalho.

Sobre isso, Sacristán (2000, p. 190) salienta que

as perspectivas pessoais dos professores relacionadas com o conhecimento são uma dimensão essencial de suas crenças e conhecimentos profissionais, e são as que contribuem para resolver, numa direção ou noutra, os dilemas que o professor percebe quando decide metodologias, programas unidades, seleciona conteúdos, etc.

Quanto ao referenciais do Projeto Político Pedagógico (PPP), Acácia/CO2 considera que

*“no PPP é diferente, [...] a concepção de homem, mundo e sociedade está muito atrelada a cada professor, então eu me aproximo de determinado referencial teórico [...] mas o currículo é poder é saber e nós selecionamos a partir daquilo então a comissão na época tinha um olhar para as ciências humanas então se você for observar o perfil os objetivos estão nessa perspectiva, se fosse um grupo relacionado ao positivismo estaria mais né, nessa perspectiva, agora a disciplina é de acordo com a identidade e matriz teórica de cada professor” (ACÁCIA/CO2a).*

A partir da fala de Acácia/CO2a percebemos que o PPP nem sempre caminha para o diálogo das ações na universidade, indicando que pode ficar apenas no papel e atender apenas um grupo de professores que, em determinado momento histórico, se responsabiliza pelo seu delineamento. Esse fato, nos aponta para uma possível dicotomia entre currículo e atuação docente. De acordo com Kelly (1981, p. 14) “a teoria e prática do desenvolvimento curricular devem seguir paralelas desde o início de qualquer planejamento; elas não se podem casar num ponto em que cada qual já se desenvolveu demais para adaptar-se à outra”. O autor ao abordar a figura particular do professor nesse processo chama atenção para sua posição conservadora, “tal atitude é compreensível quando se sabe que sua posição depende em geral da conservação das áreas de conhecimento e experiência em que eles têm competência reconhecida” (p. 15).

Sacristán (2000, p. 181) contribui nessa discussão ao reconhecer que os professores têm estabelecido ao longo de sua trajetória de docência concepções e ideologias que lhes proporcionam certa autonomia frente à formação profissional. Sobre esse assunto destaca que

se uma margem de autonomia no professor é inevitável e também convém desenvolvê-la e prepará-la para seu melhor uso, de acordo com uma visão emancipatória da profissionalização docente, então as concepções dos professores aquirem um papel de primeira importância na modelação dos conteúdos e, em geral, todas aquelas perspectivas profissionais que se liguem mais diretamente com as decisões que o professor toma quando realiza uma prática, pois serão, em parte responsáveis pelo significados que atribua aos componentes do currículo e às formas de desenvolvê-lo, seja qual for o grau de definição com que este lhe seja apresentado. De todas essas concepções, as que desempenharão um papel decisivo são as do tipo epistemológico, responsáveis por atribuir aos currículos significados concretos na aula.

As construções que se dão ao longo da vida, não só no campo epistemológico também podem contribuir para que o professor tenha determinadas atitudes ou faça determinadas escolhas, sua formação pessoal é antes de tudo a mais importante.

Por outro lado, Neófita/CO2b, não aponta a figura do professor nesse processo, pois acredita que os saberes que estão na formação são ditados pelo contexto profissional da área, para a ela, ao fazer a escolha do referencial,

*“é levado em consideração o campo de atuação hoje em dia do profissional no bacharel” (NEÓFITA/CO2b).*

Para ela, a demanda do campo na área da educação física, tem orientado a formação do bacharel, de modo que a formação possa instrumentalizar a atuação dos futuros profissionais nos diferentes campos de atuação. Ainda ressalta que não é a única preocupação da formação, mas que a inserção dos acadêmicos em diferentes campos de atuação tem orientado as escolhas dos professores no que se refere ao referencial teórico. A fala da coordenadora vai de encontro do que Taffarel (1998) defende acerca da não associação da formação aos modismos do mercado de

trabalho, para a autora a formação deve estar atrelada aos objetivos das necessidades histórico-sociais, vinculada com as discussões críticas acerca do mundo do trabalho e ao modo de produção capitalista, com vistas à superação da estrutura social estabelecida. Taffarel coloca que não devemos ter uma formação voltada para o mercado de trabalho, porque este deve ser questionado para que não atendamos as necessidades da sociedade capitalista.

Assim como Acácia/ CO2a, Deucalião/CO3 afirma que durante a seleção dos referenciais o professor apresenta toda autonomia.

*“Olha, o professor é o dono da disciplina, ele faz a sua ementa e o seu plano de curso.*

*Professor tem toda a autoridade, autonomia, se quiser fazer alguma mudança durante o transcorrer curso” (DEUCALIÃO/CO3).*

Já tratamos anteriormente da autonomia dos professores, a partir das contribuições de Sacristán (2000). Nessa direção, as falas desses coordenadores, supõem dois caminhos: 1 – que o modelo de universidade autônoma e despreendida de currículos mínimos tem contribuído para que o professor exerça sua autonomia frente ao currículo e frente às suas ações docente na universidade, e; 2 – que essa autonomia, arraigada de epistemologias, pode contribuir com o aumento da fenda existente entre as duas formações, uma vez que se percebe na fala do coordenador expressões que denotam o individualismo.

Além disso, esse excesso de autonomia nos faz pensar sobre o papel do PPP nos cursos de formação. Primeiro é importante salientar que o currículo deveria ser “encarado como consistente de pelo menos três elementos, e o planejamento curricular, portanto, como tendo no mínimo três dimensões – objetivos, conteúdos ou matéria e métodos ou processos” (KELLY, 1981, p. 7). As palavras do autor esclarecem que organizar um currículo significa planejar aquilo que queremos atingir, a área que se quer cobrir e as atividades mais eficazes para alcançar as metas, indicando certa responsabilidade perante a sociedade que se serve.

De acordo com o Apolo/ CO4a o referencial teórico das disciplinas

*“está centrado primeiro na disciplina e segundo dentro da ementa, aquilo que a ementa pede enquanto ação do professor na distribuição do seu programa. Então é em cima dessas situações que você vai montar seu referencial teórico” (APOLO/CO4a).*

Da mesma forma Dionísio/CO4b entende o que foi levado em consideração na escolha do referencial teórico foi a necessidade da disciplina, e ainda acrescenta que não foi levado em consideração nenhuma corrente pedagógica,

*“não teve essa preocupação, então isso nós entendemos que pode ter sido uma falha na hora dessa elaboração porque, é, como era algo assim muito recente sobre o bacharel, e como eu falei pra você a maioria dos professores aqui que montaram tinham uma tendência à licenciatura então não houve assim uma preocupação com outros fatores, é bem geral não tem preocupação com correntes teóricas” (DIONÍSIO/CO4b).*

Percebe-se na fala de Dionísio/CO4 a falta de tradição da área do bacharelado em relação à licenciatura, sendo que esta tem orientado a organização das disciplinas para ao curso de bacharelado. Outro destaque é que o professor, que viveu a licenciatura por muitos anos, teve que se adequar a uma nova formação, a qual ainda não atende aos pressupostos preconizados pelas diretrizes que a estabeleceu, pois continua arraigada de características da licenciatura.

Quando fizemos a mesma pergunta para Mentor/CO5, ele respondeu que a seleção do referencial teórico vai sendo realizada ao longo do tempo,

*“Isso [...] porque, à medida que os professores vão se aperfeiçoando, vão entrando nos cursos de doutorado enfim, eles vão percebendo a relação que a educação física tem com as grandes áreas, então vão trazendo pra cá” (MENTOR/CO5).*

De certa forma, esse processo está relacionado ao que Kelly (1981, p. 61) nos traz sobre valores e currículo. Para ele, o estabelecimento de um quadro de valores, a partir do qual se pudessem determinar os conteúdos, deve partir de um reconhecimento subjetivo e altamente experimental desses valores. “Dizer que não se pode defender a existências de diferenças qualitativas entre tipos de conhecimento e tipos de atividade humana não equivale a afirmar que os devemos aceitar todos como tendo igual mérito”.

Pudemos constatar que as mudanças que ocorreram na área da educação física na década de 1980, contribuíram, e contribuem até hoje, para que os professores questionassem a prática e buscassem cada vez mais conhecimentos no sentido de subsidiar a formação inicial, contudo o coordenador observa que

*“o problema é que isso inchou a educação física de um tal modo que isso aqui se transformou quase como um curso de uma demanda tão profunda como o da medicina, por exemplo”* (MENTOR/CO5).

Mentor/CO5 identifica que há uma tendência em agregar diferentes conhecimentos advindos do aperfeiçoamento docente em seus cursos de mestrado e doutorado, no entanto o coordenador demonstra que não há uma identidade única para área, uma vez que é necessário maior tempo de formação para que o aluno consiga absorver tanto conhecimento, em contrapartida isso pode levar ao reducionismo e à superficialidade dos conhecimentos na universidade, pois o aluno acabada sabendo pouco de muito, acirrando ainda mais o problema de *status* da área no contexto social, isso porque o conhecimento transmitido não garante o *status* de profissão, a qual de acordo com Soeiro (2006) difere-se dos ofícios pelo corpo de conhecimento fundamentado teoricamente. Esse fato somado aos estágios que focam as vivências práticas, vão caminhar para a formação do prático e não do professor/profissional da área. É nesse momento que o discurso da definição de uma matriz pedagógica ou científica se fortalece.

Quando indagamos os coordenadores sobre a possibilidade de existir matrizes teóricas nas disciplinas oferecidas no curso Atena/CO1 respondeu que, na verdade o

que existe são grupos de professores que possuem pesquisas voltadas para uma determinada área.

*“Por exemplo, grupos que a tendência pedagógica e matriz teórica, que a gente pode falar que está voltado pra fenomenologia, há ainda resquícios de um positivismo que é muito praticado, mas a gente pode ainda identificar isso dentro de algumas ações realizadas de formação aqui dentro.*

*E há também uma perspectiva do materialismo histórico-dialético, marxismo.*

*Há um grupo aqui dentro da universidade que trabalha com o materialismo histórico, há um grupo que trabalha a partir da fenomenologia, há um grupo, eu posso falar talvez muito pequeno, que trabalha ainda questões emanadas do positivismo, entretanto, e há professores que não se enquadram dentro de matriz teórica” (ATENA/CO1).*

Da mesma forma, Acácia/CO2a identifica grupos de estudos formados por professores, para ela

*“Não é observado incidências no referencial, mas há grupos de professores que estudam linhas diferentes”.*

*“Eu vejo que num currículo generalista nós tínhamos uma perspectiva forte do positivismo em detrimento dos professores na época que saíam pra fazer seus mestrados e doutorados e a abordagem da aptidão física era muito presente, agora na licenciatura nós estamos com um viés que eu não posso falar que é do materialismo histórico, que também não, também não posso falar que é da fenomenologia”.*

*“Tem também os professores que tem grupo de estudos, que estudam a escola e que trabalham a partir do referencial piagetiano e tentam articular com todos os outros, mas não é um predomínio’ (ACÁCIA/CO2a).*

Os coordenadores não falam de uma matriz específica da área, porém trazem indicativos que têm sido estudados a partir de posições epistemológicas adotadas pelos professores, situação que também pudemos perceber nos referenciais teóricos de algumas disciplinas.

Para Neófito/CO2b, o foco do curso de bacharelado da IES 2 é a saúde e para Deucalião/CO3 e Dionísio/CO4b nenhuma matriz teórica é identificada. Por outro lado Apolo/CO4a entende que a incidência de referenciais ou de matrizes teóricas se dá no campo da dimensão biológica do curso, pois

*“às vezes o referencial pode ser utilizado em diferentes disciplinas como a anatomia, fisiologia, cinesiologia, uma complementa a outra, para vc ter um referencial de suporte” (APOLO/CO4a).*

Diferentemente, na concepção de Mentor/CO5 existem incidências dentro do curso isso porque

*“depende dos professores, existem conflitos, tem uns que são mais estruturalistas, outros mais funcionalistas, outros mais figuracionistas hoje existe grupos, por exemplo, nós vemos no grupo do lazer uma tendência mais mais comum entre eles de trabalhar com a perspectiva da história, me parece que está se formando hoje um grupo historiador aqui dentro do DEF<sup>13</sup>.*

*“Na área do lazer, parece que conseguem dialogar, não tenho muito contato, mas pela aparência me parece que eles conseguem manter uma coerência teórica interna” (MENTOR/CO5).*

Algumas dessas doutrinas, apresentadas pelos coordenadores, dividiram opiniões na área da educação física a partir da década de 1980, como já apontamos no capítulo 1. Os desdobramentos desses estudos ainda divide opiniões no campo da formação profissional atualmente, mantendo um constante campo de tensões epistemológicas, que podem ser boas ou ruins para a formação, dependendo da concepção de cada professor. Mas até que ponto o professor deve utilizar de sua autonomia? Mais uma vez podemos refletir sobre como o PP é desconsiderado nesse processo, uma vez que mesmo estabelecidos os objetivos, as metas, os conteúdos e as perspectivas da formação pensando no atendimento à sociedade, muitos professores

---

<sup>13</sup> DEF: Departamento de Educação Física.

ignoram esse planejamento, e a eles também é dada essa possibilidade. De acordo com Sacristán (2000, p.16) “as funções que o currículo cumpre como expressão do projeto de cultura e socialização são realizadas através de seus conteúdos, de seu formato e das práticas que cria em torno de si”.

Indagamos ainda se o curso apresenta indicações para a seleção, no sentido de auxiliar o professor na elaboração da disciplina. Para Atena/CO1,

*“não existe uma indicação geral do curso. Cada professor estabelece a sua. Agora quando a gente pensa, por exemplo, na licenciatura, é claro que a gente estuda e sonda as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, e se você olhar para as diretrizes, você vai ver que ela tem um cunho voltado para o materialismo histórico e aí então você faz uma discussão quem sabe mais voltada pra esse lado, agora outra no caso do bacharelado especificamente não, eu acho que há um trânsito tranquilo entre os professores que fazem essa formação” (ATENA/CO1).*

Essa resposta pode justificar os referenciais que apareceram na IES 1 mais voltados para essa doutrina filosófica, econômica, política e social. Revela também a preocupação em adequar os conhecimentos da licenciatura voltados para a atuação que pretende, sendo esta a responsabilidade da formação inicial, de acordo com os pressupostos da LDBEN (1996). No caso do bacharel, a coordenadora percebe que não há uma indicação, e talvez possamos supor que é por falta dela, pois o bacharelado ainda têm garimpado os currículos da licenciatura no sentido de encontrar um norte para a estruturação desse campo profissional que se torna cada vez mais exigente, heterêneo e inconstante.

Acácia/CO2a, Neófita/CO2b, Deucalião/CO3 e Mentor/CO5 afirmaram que o curso não oferece qualquer indicação. O professor tem toda autonomia para estabelecer os referenciais.

De acordo com o coordenador Apolo/CO4a, a ementa da disciplina é elaborada coletivamente, sendo que nesse documento já consta o referencial teórico que passa

por aprovação departamental, colegiado e conselhos, contudo em outro momento se o professor identificar

*“que aquilo não é importante, ele pode opinar, e mudar” (APOLO/CO4a).*

Já Dionísio/CO4b, afirma que é o professor que trabalha com a disciplina que vai selecionar o referencial teórico, e reconhece que

*“o colegiado do bacharel foi criado a 1 ano e 8 meses, então tudo o que nós pegamos, foi uma decorrência da licenciatura, então essa proposta até os referenciais, tem uma tendência muito forte da licenciatura, como o curso é diferente, nos queremos mudar essa características, eu acredito assim que a tendência nossa aqui dentro do curso é seguir uma linha e começar a passar isso para o professor.*

*E assim começar a construir o referencial teórico ter uma tendência realmente. Mais ainda hoje isso não é feito, acredito que vai ser feito como amadurecimento dos professores, como os professores novos que estão chegando, então assim acho que vai ficar mais fácil trabalhar. Se acontecesse isso a uns 3 anos atrás acredito que seria impossível pelas características dos próprios docentes que estavam no departamento” (DIONÍSIO/CO4b).*

Dionísio/CO4b ressalta a necessidade de se construir uma tendência para a área de formação no bacharel, e reconhece que o corpo docente ainda preso aos resquícios da licenciatura têm sentido dificuldades em propor essa nova formação, que acaba se aproximando do curso de bacharelado. Para ele o referencial só poderia ser estabelecido mediante essa tendência teórica, de modo que a formação possa caminhar com as próprias pernas, enquanto isso a licenciatura vai contribuindo com alguns conhecimentos que lhe é peculiar.

Essas respostas nos ajudaram a compreender as razões das semelhanças teóricas ou matrizes teóricas, em especial aquelas que se voltavam para o âmbito pedagógico, entre os cursos de licenciatura e bacharelado observada na maioria das dimensões do conhecimento apresentadas nos bancos de dados. Além disso, a

tradicionalidade da área para o contexto escolar só foi se dissolvendo a partir do final da década de 1980 o que ainda representa um acontecimento recente na área.

## 4.2 AS DISCIPLINAS DOS CURSOS

Nesse tópico apresentamos as disciplinas dos cursos licenciatura e bacharelado a partir das áreas do conhecimento previstas na Resolução 07 CNE/CES/04. Nesse sentido, organizamos as informações em porcentagem de disciplinas e porcentagem de carga horária dessas disciplinas dentro de cada curso. E por último mostramos uma média geral dos resultados do curso de licenciatura e de bacharelado.

### **4.2.1 As disciplinas que compõe o currículo do curso de licenciatura e de bacharelado em educação física a partir das dimensões do conhecimento presentes nas diretrizes da área**

A trajetória da área da educação física no ensino superior nos mostra que, ao longo dos anos, transições significativas foram apresentadas no processo de organização dos saberes para a formação, transições estas que também podem ser esclarecidas com o trabalho desenvolvido por Souza Neto (1999). Esse percurso, que se iniciou com o surgimento do primeiro curso da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo em 1931 e que continua nos dias de hoje com o estabelecimento de diretrizes distintas para os cursos de licenciatura e de bacharelado, nos indica que inicialmente os saberes reservados para a formação do professor de educação física ou instrutor de ginástica se apresentaram muito mais ligados ao âmbito prático da área (exercícios físicos desde a infância até a idade madura, exercícios lúdicos, exercícios agonísticos, exercícios motores artísticos e exercícios físicos e motores ligados às tradições dos povos) buscando subsídios nas ciências biológicas e com alguma contribuição do aspecto pedagógico.

Contudo, atualmente é possível perceber avanços, haja vista que os conhecimentos dos cursos de formação em educação física apresentam-se da seguinte forma: a) Licenciatura: tem como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação para a formação de professores, e as unidades de conhecimentos específicos que constituem o objeto de ensino do componente curricular que devem abarcar as dimensões biológicas, sociais, culturais, didático-pedagógicas e técnico-instrumentais do movimento humano; b) Bacharelado: formação ampliada: relação ser humano-sociedade, biológica do corpo humano e produção do conhecimento científico e tecnológico e na formação específica, os conhecimentos identificadores da Educação Física, devem contemplar as seguintes dimensões: culturais do movimento humano, técnico-instrumental e didático-pedagógica.

Para contemplar essas dimensões, a formação em licenciatura ainda conta, para além dos conhecimentos das disciplinas, com a indissociabilidade teoria-prática por meio: da prática como componente curricular, do estágio profissional curricular supervisionado e das atividades complementares. É importante frisar que, de acordo com a Resolução 02 CNE/CP/02 essas atividades curriculares devem obedecer ao mínimo de carga horária<sup>14</sup> estabelecido para cada uma delas, e a integralização do curso deve ser de no mínimo 2800 (duas mil e oitocentas) horas, sendo que a instituição tem liberdade para ampliar essa carga horária, e a formação em bacharelado conta com os estágios e as atividades complementares dos cursos de bacharelado que não podem exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso.

Considerando que a maior parte da formação inicial se dá a partir da aquisição de conhecimentos oferecidos por meio de disciplinas, as quais são subsidiadas por discussões pautadas em referenciais teóricos específicos para aquela área, podemos concluir que essa parcela da formação tem grande representatividade para a formação profissional pretendida, seja licenciado ou bacharelado.

As diretrizes apontam que os cursos devem ser diferenciados, devido às especificidades da atuação, além disso, estudiosos da formação inicial acreditam que a

---

<sup>14</sup> “400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso; 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso; 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural; 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais” (BRASIL, 2002, p.1).

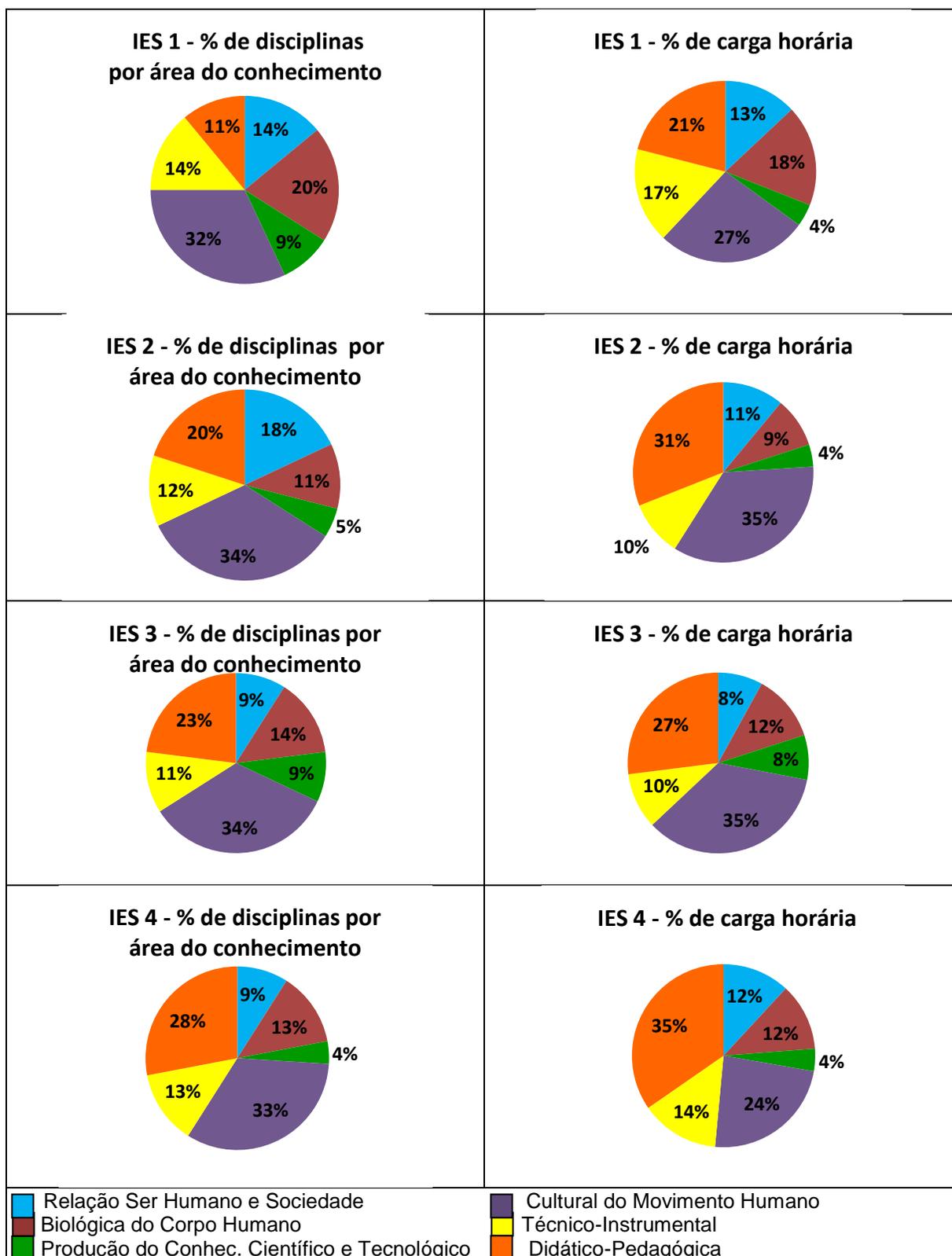
organização curricular nessa forma trará mais qualidade ao atendimento dos diferentes contextos de atuação docente/profissional.

Pensando nessas considerações, realizamos um exercício de reflexão que pudesse nos dar uma visão de como essas disciplinas curriculares estão organizadas nas diferentes instituições visando atender as especificidades de cada formação e as áreas do conhecimento previstas nas diretrizes. A discussão em torno das disciplinas está permeada com os resultados encontrados para a carga horária, a qual pode apresentar leituras diferenciadas, já que as disciplinas têm suas cargas horárias específicas.

Ainda vale salientar que a comparação entre a carga horária e o número de disciplinas só pode ser observada a partir das particularidades de cada curso, pois de acordo com a legislação nacional, os cursos de bacharelado e de licenciatura têm suas especificidades no que se refere ao estabelecimento de carga horária. Outro ponto a ser destacado é que a porcentagem de carga horária não foi estabelecida a partir da carga horária total do curso, mas da carga horária total ocupada pelas disciplinas dentro de cada currículo em particular, visto que não analisamos os projetos pedagógicos dessas IES.

Neste estudo comparamos apenas as disciplinas obrigatórias, pois entendemos que estas devem ser cumpridas por todos os acadêmicos, de forma idêntica para que possa integralizar seu curso. As optativas, por sua vez, são organizadas de forma particular em cada curso, e essas particularidades são apresentadas no Planejamento Pedagógico, o qual não está sendo analisado nesse estudo. Contudo não podemos afirmar cargas horárias precisas e nem a opção escolhida pelo acadêmico. Dessa forma, os dados encontrados a partir das análises das disciplinas optativas serão utilizados mais adiante apenas para discussões acerca do referencial teórico.

Sendo assim, a seguir apresentamos um quadro com a porcentagem de disciplinas e de carga horária por área do conhecimento do curso de Licenciatura em educação física das IES 1, 2, 3 e 4.



**Gráfico 1** – Porcentagem de disciplinas e de carga horária por área do conhecimento nos cursos de Licenciatura das IES 1, 2, 3 e 4.

Quando observamos os gráficos da Figura 8, identificamos que os cursos de licenciatura do Estado do Paraná apresentam o maior número de carga horária e disciplina para as dimensões Cultural do movimento e Didático-pedagógico, em menores proporções está a dimensão Produção do conhecimento. A dimensão Ser humano e sociedade, Biológica e a Técnico-instrumental se mantêm praticamente na mesma proporção. Esses resultados vão nos apontar alguns entendimentos sobre a formação em licenciatura no Estado do Paraná.

Quanto à dimensão Cultural do movimento, podemos supor que as IES têm oferecido aos acadêmicos uma variedade de conhecimentos ligados à cultura de movimento humano, como podemos conferir no gráfico pela porcentagem de disciplinas oferecidas. Quando pensamos na atuação do professor de educação física na escola, seja na educação infantil, no ensino fundamental ou médio, essa formação pode lhe dar sustentação para a atuação na educação física escolar, mediante como será o trato com o conhecimento e sobre quais conhecimentos serão tratados.

Quanto à carga horária, em geral acompanham a porcentagem alta de disciplinas, apesar de se apresentar em menores quantidades em algumas IES. Esse fato pode ser explicado devido às práticas como componente curricular (obrigatórias e com carga horária definida pelo CNE) que podem ser contempladas nas disciplinas que abordam os conhecimentos da dimensão cultural do movimento, contribuindo para que a carga horária dessas disciplinas seja mais expressiva. Vale destacar ainda a importância da temática acerca dessa dimensão do conhecimento, uma vez que é ela que nos identifica em nossa área de atuação profissional.

Os conhecimentos ligados à cultura corporal, sempre estiveram presentes nos currículos de formação na área da educação física, desde o surgimento da primeira escola de formação de professores. Dentre as práticas corporais estavam a ginástica, os jogos e os esportes, as quais, junto com outras se mantêm, até hoje presentes nos cursos de formação e na escola pelo seu reconhecimento enquanto construção histórica do homem na sua relação com a sociedade. Bracht (2001, p. 76) acrescenta afirmando que “a Educação Física seria responsável por introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal de movimento de maneira que nele eles possam agir de forma autônoma e crítica”. Quando observamos a formação inicial da década de 1930,

parece que existe uma tendência à manter a tradição desses conteúdos nos dias atuais, afinal o movimento humano é o que diferencia a área das demais e é ainda o que nos caracteriza, contudo não é exclusivo.

No que diz respeito à dimensão Biológica, as porcentagens de disciplinas e de carga horária se apresentaram praticamente equivalentes. Quanto à quantidade de disciplinas, a dimensão não é a mais focada no curso, indicando diferenças significativas quando olhamos para a educação física de algumas décadas atrás, que se fortaleceu na sociedade por meio do discurso biológico e higienista. Soares (2007, p. 101) traduz para nós esse período,

a educação física preconizada pelo pensamento médico-higienista, era estrutura em bases fisiológicas e anatômicas, as únicas consideradas “científicas”. A partir, portanto de um entendimento anatomofisiológico do movimento humano, os médicos colocam o estudo da higiene elementar como complemento preparatório da Educação Física (SOARES, 2007).

Por outro lado a dimensão Didático-pedagógica se apresentou em grande proporção para todas as IES, sendo que a IES 1 foi a que teve menor proporção de disciplinas e carga horária. Vale salientar que, esse fato já havia sido previsto anteriormente, pois nessa dimensão do conhecimento se encontram as disciplinas relacionadas ao estágio as quais devem seguir as orientações da legislação nacional, apresentando pelo menos 400 (quatrocentas) horas.

Souza Neto (1999, p. 81) ressalta que nas últimas décadas do século XX, o movimento contra a aptidão física fortaleceu-se com os movimentos “da Escola Nova (progressivismo), da Psicologia Humanista, do Construtivismo e da Teoria Crítica dentro do enfoque da Educação Física, tendo no corpo, o seu objeto de estudo e na cultura corporal, ou cultura de movimento e/ou cultura corporal de movimento os seus pressupostos teóricos”.

Essas reivindicações voltadas para a questão pedagógica da área permitem o fortalecimento da educação física como disciplina escolar, e na formação inicial traz novos significados para a prática docente. Cabe ressaltar que, dentre os pressupostos da LDBEN (1996) está à responsabilidade da universidade em “formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira”. Nesse sentido, Freitas

(1992 apud CARVALHO, 1998, p. 84) esclarece que o profissional da educação “é aquele que foi preparado para desempenhar determinadas relações no interior da escola ou fora dela, onde o trato com o trabalho pedagógico ocupa posição de destaque, constituindo mesmo o núcleo central de sua formação”. Dessa forma, espera-se que as disciplinas contribuam para a formação do profissional da educação (física), de modo a legitimar a área como componente curricular.

Quanto à dimensão Ser humano e sociedade, podemos verificar que se manteve em uma proporção quase equivalente para todas as IES. Salvo a IES 2 e 3 que se apresentou com uma proporção maior para o número de disciplinas, quando comparada com os outros cursos e com sua carga horária. Especificamente na IES 2, observamos a presença de várias disciplinas como Teoria do conhecimento, Filosofia, Filosofia da ciência, Sociologia, Antropologia, Políticas Públicas da educação e educação física, Introdução ao estudo da educação física e Evolução histórico-política da educação física brasileira. No entanto, a carga horária dessas disciplinas não era elevada, o que justifica o resultado encontrado, pode ser que em outras IES essas temáticas serão trabalhadas em duas ou três disciplinas, posto que cada instituição tem autonomia para organizar seu currículo da forma que julgar melhor.

Ao expressar seu entendimento sobre a natureza da educação física, Gamboa (2007, p. 30) traz apontamentos interessantes sobre o cruzamento da ciência humana com a biológica, nos fazendo refletir sobre a relevância desses conhecimentos na área. Para o autor, a educação física como

um tipo específico de educação, é um trabalho não material cujo produto se dá no mesmo processo da atividade, do exercício, do fazer da realização da motricidade, nos atos de correr, jogar nadar, competir, brincar, etc. Atividades e processos que desenvolvendo a natureza biofísica do homem, também desenvolvem fundamentalmente sua natureza humana. Atos e processos complexos em que é possível separar as “duas naturezas” porque se imbricam mutuamente, constituindo uma unidade concreta na ação humana direta e intencional dos homens (trabalho) que transforma a natureza biofísica em natureza humana.

É interessante observar a posição desses conhecimentos na configuração atual da educação física. De extremo biologicismo a área passou a incorporar conhecimentos mais voltados para as ciências humanas, e repensar sua prática de forma mais crítica e humana se desprendendo de aspectos voltados exclusivamente para a aptidão física, mas pensar sobre essa prática.

Outra dimensão que tem se tornado mais fortalecida na área é que trata da Produção do conhecimento. Apesar de não mostrar muita evidência no gráfico 1, quando comparamos essas disciplinas nos cursos de licenciatura, seu reconhecimento está contemplado, junto com o ensino e a extensão no tripé que sustenta a universidade contemporânea o que não acontecia há 20 anos atrás no período de formação inicial. Esses saberes irão contribuir para que o acadêmico possa visualizar a produção do conhecimento na área e sua interrelação com a intervenção profissional.

Essa dimensão do conhecimento mesmo que em pequena quantidade, representa um avanço para o contexto acadêmico, uma vez que não se fazia presente em momentos anteriores. A reforma universitária de 1968, foi um dos acontecimentos que, ao adotar o modelo de universidade científica e pós-graduação, incrementaram a formação com a construção de um novo currículo que contemplasse esses aspectos.

No que diz respeito à dimensão Técnico-instrumental, os resultados do gráfico apontam para uma constância entre os cursos de licenciatura, não apresentando proporções muito elevadas. Sobre essa dimensão, podemos considerar que já se fazia presente nos primeiros programas de formação de professores, a partir de disciplinas como a de Medidas e Avaliações, que antes era denominada de Biometria.

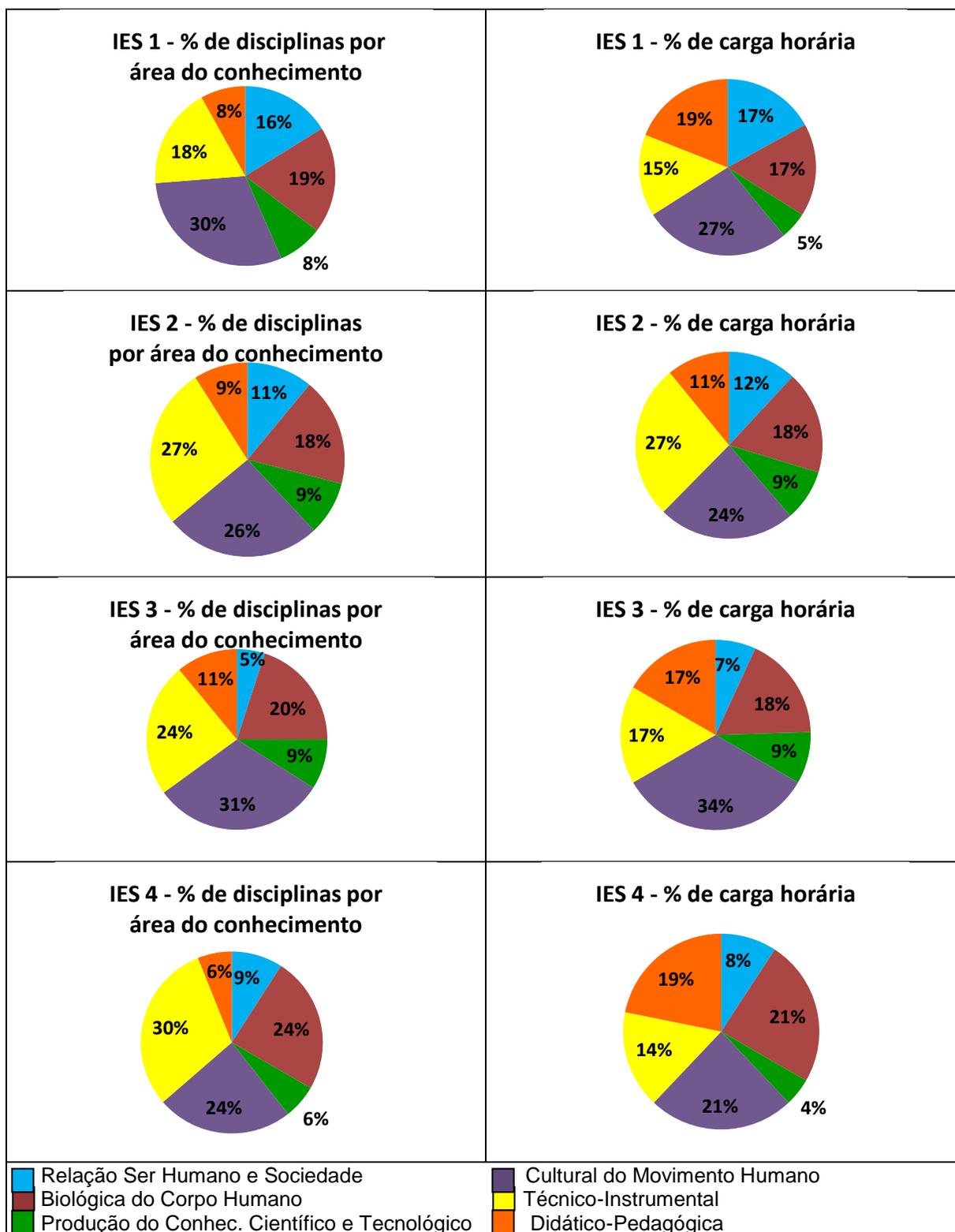
Compreendemos que essa dimensão vai oferecer bases teóricas e metodológicas aplicadas ao desempenho humano nas atividades físicas em geral, o treinamento desportivo, por exemplo, está contemplado nessa dimensão, contudo não aparece em nenhum dos cursos de licenciatura, indicando o entendimento das IES acerca das diferenças existentes entre o professor que está na escola e o treinador que atende outros contextos.

Por outro lado, outras disciplinas dessa dimensão têm contribuído para as pesquisas<sup>15</sup> no âmbito escolar, como aquelas que verificam o desempenho, principalmente das crianças, articulando esses resultados com as dificuldades da prática do professor da escola, assim como também têm produzido instrumentos de mensuração que são utilizados em diferentes contextos da área.

Feita essa análise para os cursos de licenciatura, iremos agora identificar essas dimensões nos cursos de bacharelado. O gráfico a seguir apresenta os resultados encontrados para esses cursos.

---

<sup>15</sup> SOUZA, V. de F. M de. **Estudo de um programa motor centrado na variabilidade de prática gímnica no desempenho de escolares do novo primeiro ano do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Educação Física, Maringá, PR, 2009.



**Gráfico 2** – Porcentagem de disciplinas e de carga horária por área do conhecimento nos cursos de Bacharelado das IES 1, 2, 3 e 4.

Para os cursos de bacharelado o que notamos é uma propoção maior para as dimensões Cultural do movimento e Técnico-instrumental, seguida da dimensão Biológica. A dimensão Ser humano e sociedade aparece em proporções menores, assim como a dimensão da Produção do conhecimento e Didático-pedagógica, esta por sua vez, em todas as IES predomina a carga horária sobre o número de disciplinas.

Quanto à carga horária das outras dimensões, em geral não há diferenças, exceto para a IES 4 que na dimensão Técnico- instrumental quase dobra o porcentual apresentado nas disciplinas.

Quanto à dimensão Cultural do movimento, tem ocupado lugar de destaque, junto com a dimensão técnico-instrumental. Observamos que em geral as IES não diferem muito no oferecimento dessas disciplinas, algumas buscam estabelecer outros nomes às disciplinas, mas em geral esses conhecimentos são os mesmos para ambas as dimensões.

Isso pode ser justificado pelo fato de que, no entendimento das diretrizes para o curso de bacharelado em educação física, a área é identificada como de conhecimento e intervenção acadêmico-profissional, e seu objeto de estudo é o movimento humano, “com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança” (BRASIL, 2004, p. 1).

Da mesma forma que o licenciado, o bacharel irá atuar direta ou indiretamente com os temas culturais do movimento, sendo assim necessita desses conhecimentos na sua formação. A tendência à especificidade técnica desses conhecimentos pode indicar algumas diferenças para os cursos de licenciatura e bacharelado.

Ao lado da dimensão Cultural de movimento, a dimensão técnico-instrumental ocupa lugar de destaque na formação do bacharel, em todas as IES, diferente do que observamos no curso de licenciatura, no qual a Dimensão-pedagógica é que vai aparecer ao lado da dimensão Cultural de movimento.

Alguns autores vão se posicionar criticamente em relação à dimensão instrumental do conhecimento. Goergen (2001, p. 61) ao abordar sobre a necessidade de novos conhecimentos, novos métodos e novas formas de aprender para mudar o rumo da educação na pós-modernidade, apresenta a razão a partir dos ideais iluministas e nos traz algumas palavras para refletirmos sobre a dimensão instrumental do conhecimento,

para o autor “o ideal de formação do cidadão, homem emancipado e livre, através da razão transformou-se no ‘ideal’ do homem submisso à ordem burguesa e aos seus interesses, disposto a aceitar regras do mercado e a instrumentalização do ser humano a seu serviço”.

Paralelamente a isso, alguns autores da formação inicial vão identificar esse predomínio de disciplinas mais técnicas promovem um inchaço das disciplinas dos cursos de formação em educação física, tendo como pressuposto a necessidade de atendimento ao mercado de trabalho ou garantir a sobrevivência do próprio emprego. Nesse contexto, surgem novas práticas e técnicas que irão subsidiar a formação, como por exemplo, o *bodybuilding*, que envolvem as técnicas do fisiculturismo, que assim como outras tantas, têm ganhado destaque na sociedade pós-moderna na área da educação física. A partir de nosso entendimento, uma disciplina que contemple esses conhecimentos e que surgem para instrumentalizar a formação está no âmbito técnico-instrumental apresentado pelo currículo.

Por outro lado Barros (1996, p. 51), ao tratar da área da educação física, traz considerações divergentes para o significado da dimensão instrumental na formação inicial. Para o autor o curso de graduação apresenta como um de seus principais objetivos a formação de profissionais para o mercado de trabalho no contexto da educação física. Considerando que a profissão, de modo geral, é prática e presta serviços para a comunidade seu serviço é especializado, “ou seja, é fundamentado em habilidades, técnicas e conhecimentos que lhe são próprios. Os cursos de graduação em Educação Física devem, portanto, passar essas habilidades, técnicas e conhecimentos aos futuros profissionais da área”.

Sobre o assunto Barbosa-Rinaldi (2008, p. 193) salienta que

ao entender que a identidade da área do professor de Educação Física é de intervenção social, acreditamos que o conhecimento instrumental não deva ser priorizado, apesar de ter sua importância. Os maiores problemas a serem enfrentados na prática docente não são os que se apresentam bem definidos e com metas consensuais, mas aqueles que, ao contrário, apresentam-se incertos, únicos, variáveis, complexos e portadores de conflitos de valores. Nesta situação, é a natureza da realidade que irá determinar as características dos procedimentos, das técnicas e dos métodos mais apropriados.

Mesmo apresentando uma variedade da dimensão técnica e instrumental, os cursos devem preocupar-se com a formação do profissional que consiga realizar leituras críticas sobre essas técnicas, para além de sua utilização na atuação profissional, de modo que possa desempenhar suas ações atuar com responsabilidade no atendimento às diferentes populações.

Observando o gráfico 2, parece que no curso de bacharelado a dimensão didático-pedagógica deu lugar à técnico-instrumental, e as ações pedagógicas ficaram restritas a disciplina de estágio. Esse fato pode estar relacionado à forte ligação da expressão pedagogia ou pedagogo com as discussões na área da educação escolar, além de verificarmos os discursos do bacharelado mais voltados para o atendimento do mercado de trabalho.

Lisita (2007, p. 513) esclarece que, de acordo com o entendimento de Libâneo, “o que justifica a existência da pedagogia é o fato de esse campo ocupar-se do estudo sistemático das práticas educativas que se realizam em sociedade”, além disso, na educação, a pedagogia não se exime de um posicionamento claro “sobre qual direção a ação educativa deve tomar, sobre que tipo de homem pretende formar”.

Na formação do bacharelado, a dimensão didático-pedagógica deve ser tematizada dentro de outros contextos de atuação, e não menos tematizada, haja vista sua importância para o exercício da profissão. Espera-se que as discussões traçadas nas disciplinas da dimensão didático-pedagógica permeiem toda a prática educativa no processo de formação, seja ela na escola ou em outras instituições de formação, destacando a importância da intencionalidade do professor no processo de formação humana.

Embora percebamos na IES 1 uma equivalência com a dimensão Biológica, a dimensão Ser humano e sociedade não é uma das mais destacadas nos cursos de bacharelado em geral. As disciplinas que fazem parte dessa dimensão estão atreladas à leitura, entendimento e discussão da realidade a partir dos vieses da antropologia, sociologia, psicologia e filosofia e que adentraram, com expressividade, o discurso da área a partir da década de 1980. De acordo com Silva (1997, p. 6)

os anos 80 significaram uma fase de turbulência na esfera da Educação Física e Esportes brasileiros. Foram marcados por reflexões críticas, desenvolvidas por profissionais de várias partes do País que passaram a questionar verdades estabelecidas e a denunciar práticas e procedimentos que haviam se enraizado na cultura corporal e esportiva, ou seja, no que se estabelecera enquanto Educação Física e Esportes. A partir desse período começaram a ser explicitados, principalmente, os pressupostos teórico-filosóficos e a imbricação política que sustentaram as concepções de Educação Física até então dominantes. Tais críticas e denúncias pouco a pouco se consolidaram em novas propostas e procuram apontar caminhos de superação para os problemas identificados.

Da mesma forma, no processo de elaboração de diretrizes para os cursos de educação física vimos que esses conhecimentos humanísticos foram contemplados somente em 1987, com o estabelecimento das orientações para os cursos de licenciatura e bacharelado, embora antes disso Souza Neto (1999) mostre que os currículos buscavam oferecer disciplinas que tratassem da história da educação física.

O que pode determinar a presença de mais ou menos disciplinas nessa dimensão é o engajamento dos professores que atuam no ensino superior em pesquisas que se voltam para essa discussão mais social da educação física. Da mesma forma como aconteceu com a educação física na década de 1980. Dessa forma, a partir da inserção desses docentes em cursos de pós-graduação em educação física ou em educação, novos conhecimentos vão sendo agregados e posteriormente são apresentados para contribuir para uma formação inicial mais humana. Porém quando os cursos têm núcleos separados para as duas formações, como no caso da IES 2 e IES 4, pode acontecer de uma área se sobrepor à outra, enfatizando os conhecimentos que mais se identificam com o bacharel ou com o licenciado.

Na dimensão biológica do corpo humano, percebemos que as disciplinas que tratam desse conhecimento de forma geral têm aparecido mais nos cursos de bacharelado, embora algumas IES apresentem semelhanças com os cursos de licenciatura. Por se tratar de uma ciência base para a área, as IES muitas vezes organizam seu currículo de forma parecida nessas disciplinas para que o processo de equivalência não seja tão prolongado para aqueles que voltam para fazer a outra formação.

Parece que há uma tendência na área em aproximar o bacharel das ciências biológicas, assim como o licenciado das ciências humanas, isso porque mesmo reconhecendo a importância desse saber para o professor da escola, vimos com Oliveira (2006), que os campos de atuação emergentes da educação física solicita desses profissionais conhecimentos mais aprofundados acerca dessa dimensão, como por exemplo nos campos da saúde (hospitais, clínicas de recuperação, clínicas de reeducação motora, centro de tratamento de distúrbios mentais e outros), do esporte (nos clubes esportivos, empresas prefeituras, clubes sociais) e da empresa (academias, escolas de natação, escolas de tênis, escolinhas de forma geral e outros).

Borin e Gonçalves (1999, p. 139) ao discutirem sobre o treinamento desportivo reconhecem que o mesmo tem buscado no âmbito das pesquisas e das novas tecnologias ter acesso à informações que visem a melhora do desempenho técnico “contando com o auxílio de várias áreas do conhecimento, anatomia, nutrição, psicologia bioquímica, estatística entre outras”. Sendo assim, o conhecimento aprofundado das ciências biológicas na área dos esportes tornou-se fundamental para algumas atuações profissionais na área da educação física.

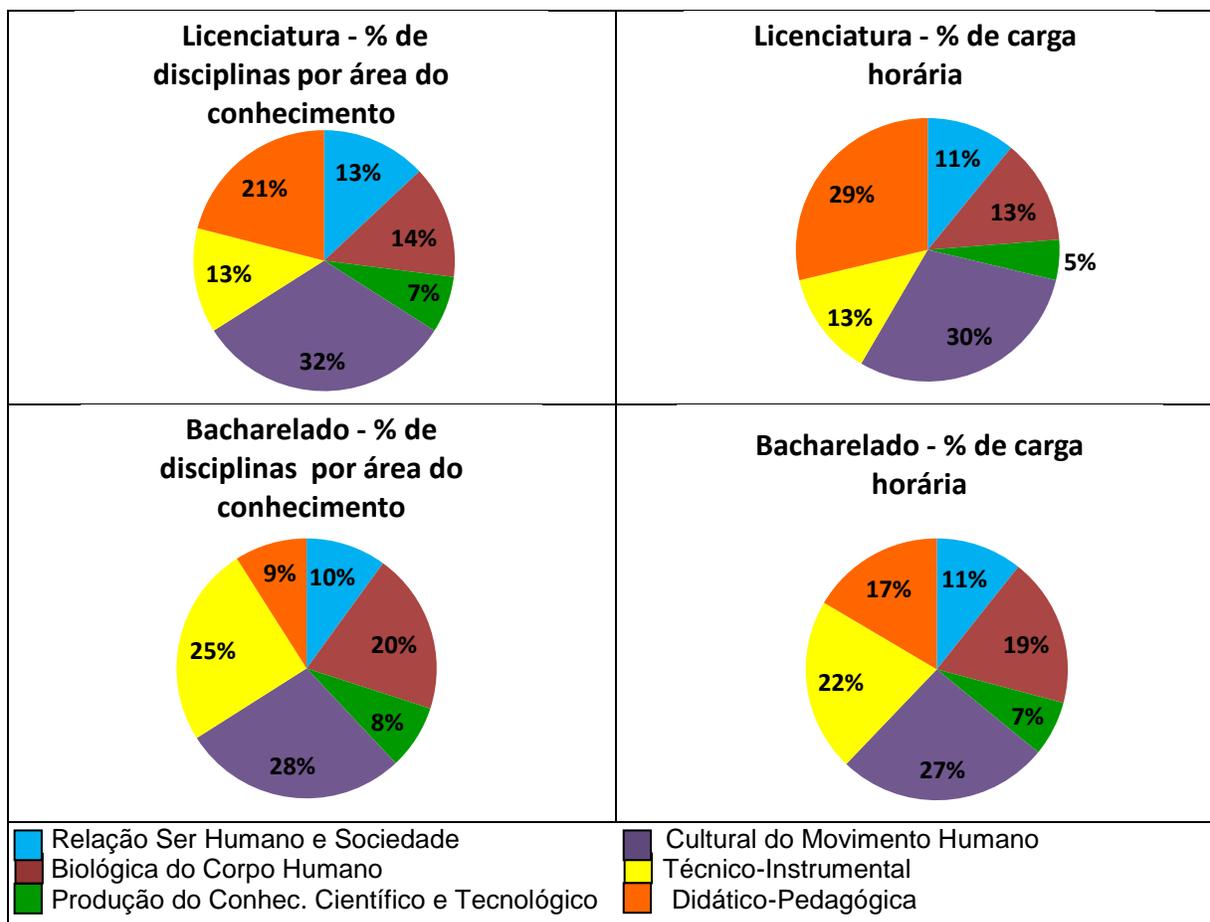
No que diz respeito à dimensão Produção do conhecimento científico e tecnológico, não identificamos grandes diferenças quando comparamos com o curso de licenciatura. Em geral, observamos que as disciplinas que tratam desse conhecimento são idênticas nos cursos nas duas formações. Assim como acontece na dimensão biológica, muitas vezes essa dimensão vai abarcar o núcleo comum de disciplinas na área. Quando comparamos os cursos de bacharelado percebemos que o número de disciplinas e quantidade de carga horária para essa dimensão mantém uma linearidade, inclusive quando observamos os cursos de licenciatura.

Ainda que o entendimento sobre essa dimensão possa ficar só no campo da técnica, Fensterseifer (1999, p. 177) afirma que “compreender o atual estágio em que se encontra a atividade científica é de suma importância para a interrogação epistemológica, uma vez que se dá referenciada por concepções de ciência”.

De forma geral, quando olhamos para todos os cursos, percebemos que a proporção do número de disciplinas, em sua maioria, se manteve maior quando comparada com a carga horária dessas disciplinas, não apresentando muitas

diferenças com os dados iniciais desta pesquisa, salvo na dimensão do conhecimento didático-pedagógica, que em todos os cursos apresentou carga horária sempre em maior proporção.

Após essas colocações, partiremos para uma análise mais geral da formação, e faremos uma comparação entre os cursos de bacharelado e licenciatura, para isso reunimos no gráfico abaixo, os valores médios dessas proporções já apresentadas nos gráficos anteriores, buscando traçar um perfil desses cursos do Estado do Paraná. Vale ressaltar que os valores apresentados refere-se às médias dos cursos de licenciatura e bacharelado investigados nesse estudo. A partir dos valores totais de carga horária apenas das disciplinas e do número de disciplinas de todas as IES e cursos fizemos uma média, apresentada no gráfico a seguir.



**Gráfico 3** – Média (em %) do número de disciplinas e de carga horária por dimensão do conhecimento dos cursos dos Licenciatura e Bacharelado das IES 1, 2, 3 e 4.

Nos cursos de licenciatura, assim também como nos cursos de bacharelado, a dimensão Cultural do movimento se mantém em destaque. Quando observamos a dimensão Ser humano e sociedade, elas também se mantêm parecida entre os cursos de bacharelado e licenciatura, com ligeira tendência nos curso de licenciatura, contudo, quando comparamos essa dimensão entre cursos de bacharelado e licenciatura em cada IES particularmente, observamos mais claramente sua predominância nos cursos de licenciatura.

Quanto à dimensão produção do conhecimento, esta mostrou-se mais evidente na formação do bacharel, mantendo uma constância na carga horária. Já a dimensão Biológica e Técnica-instrumental estão mais evidentes no curso de bacharelado, ao contrário da dimensão didático-pedagógica que na licenciatura está mais aparente.

A discussão que trouxemos até o momento, e que queremos chamar a atenção, diz respeito a três pontos principais: 1) os cursos têm autonomia para elaborar seu currículo, porém alguns aspectos devem respeitar a legislação nacional; 2) cada dimensão do conhecimento abarca outros conhecimentos que são em grande parte contemplados pelos conhecimentos de cada disciplina; 3) a quantidade de disciplinas presente em uma determinada dimensão pode indicar diversas leituras, se for um número alto pode indicar diversidade de conhecimento ou especialização que visa apenas atender as necessidades momentâneas, se for um número baixo pode indicar capacidade de síntese em reunir diversos saberes ou indicar que não há agregação de diferentes conhecimentos na formação, ou ainda no caso do caso específico do curso de bacharelado da IES 4 (a qual contempla a dimensão didático-pedagógica com duas disciplinas de estágio supervisionado) pode indicar que, mesmo com carga horária alta, as discussões no âmbito da atuação didática ficam restritas às atuações práticas do estágio, não tendo outros momentos para discutir as teorias que envolvem e orientam a pedagogia.

De forma geral, quando verificamos todos os cursos, percebemos que a proporção do número de disciplinas, em sua maioria, se manteve maior quando comparada com a carga horária dessas disciplinas, não apresentando muitas diferenças com os dados apresentados primeiramente nessa pesquisa, salvo na dimensão do conhecimento didático-pedagógica, que em todos os cursos apresentou carga horária sempre em maior proporção.

As análises que apresentamos até o momento mostraram como os cursos de licenciatura e bacharelado em educação física no Estado do Paraná têm organizado seus currículos, especificamente, no que diz respeito à organização das disciplinas a partir de dimensões do conhecimento e a carga horária. Em um segundo momento, buscando complementar nossas discussões, investigamos as disciplinas que eram idênticas, a partir da aproximação com o seu nome e referencial teórico básico e complementar.

De acordo com Brasil (2010) **enquanto o licenciado será o professor que irá atuar especificamente na escola**, por meio de ações de planejamento, de organização e realização de atividades materiais. Sua alçada central é a docência na

Educação Básica. Contudo, pode ainda elaborar e analisar materiais didáticos, realizar pesquisas em educação física, coordenar e supervisionar equipes de trabalho. Em sua atuação, busca o desenvolvimento do aluno, sua formação ética, a formação da sua autonomia intelectual e do seu pensamento crítico, o **graduado em educação física atuará** em projetos e programas de atividades físicas, recreativas e esportivas, realizando atividades como a avaliação dos exercícios físicos em geral, da ginástica, do jogo, do esporte, etc., atuará por meio de pesquisas e avaliação no campo da prevenção, promoção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e reeducação motora e do rendimento físico-esportivo, planejará e gerenciará atividades físicas, recreativas e esportivas, o trabalho e os recursos materiais a partir das políticas públicas de saúde, visando os princípios éticos e de segurança (BRASIL, 2010).

Destarte, quando observamos essas colocações nos parece que há algo de especial no que diz respeito ao conhecimento para cada uma das habilitações. Algo que indica para contextos de atuação distintos, ainda que o objeto de estudo e aplicação, o movimento humano, seja o mesmo. Contudo, a evolução histórica do processo de formação dos profissionais que atuam nas atividades de educação física e esportes no Brasil, é vista como insatisfatória, pois

embora com titulações distintas – “Licenciado em Educação Física” e “Técnico Desportivo” – esses profissionais foram sendo preparados em cursos que diferiam muito pouco um do outro. Ora, no mesmo curso, apenas com o acréscimo de duas matérias específicas para determinadas modalidades de esportes (dois esportes) feito em paralelo com a licenciatura e no mesmo tempo de duração para esta estabelecida; ora esse acréscimo sendo feito, posteriormente ao curso de Licenciatura, com a duração de apenas mais um ano (BRASIL, 1987b, p. ).

Quase três décadas depois dessa realidade, e após diversas discussões travadas no âmbito acadêmico da área no que se refere à formação profissional, vimos surgir as diretrizes específicas da área, que propõem formações distintas, além das diretrizes propostas pela legislação nacional para a formação de professores, que subsidia os cursos de licenciatura. Sendo assim, considerando que o curso deve oferecer uma formação específica para atender as duas formações (licenciatura e bacharelado), buscamos olhar para essa formação a partir da perspectiva das

disciplinas curriculares obrigatórias, e verificar o que realmente pode considerar exclusivo para a formação. Na tabela abaixo apresentamos os resultados encontrados na IES 1.

**Tabela 1** – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 1.

Áreas do conhecimento*	Disc. exclusivas da Lic.		Disc. exclusivas do Bac.		Disciplinas comuns para as duas formações				TOTAL Lic.		TOTAL Bac.	
	n	%	n	%	Lic.		Bac.		n	%	n	%
					n	%	n	%				
RSHS	3	8,6	4	10,8	2	5,7	2	5,4	5	14,3	6	16,2
BCH	-	-	-	-	7	20,0	7	18,9	7	20,0	7	18,9
PCCT	-	-	-	-	3	8,6	3	8,1	3	8,6	3	8,1
CMH	1	2,8	1	2,7	10	28,6	10	27,1	11	31,4	11	29,8
TI	3	8,6	5	13,5	2	5,7	2	5,4	5	14,3	7	18,9
DP	3	8,6	2	5,7	1	2,8	1	2,7	4	11,4	3	8,1
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>28,6</b>	<b>12</b>	<b>32,4</b>	<b>25</b>	<b>71,4</b>	<b>25</b>	<b>67,6</b>	<b>35</b>	<b>100,0</b>	<b>37</b>	<b>100,0</b>

\*As siglas referem-se às dimensões do conhecimento: RSHS – Relação Ser Humano e Sociedade; BCH – Biológica do Corpo Humano; PCCT – Produção do conhecimento Científico e Tecnológico; CMH – Cultural do Movimento Humano; TI – Técnico-Instrumental, e; DP – Didático-Pedagógica.

Como observado na IES 1, apenas 28,6 das disciplinas são exclusividade da licenciatura e 32,4% da bacharelado. Mais de 60% das disciplinas são idênticas para as duas formações. Vale ressaltar ainda que, o aluno ao longo do curso de licenciatura e bacharelado na IES 1, deve cursar disciplinas optativas para complementar sua formação, contudo não as estamos considerando, pois podem, de acordo com a identificação profissional dos alunos, serem cumpridas de forma idêntica na licenciatura e no bacharelado.

A partir da tabela 1 ainda identificamos que a maior parte da equivalência concentra-se na dimensão biológica do corpo humano e na cultural do movimento

humano, com respectivamente 20% e 28,6% para a licenciatura e 18,9% e 27,1% para o bacharelado.

As proporções de disciplinas equivalentes dos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 2, podem ser observadas na tabela abaixo.

**Tabela 2** – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 2.

Áreas do conhecimento	Disc. exclusivas da Lic.		Disc. exclusivas do Bac.		Disciplinas comuns para as duas formações				TOTAL Lic.		TOTAL Bac.	
	n	%	n	%	Lic.		Bac.		n	%	n	%
					n	%	n	%				
RSHS	8	18,2	5	11,1	-	-	-	-	8	18,2	5	11,1
BCH	3	6,8	6	13,6	2	4,5	2	4,5	5	11,1	8	18,2
PCCT	2	4,5	4	9,2	-	-	-	-	2	4,5	4	9,2
CMH	12	27,3	8	18,2	3	6,9	3	6,9	15	34,6	11	25,0
TI	3	6,8	10	22,7	2	4,5	2	4,5	5	11,1	12	27,3
DP	9	20,5	4	9,2	-	-	-	-	9	20,5	4	9,2
<b>TOTAL</b>	<b>37</b>	<b>84,1</b>	<b>37</b>	<b>84,1</b>	<b>7</b>	<b>15,9</b>	<b>7</b>	<b>15,9</b>	<b>44</b>	<b>100,0</b>	<b>44</b>	<b>100,0</b>

Quando analisamos a composição do referencial teórico da IES 2, observamos que a maior parte das disciplinas, tanto para a licenciatura quando para o bacharelado são voltadas para uma formação específica para o tipo de formação. Os dados apresentados mostram que nos cursos de licenciatura e bacharelado as disciplinas comuns correspondem à 15,9%. Dentre as instituições analisadas, a IES 2 foi a que apresentou maior número de disciplinas diferentes para as duas formações. Mesmo as disciplinas que se apresentaram equivalentes tinham o cuidado na utilização de termos do contexto escolar e do contexto profissional para denominar as disciplinas, como por exemplo, as disciplinas: Aspectos teórico-metodológicos das modalidades esportivas coletivas I (licenciatura) e Princípio das práticas esportivas coletivas I (Bacharelado). Essas particularidades da formação podem ser justificadas pelo fato da instituição

possuir dois coordenadores de curso, o que talvez contribua para uma sistematização de currículos em núcleos diferenciados e com discussões mais focadas em uma determinada área.

Na disciplina de estágio supervisionado, observamos que as referências apresentadas eram diferenciadas para o curso de licenciatura e bacharelado, sendo que abordavam questões pedagógicas para os diferentes contextos de atuação no qual o acadêmico será inserido. Algo muito diferente foi encontrado ao analisar a IES 3, em especial no contexto do bacharelado. Esses resultados podem ser visualizados na tabela abaixo.

**Tabela 3** – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 3.

Áreas do conhecimento	Disc. exclusivas da Lic.		Disc. exclusivas do Bac.		Disciplinas comuns para as duas formações				TOTAL Lic.		TOTAL Bac.	
	n	%	n	%	Lic.		Bac.		n	%	n	%
					n	%	n	%				
RSHS	3	8,6	2	5,7	-	-	-	-	3	8,6	2	5,7
BCH	-	-	2	5,7	5	14,3	5	14,3	5	14,3	7	20,0
PCCT	-	-	-	-	3	8,6	3	8,6	3	8,6	3	8,6
CMH	3	8,6	2	5,7	9	25,7	9	25,7	12	34,3	11	31,4
TI	2	5,7	6	17,1	2	5,7	2	5,7	4	11,4	8	22,9
DP	4	17,1	1	2,7	4	5,7	3	5,7	8	22,9	4	11,4
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>34,3</b>	<b>13</b>	<b>37,1</b>	<b>23</b>	<b>65,7</b>	<b>22</b>	<b>62,9</b>	<b>35</b>	<b>100,0</b>	<b>35</b>	<b>100,0</b>

Como podemos notar, no quadro apresentado acima as disciplinas exclusivas da licenciatura representam 34,3% e do bacharelado 37,1%. Na dimensão didático-pedagógica essa equivalência pode ser exemplificada pela presença de referências que subsidiam as disciplinas do estágio supervisionado I e II, as quais são idênticas entre elas e também em comparação com o curso de licenciatura. Dentre as obras listadas no referencial<sup>16</sup> encontramos Brasil (1998a), Brasil (1998b), Paraná (1990), Soares et al.

<sup>16</sup> BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - 1ª à 4ª série**. Brasília, DF: 1998a.  
BRASIL. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998b.  
PARANÁ. **Currículo Básico da Escola Pública do Paraná**. Curitiba, PR, 1990.

(1994), Taffarel (1989) e Tani (1988). Outras proporções para os cursos da IES 3, podem ser visualizadas no quadro abaixo.

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados encontrados na IES 4.

**Tabela 4** – Quantidade e proporção das disciplinas, por área de conhecimento, e sua equivalência nos cursos de licenciatura e bacharelado da IES 4.

Áreas do conhecimento	Disc. exclusivas da Lic.		Disc. exclusivas do Bac.		Disciplinas comuns para as duas formações				TOTAL Lic.		TOTAL Bac.	
					Lic.		Bac.					
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
RSHS	3	5,6	1	3,0	2	3,7	2	5,9	5	9,3	3	8,8
BCH	-	-	3	8,8	7	13,0	5	14,7	7	13,0	8	23,5
PCCT	1	1,9	1	2,9	1	1,9	1	2,9	2	3,7	2	5,9
CMH	6	11,1	1	3,0	12	22,1	7	20,6	18	33,3	8	23,5
TI	3	5,6	8	23,5	4	7,4	3	8,8	7	13,0	11	32,4
DP	15	27,7	2	5,9	-	-	-	-	15	27,7	2	5,9
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>51,9</b>	<b>16</b>	<b>47,1</b>	<b>26</b>	<b>48,1</b>	<b>18</b>	<b>52,9</b>	<b>54</b>	<b>100,0</b>	<b>34</b>	<b>100,0</b>

Na instituição 4, as proporções de equivalência foram representadas na licenciatura por 48,1% e no bacharelado por 52,9%. Como na maioria dos cursos observados, a dimensão da produção do conhecimento científico e tecnológico não apresentou resultados muito diferenciados, sempre apontando para quase uma total equivalência em todos os cursos. Diferente da IES 3, podemos observar que na IES 4 a dimensão didático-pedagógica parece apresentar referenciais específicos para o campo de atuação.

De modo geral, pudemos notar que os cursos de licenciatura e bacharelado, das IES selecionadas para esse estudo, apresentam mais semelhanças do que diferenças

quando olhamos para o contexto do referencial teórico apresentado nas disciplinas. Durante as análises dos documentos percebemos a tentativa de oferecer conhecimentos diferentes, a partir do estabelecimento de nomes diferenciados de disciplinas, contudo nos referenciais essa especificidade não foi observada.

Brasil (1987) aponta que, no decorrer da história da educação física brasileira, em especial na sua história de formação profissional, esse problema já havia sido constatado. De acordo com suas colocações, mesmo que a concepção, daquele momento histórico, apontava para dois cursos distintos, as disciplinas previstas no currículo naquela época, eram praticamente idênticas “em número mais reduzido no curso de Técnicas Desportivas (de 16 para 12, por exemplo), exatamente pela eliminação das chamadas disciplinas pedagógicas”. O autor ainda acrescenta que, essas diferenças são extremamente superficiais “e muito pouco caracterizadas as diferenças nos perfis dos profissionais com essas titulações – se é que chegam a existir. Na prática, é o mercado de trabalho o local no qual desempenham sua atividade que tem delimitado essa distinção”.

Bourdieu e Boltanski (2010, p.134) ao traçarem uma relação entre o sistema de ensino e o mercado de trabalho afirmam que

nessas transações, os vendedores de força de trabalho têm uma força tanto maior quanto mais importante for seu capital escolar como capital cultural incorporado que recebeu a sanção escolar e, por esse motivo, está juridicamente garantido. O que têm para oferecer no mercado de trabalho (e mais amplamente sua identidade social) pode se reduzir inteiramente à capacidade implicada no fato de ocupar um cargo (engenheiro “da casa”), ou ao contrário, ao diploma que possuem e que, eventualmente, não contém qualquer informação concernente à capacidade para ocupar determinado cargo.

Por outro lado, Massa (2002, p. 36) entende que a formação inicial na área da educação física, ao oferecer o curso de bacharelado, tem permitido o atendimento “de um vasto campo de serviços que outrora não recebia por parte das faculdades o devido preparo profissional, pois formava-se apenas aquele típico ‘licenciado generalista’, despreparado para atuar dentro e fora da escola, dando margem para a atuação do leigo”.

Bourdieu e Boltanski (2010, p. 130) alertam para a formação profissional configurada nos dias atuais, pois para eles, “em um estado do modo de produção em que é muito grande o capital cultural incorporado nas máquinas e nos produtores que fazem funcionar as máquinas, o sistema de ensino torna-se a instância dominante de produção dos agentes” (BOURDIEU e BOLTANSKI, 2010, p.130).

Sendo assim, as mudanças no campo econômico, apontadas por Bourdieu e Boltanski, e que nos últimos anos têm modificado e acelerado a incorporação de capital cultural, têm motivado a formação inicial na área da educação física, em especial na área do bacharelado, que buscando atender os diferentes campos de atuação, entre eles os já apontados por Oliveira (2006) neste estudo, incorpora os conhecimentos que serão requisitados futuramente na atuação profissional. Contudo os dados apontados até agora e os que se seguirão, nos mostram que na realidade o que se observa, na maioria dos casos, é o problema já apontado sobre a relação entre cargo e diploma, isso quer dizer que “se a identidade nominal pode encobrir a diferença real, certas diferenças nominais podem servir para manter identidades reais” (BOURDIEU e BOLTANSKI, 2010, p.129).

### 4.3 OS REFERENCIAIS TEÓRICOS DAS DISCIPLINAS DOS CURSOS

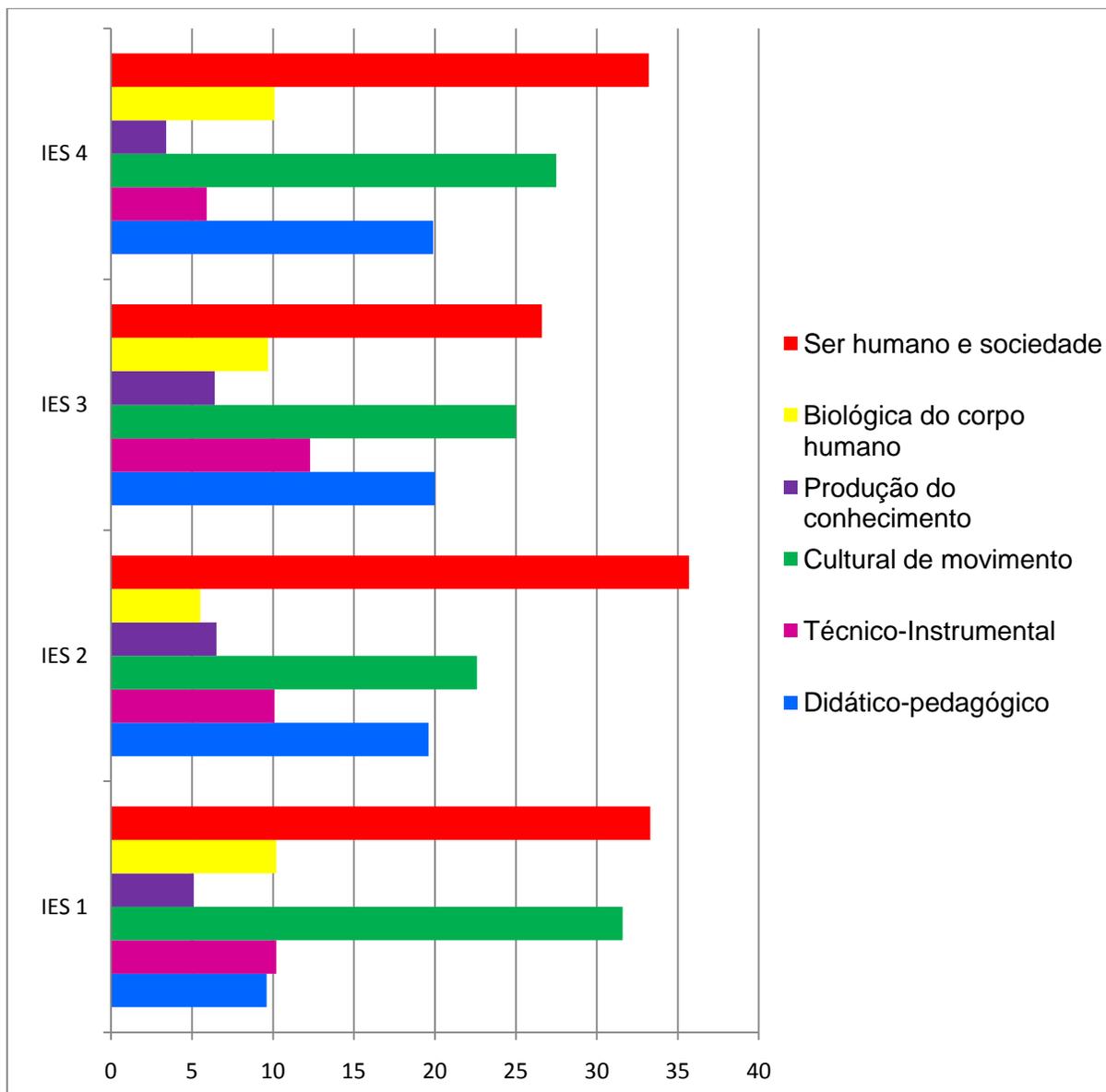
Nesse tópico, reunimos tratamos mais especificamente as referências citadas nas disciplinas dos cursos a partir das diferentes áreas do conhecimento – Relação ser humano-sociedade, Biológica do corpo humano, Produção do conhecimento científico e tecnológico, Culturais do movimento humano, Técnico-instrumental e Didático-pedagógico. Posteriormente, apresentamos um banco de dados com os referenciais básicos e complementares das disciplinas que são mais citados nas disciplinas dos diferentes cursos.

#### 4.3.1 Categorias de análise dos referenciais teóricos

Neste subitem, dispomos as referências básicas e complementares dos cursos de licenciatura e bacharelado em categorias delineadas a partir das dimensões do conhecimento (Relação Ser Humano Sociedade, Biológica do Corpo Humano,

Produção do Conhecimento, Cultural de Movimento Humano, Técnico-Instrumental e Didático-Pedagógica), as quais foram propostas pelas diretrizes nacionais da área para os cursos de formação inicial em educação física.

A porcentagem foi estabelecida a partir da quantidade geral de referências apresentadas nos programas dos cursos de licenciatura e bacharelado. Os resultados dessa categorização se encontram nos gráficos abaixo.

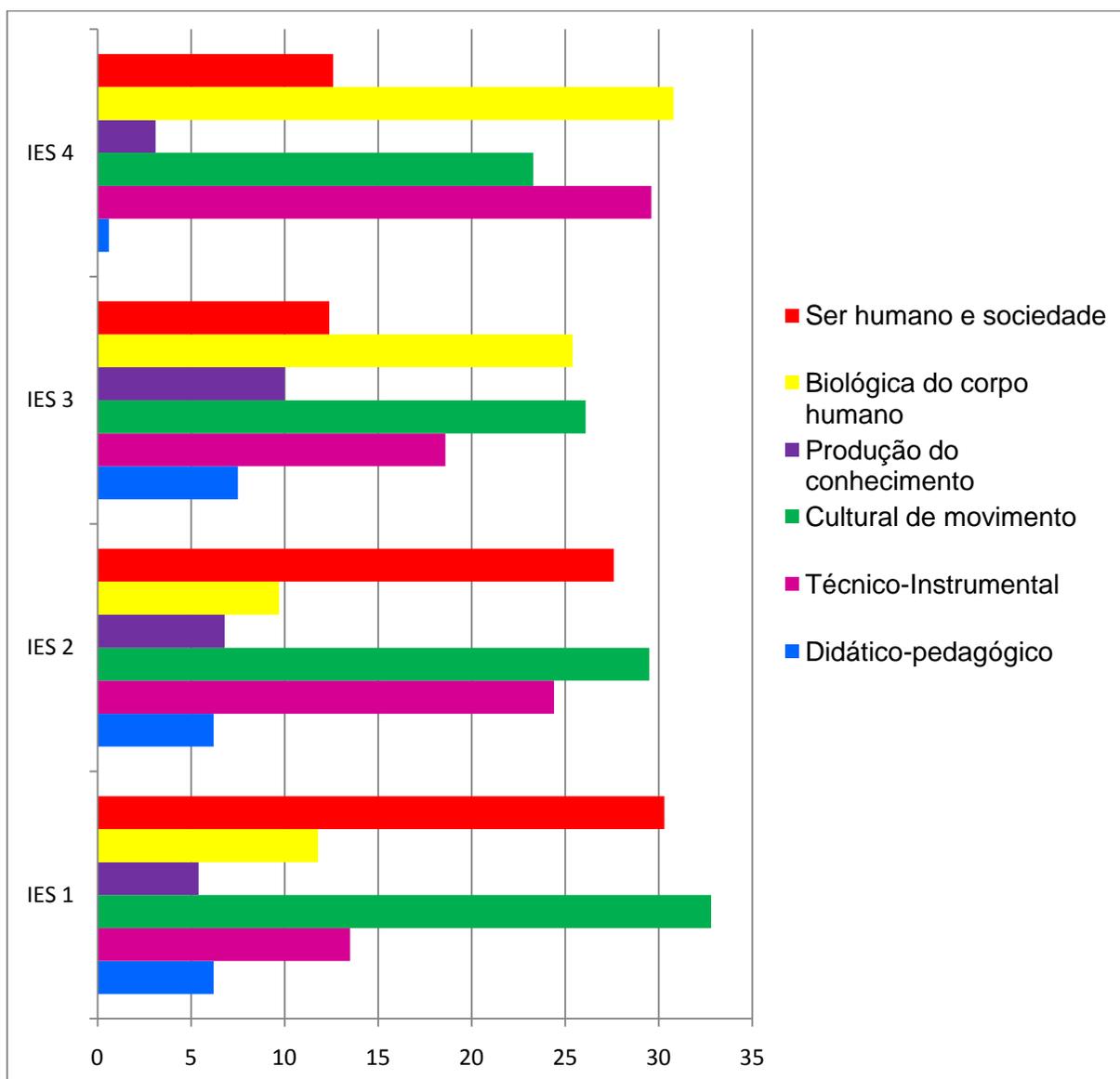


**Gráfico 4** – Categorização do referencial teórico apresentado nos programas das disciplinas dos cursos de licenciatura das IES 1, 2, 3 e 4.

De forma geral, notamos que as obras que contemplam a dimensão Ser Humano e sociedade, aparecem em destaque para todos os cursos de licenciatura. Seguidas das obras que abordam a Cultura corporal de movimento e a Didático-pedagógica.

As obras da dimensão Técnico-instrumental aparecem em proporção menor, contudo, as dimensões Biológica do corpo humano e produção do conhecimento estão ligeiramente em menor proporção. Se considerarmos os dados encontrados em relação à quantidade de disciplinas e de carga horária não há diferenças significativas,

Para o curso de bacharelado os resultados foram os seguintes:



**Gráfico 5** - Categorização do referencial teórico apresentado nos programas das disciplinas dos cursos de bacharelado das IES 1, 2, 3 e 4.

No caso dos cursos de bacharelado não há um comportamento padrão quando analisamos o referencial teórico, diferente do que observamos nos cursos de licenciatura. Na IES 1 e 2 o curso de bacharelado apresenta maiores proporções para referenciais relacionados à dimensão Cultural de movimento e à dimensão Ser humano e sociedade. Na IES 3 o que predomina é a dimensão Cultural de movimento e a Biológica. Por sua vez, a IES 4, apresenta referenciais mais voltados para a dimensão Biológica e a Técnico-instrumental, além de apresentar referencial muito restrito na dimensão Didático-pedagógica, a qual nas outras IES também não ocupou lugar de destaque.

A dimensão Técnico-instrumental nos cursos de bacharelado, quando comparada com os cursos de licenciatura apresenta-se em maior proporção. Ao contrário do que acontece com a Dimensão didático-pedagógica, que na licenciatura se está presente com maior representatividade. A dimensão cultural de movimento entre as duas formações parece não ter grandes diferenças, pois se mantêm em destaque para ambos os cursos. Como já visto nos resultados apresentados a partir no número e carga horária das disciplina.

A dimensão Produção do conhecimento não se apresenta em destaque nas formações e nem quando fazemos uma comparação entres as IES, contudo, se pararmos para refletir a presença dessa dimensão na formação em Educação Física percebemos que a mesma representa um avanço para a área, visto que por algumas décadas a constituição do currículo não abarcava esses conhecimentos. Por sua vez a dimensão biológica, apesar de mostrar diferenças entre os cursos de bacharelado, quando comparado aos cursos de licenciatura apresentam-se em maior proporção. Já a dimensão Ser humano e sociedade está mais focada nos cursos de licenciatura, contudo em alguns cursos de bacharelado (IES 1 e 2) apresenta-se com maior proporção quando comparamos com outros cursos de licenciatura (IES3).

Sobre a dimensão Ser humano e sociedade esses resultados podem ser justificados devido à utilização desses tipos de referenciais em disciplinas que não foram classificadas dentro dessa dimensão, como por exemplo, livros que abordam a teoria crítica da educação e que estão presentes em disciplinas que tratam da cultura

corporal de movimento, como a dança. Esse fato nos mostra que, alguns professores ao elaborarem suas disciplinas têm procurado listar referenciais que possam contribuir para uma visão diferenciada e mais ampla da leitura do seu objeto de estudo, não ficando restrito ao conhecimento específico da disciplina.

Nessa direção, Gonçalves (2002, p. 86), salienta que, mesmo adquirindo o saber e o domínio do conhecimento específico de cada área durante a formação inicial, estudos mostram que a necessidade docente vai além do que é contemplado nos cursos, envolvendo conhecimentos que se relacionam “à história, à filosofia, às orientações metodológicas empregadas na construção do conhecimento científico, às interações ciência/tecnologia/sociedade e às limitações e perspectivas do desenvolvimento científico”.

Quanto à dimensão biológica do corpo humano, sabemos que desde a gênese da educação física na instituição superior, as ciências biológicas estiveram fortemente presentes para legitimá-la. As bases científicas da biologia, anatomia, fisiologia, entre outras, sustentaram o discurso medicalizante da área, além de fornecer subsídios para a compreensão dos fenômenos do movimento humano, que inicialmente estava focado na ginástica e nos esportes. Mendes (2002, p. 17) reconhece que tradicionalmente a educação física recebeu e ainda recebe forte influência das ciências biomédicas “a educação física continua compreendendo o corpo como máquina e ainda recebe influências fortes da medicina do esporte, que ao colaborar com a exacerbação do esporte de rendimento, continua buscando a padronização dos corpos e a perfeição dos gestos”. Dessa forma, uma tendência maior para essa dimensão nos cursos de bacharelado que, ao contrário da licenciatura, tem focado essas ciências aplicadas ao desempenho humano, especialmente nas disciplinas que buscam explicar o funcionamento do organismo em situações esportivas, como a disciplina de fisiologia do esporte.

Contudo, muitas mudanças têm sido observadas na área no que diz respeito às abordagens sobre o corpo. A visão universal de corpo proposto pela biologia, que não prevê diferenças entre os homens, tem sido modificada com a agregação de

conhecimentos de outras áreas como a Antropologia. De acordo com Mendes (2002), apoiada em Lévi-Strauss (1983)<sup>17</sup>,

a colaboração dos estudos desenvolvidos entre geneticistas e etnólogos poderia mostrar que as relações entre evolução orgânica e cultural são análogas e complementares, indicando, portanto, que não há aptidões raciais inatas e que a diversidade de culturas varia conforme as especificidades geográficas, históricas e sociológicas e não conforme as características anatômicas ou fisiológicas (MENDES, 2002, p. 18).

São outras formas de compreender o ser humano que vão adentrando o discurso da área, a qual, ao identificar a contribuição de ambas as abordagens pode traçar novos olhares sobre o corpo na educação física e sobre o movimento enquanto construção cultural.

Na dimensão da produção do conhecimento, destacam-se os referenciais que vão subsidiar a produção de pesquisa de forma geral na universidade e na área da educação física, contudo, não há grande destaque para essa dimensão nos cursos de licenciatura e bacharelado nas IES do Paraná. Para compreender as relações entre a pesquisa e as diferentes abordagens na área da educação física, nos reportamos à Molina Neto et al. (2006, p. 146-147), o qual reconhece que

Se o todo (EF/CE) está na parte e as partes (prática pedagógica em educação física, atividade física e saúde etc.) estão no todo, significa que o sujeito que investiga e/ou exerce a docência nesse campo de conhecimento detém, em si, as disputas, os conflitos existentes no campo, as superações epistemológicas que construiu. Isso significa dizer que, embora pesquisemos em uma especificidade do campo de conhecimento – formação de professores e prática pedagógica em EF/CE, por exemplo – nosso modo de pensar e pesquisar tem certa influência dos conceitos e procedimentos dos pesquisadores que estudam, por exemplo, atividade física e saúde ou rendimento esportivo. Do mesmo modo, esses pesquisadores também recebem interferência de idéias gerais daqueles que exercitam a atividade hermenêutica sobre a formação de professores e prática pedagógica em EF/CE.

---

<sup>17</sup> Para maiores esclarecimentos consultar a obra:  
LÉVI-STRAUSS, C. **O olhar distanciado**. Trad. de Carmen de Carvalho. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

O autor nos mostra a posição das ciências no embate dos discursos da definição da área da educação física, destacando as interferências anteriores no processo de construção do pesquisador.

Diferente da dimensão Produção do conhecimento, a dimensão Cultural de movimento esteve presente em grande quantidade tanto nas disciplinas do licenciatura como nas disciplinas do bacharelado nas IES públicas do Paraná. Vale destacar que entre os referenciais estão as obras que tratam da cultura de movimento, a ginástica, a dança, os esportes, entre outros, e que representam um porcentual também alto de disciplinas em ambos os cursos, justificando seu número alto de referencial.

Por muito tempo, os livros que abordam os fundamentos técnicos das dimensões culturais do movimento foram as principais obras que veiculavam os conhecimentos para tratar a área da educação física, especialmente nas décadas de 1940 a 1970. Nesse período, as ações dos professores estavam voltadas para esses aspectos, e era necessário naquele momento que esses conhecimentos fossem socializados. Contudo, as mudanças observadas na área da educação física a partir da década de 1980 vão modificar a produção desse conhecimento, de modo a valorizar a dimensão cultural e humana em detrimento das bases técnicas, sem, no entanto, desconsiderá-las.

Esse movimento levou ao surgimento do prático e do teórico, sendo o prático o grupo de professores que atuava na escola e o teórico o grupo de professores que estava na universidade e produzia conhecimento, criando a partir daí um desconforto entre esses profissionais. O avanço e os debates acadêmicos na universidade não aconteceram com a mesma intensidade no contexto escolar. Ainda hoje observamos que, nas universidades pesquisadas, tanto nos cursos de licenciatura quanto nos cursos de bacharelado, os livros que vão abordar os conhecimentos técnicos, dentro da dimensão cultural de movimento, ainda prevalecem, contudo, percebemos uma tentativa de aproximá-los de discussões mais subjetivas acerca desse fenômeno.

Por outro lado, a dimensão técnico-instrumental apresenta uma proporção de destaque nos cursos bacharelado quando comparado aos cursos de licenciatura. De acordo com Betti (2006, p. 79) a educação física hoje “pode ser entendida simultaneamente como área de conhecimento, profissão e disciplina escolar básica”.

Soeiro (2006, p. 257) destaca que “para que as ocupações alcancem o status de profissão, elas devem ser também práticas exercendo atividades que são úteis à sociedade”. Na área da educação física, podemos considerar que este *status* foi buscado por algumas pessoas a partir do estabelecimento da Lei 9696/98, a qual estabeleceu a regulamentação da profissão de educação física e insitiu os Conselhos Federais e Regionais. Entretanto, nossa representatividade social já acontecia no campo da escola, quando atuávamos apenas nesse contexto.

A partir desse momento mudanças significativas são observadas na área, em especial no âmbito da formação do bacharel. Nesse sentido, a formação no curso de bacharel tem requisitado a obtenção de técnicas específicas para atender a um mercado especializado, o que contribui para o aumento desses conhecimentos no contexto da formação inicial.

Enquanto disciplina escolar, a educação física vai estar diretamente ligada ao atendimento da educação física na escola. Nesse contexto, os conhecimentos ligados às ciências da educação como a pedagogia e a didática serão mais consolidados na formação do professor, do licenciado. Como podemos perceber nos dados encontrados, os cursos de licenciatura apresentam um número superior de conhecimentos nessa área, sendo que ao bacharelado fica restrito às disciplinas de estágio que em parte buscam atender essa parcela de conhecimento na formação.

Contudo, nem sempre os conhecimentos ligados à dimensão pedagógica estiveram presentes na formação. Magalhães (2005, p. 93) relata que antes do surgimento da Escola Nacional de Educação Física e Esportes (ENEFD), em 1939, “as disciplinas pedagógicas não faziam parte do plano curricular dessa graduação. Parece que somente quando a licenciatura em Educação Física passou a exigir cursos com disciplinas pedagógicas os seus professores começaram a se entender como educadores”.

Ressaltamos também que a LDBEN 4024/61 trata-se de um documento importante para a educação nacional, ressalta a importância da preparação pedagógica na formação do docente para o ensino, a formação do educador.

Após a separação dos cursos em licenciatura e bacharelado essas tendências, mais técnicas ou pedagógicas da formação ficaram mais evidentes, por um lado alguns

podem entender que essa separação aponte para especializações na área, por outro tem aqueles que acreditam que uma formação mais especializada culminará com um atendimento mais qualificado, seja na escola ou outros contextos.

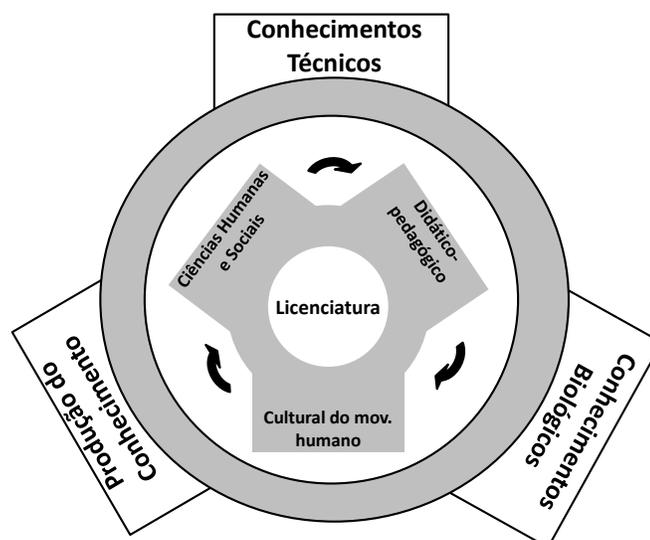
De forma geral, foi possível perceber que durante a comparação dos referenciais por dimensão do conhecimento entre os cursos de bacharelado e licenciatura constatamos que: as dimensões Relação Ser Humano-Sociedade e Didático-Pedagógico se apresentaram sempre maiores para os cursos de licenciatura quando comparadas com os cursos de bacharelado na mesma IES; as dimensões Biológica do Corpo Humano e Técnico-Instrumental, em todas as IES, se apresentaram sempre maiores para o curso de bacharelado; e as dimensões Produção do Conhecimento Científico e Cultural do Movimento Humano permaneceram quase equivalentes ou predominava às vezes em cursos de licenciatura e às vezes nos cursos de bacharelado, sem mostrar um comportamento padrão como observado nas outras dimensões.

É claro que a formação inicial, do professor, não se resume aos saberes das disciplinas, para além desses saberes Tardif, Lessard e Lahaye (1991) apresentam ainda os Saberes da formação profissional – transmitidos pelas instituições de ensino superior relacionados aos saberes pedagógicos das ciências da educação; os Saberes curriculares – presentes nos objetivos, conteúdos e métodos cuidadosamente selecionados pela instituição de ensino e Saberes da experiência – aqueles que são desenvolvidos e aprimorados no exercício profissional.

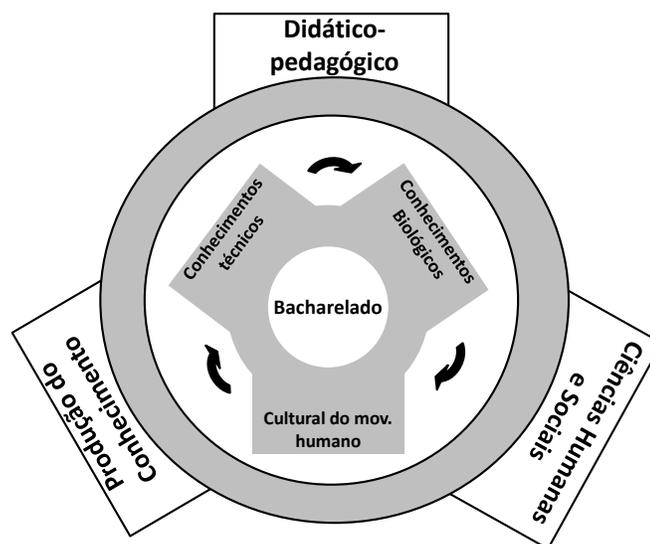
Costa (1994, p. 27) acrescenta que a formação inicial pode ser entendida como “o período durante o qual o futuro professor adquire os conhecimentos científico-pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar adequadamente a carreira docente”. Parte desses conhecimentos pode ser visualizada nos programas das disciplinas dos cursos de formação, e representam a primeira orientação científica no longo percurso da vida profissional.

A partir dos dados obtidos nesta pesquisa, podemos identificar duas características de formação em educação física no âmbito do referencial teórico das disciplinas: 1) Licenciatura - uma formação mais humana, que busca mais subsídios nas ciências humanas e sociais, apropria-se da dimensão biológica, mas seu foco é o

âmbito pedagógico, aborda os conhecimentos da cultura corporal de forma geral e não agrega muitos conhecimentos técnicos na sua formação, a qual também se dedica em parte para os aspectos da produção do conhecimento; 2) Bacharelado - uma formação mais técnica que busca mais subsídios nas ciências biológicas, mas não deixa de abordar aspectos humanos e sociais, não focaliza o conhecimento didático-pedagógico, mas busca abarcar os conhecimentos da cultura corporal de movimento, e assim como a outra formação permeia os aspectos da produção do conhecimento. Poderíamos pensar essa estrutura da seguinte forma:



**Figura 8:** características dos cursos de Licenciatura, a partir dos dados encontrados acerca do referencial teórico apresentado nas disciplinas.



**Figura 9:** características dos cursos de Bacharelado, a partir dos dados encontrados acerca do referencial teórico apresentado nas disciplinas.

No tópico a seguir apresentaremos o referencial bibliográfico encontrado nos programas das disciplinas, organizados por dimensão do conhecimento.

#### 4.3.2 Banco de dados dos referenciais teóricos

Neste tópico reunimos, em um banco de dados, as referências básicas e complementares dos programas das disciplinas obrigatórias, dos cursos de licenciatura e bacharelado de universidades públicas do Estado do Paraná elegidas para este estudo. A intenção foi de nos aproximar dos referenciais para termos uma visão geral de sua seleção para as diferentes formações, de modo a enriquecer as discussões que vêm sendo travadas até o momento. Somado a isso, a partir dos dados encontrados conseguimos visualizar qual é o corpo de conhecimento que tem subsidiado as formações em licenciatura e bacharelado e suas possíveis aproximações com as matrizes teóricas na formação.

Já indicamos nas Tabelas 1, 2, 3 e 4 que os cursos, quando analisados a partir das disciplinas e de seu referencial bibliográfico básico e complementar têm

apresentado grande parcela de conhecimentos comuns na formação em licenciatura e bacharelado. Nesse momento iremos nos aproximar um pouco mais dessa análise e identificar quais são os referenciais que tem sido comuns nas duas formações.

Para enriquecer nossas discussões, traremos as falas dos coordenadores, que de perto acompanham as realidades investigadas, e apresentaremos um quadro que reúne os seguintes dados: o(s) nome(s) do(s) autor(es); o número de obras que aparece (não consideramos o ano de publicação, apenas as diferentes obras escritas pelo autor); a(s) temática/título(s) dos referenciais; em qual IES aparece a citação está presente e quantas vezes é citado nesses cursos; e o total de vezes que aparece nas referências dos cursos.

De acordo com Gamboa (2007, p. 25), a preocupação

pelo diagnóstico do predomínio de uma ou de outra disciplina, oriunda seja das ciências naturais, seja das ciências humanas ou sociais, e mais o interesse pelas matrizes teóricas indicam uma fase salutar da pesquisa, que significa o avanço na passagem das questões instrumentais, técnicas e metodológicas para as teóricas e epistemológicas (GAMBOA, 2007, p. 25).

Há pelo menos 30 anos, a educação física brasileira tem buscado sua legitimação acadêmica e profissional a partir da incorporação e realização de pesquisas e estudos na área das ciências humanas e sociais, para além das ciências naturais. Para alguns pioneiros desta discussão, sua legitimidade poderia ser alcançada ou pelo viés pedagógico, a partir de sua ação na educação física escolar, ou pelo viés científico, a partir da cientificação do movimento humano independente do seu contexto.

No âmbito pedagógico Bracht pode ser denominado um dos grandes influenciadores dessa discussão, pois para ele, a legitimidade da área poderia ser alcançada no campo da escola em especial no exercício da práxis docente,

assim, as diferentes disciplinas científicas que se ocupam do movimento humano, enquanto não envolvidas com a prática pedagógica em Educação Física, e ocupando-se com dimensões parcelares dessa prática são apenas fornecedoras de informações em estado bruto, que precisarão passar por um processo de teorização da pedagogia da Educação Física, e não poderão jamais substituí-la. **A pedagogia da Educação Física enquanto ciência prática, tem seu sentido não na “compreensão,**

**mas no aperfeiçoamento da práxis”**. Assim, seria necessário que a produção do conhecimento para sustentar/orientar a prática pedagógica em Educação Física, se pautasse no específico do “educativo”, isto é, a problemática a ser objeto de investigação, seria determinada pelas questões que a prática educativa em Educação Física coloca (BRACHT, 1997, p. 41-42, grifos do autor).

Por outro lado, para aqueles que acreditavam que à educação física faltava ciência, não colocaram na escola o foco da legitimidade para área, mas sim no movimento humano, que seria subsidiado pela cinesiologia, uma ciência base que nas suas ramificações produziria conhecimentos para a educação física, a fisioterapia e a terapia ocupacional. Go Tani, um dos precursores desse movimento, que teve início nos Estados Unidos, foi quem propôs a criação dessa ciência para subsidiar as intervenções na área da educação física.

Para além desses dois autores, já identificamos no capítulo 1 deste estudo outras tendências e outros colaboradores, tanto da matriz científica quanto da pedagógica, que foram incorporados gradativamente nos discursos da formação inicial, da produção científica e nas mediações docentes e profissionais.

Fensterseifer (1999, p. 180), ao abordar a educação física antes desse período de transição científica e pedagógica ressalta que

a ausência de uma tradição reflexiva na Educação Física não significa que o seu “fazer” não corresponda um “saber”. Todos sabemos que toda prática corresponde uma teoria (ou várias), embora insistamos em falar de uma “prática em si” como se ela não fosse mediada por uma teoria. A questão é que a Educação Física não produzia a teoria que consumia (mantendo uma condição de minoridade).

Nessa linha de raciocínio, poderíamos nos indagar se hoje a educação física tem consumido a teoria que produziu em três décadas de pesquisa ou se só tem produzido? Como tem sido esse consumo na formação inicial em licenciatura e bacharelado o que os alunos têm consumido nesse contexto? A partir dos quadros abaixo, tentamos apresentar algumas considerações sobre isso.

A tabela 5 vai apresentar os referenciais teóricos das disciplinas que estão presentes na dimensão da Relação Ser Humano e Sociedade, nas quatro

universidades selecionadas. A título de esclarecimento, na última coluna (da direita) da tabela, está a soma das citações dos respectivos referenciais a partir de seu aparecimento em todos os cursos. As particularidades de cada instituição e curso podem ser visualizadas nas colunas centrais.

Para facilitar a leitura, organizamos da seguinte forma: as obras que estão em destaque verde, referem-se aos referenciais que têm se apresentado de forma exclusiva na licenciatura quando olhamos de forma geral, as que estão em destaque azul são exclusivas do bacharelado, e as que estão sem destaque referem-se às obras que são comuns, sendo que o destaque em cinza indica a equivalência dentro da mesma universidade.



AVRITZER, L.A.	1	Moral e democracia							1		1
AZEVEDO, F. de	2	Cultura brasileira; Sociologia educacional	2								2
BACHELARD, G.	1	Espírito científico			1						1
BARCAN, N.	1	Anatomia cultural			1						1
BARON, A.	1	Estado capitalismo e democracia na América latina		1							1
BARROS, F. C.; VICTORIA, C. G.	1	Saúde infantil e sociedade							1		1
BEER, M.	1	Socialismo e lutas sociais		1							1
BELINGER, G.	1	Corpo e mercadoria			1						1
BENTO, J. O.	1	Desporto e humanismo				1					1
BERESFORD, H.	1	Ética, moral social e esporte			1						1
BETTI, M.	3	Educação física e sociedade; Esporte, televisão e EF; Cultura corporal e cultura esportiva			1	1	1				3
BOLLON, P.	1	A mora da máscara				1					1
BOUDRILLAD, J.	1	Sociedade de consumo				1					1
BOURDIEU, P.	6	Sociologia, classe e estilo de vida; sobre a televisão; poder simbólico; Economia das trocas simbólicas; Bens simbólicos	1	2	3	2					8
BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C.	1	Teoria do sistema de ensino	1								1
BRACHT, V.	5	EF e ciência; EF e aprendizagem social; Sociologia do esporte; educação física no Brasil e na Argentina; Educação física na escola	6	5	1	2	1	1		1	17
BRAGA, M; GUERRA, A.; REIS, J. C.	1	História da ciência moderna			1						1
BRANDÃO, C. R.	1	Educação como cultura				1					1
BRASIL	24	CFE – Código de Ética; Regulamentação da profissão; LDB; PCN's; Constituição de 1988; Lei de diretrizes e bases; Fundeb; Plano nacional da educação; Educação para todos; Supervisão e orientação	19				1		6		27

		educacional; Ementa constitucional; Fundo de desenvolvimento e manutenção; Resoluções e decretos que regulamentam o ensino superior								
BROUGÉRE, G.	1	Brinquedo e cultura				1				1
BRUHNS, H. T.	2	Corporeidade; Estudos do Lazer; Temas sobre lazer	1	1		2				4
BUARQUE, C. A.	1	A aventura da universidade				1				1
BUSS, P. M.	1	Saúde e qualidade de vida				1				1
BUZZI, A. R.	1	Introdução ao pensar			1					1
Cadernos debates	1	Caminhos da educação pós 68			1					1
CANCLINE, N. G.	1	Cultura e modernidade		1						1
CALAIS-GERMAIN, B.	1	Anatomia para o movimento		1						1
CALVINO, I.	1	Clássicos			1					1
CAMARA CASCUDO, L.	1	História dos gestos			1					1
CAMARGO, L. O. L.	1	Lazer				1				1
CANETTI, A.	1	Massa e poder			1					1
CAPARROZ, F. E.	1	EF escolar e política	1							1
CARMO, A. A.	2	Educação física: competência técnica e consciência política; EF crítica de uma formação acrítica	3	1						4
CARMO JUNIOR, W. do	1	Filosofia e EF				1				1
CARNOY, M.	1	Teoria política			1					1
CARRANO, P. C.	1	Futebol e política		1						1
CARVALHO, A. B.; SILVA, W. C. L.	1	Sociologia e educação	1							1
CARVALHO, J. E.	2	Lazer no espaço urbano; Lazer e ciências sociais				1				1
CARVALHO, M.	1	Miséria da EF			1					1
CARVALHO, W. M.; RUBIO, K.	1	EF e Ciências Humanas						1	1	2
CARVALHO, Y. M.	2	Atividade física, saúde e homem; Mito da atividade física e saúde		2						2
CASTELLANI FILHO, L.	5	EF e história brasileira; EF e sistema educacional brasileiro;	7	3	1	1			1	13

		Descaracterização filosófica da EF; Diretrizes gerais para EF; Política educacional e EF								
CAVALCANTI, K. B.	1	EPT e ideologia	1	2						3
CBCE	1	EF, LDB E PCNs;	1		1					2
CERTO, S. C.	1	Administração moderna				1				1
CERTEAU, M.	1	Cotidiano		1						1
CHAFIN, D. B.	1	Biomecânica		1						1
CHALMERS, A.	1	Ciência			1					1
CHATELET, F.	1	História da filosofia			1					1
CHIAVENATO, I.	1	Gestão de pessoas				1				1
CHOMSKY, N.	1	Política e economia		1						1
CHAUÍ, M.	3	Cultura popular; Filosofia; Filosofia da Educação		2	4		2			8
CHASSOT, A.	1	Ciência			1					1
COELHO, T.	1	Indústria cultural		1						1
Comissão de Esp. Em EF – MEC	2	Dimensões pedagógica do esporte; Esporte e sociedade					2			2
COMTE, A.	1	Os pensadores	1							1
CONFERÊNCIA BRAS. DE ESP. EDUCACIONAL	1	Conferência brasileira de esporte educacional			1					1
COSTA, J. S. D.; VICTORIA, C. G.	1	Saúde pública				1				1
COSTA, M. C. C.	1	Sociologia					1			1
COSTA, L. P. da	1	Lazer e trabalho		1						1
COTRIN, G	1	Filosofia				1				1
COUTINHO, A.	1	EF e desigualdade	1	1						2
CRESPO, J.	1	História do corpo			1					1
CUIN, C.H.; GRESLE, F.	1	História da sociologia	1							1
CUNHA, L.	1	Educação e desenvolvimento social no Brasil	1							1
CUNHA, L. A.; GÔES, M.	1	O golpe na educação			1					1
DaMATTA, R.	1	Antropologia Social			1			1	1	3
DANDURAND, P. OLLIVIER, E.	1	Sociologia da educação	1							1

DAOLIO, J.	4	Cultura do corpo; EF e conceito de cultura; Antropologia social e EF; EF brasileira autores e atores		2	1	3			1	1	8
DARIDO, S. C.	1	Teoria e prática na formação				1					1
DAVIS, M.	1	Holocaustos coloniais						1			1
DECARTES, R.	1	Discurso do método			2						2
DELLA FONTE, L. L.; LOUREIRO, R.	1	Ideologia da saúde na EF		1							1
DELORS, J.	1	Educação e UNESCO						2			2
DEL PRIORI, M.	1	Transformações históricas do corpo feminino			1						1
DEMO, P.	3	LDB: ramos e avanços; Sociologia; intelectuais e vivaldinos		1	1		1		1		4
DIECKERT, J.	1	Esporte de lazer	1	1							2
DIEGUEZ, G. K.	1	Esporte e poder	1	1							2
DIXON, B.	1	Ciência			1						1
DOURADO, L. F.	1	Financiamento da educação básica	1								1
DUMAZEDIER, J.	2	Lazer e cultura popular; Sociologia do lazer				2					2
DUNNING, E.	1	Matéria esporte			1						1
DURHAM, E.	1	Antropologia			1						1
DURKHEIM, E.	4	Educação e sociologia; Educação e processo socializador; Método sociológico; Evolução pedagógica	4								4
EAGLETON, T.	2	Ideia de Cultura; Estudos culturais e pós-modernismo		2							2
ELIAS, N.	4	Processo civilizador e costumes; Processo civilizador, estado e civilização; sociedade dos indivíduos; Sociologia e Comte	1	4	2	1					8
ELIAS, N.; DUNNING, E.	1	Processo do esporte			1						1
ENGELS, F.	2	Socialismo utópico e científico; Família e propriedade privada	2	1	1						4
FARIAS, P.	1	Corpo e classificação de cor			1						1
FARINATTI, P. T. V.; PEREIRA, M. S.	1	Saúde e EF				1					1
FÁVERO, O.	2	Democracia e construção do público no	2								2

SEMEARO, G.		Brasil; Democracia e construção do público em Florestan Fernandes								
FEATHERSTONE, M.	2	Cultura, globalização e modernidade; Cultura de consumo			2					2
FENSTERSEIFER,	1	EF e modernidade							1	1
FERNANDES, F.	3	Defesa da escola pública; Educação brasileira; Desafio educacional	3							3
FERREIRA NETO, A.	1	Pesquisa histórica na EF	1	1		1				3
FIEP	1	Manifesto Mundial de EF						1		1
FINOCCHIO, J. L.	1	Trabalho, tempo livre e cultura física	1	1						2
FORQUIN, J. C.	2	Sociologia da educação; Escola e Cultura	2							2
FOUCAULT, M.	3	Corpo, poder; História da sexualidade; Formas jurídicas			2	1				3
FRANCHINI, E.	1	Atuação profissional em EF				1				1
FRATTI, R. G.	1	Conhecimento, currículo e política educacional	1							1
FEIDSON, E.	1	Renascimento do profissionalismo				1				1
FREIRE-MAIA, N.	1	Ciência			1					1
FREIRE, J. B.	1	Educação de corpo inteiro					1			1
FREIRE, P.	1	Pedagogia da autonomia	1	1						2
FREIRE, P.; FREIRE, A. M. A.	1	Teoria e práxis e a relação com o mundo social						1		1
FREITAG, B.	1	Política educacional e indústria cultural			1					1
FREITAS, F. M. de C.	3	Miséria; Miséria e EF; Lenin e educação política		3						3
FRIGOTTO, G.	1	Educação e crise do trabalho		1						1
GAGOTTI, M.	1	Dialética da educação	1							1
GALLO, S.	1	Ética e Cidadania						1		1
GARCIA, R. P.	1	Sociologia do Esporte						1		1
GEBARA, A.	1	História do esporte, lazer e EF			1					1
GEERTZ, C.	2	Interpretação das culturas; conceito de cultura e de homem		2		1				3
GELPI, E.	1	Lazer e formação profissional				1				1
GENTILI, P.	3	Neoliberalismo e educação; Crítica ao neoliberalismo; Igualdade, exclusão e democracia	3							3

GHILARDI, R.	1	Formação profissional em EF				1				1
GHIRALDELLI JUNIOR, P.	2	História da Educação. Pedagogia crítico social dos conteúdos			2				1	3
GHORAYEB, N.; BARROS NETO, T. L. de	1	Preparação fisiológica, avaliação médica e aspectos preventivos do exercício		1						1
GIROUX, H.	1	Escola crítica e política cultural				1				1
GOLDENBERG, M. RAMOS, M.	1	Corpo coberto			1					1
GIROUX, H.	1	Cultura popular como forma de prazer e significado	1							1
GONÇALVES, A.	2	Saúde coletiva e atividade física; Saúde coletiva e urgência em EF		2						2
GONÇALVES, A. et al.	1	Saúde coletiva							1	1
GONÇALVES, M. A. R.	1	Olimpíada		1						1
GONÇALVES, M. A. S.	1	Corporeidade e educação	1	2						3
GOMES, C.	1	Educação física e perspectiva sociológica	2	1						3
GOUBEIA, R.	1	Saúde pública		1						1
GRAMSCI, A.	5	Formação da cultura; Dialética da história; Obras escolhidas; Organização da cultura; Política do estado moderno	5				1			6
GRIFFI, G.	1	A história da EF e do esporte			1					1
HALLAL, P. C. et al.	1	Pesquisa epidemiológica				1				1
HELMAN, C. G.	1	Cultura, saúde e doença				1				1
HESSER, J.	1	Teoria do conhecimento			1					1
HILDEBRANDT, R.	1	Esporte e fenômeno social		1						1
HOBSBAWN, E.	2	Era dos extremos; Marx e historiografia	1	1	1					3
HOFFMAN, S. J. ; HARRIS, J. C.	1	Cinesiologia				1				1
HIUZINGA, J.	2	Jogo elemento da cultura; Homo ludens		1	1	1				3
HUME, D.	1	Entendimento humano			1					1
IANNI, O.	2	Teorias da globalização; A sociedade global		2	1					3
JAEGER, W. W.	1	A formação do homem grego			1					1

JAPIASSU, H.	2	Neutralidade científica; Filosofia			2						2
JARDIM D.	1	Performance e reprodução de corpos			1						1
JEKEL, J. F.; ELMORE, J.; KATZ, D. L.	1	Epidemiologia, bioestatística e medicina								1	1
JENKINS, C. D.	1	Saúde e comportamento			1						1
JIMENEZ, M.	1	Estética		1							1
KANT, I.	2	Metafísica; Crítica à razão pura			2						2
KLOETZEL, K.	1	Temas de saúde							1		1
KNUDSON, D. V.; MORRISON, C. S.	1	Análise qualitativa do movimento		1							1
KONDER, L.	3	Dialética; Marx; filosofia e educação	4	2							6
KOYRÉ, A.	1	História do pensamento científica			1						1
KRAMER, H; SPRENGER, J.	1	Funcionamento da sociedade e a história do pensamento e das leis	1	1							2
KRUPPA, S. M. P.	1	Sociologia da educação	1								1
KUHN, T.	1	Revoluções científicas			1						1
KUNZ, E.	3	Educação física ensino e mudanças; Transformação didático-pedagógica do esporte; Pedagogia do esporte	3	1							4
KWASNICKA, E. L.	1	Administração				1					1
LANGALDE, A.	1	Teoria da ginástica			1						1
LAPLANTINE, F.	2	Antropologia; O campo e a abordagem antropológica		1	1	1			1	1	5
LARA, L. M.	1	Sentido ético-estético do corpo		1							1
LARRAIA, R. B.	3	Natureza e cultura; Como opera cultura; Cultura e antropologia			2	1					3
LA BOÉTLE, E.	1	Servidão voluntária			1						1
LEHMKUHL, L. D.; SMITHL. K. B.	1	Cinesiologia clínica		1							1
LETE, C. B.	1	Século do lazer				1					1
LENHARO, A.	1	Sacralização da política			1						1
LESSA, S.	1	Lucács e marxismo	1								1
LÉVI-STRAUSS, C.	3	Estruturas elementares do parentesco; Natureza e cultura; O cru e o cozido		1	2						3
LENIN, V. I.	2	Obras escolhidas; Estado e revolução	1		1						2
LIMA, M. A.	1	Esporte e Estado Novo			1						1

LINDGREN, J. A.	1	Direitos humanos e pós-modernidade							1		1
Livro didático Público	1	Educação física						1			1
LOPOVETSKI, G.	1	Sociedade e hiperconsumo				1					1
LOCKE, J.	1	Governo	2	1	1						4
LOMBARDI, J. C. L. et al.	2	Capitalismo trabalho e educação; Globalização, pós-modernidade e educação	1		1						2
LOMBARDI, J. C. L.; JACOMELI, M. R.; SILVA, T. M. T.	1	O público e o privada			1						1
LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L.	1	Liberalismo e educação			1						1
LOMBARDI, J. C. L.; SAVIANI, D. SANFELICE, J. L.	1	Capitalismo, trabalho, educação			1						1
LOVISOLO, H.	2	Atividade física, educação e saúde; arte da mediação;		1	3	1					5
LOWY, M.	1	Ideologia e ciência social	2	1							3
LUCÁCKS, G.	1	Ontologia do ser social		1							1
LUCKESI, C. C.	2	Filosofia da educação; Fazer universidade					2				2
MAFFESOLI, M.	1	O conhecimento do cotidiano; Individualismo na sociedade de massas			1	1					2
MAGNANI, J. G. C.	2	Cultura popular e lazer; Antropologia e EF		1	1						2
MAGRETTA, J.	1	Gerenciar e administrar				1					1
MALUF, S.	1	Corporalidade e cultura			1						1
MANACORDA, M. A.	1	História da educação	1								1
MANHÃES, E. D.	1	Política de esportes no Brasil	1	1							2
MAQUIAVEL	1	O príncipe		1	1						2
MARCUSE, H.	1	Cultura e sociedade		1							1
MARINHO, I. P.	2	Filosofia da EF; História da EF	1	1					1	1	4
MARCELLINO, N. C.	5	Políticas públicas e recursos humanos; Lazer e educação; Políticas públicas e setoriais de lazer; Lazer, formação e atuação profissional; Lazer e empresa		2		3					5

MARCELLINO, N. C.; REQUIXA, R.	1	O lazer no Brasil				1					1
MARGOLIS, J. A.	1	Violência no esporte			1						1
MARTÍN-BARBERO, J.	1	Comunicação cultura e hegemonia		1							1
MARTINS, C.	1	Sociologia	2	1							3
MARX, K.	3	Economia política; Manuscritos de Paris; Manuscritos econômico-filosóficos	3	1	2						6
MARX, K.; ENGELS, F.	4	Obras escolhidas; Ideologia alemã; Manifesto comunista; Crítica da Educação e do Ensino	4	2	3						9
MATURANA, H. R.; VARELA, F. J.	1	Compreensão humana						1			1
MAUSS, M.	2	Sociologia e antropologia; Técnicas corporais		1	1			1			3
MAZZA, D.	1	Sociologia no Brasil	1								1
MEDINA, J. P. S.	1	Educação física e corpo	1	1	1			1			4
MEDRONHO, R. A.	1	Epidemiologia				1					1
MEKSENAS, P.	1	Sociologia	1								1
MELLO, G. N.de	1	Cidadania e competitividade						1			1
MELQUIOR, J. C. A.	1	Educação brasileira e financiamento	1								1
MENESES, J. G. DE C., et al.	1	Estrutura e funcionamento da educação básica						1			1
MENESTRINA, E.	1	Educação física e saúde		1							1
MERLEAU-PONTY,	1	Fenomenologia			2			1			3
MESSNER, A. M.	1	Violência sexual no esporte			1						1
MÉSZÁROS, I	1	Educação para além do capital	1	1							2
MIDGLEY, M	1	Instinto e homem			1						1
MINAYO, M. C. DE S.	1	Globalização e saúde		1							1
MINAYO, M. C. DE S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M.	1	Qualidade de vida e saúde				1					1
MINER, H.	1	Ritos corporais			1						1
Ministério da Educação e saúde	1	História geral da EF			1						1
MOLINA NETO, V.;	1	Pesquisa qualitativa em EF	1	1							2

TRIVIÑOS, A. N. S.										
MONDIN, B.	1	Antropologia filosófica			1					1
MONTEIRO, C. A.; IUNES, R. F.; TORRES, A. M.	1	Evolução do país e suas doenças				1				1
MOREIRA, W. W.	1	Século XXI, EF e esportes	1	2	1	1				5
MORIN, E.	2	Saberes necessários à educação; Saberes complexos				1		1		2
MONTANO, C.	1	Lógicas do Estado e da sociedade civil			1					1
MULLER, A. Da COSTA, L. P.	1	Lazer e desenvolvimento regional		1						1
MURPHY, S.	1	Natureza humana			1					1
NAGEL, L.	1	Liberalismo	1							1
NAHAS, G. H.	1	Qualidade de vida e saúde				1				1
NASCIMENTO, M. M.	1	Filosofia política			1					1
NEPEC	1	Planejamento coletivo do trabalho pedagógico	1							1
NEPEF	1	Diretrizes curriculares municipais para a EF em Florianópolis	1							1
NEVES, L. M. W.	1	Divisão do trabalho e educação	1							1
NIEMAN, D. C.	1	Exercício e saúde							1	1
NOGUEIRA, F. M. G.	1	Estado e políticas sociais no Brasil			1					1
NOGUEIRA, F. M. G.; RIZZOTO, M. L. F	1	Estado e políticas sociais Brasil/PR			1					1
NOGUEIRA, L. PALMA, A.	1	EF e saúde		1						1
NOGUEIRA, M. A.	1	Bourdieu e educação	1							1
NOVAES, A.	1	Ética				1				1
NOZAKI, H.	1	Educação física e mundo do trabalho	1	1						2
OLIVEIRA, F	1	Crítica à razão dualista		2						2
OLIVEIRA, J. G.	1	EF uma abordagem crítica	1							1
OLIVEIRA, J. G. N.; BETTI, M.	1	EF e ensino de 1º grau	1							1
OLIVEIRA, M. A. T de	1	EF escolar e ditadura militar no Brasil	1	1						2

OLIVEIRA, N. R de; ZUIN, N.; SOARES, A. A.	1	Teoria crítica, estética educação		1								1
OLIVEIRA, P. S.	1	Sociologia					1	1				2
OLIVEIRA, V. M.	7	EF brasileira; o que é EF; EF e fundamentos pedagógicos; EF consenso e conflito; EF e história oral; consenso e conflito da EF brasileira; EF humanista	6	5	4							15
ORTIZ, R.	1	Mundialização e cultura		1		1						2
PACHECO, R. T. B.	1	Escola pública e lazer		1								1
PADILHA, V.	1	Lazer e trabalho		1								1
PALMA, A.	1	Atividade física, saúde-doença e relações sócio-econômicas				1						1
PAPPAS, N.	1	República de Platão			1							1
PARKER, A.	1	Sociologia do lazer				1						1
PARO, V. H	2	Escola pública; Escritos sobre educação	2									2
PEIRANO, M.	1	Pluralidade da antropologia			1							1
PEREIRA, F. M.	1	Dialética da cultura física		1								1
PEREIRA, M. G.	1	Epidemiologia				1				1		2
PEREIRA, V. L. C	1	Prática de EF, reprodução e renovação	1									1
PERRENOUD, P. et al.	1	Formação de professores				1						1
PIMENTAL, G. G. de A.	1	Lazer e estratégias de atuação profissional				1						1
PINKER, S.	1	Natureza humana e modernidade			1							1
PINSKI J.	1	Cidadania						1				1
PITANGA	1	Epidemiologia				1						1
PLATÃO	2	A república; Fedon	2	2	2							6
POLIAKOFF, M. B.	1	Combate e esporte			1							1
POPKIN, R.	1	História do ceticismo			1							1
POULAIN, J. P.	1	Sociologia				1						1
PROTA, L.	1	Um novo modelo de universidade				1						1
PROST, A.	1	Fronteiras e espaços do privado			1							1
Radis	1	Comunicação em saúde				1						1
RAMOS, J. J.	1	Exercícios físicos e arte			1				1	1		3

RAMOS, R.	1	Futebol e a ideologia do poder	1	2							3
RANGEL-BETTI, I.; BETTI, M.	1	Formação profissional em EF				1					1
RASCH, P. J.	1	Cinesiologia e anatomia		1							1
RBCE	2	Políticas públicas, em EF, esporte e lazer; Cartas brasileiras de EF		2							2
REQUIXA, R.	1	Política nacional do lazer		1							1
REVISTA DE CIÊNCIA E EDUCAÇÃO	1	Ética educação e sociedade	1								1
RIBEIRO JUNIOR, J.	1	Positivismo	1	1							2
RIBEIRO, M. L. S.	1	História da educação brasileira			1						1
ROCHA, E.	1	Etnocentrismo			1						1
RODRIGUES, J. C.	2	Tabu do corpo; Antropologia e educação		1	2						3
ROMANELLI, O.	1	História da educação no Brasil			1						1
ROUQUAYROL, M. Z.	2	Epidemiologia e ações sociais de saúde; Epidemiologia e saúde				1			1		2
ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N.	1	Epidemiologia e saúde				1					1
ROUSSEAU, J. J.	2	Desigualdades humanas; Contrato social			2						2
ROYER, J.	1	Desporto, tempo livre e história da EF	1	1							2
RUSSEL, B.	1	Elogio ao lazer				1					1
SADER, E. GENTILI, P.	1	Pós neo-liberalismo			1						1
SADI, R. S.	1	EF, trabalho e profissão	1	1							2
SÁNCHEZ- VÁZQUEZ, A.	1	Ética		1							1
SANTIN, S.	5	Lúdico e rendimento; Abordagem filosófica da corporeidade; EF, ética, estética e saúde; educação física outros caminhos; EF educar e profissionalizar		3	1	1	1				6
SANTOS, B. de S.	2	Ciência pós-moderna; Social e político na pós-modernidade			2	1					3

SANTOS, J. L.	1	O que é cultura				1					1
SANTOS, M.	1	Natureza do espaço		1							1
SANTOS, R.	1	Antropologia			1						1
SAVIANI, D.	3	Educação e consciência filosófica; Teorias da educação; Escola e democracia; Política e educação no Brasil; Nova LDB e novo plano da educação; A nova lei da educação; LDB e Fundeb; Educação e atualidade; Ensino público e universidade; história das ideias pedagógicas; Legado educacional do século XIX e XX; Pedagogia histórico-crítica	5	2	8				2		17
SCHWARTZMAN, S	1	Ciência, universidade e ideologia			1						1
SCLIAR, M.	1	Saúde pública				1					1
SEEGER, A.	2	Corporação e corporalidade; Ornamentos corporais			2						2
SEEGER, A.; DaMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E.	1	Índigenas e a construção da pessoa			1						1
SERGIO, M.	5	Desporto em democracia; a prática e a EF; Filosofia das práticas corporais; Corte epistemológica, da EF à motricidade; Motricidade paradigma emergente	2	3	2		2	2			11
SGUISSARDI, V.; SILVA JUNIOR, J. R.	1	Políticas educacionais e educação superior	1								1
SILVA, E. da	1	Violência sexual			1						1
SILVA, J. B. da	1	Educação física, esporte e lazer			1	1					2
SILVA, M.	1	Masculino e feminino entre os Enawene-Nawe			1						1
SILVA, M. G. C.	1	Saúde pública								1	1
SILVA, M. R. da	1	Trabalho infantil e cultura lúdica		1							1
SILVA, T. T. da	1	Trabalho, EF e prática social;		1							1
SIMSON, V.; JENNINGS, A.	1	Olimpíada e poder político	1	1							2



VIANNA, I.	1	Planejamento participativo na escola	1								1
VIANA, O.	1	Instituições políticas brasileiras		1							1
VIEIRA, L.	1	Sociedade e globalização						1			1
VIEIRA, J. L. L.; VIEIRA, L. F.	1	Estrutura política e esporte no PR		1							1
VILELE, R. A. T.	1	Max Weber	1								1
VIVEIROS DE CASTRO, E.	1	Corpo na sociedade Xinguana			1						1
WEBER, M.	2	Tipos de dominação; Sociologia; ética protestante e espírito do capitalismo	1	1		1					3
WERNECK, C.	1	Lazer, trabalho e educação		1							1
WHAICHMAN, P.	1	Tempo livre e recreação		1							1

Os dados apresentados na tabela 5, nos mostram as semelhanças de referencial teórico que há nos cursos de licenciatura e bacharelado na dimensão Ser Humano e Sociedade. Algumas IES, mesmo não apresentando equivalência de disciplinas, vão utilizar referenciais comuns em algum momento.

Os referenciais que estão presentes nas disciplinas dos cursos de licenciatura são aqueles que se relacionam à discussão sobre as seguintes temáticas: 1) a estrutura, organização da educação, da escola, do currículo e do trabalho pedagógico. Aspectos históricos, políticos, sociais e de regulamentação, que envolvem a educação a escola e o professor, além das relações de trabalho e educação; 2) Aspectos históricos da educação física, os parâmetros curriculares da área, seus aspectos políticos e abordagem metodológica e de renovação da prática e a teoria da ginástica; 3) formação e organização da cultura e aspectos culturais presentes no corporalidade, no popular, no Brasil, nos gestos, nas tribos indígenas e na anatomia; 4) Temas de saúde coletiva, como programas de saúde na sociedade brasileira e saúde infantil 5) desigualdades, violência sexual, competitividade, Ética e Cidadania, racismo, história do corpo feminino, globalização, servidão, igualdade, exclusão e democracia, modernidade, neo-liberalismo e suas interrelações com o corpo e a natureza humana; 6) Metafísica, Filosofia, Teoria do conhecimento, Dialética; Sociologia, Antropologia, Filosofia e filosofia política, Ciências humanas e sociais, Filosofia política; 7) Público e privado no Brasil, Teoria política, Regulamentação da profissão; Constituição de 1988; Fundo de desenvolvimento e manutenção; Políticas sociais Brasil e no Paraná e no estado moderno, Direitos humanos e pós-modernidade, Estado e revolução; 8) Max Weber, Platão, Bourdieu, Lucács e Florestan Fernandes; 8) Revoluções científicas e o discurso do método, aspectos históricos do pensamento científico e da ciência moderna e Neutralidade científica; 9) Esporte e Estado novo, esporte educacional, Ética, moral social e esporte e combate ao esporte.

Já nos cursos de bacharelado são aqueles que envolvem as temáticas: 1) Saúde na educação física e saúde pública, aspectos da epidemiologia e das ações sociais na saúde, qualidade de vida e educação física; 2) os aspectos que envolvem a problemática da formação e da profissão: saberes docentes, formação do professor, ética, regulamentação profissional, profissionalismo e atuação profissional em EF, mercado de trabalho. 3) Filosofia, Sociologia, Fenomenologia 4) Lazer e sua relação com a sociologia, com a política, com a escola pública e com

espaços urbanos, além de aspectos da formação profissional na área do lazer; 5) Dimensões pedagógicas do esporte, violência sexual no esporte, o desporto nas olimpíadas, na sociedade e na estrutura política e esporte e marketing; sociologia do esporte; 6) gestão e administração; 7) cultura globalização e modernidade, a cultura e sua relação com a sociedade de consumo, o brinquedo, educação e cultura, sentido ético estético na cultura popular; 8) Trabalho, liberalismo, socialismo e lutas sociais e aspectos do capitalismo e democracia; 9) Lenin, Marx e Engels; 10) Metodologia do ensino de Educação física; 11) Trabalho e educação, globalização, pós-modernidade e educação.

Se olharmos cada IES separadamente, vamos perceber a presença de matrizes teóricas que, se deve a todo o processo de construção da área e também das questões ideológicas que envolvem a formação de cada professor.

Sobre o assunto Sacristán (2000, p. 190) afirma que

as perspectivas pessoais dos professores, relacionadas com o conhecimento são uma dimensão essencial de suas crenças e conhecimentos profissionais e são as que contribuem para resolver, numa direção ou noutra os dilemas que o professor percebe quando decide metodologias, programa unidades, seleciona conteúdos, etc. [...]. As perspectivas epistemológicas e a opção que o professor toma frente a dilemas chave *reflete-as* em sua prática, o que não quer dizer que sejam sempre decisões explícitas que dirigem à reflexão prévia à tomada de decisões.

Quando pensamos nas teorias da educação física, vemos a predominância da matriz pedagógica, já que nas suas proposições, estão baseadas nas ciências sociais e humanas. Para Betti (1996), o discurso pedagógico da educação física é observado especialmente em Bracht (1992)<sup>18</sup> e no Coletivo de Autores (1994)<sup>19</sup>, sendo que o primeiro recorre à Max Weber<sup>20</sup>, para subsidiar seu discurso e o segundo ao marxismo e à teoria crítica.

Como já vimos anteriormente no capítulo 1, Bracht (1989), ao abordar a autonomia pedagógica na área, identifica os discursos iniciados por Medina (1983)<sup>21</sup> sobre a crise na educação física, que vai apontar para novas interpretações da área e questionamentos da hegemonia do esporte. Dentre elas estão a Educação Física

<sup>18</sup> BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

<sup>19</sup> COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1994.

<sup>20</sup> Intelectual alemão, jurista, economista e considerado um dos fundadores da sociologia, junto com Karl Marx e Émile Durkheim.

<sup>21</sup> MEDINA, J. A. S. A. **Educação física cuida do corpo e... "mente"**. Campinas: Papyrus, 1983.

Humanista, a qual, entre outros aspectos, valoriza o processo de ensino, por meio de um processo não-diretivo privilegiando a educação integral, este presente especialmente no trabalho de Oliveira (1984)<sup>22</sup>; o Esporte para todos, que mesmo não sendo considerado uma abordagem crítica da educação física, apresentou-se como um movimento alternativo ao esporte de rendimento, pode ser visualizado no trabalho de Dickert (1987)<sup>23</sup>; A psicomotricidade, critica o dualismo mente e corpo presente na área a partir da compreensão de interdependência entre desenvolvimento cognitivo e motor, sendo representado por Le Boulch; e a Educação Física Revolucionária, que busca nos pressupostos marxistas realizar uma crítica da educação física contextualizada na sociedade capitalista, e entendida como compromisso político de transformação estrutural sociedade capitalista.

O autor ainda acrescenta que dentro desta última interpretação (Educação Física Revolucionária) há dois focos de análise: 1 – A ideologia burguesa que é veiculada pela educação física, presente, entre outros, nos trabalhos de Castellani Filho (1983)<sup>24</sup>, Bracht (1986)<sup>25</sup> e Carmo (1987)<sup>26</sup>; e 2 – A domesticação do corpo, apresentando uma crítica à Educação Física a partir de Michel Foucault e Wilhelm Reich, presente nos trabalhos de Medina (1987)<sup>27</sup> e Freire (1987)<sup>28</sup> (BRACHT, 1989).

A partir dessas considerações vamos identificar uma tendência à matriz pedagógica da área, que tem surgido também nos referenciais das duas formações.

Em relação à dimensão biológica do corpo humano, a tabela 6 a seguir mostra que as referências para essa dimensão foram praticamente as mesmas, quando realizamos uma comparação entre os cursos de licenciatura e bacharelado da mesma instituição. Esse fato já havia sido observado quando da análise feita entre as equivalências dos cursos por meio do número de disciplinas.

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA, V. M. **Educação física humanista**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1984.

<sup>23</sup> DIECKERT, J. A Educação física no Brasil – A educação Física Brasileira. In: SCOBAR, M. O.; TAFFAREL, C. N. Z. A educação física na nova república. **Psicologia esportiva e psicomotricidade**. Recife, 1987.

<sup>24</sup> CASTELLANI FILHO, L. A (des) caracterização profissional filosófica da Educação Física. **Revista do CBCE**. v.4, n.3, 95-101, 1983.

<sup>25</sup> BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista do CBCE**. v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986.

<sup>26</sup> CARMO, A. A. Educação Física: uma desordem para manter a ordem. In: OLIVEIRA, V. M. (Org.). **Fundamentos pedagógicos – Educação Física**. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico, 1987.

<sup>27</sup> MEDINA, J. P. S. Reflexões para uma política brasileira do corpo. In: OLIVEIRA, V. M. (Org.). **Fundamentos pedagógicos – Educação Física**. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico, 1987.

<sup>28</sup> FREIRE, J. B. Rumo ao universe... do corpo. In: OLIVEIRA, V. M. (Org.). **Fundamentos pedagógicos – Educação Física**. Rio de Janeiro, Ao livro Técnico, 1987.

**Tabela 6** - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Biológica do Corpo Humano do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.

AUTOR (ES)	TOTAL DE OBRAS DO(S) AUTOR (ES)	TEMÁTICA DA(S) OBRA(S)	QUANTAS VEZES A(S) OBRA(S) É(SÃO) CITADA(S) NO REFERENCIAL								TOTAL CITADO	
			IES 1		IES 2		IES 3		IES 4			
			L	B	L	B	L	B	L	B		
ABRANTES, J.	1	Biomecânica				1						1
ACHOUR JUNIOR, A.	1	Flexibilidade e alongamento			1							1
AIRES, M. de M.	1	Fisiologia	1	1	1	1			1	1		6
ALBERTS, B. et al.	2	Biologia molecular da célula	1	1	1	1						4
ALLSEN, P. E.; HARRISON, J. M.; VANCE, B.	1	Exercício e qualidade de vida	1	1								2
AMADIO, A. C.; DUARTE, M	1	Biomecânica e o movimento humano							1	1		2
ASTRAND, P.O.; RODHAL, K.	1	Fisiologia do exercício								1		1
BAKER, J. J. W.	1	Biologia						1	1			2
BARBATI, V. J.	1	Aptidão física e saúde			1							1
BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO M. A.	1	Neurociência			1	1						2
BEE. H.	1	Psicologia do desenvolvimento				1						1
BERKALLOF, BOURGUET; FAVARD, GUINEBAULT	1	Biologia e fisiologia celular						1	1			2
BERG, J. M.; TYMOCZKO, J. L.; STRYER, L.	1	Bioquímica	1	1								2
BERNE, R. M., LEVY, M. N.	1	Fisiologia			1	1			1	1		4
BEÇAK, M. L.; BEÇAK, W.	1	Biologia						1	1			2
BIEZEK, S.; ALVES, L. A.; GUERRA, I.	1	Nutrição e suplementação no esporte				1						1
BOHME, M. T. S.	1	Crescimento e desenvolvimento				1						1

		humano								
BOMPA, T. O.	1	Treinamento de força			1					1
BROUNS, F.	1	Nutrição para os desportos				1				1
CALAIS-GERMAN, B.	1	Anatomia	2	2			3	3		10
CASTRO, S. V.	1	Anatomia					1	1	1	2
CARLSON, N. R.	1	Fisiologia do comportamento			1	1				2
CARR, G.	1	Biomecânica dos esportes				1				1
CARVALHO, H. F.; RECCO-PIMENTEL, S. M.	1	Célula	1	1	1	1				4
CHAFIN, D. B.	1	Biomecânica ocupacional	1	1						2
COLE, M.; COLE, S. R.	1	Desenvolvimento da criança e do adolescente				1				1
COOPER, G. M.	1	Célula	1	1	1	1				4
CORMAK, D. H.	1	Histologia							2	1
DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A	3	Anatomia; Anatomia sistêmica e segmentar; Anatomia dos sistemas orgânicos			2	1	3	3		9
DÁMASO, A.	1	Nutrição, exercício e prevenção de doenças				1				1
DANTAS, E. H. M.	1	Flexibilidade e alongamento			1					1
De ROBERTIS, E. D. P.; De ROBERTIS, E. M. F.	1	Biologia celular e molecular			1	1				2
De ROBERTIS et al.	2	Biologia celular e molecular	3	3						6
DEVLIN, T. M.	1	Bioquímica						1		1
DIO DIO, L. J. A.	1	Anatomia aplicada			1					1
DOMINICZAK, M. BAYNES, J.	1	Bioquímica						1		1
DOUGLAS, C. R.	1	Fisiologia e saúde							1	1
DRINKWATER, B.	1	Mulheres no esporte	1	1						2
ENOKA, R. M.	1	Bases neuromecânicas							1	1
FAVARD, D. M. E	1	Célula					1	1		2
FERNANDES, J. L.	1	Treinamento desportivo			1					1
FORNASARI, C. A.	1	Cinesiologia							1	1
FOX, Edward L.; BOWERS, Richard W.; FOSS, Merle L.	1	Fisiologia do esporte	1	1		1			2	2
FRACCAROLI, J. L.	1	Análise mecânica dos movimentos	1	1						2

FREITAS, F. F. de; LOBO DA COSTA; P. H.	1	Biomecânica e educação física escolar			1					1
GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C	1	Desenvolvimento motor				1				1
GANONG, W. F.	1	Fisiologia médica			1	1				2
GARDNER, W. D.; ORBURN, W.A	1	Anatomia humana			1	1				2
GHORAYEB, N, BARROS NETO, T. L. de	1	Exercícios: aspectos fisiológicos, avaliativos e preventivos	2	2						4
GOLDBERG, S.	1	Anatomia clínica					1	1		2
GONÇALVES, A. et al.	1	Saúde coletiva e urgência	1	1				2	1	5
GOUVEIA, R.	1	Saúde pública	1	1						2
GRAÇA, W. C.	1	Cinesioterapia						1		1
GRAY, H.	1	Anatomia			1	1				2
GROSS, C. M.	1	Anatomia							1	1
GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R .P.	2	Peso e composição corporal; programas de EF escolar			2					2
GUYTON, A. C.	2	Fisiologia; Neurociência					1	1	1	2
GUYTON, A. C.; HALL, J.	1	Fisiologia médica	1	1	1	1			1	2
HALL, S.	1	Biomecânica	1	1	1	1			1	1
HAMIL, J. KNUTZEN, K. M.	1	Biomecânica do movimento	1	1	1	1				4
HARPER, H. A.	1	Bioquímica					1	1		1
HAY, J. G.	1	Biomecânica	1	1	1	1				4
HAY, J. G.; REID, J. G	1	Bases anatômicas e mecânicas	1	1		1				3
HAYWOOD, K.; GETHELL, N.	1	Desenvolvimento humano				1				1
HOUSTON, M. E.	1	Bioquímica do exercício						1		1
JORDÃO, B. Q. et al.	1	Biologia celular	1	1						2
JUNQUEIRA, L. C. U.; CARNEIRO, J.	2	Histologia; biologia celular e molecular	1	1	2	4	1	1	2	2
KAMOUN, P.; LAVOINNE, A.; VERNEUIL, L. de	1	Bioquímica e biologia molecular		1						1
KANDEL, E. R.; SCHWARTZ J. H.; JESSEL, T. M. M. H.	2	Ciência neural; Comportamento e ciência neural			2	2				4
KAPANJI, I. A.	1	Fisiologia articular					1	1		2
KEITHL, L. M.; BALLEY,	1	Anatomia							1	1

A. F.											
KENDALL, H. O. et al.	1	Músculos					2	2			4
KIERSZENBAUM, A. L.	1	Histologia e biologia celular	1	1							2
KLOETZEL, K.	1	Temas de saúde							1		1
KNUDSON, D. V. MORRISON, C. S.	1	Análise qualitativa do movimento	1	1							2
KRAEMER, W. J.; FLECK, S. J.	1	Treinamento de força			1						1
LACÔTE, M.; et al.	1	Avaliação clínica da função muscular					1	1			2
LANCHA JUNIOR, A. H.	1	Nutrição e metabolismo				2					2
LEHMKUHL; L. D.; SMITH, L. K.	1	Cinesiologia clínica	1	1	1	1	1	1			6
LEHNINGER, A.; TORRES, B. B.	1	Bioquímica								1	1
LEITE, P. F.	1	Fisiologia do exercício ergométrico	1	1							2
LODISH, et al.	1	Biologia celular e molecular	1	1							2
MACHADO, A.	1	Neuroanatomia	1	1						1	2
MALINA, R. M.; BOUCHARD, G.	2	Crescimento, maturação e atividade física; Atividade física do atleta jovem				1	1	1			3
MANOEL, E. J.	1	Criança experiência motora; Desenvolvimento motor				2					2
MARCONDES, E.	1	Distúrbios do crescimento e da nutrição				1					1
MARZZOCO, A.; TORRES, B. B.	1	Bioquímica	1	1				1		1	4
MARTINI, F. H.; WELCH, K.	1	Anatomia e fisiologia	1	1							2
MATHEUS, D. K.; FOX, E.L.	1	Fisiologia da EF e dos desportos	1	1						1	3
MAUGHAN, E. et al.	2	Bioquímica do treinamento; nutrição esportiva	3	3		2			2	1	11
MCARDLE, W. D.; KATCH, F. I.; KATCH, V. L.	3	Fisiologia do exercício e nutrição; Nutrição para o desporto; Consumo energético	4	4	1	3	1	2		1	16
McATEE, R. E.; CHARLAND, J.	1	Alongamento			1						1

MIRANDA, EDALTON	1	Anatomia e cinesiologia				1					1
MIRANDA, NETO, M. H.	1	Anatomia humana	1	1							2
MITIDIERI, E.; MITIDIERI, O. R. A	1	Bioquímica						1			1
MONTGOMERY, R.	1	Bioquímica								1	1
MOORE, K. L; DALLEY, A. F.	1	Anatomia para a clínica	1	1							2
MOREIRA, H. G.	1	Biologia e saúde					1	1			2
MORISCOT, A. S., CARNEIRO, J. ABRAHAMSOHN, P. A.	1	Histologia para a fisioterapia				1					1
NEGRÃO, C. E.; BARRETO, A. C. P.	1	Cardiologia do exercício				1					1
NELSON, D. L. COX. M. M.	1	Princípios da bioquímica	1	1							2
NIEMAN, D. C.;	1	Exercício e saúde	1	1							2
PALASTANGA, N. et al.	1	Anatomia e movimento humano	1	1					1	1	4
PFEIFER, J.	1	Célula					1	1			2
PLATZER,	1	Anatomia			1						1
POWERS, S. K. HOWLEY, E. T.	1	Fisiologia do exercício	2	2	1	1	1	2			9
Projeto esporte Brasil	1	Indicadores de saúde			1						1
PROMETHEUS	1	Anatomia			1						1
PUTZ, R.; PABST, R.	1	Anatomia humana	1	1							2
RASCH, P. J. BURK, R. K.	1	Cinesiologia e anatomia	1	1	1	1	1	1	1	1	8
ROBERGS, R. A.; ROBERTS, S. O	1	Fisiologia do exercício				1					1
ROBERTIS; NOWINSKI, SAEZ	1	Biologia celular					1	1			2
SHILS, M. E. et al.	1	Nutrição na saúde e na doença	1	1							2
SILBERNAGL, S. DESPOPULOS, A.	1	Fisiologia			1	1					2
SILVERTHORN, A.C.	1	Fisiologia	1	1	1	1					4
SOARES, J. L.	2	Biologia, genética, embriologia; Biologia molecular e histologia					2	2			4
SOBOTTA, J.	1	Anatomia					1	1			2
SOUZA, R. R.	1	Anatomia					1	1	1	1	4
SPENCE, A.	1	Anatomia							1	1	2

STRYER, L.	1	Bioquímica								1	1
SULLIVAN, J. A.; ANDERSON, S. J.	1	Jovem atleta			1						1
TANNER, J. M.	1	Crescimento e a adolescência				1					1
TANI, G.	1	Desenvolvimento motor				1					1
TANI, G. et al.	1	Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista				1					1
TIRAPEGUI, J.	2	Nutrição e suplementação; Nutrição e aspectos atuais	2	2		1					5
THOMPSON, P. D.	1	Exercício e cardiologia				1					1
TORTORA, G. J., GRABOWSKY, S. R.	1	Anatomia e fisiologia			1	1					2
UFPR	1	Bioquímica; aulas práticas						1			1
ULASOWICZ, C.; PEIXOTO, J. R. P.	1	Conhecimentos conceituais e procedimentais na EF			1						1
VAN DE GRAAF, KENT, M.	1	Anatomia			1						1
VIDAL MELLO, M. L. S.	1	Biologia celular							1	1	2
VIEIRA, E. C.	1	Bioquímica e biologia					1	1			2
VIEIRA, E. C.; GAZZINELLI, G.; MARESGUIA, M.	1	Bioquímica celular e biologia molecular						1			1
VOET, D.; VOET, J. G.	1	Bioquímica	1	1						1	3
VOET, D.; VOET, J. G.; PRATT, C. W.	1	Bioquímica	1	1							2
WATANABE, II-SEI	1	Anatomia humana	1	1							2
WALTER, P.	1	Biologia celular			1	1					2
WEINEK, J.	2	Biologia do esporte; Anatomia do esporte	1	1	2	1	1	1	3	2	12
WILLIAMS, M. H.	1	Nutrição para a saúde e atividade física		1							1
WILMORE, J. H. COSTILL, D. L.	1	Fisiologia do esporte	1	1		1	1	2			6
WIRHED, R.	1	Anatomia			1	1					2
WOLF-HEIDEGGER, G.	1	Anatomia humana	1	1	1	1					4
WOLINSKI, I. HICKSON JUNIOR, J. F.	1	Nutrição no esporte				1		1			2
ZIGMOND, M. J. et. al.	1	Neurociência			1	1					2

Observamos na tabela 6 que as temáticas dos cursos de licenciatura são: anatomia, o atleta jovem, a saúde, exercícios de alongamento e de força, a bioquímica, a biomecânica na educação física escolar, traz ainda aspectos do treinamento e da aptidão física relacionada à saúde.

Para o bacharelado as temáticas encontradas foram: bioquímica e biologia celular, histologia, aspectos do crescimento e do desenvolvimento infantil, cardiologia do exercícios, distúrbios do desenvolvimento, aspectos relacionados à nutrição, suplementação do esporte e psicologia do desenvolvimento.

As temáticas que são comuns para essa dimensão referem-se à anatomia, biologia celular e molecular, fisiologia, bioquímica, a neurociência, a nutrição no esporte, genética, saúde coletiva, entre outros aspectos como pode ser verificado no quadro acima, o que aponta para nomenclaturas diferenciadas, contudo, trata-se do mesmo conteúdo.

Mesmo apresentando diferenças, essa dimensão do conhecimento vai abarcar saberes que foram consolidados no processo de formação em educação física, e que desde seu surgimento têm dado base para as intervenções e pesquisas reconhecidas na área em âmbito nacional e internacional.

É interessante observar como essa dimensão do conhecimento tem sido associada à formação do bacharel, enquanto a dimensão didático-pedagógica volta-se para a formação em licenciatura. Barbosa-Rinaldi (2004, p. 94) lembra que com a separação da área na década de 1980, os cursos de formação tentaram se organizar para que pudessem atender todos os campos de atuação profissional, assim, os cursos em sua maioria optaram por oferecer a licenciatura ampliada, que contemplasse a escolar e os espaços não escolares. Assim, com o aumento da carga horária para 2880 horas/aula (Resolução 03 CFE/87), os conteúdos das técnicas corporais foram diminuídos e as dimensões pedagógicas e biológicas tiveram suas cargas horárias aumentadas, “essa mudança não melhorou, efetivamente, o preparo para a atuação nas escolas públicas. Serviu para evidenciar os espaços de trabalho criados por conta da vida contemporânea nas comunidades urbanas, sem, contudo preparar, de modo adequado para os mesmos”.

Atualmente, com o estabelecimento das Resoluções 01 e 02 CNE/CP/02 e 07 CNE/CES/04, observamos que os cursos se voltaram para modelos em que há predomínio da dimensão biológica para o bacharelado e da dimensão pedagógica

para a licenciatura. Ressaltamos ainda que em alguns cursos, como na UNICAMP<sup>29</sup>, a educação física foi defendida no campo das ciências humanas.

Por outro lado, entendemos que não podemos questionar tão profundamente sobre os problemas da equivalência das disciplinas da dimensão biológica, já que as ciências biológicas, que dão base para a compreensão do corpo humano, não estão distanciadas por questões ideológicas como acontece nas ciências humanas e sociais e em geral existem as mesmas disciplinas na licenciatura e no bacharelado.

O próxima tabela aborda a dimensão da Produção do Conhecimento Científico e Tecnológico.

---

<sup>29</sup> UNICAMP; Universidade Estadual de Campinas.

**Tabela 7** - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Produção do Conhecimento Científico e Tecnológico do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.

AUTOR (ES)	TOTAL DE OBRAS DO(S) AUTOR (ES)	TEMÁTICA DA(S) OBRA(S)	QUANTAS VEZES A(S) OBRA(S) É(SÃO) CITADA(S) NO REFERENCIAL								TOTAL CITADO
			IES 1		IES 2		IES 3		IES 4		
			L	B	L	B	L	B	L	B	
ABNT	1	Trabalhos acadêmicos					1	1			2
ABREU, A. S.	1	Gramática					1	1			2
ALVES, M.	1	Elaboração de teses e monografias	1	1							2
ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F.	1	Método nas ciências naturais e sociais	1	1							2
ANDRADE, M. M.	1	Metodologia do trabalho científico				1					1
ANDRÉ, M.	1	Pesquisa e formação docente			1						1
APA	1	Manual de estilo				1					1
AZEVEDO, I. B.	1	Elaboração de trabalhos acadêmicos							1		1
BAGNO, M.	1	Pesquisa na escola					1	1			2
BARBETA, P. A.	1	Estatística e ciências sociais				1					1
BARBIER, R.	2	Pesquisa-ação; Pesquisa participante	4	4	1						9
BARDIN, L.	1	Análise de conteúdo				1					1
BARROS, A. P.; LEHFELD, N. A. S.	2	Metodologia científica; Projetos de pesquisa e propostas metodológicas			1	1	1	1			4
BARROS, M. V. G.; REIS, R. S.	1	Análise de dados em atividade física e saúde				3					3
BASTOS, C.; KELLER, V.	1	Pesquisa científica			1						1
BASTOS, L. da R.; PAIXÃO, L. FERNANDES, L. M.	1	Manual de projetos, relatórios de pesquisas, teses e dissertações					1	1	1		3
BELBENOIT, G	1	O desporto na escola	1	1							2
BELTRÃO, O.	1	Correspondência, linguagem, comunicação					1	1			2
BERTHERAT, T.	1	Antiginástica	1	1							2

BERSTEIN, C.										
BETTI, M.	1	EF e sociedade	1	1						2
BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N.	1	Desafios de orientações de teses e dissertações			1					1
BOAVENTURA, E.	1	Organização das ideias			1					1
BOGDAN, R.; BIKLEN, S.	1	Investigação qualitativa e educação				1				1
BRANDÃO, C. R.	1	Pesquisa participante	1	1	1					3
BRUNHS, H.	1	Corporeidade	1	1						2
BRUYNE, P.	1	Pesquisa em ciências sociais					1	1		2
CAGIGAL, J. M.	1	Cultura intelectual e física	1	1						2
CARR, W.; KEMMIS, S.;	1	Investigação-ação e a formação docente			1					1
CARVALHO, M. C. M. de	1	Técnicas de metodologia científica			1					1
CEREJA, W. R.	1	Texto, produção textual					1	1		2
CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.	1	Metodologia científica	2	2						4
CHAUÍ, M.	1	Filosofia			1					1
CHIZZOTTI, A.	1	Pesquisa e ciências humanas e sociais			1		1	1		3
CONTANDRIOPOULOS, A. P. et al.	1	Estrutura e financiamento da pesquisa	2	2						4
COOK, T. D.;	1	Métodos qualitativos e quantitativos				1				1
REICHARDT, C.										
COSTA, F. C. da	1	Pensamento do professor na EF				1				1
COSTA, S. F.	1	Estatística							1	1
COSTA, V. L.	1	Prática da EF no 1º grau	1	1						2
CRATTY, B. J.	1	Inteligência e movimento	1	1						2
DELACROIX, M.	1	Expressão corporal	1	1						2
DELAMONT, S.	1	Sexualidade e escola	1	1						2
DEMO, P.	4	Pesquisa; Metodologia em ciências sociais; Pesquisa participante; pesquisa e princípio educativo			3		2	2	2	9
DENZIN, N. K.	1	Pesquisa qualitativa			1	1				2
DIECKERT, J.	1	Elementos e princípios da EF	1	1						2
ECO, U.	1	Elaboração de tese			1		1	1		3
FARACO, C. A.	1	Práticas de textos							1	1
FARIA JUNIOR, A.	1	Fundamentos pedagógicos da EF	1	1						2

FARIA JUNIOR, A. G. FARINATTI, P. T. V.	1	Pesquisa, produção do conhecimento e EF				1					1
FAZENDA, I.	2	Pesquisa educacional; Pesquisa, educação e conhecimento			1	1	1	1			4
FEITOSA, V. C	1	Redação de textos científicos	1	1							2
FEYERRAGAND, P.	1	Método			1						1
FERNANDES, A. A.	1	Técnicas digitais			1						1
FIGUEIREDO, M. X. B.	1	Corporeidade, escola, jogos e brincadeiras	1	1							2
FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P.	1	Entendimento de textos					1	1			2
FLICK, U.	1	Pesquisa qualitativa				1					1
FOUCAULT, M	1	Corpo, poder	1	1							2
FRANCISCHETTI, M. L.	1	Reflexões sobre a EF no 3º grau	1	1							2
FRANCO, M. L. P. B.	1	Análise de conteúdo			1						1
FREIRE, J. B.	1	Motricidade	1	1							2
GAMBOA, S.S.	3	Pesquisa educacional quali-quantitativa; Epistemologia pesquisa educacional			3						3
GATTI, B. A.	1	Pesquisa educacional			1						1
GERALDI, C. M. G.	1	Professor pesquisador e pesquisa-ação			1						1
GIL, A. C.	2	Projetos de pesquisa; Pesquisa social	2	2	2	1	1	1			9
GIL NETO, A.	1	Produção de textos na escola					1	1			2
GUEDES, E. N.	1	Metodologia científica			1						1
HAGUETE, T. M. F.	1	Metodologias qualitativa na sociologia	2	2							4
HILL, M. M.; HILL, A.	1	Investigação por questionário			1						1
HIRANO, S.	1	Pesquisa social			1						1
HUGUES, G. A.	1	Filosofia e pesquisa social					1	1			2
INÁCIO FILHO,	1	Monografia na universidade	1	1							2
KAUFMANN, F.	1	Metodologia das ciências sociais					1	1			2
KÖCHE, J. C.	1	Metodologia científica			1	1					2
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.	3	Metodologia do trabalho científico; metodologia científica	4	4	1	3	1	1	2	1	17
LAVILLE, C. DIONNE, J.	1	Pesquisa em ciências humanas			1						1

LEVIN, J.	1	Estatística			1					1
LIBANIO, J. B.	1	Interação com os saberes				1				1
LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A.	1	Pesquisa educacional qualitativa			1	2				3
LUNA, S. V.	1	Planejamento da pesquisa			1					1
MACEDO, R. S.	1	Etnopesquisa crítica e educação			1					1
MADUREIRA, A. S.	1	Estatística aplicada a EF e saúde				1				1
MAGALHÃES, M. N.	1	Probabilidade estatística				1				1
MARTINS, G. A.	2	Estatística; elaboração de monografias e dissertações				2				2
MATTOS, M. G.; ROSSETO JUNIOR, A.; BLECHER, S.		Pesquisa em EF, teoria e prática			1					1
MEDEIROS, J. B.	1	Redação científica				1				1
MILLS, W.	1	Cientista social					1	1		2
MINAYO, M. C. DE S.	2	Pesquisa qualitativa em saúde; Pesquisa social			1	1	2	2		6
MORROW, JUNIOR, J.R.; JACKSON, A. W.; DICH, J. G.	1	Medida e avaliação do desempenho				1				1
MOREIRA, H. CALEFEE, L. G.	1	Metodologia da pesquisa e o professor	1	1						2
MÜLLER, M. S.	1	Normas técnicas para teses, dissertações e monografias				1	1	1		3
MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M.; MÜLLER, R. P.	1	Normas técnicas para teses, dissertações e monografia			1	1				2
NETO, A. F.	1	Ciências do esporte no Brasil				1				1
PÁDUA, E. M.	1	Monografia e iniciação científica	1	1						2
PIMENTA, S. G.	2	Professores, pesquisa e didática; Professor reflexivo			2					2
POLITZER, G.		Filosofia			1					1
POSTIC, M.; De KETLE,	1	Observação educativa				1				1
ROMERO, E.	1	Corpo, mulher e sociedade	1	1						2
QUIVY, R. COPENHOUDT, L.	1	Investigação em ciências sociais				1				1
REIS, E., ALMEIDA, M. H. T.;FRY, P.	1	Espaço social e pesquisa	1	1						2

RUDIO, F. V.	1	Projeto de pesquisa científica			1	1	1	1			4
RUIZ, J. A.	1	Metodologia científica							2	1	3
RICHARDSON, R. J.	1	Pesquisa social			2		1	1			4
SÁ, E. S.	1	Normatização de trabalhos			1						1
SALVADOR, A. D.	1	Pesquisa bibliográfica	1	1							2
SANTIN, S.	1	Filosofia e corporeidade	1	1							2
SANTOS, R. C. dos	1	Corpo e saber e suas relações com o meio social	1	1							2
SAVIANI, D.	1	Consciência filosófica			1						1
SEVERINO, A. J.	1	Metodologia do trabalho científico			2	2			2	1	7
SELLTIZ, et al	1	Pesquisa em ciências sociais					1	1			2
SILVA, I. A.	1	Corpo e sentidos	1	1							2
SILVA, M. O da S.	1	Pesquisa participante	2	2							4
SILVA, P. C.	1	Reflexões sobre o corpo	1	1							2
SILVERMAN, S.	1	Como fazer pesquisa				1					1
SOARES, J. F.; SIQUEIRA, A. L.	1	Estatística médica				1					1
SZMANSKI, H.	1	Entrevista e pesquisa em educação			1						1
TACHIZAWA, T.; MENDES, G.	1	Elaboração de monografia	2	2	1						5
THIOLLENT, M	2	Investigação social; Pesquisa-ação	3	3							6
THOMAS, J.; NELSON, J. K.	1	Pesquisa em atividade física	2	2	2	3					9
TIERNO, B.	1	Técnicas de estudo			1						1
TRIVIÑOS, A. N. S.	1	Pesquisa em ciências sociais e qualitativa em educação	1	1	2		1	1			6
TRIVIÑOS, A. N. S.; MOLINA NETO, A.	1	Pesquisa qualitativa na EF	2	2					1		5
TURATO, E. R.	1	Pesquisa clínico-qualitativa				1					1
VIEGAS, W.	1	Metodologia científica	1	1							2
VIEIRA, S.	1	Bioestatística								1	1
WITROCCK, M.	1	Estudantes pensam o processo				1					1
Sem autoria	4	Normas de apresentação de trabalhos; criança; jogos	2	2			2	2			8

Como podemos notar na tabela 7, duas IES apresentaram modificações quanto às disciplinas da dimensão produção do conhecimento para os cursos de licenciatura e bacharelado. Em sua maior parte essa dimensão não apresenta diferenças para subsidiar as duas formações.

Analisando mais atentamente as IES 2 e 4 (em especial a IES 2 que apresentou mais diferenças) as quais apresentaram disciplinas exclusivas para a licenciatura, vemos que as temáticas dessas obras envolvem: técnicas de estudo, pesquisa na educação, professores, prática reflexiva e pesquisa, pesquisa em ciências humanas, pesquisa social, pesquisa qualitativa em educação, epistemologia da pesquisa educacional, a filosofia e a pesquisa e formação docente.

Quanto às especificidades do bacharelado, observamos as seguintes temáticas: pesquisa clínico-qualitativa, bioestatística, probabilidade estatística, estatística aplicada à educação física e saúde.

Nas aproximações vemos que há uma tendência para as técnicas de pesquisa, mas há também referenciais que, a primeira vista, não abordam a temática e não estão voltados para o contexto da área, com por exemplo, obras que tratam da pesquisa na escola e também está contemplada na formação do bacharel.

De certa forma, assim como a dimensão biológica, muitas instituições têm utilizado essas disciplinas para compor o núcleo comum, para que o aluno ao voltar para fazer a segunda formação possa aproveitar esse conhecimento. Por outro lado as IES tem utilizado alguns métodos e metodologias diferentes de forma genérica, o que muitas vezes não contribui para o aprofundamento dentro da própria área de estudo. Essa forma de pensar pode soar reducionismo, contudo, a formação, seja em licenciatura ou bacharelado, deve trazer no seu corpo de conhecimento as especificidades da área, seja qual for a dimensão do conhecimento, caso contrário, a separação fica sem sentido.

Sobre isso, Fensterseifer (1999), ao abordar a ciência na contemporaneidade e as relações entre a teoria e a prática, reconhece que a ciência tem apresentado mudanças significativas quando comparadas às ciências modernas, à metódica cartesiana, às reflexões de Marx e ao diálogo socrático registrado por Platão. O autor identifica que uma das características importantes

é o fato de que cada uma, nas suas especificidades, coloca seus critérios de objetividade, negando com isso, ideia de modelo único,

uma vez que se admite que cada ciência é uma construção operacional para dar conta de um objeto, sendo que seus instrumentos de medida (pesquisa), são considerados conjuntamente com objeto medido, logo os “dados”, não são dados mas construídos Fensterseifer (1999, p. 176).

No extrato, o autor admite que o conhecimento na contemporaneidade busca nas suas especificidades a compreensão do todo, na educação física por exemplo, as pesquisas realizadas em suas diferentes abordagens, como a social, a biológica, a tecnológica, entre outras, vão apresentar uma visão segmentada e não determinada, caracterizando o conhecimento como algo provisório.

A seguir podemos analisar as referências das disciplinas classificadas na dimensão cultural do movimento.

**Tabela 8** - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Cultural do Movimento Humano do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.

AUTOR (ES)	TOTAL DE OBRAS DO(S) AUTOR (ES)	TEMÁTICA DA(S) OBRA(S)	QUANTAS VEZES A(S) OBRA(S) É(SÃO) CITADA(S) NO REFERENCIAL								TOTAL CITADO
			IES 1		IES 2		IES 3		IES 4		
			L	B	L	B	L	B	L	B	
ABERASTUTY, A.	1	Criança e jogos					1				1
ABTF	1	Informações técnicas e científicas do futebol					1	1			2
ABTIBOL, L. G.	1	Aprendizagem da ginástica olímpica			1						1
ABOARREGE, A. M.	1	Hidroesporte					1	1			2
ACHCAR, D.	1	Ballet				1					1
ACHOUR JUNIOR, A.	2	Flexibilidade; Alongamento			2	2	1	1			6
AGRÁVELO, J. J.; GOMES, A. C.	1	Iniciação no atletismo					1	1			2
AGOSTI, L.	1	Ginástica educativa			1						1
ALBERT, H., ROTHENBERG, L.	1	Jogos esportivos	3	3							6
ALENCAR, E. S. de	1	Psicologia da criatividade				1					1
AMARAL, C. R.	1	Calistenia			1						1
ALMEIDA, M.	2	Ensinando basquete; basquetebol			1				4	2	7
ALMEIDA, M. B.	1	Basquetebol	1	1							2
ALMEIDA, P. N. de	1	Educação lúdica			1						1
ALTER, M. J.	1	Alongamento para os esportes				1					1
ALVES, R.	1	Gosto por ensinar					1				1
American Sport education program	1	Ensino do futebol; Ensino do basquetebol					1	1		1	3
ANCHIETA, J.	1	Ginástica afro aeróbica							2	1	3
ANDRADE JUNIOR, J. R.	2	Futsal; Apontamentos pedagógicos do futsal			1	1					2
ANDRADE, M. de	1	Danças dramáticas brasileiras	1	1	2	1					5
ANTON, J. L..	1	Basquetebol	1	1							2

AOKI, M. S.	1	Fisiologia e treinamento no futebol	1	1							2
APOLO, A.	2	Futsal; Manual técnico didático					1	1	1		3
ARANHA, M. L.	1	Filosofia					1	1			2
ARAÚJO, C.	1	Manual de ajudas em ginástica	1	1							2
ARAÚJO, J. B.	1	Voleibol			1	1					2
ARAÚJO, T.	1	Futebol e fundamentos							1	1	2
AREIAS, A. das	1	Capoeira	1	1							2
ARIÉS, P.	1	História dos jogos e dos brinquedos			1						1
ARNOLD, K.; ZINKE, E.	1	Ginástica de aparelhos			1						1
ARPIN, L.	2	Judô de solo e de pé	2	2							4
ARTAXO, I.; MONTEIRO, G. de A.	1	Ritmo e movimento				2	1	1	1		5
Atlas do esporte no Brasil	1	EF, atividade física e saúde					1				1
AYOUB, E.	2	Ginástica geral e EF escolar; Ginástica geral e sociedade contemporânea	2	2	1	1					6
AZZI, S.	1	Docente e saber pedagógico			1						1
BALBINO, H. F.	1	Jogos coletivos e inteligências múltiplas	1	1							2
BALZANO, O. N.	1	Jogos de futsal e educação física escolar			1	1					2
BAPTISTA, C. F. S.	1	Judô da escola à competição	1	1							2
BARBANTI, V. J.	2	Aptidão física; Treinamento físico				1			1	1	3
BARBOSA, I. P.	1	A ginástica na formação inicial em EF licenciatura	1		1						2
BARBOSA-RINALDI, I. P.	1	Ginástica como área de conhecimento na formação inicial	2	2		1					5
BARBOSA-RINALDI, I. P.; CESÁRIO, M.	1	Ginástica rítmica e realidade escolar			1						1
BARBOSA-RINALDI, I. P.; PAOLIELLO, E.	1	A ginástica no curso de educação física			2						2
BARNES, J. M.	1	Basquete feminino	1	1							2
BARRETO, D.	1	Dança na escola	1	1			1	1			4
BARROS, T. L.; GUERRA, I.	1	Ciência do futebol	1	1							2
BARROS, D. R.	1	Ginástica rítmica			1						1
BARROS, D.; BRAGA, H.	1	Ginástica e música				1	1	1			3

BARROS JUNIOR, A. B.	1	Voleibol							2	1	3
BARROS, N.; DEZEM, R	1	Atletismo							2	1	3
BATALHA, A. P.	1	Ensino da dança			1						1
BATISTA, E.; VIVES, J.	1	Exercícios de ginástica				1					1
BATISTA, J. C. de F.	1	Ginástica de academia				1					1
BAYER, C.	1	Ensino de esportes coletivos	1	1	1	1					4
BECKER, F.	1	Modelos pedagógicos e epistemológicos			1						1
BENJAMIN, W.	1	Reflexões, criança, brinquedo educação			1		1				2
BENTO, J.O.	1	Desporto	1	1							2
BERGE, I.	1	Corpo				1					1
BERTHERAT, T.	1	Estações do corpo					1				1
BEZERRA, M.	1	Exercícios de basquete					1	1			2
BIZZOCCHI, C.	1	Voleibol de alto nível			1	1					2
BLÁZQUEZ SÁNCHEZ, D.	1	Iniciação dos esportes de equipe				1					1
BLOISE, D. M.	1	Ginástica localizada				1					1
BOJIKIAN, J. C. M.	1	Ensino do voleibol			1	1	1	1			4
BOMPA, O. A.	1	Treinamento desportivo			1			1			1
BONACHELA, V.	1	Hidroginástica					1	1			2
BORG, B.	1	tênis			1	1					2
BORGES, C. M. F.	1	Formação prática pedagógica do professor de EF			1						1
BORMANN, G.	1	Ginástica de aparelhos			1	1					2
BORSARI, J. R.;	4	Handebol; Futebol de campo; Aprendizagem e treinamento; Voleibol				1	1	1	2	1	6
BORSARI, J. R.; SILVA, B. J.	1	Voleibol	1	1					2	1	5
BOTA, I.; COLIBAEVULET, D.	1	Jogos desportivos coletivos	1	1							2
BOTT, J.	1	Ginástica rítmica moderna				1					1
BRACHT, V.	2	EF e aprendizagem social; Teorias pedagógicas na EF	3	3	1						7
BRAGA, M.; BOSCHILHA, L.	1	Judô para principiantes				1					1
BRAGA, J. M. P.	1	Elementos musicais e EF	1	1							2

BRANDÃO, C. R	2	Educação; folclore	1	1			1			3
BRASERO, J. L.	1	Xadrez						1		1
BRASIL	5	EF no ensino fundamental; EF na pré-escola; Referenciais curriculares nacionais da Educação infantil; PCNs; Projeto nacional de capoeira; Resolução 3/CFE/87	1	1	7		4			13
BRASILEIRO, L. T.	1	Dança na EF			1					1
BREGOLATTO, R. A.	1	Cultura corporal da ginástica				1				1
BRIKMAN, L. A.	1	Linguagem do movimento				1				1
BRITO, R.	2	Arte da capoeira na Bahia; Capoeira dança	2	2						4
BROTTO, F. O.	2	Jogos cooperativos			1	1	2			4
BROUGERE, G.	2	Jogo, brinquedo, educação e cultura			2					2
BRUHMS, H. T.	1	Reflexões sobre o corpo	1	1			1		2	5
BRUSTOLIN, M.	1	Tênis no Brasil			1	1				2
BUSTO, R. M.	1	Material didático			1					1
CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; GOMES, S.	1	Dança e educação do movimento			1	1				2
CALLOIS, R.	1	O jogo e os homens			1					1
CAMPOS, H.	1	Capoeira na escola	1	1						2
CAMPO, M. de A.	1	Musculação e populações especiais				1				1
CANFIELD, J. T. REIS, C.	1	Aprendizagem no voleibol						2	1	3
CAMARGO, M. L. M. de	1	Música e movimento	3	3			1	1	2	11
CAMARGO NETO, F.	1	Handebol					1	1		2
CAMPUS, W.; CRUZ, V. P. da C.	1	Criança no esporte					1			1
CARDOSO, T. C.	1	Capoeira, luta, dança, folclore	1	1						2
CARNAVAL, P.	1	Cinesiologia nos esportes						1		1
CARRASCO, R.	2	Atividade para principiantes; Pedagogia dos aparelhos			2					2
CARRASCO, R.	1	Caderno técnico do treinador				1				1
CARVALHO, C.	1	Didática da natação				1			2	3
CARVALHO, O. M.	1	Voleibol	1	1	1	1	1	1		6
CARVALHO, W.	1	Basquetebol			1	1				2



COSTA, V. L. M.	1	Esporte de aventura							1		1
COSTILL, D. L.; MAGLISCHO, E. W.; RICHARDSON, A. B.	1	Natação				1					1
COUSY, B.; POWER, F.	1	Basquetebol	1	1							2
COUTINHO, N. F.	1	Basquete na escola			1						1
CUADRA, L. G.	1	Handebol				1					1
CUNHA, D. S. da	1	Aprender e ensinar a nadar	1	1							2
CUNHA, M.	1	Aprender a dançar				1					1
CUNSILMAN, J. E.	1	Natação competitiva				1					1
CURY, F. M.	1	Camping				1					1
D'AGOSTINI, O.	1	Xadrez				1					1
DAIUTO, M.	4	Basquetebol; Metodologia no ensino; Arbitragem basquetebol; Voleibol	5	5	1	1	2	2	2	1	19
DAOLIO, J.	1	Da cultura do corpo				1					1
DANTAS, E. M. H.	1	Flexibilidade e alongamento					1			1	2
DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.	1	EF na escola							1		1
DASSEL, M. G.	1	Tênis de mesa				1					1
DEAM, L.	1	Esportes para crianças				1					1
DEAN, G. S.	1	Basquetebol	1	1							2
DELGADO, C. A.	2	Escolas de natação; Hidroginástica				1	1	1			3
DELIBERADOR, A.	1	Judô			1	1					2
DE ROSE, D.	1	Basquetebol			1	1					2
DESSEL, H.; HAAG, H.	1	Ginástica escolar					1				1
Deutsher tennis bund	2	Tênis golpes básicos e especiais			2	2					4
DIAGRAM, V. I.	1	Atletismo					1	1			2
DIAZ, M. J. J.	1	Judô para crianças	1	1							2
DIECKERT, J.; KOCH, K.	1	Ginástica olímpica			1						1
DIETREICH, K., et al	1	Grandes jogos	3	3							6
DURRWACHTER, G.	1	Voleibol	1	1	1						3
DYSON, G.	1	Mecânica do atletismo	1	1							2
EHRET, A. et .al	1	Handebol	1	1		2					4
ELMERICH, L.	1	História da dança				1					1
ESTEVES, A. P.	1	Capoeira da indústria do entretenimento	1	1							2

ELLIS, C.	1	Basquetebol	1	1						2
ERICKSEN, O. A.; FERREIRA, M. R.	1	Natação				1				1
FACCA, F. B.	1	Atletismo						2	1	3
FACCA, F. B.; BORSARI, J. R.; NEVES, F. P.	1	Manual de EF				1				1
FALCAO, J. L. C.	1	Capoeira e escolarização	1	1						2
FALKOWSKI, M. M.; ENRIQUEZ, E.	3	Tática e sistemas de jogo; Jogadores de campo; Tática ofensiva				3				3
FARIA, J.; GOMES, G.	1	Introdução à EF							1	1
FARO, A. J.	1	História da dança	1	1	2					4
Federação Paranaense de Basquete	1	Regras oficiais					1	1		2
Federação internacional de ginástica	2	Código de pontuação; Atualizações do código			2					2
Federação internacional de voleibol	1	Manual do treinador			1	1				2
FELDENKRAIS, M.	1	Consciência pelo movimento				1				1
FERN, E.	1	Aprender a dançar				1				1
FERNANDES, A.	1	Cinesiologia e alongamento				1				1
FERNANDES, C., et al.	1	Dança-teatro			1					1
FERNANDES, J. L.	4	Atletismo, saltos, arremessos, corridas; treinamento	4	4	3	3	3	3		20
FERREIRA, A. P.	1	Ensinar jovens a jogar			1	1				2
FERREIRA, E. B.	1	Maculelê	1	1						2
FERREIRA, S. L.	1	Atividades recreativas					1			1
FERREIRA, P.	1	Handebol de salão	1	1		1				3
FERREIRA, R. L.	1	Futsal e iniciação					1	1	3	6
FERREIRA, V.	1	Dança escolar			1	1				2
FRIEDRICH, E.; NILSSON, M.	1	Ginástica desportiva			1	1				2
FIELDLER, M.	1	Voleibol	1	1						2
FIGUEIREDO, F.; MONT'AVÃO, C.	1	Ginástica laboral				1				1
FIGUEIREDO, J. F.; HUNGER, D.	1	Conhecimento histórico das ginásticas				1				1
FIGUEIREDO, S. A. S.	1	Hidrogenástica				1				1

FILIN, V. P.	1	Desporto juvenil	1	1							2
FIXX, J. F.	1	Corrida					1	1			2
FLECK, S. J.	1	Treinamento de força muscular						1			1
FLORESTAN, F.	1	Folclore	1	1							2
FRADE, C.	1	Folclore	1	1							2
FRAGA, F.	1	Minivoleibol	1	1							2
FRANCHINI, E.	1	Judô e desempenho	1	1		1					3
FRASCINO, J.	1	Voleibol	1	1							2
FREIRE, C.	1	Xadrez				1					1
FREIRE, J. B.	7	Educação de corpo inteiro; O jogo; Pedagogia do futebol; Jogo (apostila); Pedagogia do cone; Educação como prática corporal; De corpo e alma; Entre o riso e o choro	4	4	7	1	1	1	4		22
FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J.	1	Educação como prática corporal; Educação de corpo inteiro; Educação como prática da liberdade					3				3
FREIRE, P.	1	Pedagogia da autonomia			1						1
FREUDENHEIM, A. M.	1	Natação				1					1
FRIDRICH, E. R.	1	Aprendizagem do voleibol	1	1							2
FRISSELI, A. ; MANTOVANI, M.	1	Futebol	1	1		2					4
FRITZEN, S. J.	1	Jogos dirigidos					1				1
FROMETA, E. R.	1	Atletismo			1	1					2
FROHNER, B.	1	Voleibol	1	1							2
FONSECA, G. M.	1	Futsal, metodologia de ensino				1					1
FONSECA, G. M.; SILVA, M. A.	1	Jogos de futsal			1	1					2
FONTARNAU, A. S.	1	Xadrez							1		1
FORQUET, J.	1	Jogador de basquete	1	1							2

FUX, M.	3	Dança; Dança terapia; Vida e movimento	1	1	1	3					6
GADOTTI, M.	1	Pedagogia da práxis			1						1
GAIO, R.	1	Ginástica rítmica popular			1	1	1				3
GAIO, R.; BATISTA, J. C. de F.	1	Ginástica, corpo e movimento	2	2							4
GALLAHUE, D. L.	1	Entendendo o desenvolvimento motor				1					1
GALLARDO, J. S. P.	2	EF e formação profissional; Fundamentos da ginástica competitiva	1	2			2				5
GALLARDO, J. S. P.; OLIVEIRA, A. A. B. de; ARAVENA, C. J. O.	1	Didática da EF					1				1
GALLWEY, W. T.	1	Tênis			1	1			1		3
GARAUDY, R.	1	Dança	1	1		1					3
GARCIA, A.; et al.	1	Ritmo e dança							2	1	3
GARCIA, A.; HAAS, A.N.	1	Ritmo e dança				1					1
GERHARD, L.	1	Natação	1	1							2
GERARD, A.	1	Marcha humana						1			1
GERALDES, A. A. R.	1	Ginástica localizada				2					2
GIANOLLA, F.	1	Musculação				2					2
GIFFONI, M. A. C.	2	Danças folclóricas brasileiras; danças folclóricas de diferentes continentes	2	2							4
GIL, J.	1	Movimento total				1					1
GLASSER, N. Z. R. R.	1	Natação para deficientes mentais				1					1
GUILHERME, A.	1	Voleibol	1	1							2
GUISELINI, M.	1	Aptidão física saúde e bem estar				1					1
GOMES, A. C.	1	Treinamento desportivo	1	1							2
GOMES, A.C.; SUSLOV, P. F.; NIKITUNSKI, V. C.	1	Atletismo, preparação de corredores			1	1					2
GOMES, W. D. F.	1	Natação					1	1			2
GONÇALVES, A.	1	Manual dos esportes			1	1					2
GONÇALVES, M. A. S.	1	Corporeidade e educação			1						1
GOULART, F.	1	Defesa pessoal tae kwon do					1	2			3
GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J.	1	Jogos desportivos coletivos	1	1	2	1					5

GRECO, P. J.	2	Caderno técnico do goleiro de handebol; Ensino e comportamento tático dos jogos coletivos				2					2
GRECO, P. J.; BENDA, R. N.	5	Iniciação esportiva no escola no clube; Aspectos técnicos; Iniciação aos esportes coletivos;	2	2	7				2	1	14
GUEDES, D. P.	1	Exercício físico e saúde							1	1	2
GUIARDELLI JUNIOR, P.	1	Corpo filosofia e educação			1						1
HAY, J. G.	1	Biomecânica das técnicas desportivas					1	1			2
HANEBUTH, O.	1	Ritmo e EF	1	1							2
HANS-GERT, S.; FEDERHOF, E.	1	Handebol	1	1							2
HASELBACH, B.	1	Dança e improvisação	1	1	2	1					5
HANSENE, M.	1	Basquetebol	1	1							2
HASLER, H.	1	Handebol	1	1							2
HEALEY, W. A.; HARTLEY, J. M.	1	Basquete	1	1							2
HELLER, A.	1	O homem do renascimento			1						1
HERNÁNDEZ MORENO, J.	1	Futebol				1					1
HOMERO	1	Odisséia			1						1
HOSTAL, P.	3	Pedagogia da ginástica artística; Ginástica em aparelhos; Ginástica de solo				1		2			3
HOWARD, K.	1	Yoga				1					1
HOWARD, W.	1	Música e a criança	1	1							2
HUIZINGA, J.	2	Jogo e cultura; Homo ludens			2		1	1			4
HURTADO, J. G. G. M.	1	EF escolar e pré-escolar					1				1
HYPOLITO, A. M.	1	Trabalho docente			1						1
IDLA, H.	1	Movimento e ritmo	1	1							2
IDORN, J.	1	Natação							2		2
INOKUMA, I.	1	Judô	1	1							2
JACOBS, A. G.	1	Regras de basquetebol	1	1							2
JAEGER, W. W.	1	Paidéia			1						1
JEANDOT, N.	1	Música	1	1							2
JIMENEZ, J. M.	1	Meio aquático				1					1

JUCÁ, M.	1	Bases fisiológicas e metodologia				1					1
JUNIOR, Afonso	1	Aprendizagem e ludicidade					1				1
KAMIL, C.	1	Jogos em grupos							1		1
KASLER, H.	1	Handebol					1	1			2
KAWANICHI, T.	1	Judô	1	1							2
KIEFER, B.	1	Linguagem musical					1	1			2
KIRKOV, D. V.	1	Treinamento do basquetebol	1	1							2
KIRSCH, A.; KOCH, K., ORO, U.	1	Atletismo								1	1
KISHIMOTO, T.	2	Jogo, brinquedo, brincadeira e educação; Jogos infantil			3						3
KOCH, K.	1	Jogos desportivos			1	1					2
KOS; TEPLY; VALRAB	1	Ginástica exercícios				1					1
KOURY, J. M.	1	Terapia aquática				1					1
KRASEVEC, J. A.; GRIMES, D. C.	1	Hidroginástica				1					1
KRING, R.	1	Atletismo na escola					1	1			2
KRÖGER, C.; ROTH, K.	1	Escola da bola	3	3							6
KUDO, K.	2	Judô proteção e solo			2	2					4
KURSCH, A.; KIRSCH, K.	4	Metodologia do atletismo e provas de lançamento	4	4							8
KUNSAGI, P. N.	1	Handebol						1			1
KUNZ, E.	2	Didática da EF; Transformação didático pedagógica do esporte			1			1	1		3
JUCÁ, M.	1	Aeróbica e step				1					1
JUNCOSA, J.	3	Provas do atletismo: corridas diversas	3	3							6
LABAN R.	2	Dança educativa moderna; Domínio do movimento	4	4	4	3	1	2	2	1	21
LAFRANCCHI, B.	1	Treinamento para a ginástica rítmica		1	2	1					4
LANGENDORFER, S. J.; BRUYA, R.	1	Ensinando criança a nadar				1					1
LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R.	1	Teoria geral da ginástica	2	2	1	1					6
LAPIERRE, A.; ACOUTUREIR, B.	3	Contrastes, nuances, associações e contrastes	3	3							6
LARA, L. M.	1	Sentido ético-estético na cultura	1	1							2

		popular								
LARA, L. M.; PIMENTEL G. G. de A.; RIBEIRO, D. M. D.	1	Brincadeiras cantadas	1	1						2
LASSERE, R.	1	Judô	1	1						2
LARRAIN, J.	1	Dicionário do pensamento marxista			1					1
LAUDIER, J. A. S.	1	Futsal						1		1
LEAL, J. C.	1	Futebol	1	1						2
LEGUET, J.	1	Ações motoras em ginástica	1	1	1					3
LEITE, N.; MENDES, R. A.	1	Ginástica laboral				1				1
LEMONS, A. de S.	1	Voleibol escolar			1	1				2
LEPORE, M. GAYLE, G. W.; STEVENS, S.	1	Programa de adaptação aquática				1				1
LESITSAKAJA, T.	1	Ginástica rítmica, desporto e treinamento				1				1
LESSA, B.; CORTES, P.	1	Danças da tradição gaúcha	1	1						2
LIMA, C. de; CRUZ, J. B.; CRUZ, J. C.	1	Jogos					1			1
LIMA, D. F. de	1	Dicionário de esportes					1			1
LIMA, W. U.	1	Natação				1				1
LLORET, M. et al.	1	Natação terapêutica				1				1
LOKTYEVIN, S.; MAKAROKA, G.	1	Sistema competitivo para jovens				1				1
LUIZ, N.	1	Basquetebol	1	1						2
LOCKE, J.	1	Educação			1					1
LORENZINI, A. R.	1	Ginástica e EF escolar			1					1
LOTUFO, J. N.	1	Natação; Basquete	1	1					2	4
LUCENA, R.	1	Futsal e iniciação							1	1
LUZ, N.	1	Basquete			1	1				2
LUPTON, D.	1	Corporeidade e práticas				1				1
LYABB, V.	1	Capacidades coordenativas				1				1
MACEDO, L.	2	Oficina de Jogos; Os jogos e a importância na escola			1			1		2
MACGREGOR, B.	1	Voleibol	1	1						2
MACGREGOR, C.	1	Jogos não competitivos							3	3
MACHADO, D. C.	1	Natação				1	1	1		3
M' Ckay, K.; ROB,	1	Aprender a nadar				1				1

MADUREIRA, A. S.	1	Conhecimentos do exercício físico	1	1							2
MAGLISCHO, E. W.	1	Natação	1	1		1					3
MAGNANI, S.	1	Expressão, linguagem e música					1	1			2
MAHLO, F.	1	Tática de jogo			1						1
MAKARENKO, L. P.	1	Natação				1					1
MALINA, R. M.	3	Antropometria; Menarca em atletas; Jovens atletas, Crescimento e maturação				3					3
MALTA, P.	1	Step aeróbico e localizado				2					2
MARCELINO, N.	2	Pedagogia da animação; Lúdico e educação física							4		4
MARCELO, C.	1	Formação de professores			1						1
MARCHI JUNIOR, W.	1	Voleibol			1	1			2		4
MERCURIAL, J.	1	Arte ginástica			1						1
MARINHO, I. P.	4	EF, recreação e jogos, sistemas e métodos; Valor bio-psico-social do jogo			4						4
MARQUES, I. A.	3	Dança na escola; Ensino da dança; Dança educação	1	1	6	3	1	2			14
MARQUES, M. B	1	Hidroginástica					1	1			2
MARQUES, M.; PEREIRA, N.	1	Hidroginástica exercícios					1	1			2
MARQUES, W.	1	Caderno técnico e didático			1	1					2
MARTIN, R.H.C. et al.	1	Maturação sexual masculina				1					1
MARTINELLI, T. A. P.	2	Formação inicial em EF; Formação profissional para o trabalho com ginástica rítmica	2	1	1						4
MARTINEZ, J. J.	1	Judô para crianças			1	1					2
MARTINI, K.	1	Handebol	1	1		2					4
MARINOVIC, W.; LIZIKA, C.; NAGAOKA, K.	1	Tênis de mesa							1		1
MATHIENSEN, S. Q.	1	Atletismo			1		1				2
MATOS, O.	1	Atividade física em academias				1					1
MECHIA, J. M.	1	Handebol; Iniciação ao treinamento	1	1			1	1			4
MEC	1	Atletismo, regras oficiais	1	1							2
MELEM, C.	1	Natação para gestantes					1	1			2
MELÉNDEZ-FALKOWSKI, M; FERNÁNDEZ, E. H.	1	Minihandebol	1	1							2

MELHEM, A.	2	Brincando e aprendendo voleibol e basquetebol			2						2
MELLO, A.	1	Psicomotricidade e jogos							1		1
MELLO, D.	1	Ciclismo							1		1
MELLO, R. S.	5	Futebol, aspectos técnicos, iniciação e treinamento; Jogos recreativos; Sistemas e táticas; Exercícios para o futebol	1	1			3	3	2		10
MENDES, M. G.	1	Dança			2						2
MENDES, R. A. et al.	1	Porcentual de gordura					1	1			2
MENDES, R. A.; LEITE, N.	1	Ginástica laboral				1					1
MENDONÇA, M. E.	1	Ginástica holística				1					1
MESQUITA, I.	1	Pedagogia do treino	1	1							2
MIRANDA, N.	2	Jogos infantis					2				2
MIRI, A. O.	1	Introdução ao handebol				1					1
MOMMENSOHN, M., PETRELLA, P.	1	Reflexões sobre Laban				1					1
MONTEIRO, A.	1	Ginástica aeróbica				1					1
MONTEIRO, I. B. O.	1	Treinador de judô no Brasil	1	1							2
MORATO, M. E. P.	1	Ensino da dança	1	1							2
MORENO, G.	1	Recreação							2		2
MOREIRA, S. B.	1	Ciência do treinamento						1			1
MORIN, E.	1	Reforma do pensamento; Educar; saberes necessários à educação			1						1
MORTENSEN, J. P.; COOPER, J. M.	1	Atletismo					1				1
MOURA, R. R. de	1	Regulamento técnico do atletismo	1	1							2
MUTTI, D.	1	Futsal							1		1
NAHAS, M. V.	1	Atividade física saúde e qualidade de vida				1	1	1	1	1	4
NAKAMURA, O. F.	2	Natação; Recreação aquática					2	2			4
NAKASHIMA, C. T.; NAKASHIMA, A. H. S.	1	Tênis de mesa paraolímpico							1		1
NANNI, D.	3	Dança-educação; Dançando na escola	1	1	5	1					8
NEGRÃO, R. F.	1	Origem da expressão na EF			1						1
NESTOR, C.	1	Jogador de capoeira	1	1							2

NISTA-PICCOLO, V. L.	1	Atividades como proposta educacional			1						1
NOGUEIRA, A. M.	1	Música consumo e escola	1	1							2
NOGUEIRA, E. M.	1	Ginástica de academia				1					1
NOGUEIRA, P.	1	Handebol de salão					1	1			2
NORM, A.; HANSON, B.	1	Exercícios aquáticos terapêuticos					1	1			2
NORONHA, R.	1	Natação	1	1							2
NORONHA, S.	1	Almanaque dos esportes				1					1
NOVAES, J. S.	1	Estética e academia		1							1
NÓVOA, A.	1	Os professores e sua vida			1						1
NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L.	1	Ginástica artística	1	1							2
OKUNO, E.; FRATIN, L.	1	Física do corpo humano				1					1
OLIVEIRA, J.	1	Atletismo Didática e técnica							2	1	3
OLIVEIRA, M.	1	Desporto de base	1	1							2
OLIVEIRA, P. S.	1	Brinquedo e indústria cultural			1						1
OLIVEIRA, R. C.	1	Futebol e classes populares	1	1							2
OLIVEIRA, P. R.; SERRANO, D. Z.	1	Natação terapêutica				1					1
OLIVEIRA, V. PAES, R. R.	1	Basquete pedagogia e metodologia				1					1
ORELLANA, S. A. R.	1	Alongamento e relaxamento				1					1
ORSO, D.	1	Atividades recreativas e o brincar							1		1
OSSONA, P.	1	Educação e dança	1	1	2						4
PAES, R. R.	1	EF escolar	1	1							2
PAIVA, I. M. R.	1	Brinquedos cantados	1	1							2
PALMA, A.	1	EF corpo e saúde			1						1
PALMA, A. P. T. V.; PALMA, J. A. V.	1	EF na escola e seu conteúdo			1						1
PALMER, M. L.	1	Ensino da natação				1	1	1	2		5
PAOLIELLO, E.	2	Ginástica geral; O universo da ginástica		1		2					3
PARANÁ	1	Diretrizes curriculares para a EF			1						1
PAULA, P. F. A.; GRECO, P. J.; SOUZA, P. R. C.	1	Processos cognitivos e tomada de decisão no jogo			1						1
PAULA, R. S.	1	Basquetebol metodologia					1	1	2	1	5
PAULO, M. N.	1	Ginástica aquática					1	1	2		4
PEDRO FILHO, L.	1	Detecção, seleção e promoção de			1						1

		talentos na ginástica rítmica								
PEREIRA, A. M.	1	Concepção de corpo			1					1
PEREIRA, F. M.	1	Cotidiano escolar e EF						1		1
PEREIRA, C. M.	1	Tratado de EF			1					1
PEREIRA, S. A. M.	1	Ginástica rítmica					1			1
PEREFORT, B. A. D.	1	Exercícios de ginástica rítmica			1	1				2
PÉREZ, C. M. J.	1	Judô infantil	1	1						2
PÉREZ GÓMEZ, A.	1	Pensamento prático do professor			1					1
PERNISA, H.	1	Atletismo	1	1						2
PESTALOZZI, J. E.	1	Ensino para crianças			1					1
PEUKER, I.	1	Ginástica moderna sem aparelhos	2	2	1			1	1	7
PIAGET, J.	1	A formação do símbolo			1					1
PICCOLO, V. L. N.	2	EF escolar; Pedagogia dos esportes					2			2
PINAR, C.	3	Saltos no atletismo	3	3						6
PINTO, F. S.; SANTANA, W. C.	1	Iniciação no futsal			2	1				3
PINTO, R.	1	Gestos musicalizados	3	3						6
PORTINARI, M.	1	História da dança	1	1		1		2	1	6
PRINA, F. C.	1	Dança no ensino obrigatório			1					1
QUEIROZ, C. A.	1	Recreação aquática				1				1
ROMANI, V.	1	Minivoleibol	1	1						2
RANGEL, N. B. C.	1	Dança, educação e EF			1	1				2
RAPOSO, A. J. V.	1	Ensino da natação	1	1						2
RAMALDES, A.	1	Hidroginástica				1				1
RAMOS, J. J.	1	Exercício físico e a história da arte	1	1	1					3
REIS, A. L. T.	1	EF e capoeira	1	1						2
REIS, J. W.	1	Exercícios aquáticos					1	1		2
RENGEL, L.	1	Laban				1				1
RETONDAR, J. J. M.	1	Teoria do jogo					1			1
REVERBEL, O.	1	Jogos teatrais na escola					1			1
Revista de EF do CONFEF	3	Profissional de EF; Ginástica Laboral; Pilates				3				3
REZER, R.; SAAD, M.	1	Futebol e futsal			1					1
REZENDE, B. R. de	1	Competição			1	1				2
RIBEIRO, J. L. S.	1	Conhecendo o voleibol				1				1
RIBEIRO, D. M. D.	1	Prática reflexiva na formação em	1	1						2



SANTANA, W. C.	3	Futsal e aspectos pedagógicos;			1	3			1		5
SARMENTO, P.	1	Aprendizagem motora e natação	1	1							2
SAUDI, A.	1	Judô para todos	1	1							2
SAVIANI, D.	5	Pedagogia; Supervisão pedagógica; Valores da educação; Pedagogia histórico-crítica			5						5
SBORQUIA, S. P.	2	Dança na EF			2						2
SCHIMIDT, R. A.; WRISERBERG, C. A.	1	Aprendizagem e performance motora			1	1					2
SCHOENFELD	1	Esculpindo o corpo perfeito				1					1
SCHMOLINSKY, G.	1	Atletismo	1	1					2	1	5
SCHOLTZMETHNER, R.	1	Ginástica escolar						1			1
SCHROEDER, P.	1	Judô e defesa pessoal			1	1					2
Secretaria da Educação de SP	1	Implantação de guia curricular para a EF						1			1
Secretaria de Educação fundamental do RJ	2	PCNs arte; educação física	2	2							4
SECO, J. D. R. et al	1	Guia metodológico do handebol				2					2
SEED	1	EF						1	2		3
SENA, C.	1	Capoeira	1	1							2
SERGIO, M.	4	Paradigma do saber e do ser; Educação motora; Epistemologia da motricidade; Olhares sobre o corpo			4						4
SEYBOLD, A.	1	EF, princípios pedagógicos	3	3							6
SHALMANOV, A. A.	1	Voleibol fundamentos biomecânicos				1					1
SHARKEY, B. J.	1	Condicionamento físico e saúde				1					1
SHAW, S.	1	A arte de nadar	1	1							2
SIAN, W.	1	Pilates				1					1
SILVA, A. J. P. da	1	Capoeira	1	1							2
SILVA, E. N.	1	Atividades recreativas						1			1
SILVA, M. S.	1	Handebol	1	1							2
SILVA, P. A.	3	Exercícios e jogos na EF escolar						3			3
SILVA T. A. F. ; DE ROSE JUNIOR, D.	1	Iniciação nas modalidades esportivas coletivas			1						1
SILVEIRA NETO, E.; NOVAES, J.	1	Ginástica de academia				1					1

SIMEONI, M. C	1	Relação com o mundo					1				1
SIMÕES, A. C.	1	Handebol	1	1		3	1	1			7
SNYDERS, G.	2	Alegria na escola; Alunos felizes			2						2
SIQUEIRA, D. da C. O.	1	Corpo, comunicação e cultura	1	1							2
SKINNER, A. T.; THOMSON, A. M.	1	Exercícios na água				1	1				2
STILL, C.	1	Ginástica artística feminina			1						1
SOARES, C. E. L.	1	Capoeira escrava e outras tradições	1	1							2
SOARES, C. L.	3	EF e raízes européias; Imagens da educação no corpo; Corpo e história	4	3	2		3	1	1		14
SOARES, C. L. et al.	1	Metodologia do ensino da EF	2	2	5						9
SOBRAL, F.	1	Introdução à EF			1						1
SOLER, R.	1	Jogos cooperativos					1				1
SOUZA, B. C. C.; JÓIA, L. C.	1	Ginástica laboral e prevenção de doenças				1					1
SOUZA, D. C.	1	Judô e a formação do indivíduo					1	1			2
SOUZA, E. P. M.	1	Ginástica geral como área de conhecimento na EF			1						1
SOUZA, L. C. G. F.; KURDOGLIAN, A.	1	Escalada							1		1
STEIN, H. G.	1	Handebol				1					1
STOCKER, G.	1	Basquete			1	1					2
STOKOE, P.	1	Expressão corporal e pré-escola <sup>1</sup>	1								1
STRAZZACAPPA, M.	1	Dança na escola			1						1
SULLIVAN, J. A.; ANDERSON, S. J.	1	Jovem atleta					1				1
SUVOROV, Y. P.; GRISHIN, O. N.	2	Iniciação do voleibol	1	1	2	1	1	1			7
SUZUKI, E.	1	Educação integral e judo	1	1							2
SWURWACHTER, G.	1	Voleibol				1					1
TAKESHITA, K.	1	Ju-do					1	1			2
TAVARES, F.	2	Jogos esportivos coletivos; Processo de informação nos jogos desportivos	1	1	1						3
TEIXEIRA, H. V.	2	Aprenda a jogar voleibol; EF e esportes	1	1					2	2	6

TEIXEIRA, R. T. S.	1	A GR nas universidades	2	1							3
TEGNER, B.	1	Guia de judô				1	1	1			3
TENROLLER, C. A.	1	Handebol				2					2
TEODERESCU, L.	1	Teoria e metodologia dos jogos desportivos	1	1							2
THIL, E.; THOMAS, R. CAJA, J.	2	Educador desportivo	2	2							4
TORELLES, A., ALCATRAZ, C.	1	Escolas de futebol							1		1
TORÍBIO, R.	1	Guia dos esportes			1	1					2
TUBINO, M. G.	2	Dimensões sociais do esporte; As qualidades físicas da EF	3	3		1					7
ULMANN, J.	1	Discussões sobre ginástica e esporte moderno			1						1
UNZELT, C.	1	Futebol	1	1							2
UZAWA, T.	1	Pedagogia do judô	1	1							2
VALDÊS, T.	1	Basquete	1	1							2
VELASCO, C. G.	1	Natação e psicolotricidade	1	1							2
VENTURA, C. G.	1	Corredor		1							1
VIANNA, K.	1	Dança			2	1					3
VIEIRA, E. de A.	1	Ginástica rítmica				1					1
VIEIRA, L. R.	1	Capoeira cultura popular	1	1							2
VILLAS BÓAS, M. da S.	1	Aprendizagem no basquetebol	1	1							2
VIRGILIO, S.	1	Arte do judô			1	1					2
VOLP, C.	1	Dança de salão							1	1	2
VOLKOV, N. I.	1	Treinamento intervalado no esporte						1			1
VYGOTSKY, L. S.	1	Formação social da mente			1						1
VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.	1	Linguagem desenvolvimento e aprendizagem			1						1
WELLS, R.	1	Corpo expressa e dança				1					1
WEINECK, J.	1	Futebol total; Treinamento ideal						1		1	2
WILK, K.	1	Natação	1	1							2
WINNICOTT, D.	1	O brincar			1						1
YERKOW, C.	1	Judô katas	1	1							2
ZANBERLAN, E.	1	Handebol escolar e iniciação			1	1					2
ZAQUI, J.	1	Jiu-Jitsu					1	1			2
ZATOVICI, S. A.	1	Dança-educação	1	1							2

Sem autoria	6	Regras oficiais Atletismo; técnicas e progressão de ensino do atletismo; Correr, lançar e saltar no atletismo; História das copas; técnica do futebol	5	5						1	
-------------	---	---	---	---	--	--	--	--	--	---	--

Ao observarmos a tabela 8 percebemos que de modo geral as referências apresentadas nessa dimensão são mais equivalentes do que diferentes entre os cursos de bacharelado e licenciatura. Entretanto, mesmo tratando da mesma manifestação, por exemplo ginástica ou dança, parece que na IES 2 há uma tentativa de oferecer aos cursos de licenciatura e bacharelado, referenciais teóricos diferentes. Sendo que na licenciatura vão aparecer mais as temáticas para a escola e no bacharelado para o treinamento, salvo em situações que nessa e nas outras IES não há diferenciação, como no caso da utilização do livro Metodologia do Ensino da Educação Física para ambas as formações, ou livros que em seu título se remetem à escola e que subsidia a formação no bacharelado.

As temáticas em geral vão envolver a dança, o jogo, a ginástica, o xadrez, as lutas, os jogos e brincadeiras, além de esportes alternativos, pilates, capoeira entre outros. Parece que há uma tendência para os aspectos técnicos, embora articulem com referenciais pedagógicos, surgindo inclusive livros que tratam da filosofia.

Gamboa (2007, p. 30) ao abordar as ciências naturais e sociais afirma que

A Educação Física diferentemente de outros tipos de educação, situa-se na fase mais próxima dessa imbricação, dessa articulação básica das “duas naturezas”, inseparáveis e dinâmicas, constitutivas do fenômeno humano. A Educação física constituiu-se no *lócus* privilegiado de todo processo educativo, por abordar as situações basilares, onde se constitui e se desenvolve o humano, a partir das condições naturais e sociais imbricadas ente si. Condições básicas que potencializam a produção social da existência dos homens.

Alguns autores da matriz pedagógica vão receber destaque também nessa dimensão, inclusive ao ser utilizado nas duas formações. Vale destacar que embora encontramos algumas incongruências, duas situações devem ser levadas em consideração: 1 - em comparação com currículos anteriores, tivemos avanços, em especial no que se refere às questões pedagógicas, de organização sistematização e de trato com o conhecimento; 2 – ainda há muito por fazer, muito para pesquisar para contribuir com essa área.

Na tabela abaixo, os resultados apontam para a configuração da dimensão técnico-instrumental.

**Tabela 9** - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Técnico-instrumental do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.

AUTOR (ES)	TOTAL DE OBRAS DO(S) AUTOR (ES)	TEMÁTICA DA(S) OBRA(S)	QUANTAS VEZES A(S) OBRA(S) É(SÃO) CITADA(S) NO REFERENCIAL								TOTAL CITADO	
			IES 1		IES 2		IES 3		IES 4			
			L	B	L	B	L	B	L	B		
AABERG, E.	1	Musculação: biomecânica e treinamento				1		1				2
ABIB, J. A. D.	1	Relações entre trabalho, saúde e subjetividade				1						1
ADAMS, R. C. et. al.	1	Jogos e esportes para o deficiente físico						1	2	1	1	5
AFONSO JÚNIOR	1	Aprendizagem e ludicidade				1						1
ALBERNETHY, B. ; et. al	1	As bases biofísicas do movimento humano				1						1
ALBRECHT, K.	1	Programando o futuro (planejamento)				1						1
ALIANÇA AMERICANA PARA SAÚDE, EF, RECREAÇÃO E DANÇA	1	Melhor guia para atividade física				1						1
ALLSEN PE. et. al.	1	Exercício e qualidade de vida				1						1
ALMEIDA, M. T. P.	1	Atividades lúdicas				1						1
ALTER, M. J.	1	Ciência da flexibilidade				1						1
ALVES A. M. P. GNOATO G.	1	O brincar e a cultura				1						1
ALVES, E.	1	Medicina de urgência				1						1
ALVES-MAZZOTI, A. J. ; GEWANDSZNAJDER, F.	1	O método nas ciências naturais e sociais pesquisa qualitativa e quantitativa				1						1
ALVES, O. J.	1	Noções de primeiros socorros						1	1			2
AMANDIO, A.C.; BARBANTI, V.J.	1	A biodinâmica do movimento humano e suas relações interdisciplinares			1							1
ANDERSON, A.	1	Estratégias de aprendizagem na EF			1							1

ANDRADE, M. R. S. ANDRADE . M .M.	1	Administração esportiva							1	1
ANDERSON, B.	1	Alongue-se							1	1
ANTONELI, F.	1	Psicologia do esporte							1	1
ANTUNES, C.	1	Dinâmicas de grupo				1				1
ARAÚJO, C. G. S.	1	Manual de teste e de esforço	1	1						2
ARANGO, H. G.	1	Bioestatística	1	1						2
ARAÚJO, V. C.	1	O jogo no contexto da educação psicomotora				1				1
BACURAU, R. F. et. al.	1	Hipertrofia e hiperplasia							1	1
BAUR, R. EGELER, R.	1	Ginástica e jogos para idosos							1	1
BADILLO, J. J. G. AYESTARAN, E. G.	1	Treinamento de força				1				1
BAGATINI, V. F.	1	E F para o Excepcional	1							1
BARBANTI, V. J.	2	Treinamento Físico; Teoria e prática do treinamento desportivo		2					2	4
BARELA, J. A. ; ISAYAMA, H. F.	1	Tipos de prática na natação				1				1
BARROS, M. V. ; NAHAS, M. V.	1	Medidas da atividade física				1				1
BASSO, L.; MARQUES I,	1	Desenvolvimento motor – padrões fundamentais de movimento				1				1
BECKER, B. ; SAMULSKI, D.	1	Manual do treinamento psicológico para o esporte		1						1
BEE, H.	1	Criança em desenvolvimento						2	1	3
BEE, H. L.	1	O ciclo vital			1					1
BEE R.	1	Feedback				1				1
BENJAMIN, W.	1	Reflexões sobre a criança				1		1		2
BERGER, P; LUCKMAN, T. A.	1	A construção social da realidade.				1				1
BERGER, Y.	1	Por uma pedagogia do movimento					1			1
BERNARDI, L. A.	1	Manual do empreendedorismo				1				1
BERTOLDI A. L. S. et. al.	1	Desenvolvimento de percepção corporal em crianças com deficiência			1					1
BETTI, M	2	EF e sociedade; EF, esporte e						2		2

		cidadania								
BIER, Otto	1	Bacteriologia e Imunologia				1				1
BITTENCURT, N.	1	Musculação uma abordagem metodológica				1				1
BJORN, E.	1	Futebol			1					1
BIZJAK, G.; EBERGERON	1	Primeiros socorros							1	1
BOBATH, B.	1	Desenvolvimento motor nos deficientes						1		1
BOBATH, K.	1	Deficiência motora e paralisia	1				1			2
BOCK, A. M. B. et. Al.	1	Introdução ao estudo da psicologia				1				1
Boletim do laboratório do comportamento motor	1	Estudando o comportamento motor			1	1				2
BOMPA, T. O.	1	Teoria do treinamento						1		1
BRASIL	1	Diretrizes nacional da educação especial na educação básica			2					2
BRANZIN, V.	1	Competições desportivas						1	1	2
BROTTO, F.	1	Jogos cooperativos					1			1
BROUGÉRE, G.	1	Jogo e Educação				1				1
BROWN, G.	1	Jogos Cooperativos					1			1
BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L.	1	Conversando sobre o corpo						1		1
BOSSENMEYER, M.	1	Percepção motora					1			1
BOUCHARD, C.	1	Atividade física e obesidade				1				1
BOULCH, J. Le.	3	A psicomotricidade ; Ciência do movimento humano; Educação pelo movimento					3			3
BOMPA, T.	1	Periodização do treinamento esportivo							2	2
BOMPA, T. O. CORACCHIA, L. J.	1	Treinamento Consciente							1	1
BURITI, M. A.	1	Psicologia do esporte						1		1
CALAI BLANDINE	1	Anatomia para o movimento					1	1		2
CAILLOS, R.	1	Os jogos e os homens				1				1
CAMARGO, L. O. L.	1	O que é lazer?						1		1
CAMPLELL, W C.	1	Cirurgia ortopédica				1				1

CAPINUSSÚ, J. M.	2	Planejamento Macro em EF; Teoria organizacional da EF		1			2		1	1	5
CAPON J.	2	Educação pelo movimento; Percepção motora					2				2
CARMO, A. A.	1	Deficiência e a sociedade Brasileira	1				1	1			3
CARNAVAL, P. E.	1	Medidas em EF				1	1	1	1		4
CARVALHO, I.	1	Politraumatizado				1					1
CASTILHO, S. D. ; FILHO A. A. B.	1	Crescimento pós menarca			1						1
CATTANI, A. D.	1	Trabalho e autonomia				1					1
CAVALLARI, V. R.; ZACHARIAS, V.	1	Trabalhando com recreação		1							1
CENTRO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS DO ESPORTE	1	Métodos de estudo da composição corporal de desportistas			1						1
CHANLAT, J. F.	1	O individuo na organização: dimensões esquecidas				1					1
CHIAVENATO, I.	2	Administração; Teoria Geral da administração		2							2
CHIVIACOWSKI, S.; TANI, G.	2	Programas motores generalizados; Habilidade motora em crianças			1	2					3
CHOSHI, K.	1	Aprendizagem motora			1	1					2
CIAMPA, A. C.	1	Psicologia Social				1					1
CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S.	1	Introdução a EF e ao desporto para pessoas com deficiência							1		1
COBRA, M.	1	Administração em marketing								1	1
COLE, M.; COLE S.	1	Desenvolvimento da Criança e do Adolescente	1								1
Colégio americano de medicina do esporte	3	Teste de esforço e prescrição do exercício; Diretrizes do ACSM para os testes de esforço; Programa de condicionamento físico			3	3			1		7
COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A.	1	Desenvolvimento Psicológico e educação			2						2
Conselho federal de educação física	1	Código de ética								1	1
CORBIN, C. B. et. Al.	1	Atividade física e saúde				1					1

CORRÊA, U. C. et. al.	1	Aprendizagem de habilidades motoras			1					1
CORRÊA, U. C. ; PELLEGRINI, A. M.	1	A interferência contextual em função do número de variáveis				1				1
COSTA M. G.	1	Ginástica Localizada							1	1
COSTA, L. P.	2	EF e esportes não formais; Teoria e prática do esporte comunitário de massa					2			2
COSTA, R. F.	1	Composição Corporal	1	1						2
COSTE J. C.	1	Psicomotricidade					1			1
CONOLLY, K. J.	1	Desenvolvimento motor, passando, presente, futuro				1				1
CRATTY, B. J.	1	Psicologia do esporte		1						1
CROCHIK, J. L.	2	Preconceito, individuo e cultura; os desafios atuais do estudo da subjetividade				2				2
DA COSTA, E. A. C.	1	Gestão estratégica				1				1
DAIUTO, M.	1	Organização de competições desportivas					1			1
DAMASCENO, L. G.	1	Natação, psicomotricidade e desenvolvimento	1				1	1		3
DANTAS, E. H. M.	2	A prática da preparação física; Flexibilidade e alongamento		1				1		3
DAOLIO, J.	1	EF e cultura				1				1
DELAVIER, F.	1	Movimentos de musculação						1		1
DE MAIS, D.	1	O ócio criativo				1				1
DEMO, P.	1	Noções de política social participativa						1		1
DENADAI, B.S. et. al.	1	Avaliação Aeróbica	1	1						2
DE ROSE, J.	1	Modalidades esportivas coletivas			1					1
DE ROSE, E.H.; PIGATTO, E.; DE ROSE, R. C. F.	1	Cineantropometria, EF e treinamento desportivo	1	1						2
DIB, C. Z.; MISTRORIGO, G. F.	1	Primeiros socorros					1	1		2
DIECKERT, J.	1	Esporte de lazer						1		1
DOHME, V.	1	Atividades lúdicas na educação				1				1
DORIA FILHO, U.	1	Bioestatística		1					1	2

DORNELAS, J. C. A.	1	Empreendedorismo				1					1
DUARTE, E.; LIMA S. M. T.	1	Atividade física para pessoas com necessidades especiais	1	1							2
DUMAZEDIER, J.	1	Valores e conteúdos culturais do lazer						1			1
ECKERT, H. M.	1	Desenvolvimento Motor	2	1	1				2	1	7
ENOKA, R. M.	1	Bases da Cinesiologia				1					1
ENRIQUEZ, E.	1	Os desafios éticos nas organizações modernas				1					1
FARR, R. M.	1	As raízes da psicologia				1					1
FEIJO, O. G.	1	Corpo e movimento: uma psicologia para o esporte								1	1
FEPAM	4	Musculação (apostila)				4					4
FERNANDES FILHO, J.	1	A prática da avaliação Física	1	1							2
FERREIRA, S. L.	1	Atividades recreativas						1			1
FILIN, V. VOLKOV, V.	1	Seleção de talentos nos desportos								1	1
FLECK SJ. K. W.	1	Treinamento de força				1					1
FLEGEL, M. J.	2	Primeiros socorros; Procedimentos de urgência	2	2			2	2			
FOSS, M. L.	1	Bases fisiológicas do exercício e do esporte			1						1
FONSECA, V.	2	Aprender a aprender; Psicomotricidade					1	1	2	1	5
FONSECA V. ; MENDES N.	1	Escola					1				1
FOX EL. Et. al.	1	Bases fisiológicas da EF				1					1
FRANCO, G. S.	1	Psicologia do esporte na atividade física						1			1
FREIRE, J. B.	2	O jogo entre o riso e o choro, Educação do corpo inteiro				1		1			2
FREMAN,R. D. et. Al.	1	Crianças surdas							1		1
FREUDENHEIM, A. M. ; TANI, G.	3	Habilidades no meio líquido em crianças; Prática variada na aprendizagem em crianças; Formação do esquema motor em crianças				3					3
FREUDENHEIM, A. M.	2	Natação e desenvolvimento motor; teste de formação de esquema de				2					2

		movimentos novos em adultos									
FURTADO, O.	2	O psiquismo e a subjetividade social; Psicologia sócio-histórica				1					1
FURTADO, O; REY, F.L.G.	1	Epistemologia da subjetividade				1					1
GALLAHUE, D. L.; OZMUN	1	Desenvolvimento Motor	2	1	2	1	1	1	2	1	11
GALLAHUE, D. L.; DONELLY, F. C.	1	EF desenvolvimentista			1						1
GALLARDO, J. S.	1	EF contribuições a formação profissional					1				1
GARRET JR. W. E.; KIRKENDALL, D.T.	1	A ciência do exercício e do esporte			1						1
GAYA, A. C. A.	1	Bases e métodos do treinamento desportivo		1							1
GEERTZ, C.	1	A interpretação das culturas				1					1
GHORAYEB, N. NETO, T. L. B.	1	O exercício				1					1
GIMENEZ, R.; et. al.	1	Padrões de movimento				1					1
GODINHO, M.	1	Controle motor e aprendizagem			1						1
GOES, M. C. R.	1	Linguagem, surdez e educação				1					1
GOFFMAN, E.	1	Estigmas e identidade deteriorada	1								1
GOLEMAN,	1	Equilíbrio mente corpo						1			1
GOLDFELD, M.	1	A criança surda							1		1
GOMES, A. C.	1	Organização e periodização do treino						1			1
GOMES, A. C. ; ANDREI Z.	1	Ciência do Treinamento desportivo		1							1
GOMES, C.	1	Caminhada saudável						1			1

GONÇALVES M. A	1	Corporeidade e Educação					1				1
GONÇALVES, M. G. G.; FURTADO, O.	1	Psicologia sócio-histórica				1					1
GONÇALVES, M. G. M.	1	Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade				1					1
GONZALES, F. J. FENSTERSEIFER, P. E.	1	Dicionário Crítico de EF				1					1
GORE, C. J.	1	Testes psicológicos para atletas da elite			1						1
GORGATTI, M. G.; COSTA, R.F.	1	Atividade Física adaptada			1						1
GRECCO, P.J.; BENDA, R. N.	1	Esporte e aprendizagem motora				1					1
GRISOGONO, V.	1	Lesões no esporte	1	1							2
GUARESCHI, P.	1	Pressuposto psicossociais da exclusão				1					1
GUARESCHI, P. et. al.	1	Psicologia Social Contemporânea				1					1
GUATTARI, F.	1	Três ecologias				1					1
GUEDES, M. L. S.	1	Bioestatística								1	1
GUEDES, M. G. S.	1	Aprendizagem motora				1					1
GUEDES, D. P.: GUEDES, J. E. R. P.	2	Crescimento, composição corporal e desempenho motor de crianças; Controle de peso corporal: composição corporal, atividade física e nutrição.; Manual prático para avaliação em EF	1	1	2	2			2	1	9
GUISELINI, M. A.	1	EF na pré-escola					1				1
GUYTON, A.	1	Fisiologia Humana					1	1			2
FOX E.	1	Fisiologia do esporte			1						1
FOX, E.; MATHEWS, D.	1	Bases fisiológicas da EF e desportos			1						1
HAFEN, B. Q.; KARREN, K. J.; FRANDSEN, K. J.	1	Primeiros socorros					1	1			2
HALL, S. J.	1	Biomecânica Básica				1					1
HAMMERLY, M. A.	1	Primeiros socorros								1	1
HARROW, A.	1	Taxionomia do Domínio Motor	2	1			1	1			3

HARTLEY, J.	1	Manual de primeiros socorros			1	1					2
HAY/REID	1	As bases mecânicas do movimento humano					1	1			2
HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N.	1	Desenvolvimento Motor	1	1	2	1					5
HEAT, O. V. S.	1	Estatística na pesquisa científica							1		1
HEIDEGGER, G. W.	1	Atlas Anatomia humana					1	1			2
HELLER, A.	1	O cotidiano e a história				1					1
HERSAY, P. ; BLANCHARD, K. D.	1	Psicologia para administradores				1					1
HESELBEIN, F.; COHEN P M.	1	De líder para líder		1							1
HEYWARD, V. H.	2	Avaliação da composição corporal; avaliação física e composição coporal			1	2					3
HILMAN, S. K.	1	Avaliação, prevenção e tratamento de lesões	1	1							1
HOFFMAN, S. J.; HARRIS, J. C.	1	Cinesiologia				1					1
HOLLMANN, W. ; WETTINGERT	1	Medicina do esporte		1							1
HOLLE, B.	1	Desenvolvimento motor de crianças								1	1
HORTA, L.	1	Prevenção de lesões no esporte	1	1							2
HUIZINGA, J.	1	O jogo e cultura				1		1			2
HOWLEY, E.T.; FRANKS, B. D.	1	Condicionamento físico				1		1			2
JANUZZI, G.	1	A luta pela educação de deficiente	1								1
JACQUIN, G.	1	A educação pelo jogo					1				1
JUCA, M.	1	Aeróbico e step								1	1
KALINOWSKI, F. G.	1	Bateria de testes EUROFIT								1	1
KAMII, C. ; DEVRIES, R.	1	Jogos em grupo				1					1
KASSAR, M. C. M.	1	Deficiência múltipla e educação no Brasil							1		1
KATCH, V. L.	1	Fisiologia do atleta				1					1
KNOPLICH, J.	1	Osteoporose		1							1
KISHIMOTO, T. M.	3	Jogo, brincadeira e educação; O brincar e suas teorias; Jogos				3					3

		tradicionais infantis									
KISNER, C.; COLBY, L. A.	1	Exercícios terapêuticos: fundamentos técnicos		1							1
KISS, M. A. P. D.	1	Esporte e exercício: Avaliação e prescrição			1						1
KRAEMER, W. J. ; FLECK, S. J.	1	Treinamento de força para jovens				1					1
KREBS, R. J. ; ZACARON, D.	1	Aprendizagem e habilidades motoras			1						1
KRUCHEISKI, S.; TRACHSEL, A.	1	Gestão nas cidades para promoção de saúde, esporte e lazer						1			1
LADEWIG, I.	1	Atenção e habilidades motoras			1	1					2
LANE, S.	1	Psicologia social				1					1
LAPIEERI, A. ; AUCOUTURIER B.	2	Os contrastes e as descobertas das noções fundamentais; Educação psicomotora					2				2
LATASH, M.; TURVEY, M. T.	1	Desenvolvimento das habilidades				1					1
LE BOULCH, J. O.	2	Desenvolvimento motor: ao nascimento seis meses; Educação psicomotora						1	1		2
LEDERMANN, A.; TRACHSEL, A.	1	Parques infantis e centros recreativos						1			1
<b>LEIS DO ESPORTE</b>	<b>1</b>	<b>Estatuto do torcedor: anotados</b>							<b>1</b>		<b>1</b>
LINS, A.	1	Primeiros socorros					1	1			2
LUNA, S. V.	1	Planejamento de pesquisa				1					1
LUVISOLO, H.	1	A arte da medição					1	1			2
MACARDLE, W.	1	Fisiologia do Exercício					1	1			2
MAGILL, R.	1	Aprendizagem Motora	2	2	1	1			1	1	8
MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.	1	Atividade física do atleta jovem: do crescimento a maturação			1						1
MALUF, A. C. M.	1	Brincadeira e aprendizado				1					1
MANOEL E.	1	Aprendizagem motora: o processo de aquisição de habilidades								1	1
MANTOAN, M. T. E.	1	Compreendendo a deficiência mental				1					1
MANUEL E.J.et. al.	1	A dinâmica do desenvolvimento				1					1

		motor								
MANUEL E.J.et. al.	1	Estabilidade na aquisição da habilidade motor				1				1
MANTOVANI, L.	1	Primeiros Socorros							1	1
MANUEL E.J.	5	Continuidade e progressão do desenvolvimento motor; Estudo do desenvolvimento motor ; A criança e suas experiências motoras; Criança e desenvolvimento; Aprendizagem motora			2	4			1	7
MARCELLINO, N. C.	2	Lazer e educação; Repertório de atividades de recreação e lazer; Lúdico, educação e EF; Lazer e humanização; Formação e desenvolvimento pessoal em lazer e esportes	2	1		1		3		7
MARINS, L.	1	O poder do entusiasmo e a força da paixão				1				1
MARINS, J. C. B.; GIANNICHI, R. S.	2	Avaliação e prescrição em atividade física; Avaliação e prescrição de estrutural	1	1	2	2				6
MARQUES, I.	3	Desenvolvimento motor; o comportamento em bebês.; Estágios e desenvolvimento motor			2	2				4
MARQUES, C. P.; LOMÔNACO, J. F. B.	1	Prática mental e habilidade motora				1				1
MARQUEZINE, M. C. et. al.	1	Avaliação em educação especial;			1					1
MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A	1	Inclusão			1					1
MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A; TANAKA, E. D .O.	2	EF atividades motoras e lúdicas e acessibilidade de pessoas com necessidades especiais			2					2
MARTENIUK, R. G.	1	Habilidades motoras				1				1
MATHEWS, D. K.	1	Medida e Avaliação em EF	1	2		1		1	1	7
MATSON, E.	1	Elementos básicos da estatística aplicada							1	1
MATVEIEV, L. P.	1	Fundamentos do treinamento		1				1		2

		desportivo								
MATSUDO, V. K. R.	1	Testes em ciências do esporte	1					1		2
MATSUDO, S. M. M.		Avaliação do idoso: física e funcional		1						1
MATTOS, E.	1	Pessoas com deficiência e atividade física	1							1
MAUGHAN, R.; GLEESEN, M. GREENHAFF, P. L.	1	Bioquímica do exercício e do treinamento						1		1
MAURBERG-deCASTRO	1	Atividade Física adaptada			2					2
MEDINA, J. et. al.	1	Crianças com dificuldade de aprendizagem			1					1
MEGGINSON, L. C.; MOSLEY, D. C.; PIETRI J. P. H.	1	Administração conceitos e aplicações	1	1						2
MEIRA JUNIOR, C. M. ; TANI, G. MANOEL E. J.	1	Prática variada em situações reais de ensino aprendizagem			1					1
MENESES, L. J. S.	1	Esporte e lesões							1	1
MEUR, A. D.	1	Psicomotricidade					2	1		3
MINAYO, M. C. S.	1	Pesquisa Social				1				1
Ministério do esporte	1	Lazer						1		1
Ministério do esporte lazer	1	Atividade física para deficientes					1			1
MIRANDA, N.	1	Organização de atividades de recreação						1		1
MOLINA NETO, V. ; TRIVINOS, A. N. S.	1	A pesquisa qualitativa na educação física			1					1
MOREIRA, E. C.	1	EF Escolar				1				1
MOSCOVICI, F.	1	Equipes e desenvolvendo talentos				1				1
MORROW, JR; et. al.	1	Medida e avaliação do desempenho humano			1	1			1	1
MOZONO, J. C.	1	Gestão e qualidade de saúde						1		1
MURCIA, J. A. M.	1	Aprendizagem através do jogo				1				1
NAHAS, M. V.	1	Atividade Física, saúde e qualidade de vida.	1	1						2
NAVÉS, J.	1	Medicina esportiva				1				1
NEGRÃO, C.E.; BARRETO A.C.P.	1	Cardiologia do exercício			1	1				2

NEGRINE, A.	2	Educação e coordenação psicomotora					2				2
NEIRA, M. G.	1	EF desenvolvendo competências			1						1
NETO, F. P. M.	1	Administração e marketing em clubes		1							1
NETO, F. C.	1	Desporto adaptado a portadores de deficiência							1	1	2
NETO, N. B.	1	Crokiarte desenho na EF						1			1
NEVES, C.E.B; SANTOS E.	1	Avaliação funcional			1						1
NIEMAN, D. C.	1	Exercício e saúde				1					1
NOGUEIRA, P.	1	Pronto Socorro e massagem							1	1	2
NOVAES, J. S.; NOVAES, G. S.	1	Primeiros socorros					1	1			
NOVI, R. M.	1	Orientação e mobilidade para deficientes visuais				1					1
O'DONOGHUE, H.	1	Medicina esportiva				1					1
OKUMA, S. S.	1	O idoso e a atividade física		1							1
PADILHA, V.	1	Trabalho e lazer	1								1
PAIVA, I. M. R.	1	Brinquedos cantadas						1			1
PALMIERI, M. W. A.	1	Cooperação, competição e individualismo				1					1
PASTERNAK, J.	1	Primeiros socorros					1	1			2
Parana – conselho estadual de educação	1	Deliberação 02/03			2						2
PEARL, B.; MORAN, G. T.	1	A musculação				1					1
PEDRINELLI, V.	1	EF e esportes para pessoas com deficiência	1								1
PELEGRINI, A. M.	1	Comportamento motor			1	2					3
PEREIRA, F.	1	O cotidiano escolar e a EF.							1		1
PEREIRA, M.	1	Administração de academia						1			1
PEREIRA, M. C. S.	1	Cidadania, trabalho, educação e subjetividade				1					1
PERES-RAMOS, J.	1	Motivação no trabalho				1					1
PERLIN, G.	2	Identidades Surdas; O lugar da cultura surda							2		2
PETROSKI, E. L.	1	Antropometria	1	1		1					3

PIKUNAS, J.	1	Desenvolvimento humano			1					1
PIMENTEL, G. G. A.	1	Lazer, fundamentos, estratégias e atuação profissional		1						1
PINTO, L. M. S. et. al	1	Projetos de lazer				1				1
PITTS, B. STOLAR, D. K.	1	Marketing esportivo		1				1		2
POIT, D. R.	1	Organização de eventos esportivos		1						1
POWERS, S.K.; HOWLEY, E. T.	1	Fisiologia do exercício				1				1
PUBLIO, N. S.; TANI, G.	1	Habilidades motoras na Ginástica olímpica.				1				1
QUADROS, R. M.	1	Educação de surdos				1				1
RAMOS, A. T.	1	Atividade física, diabéticos, gestante, grupos de risco							1	1
RBCE	2	EF Adaptada			1					1
REIN, I.; KOTLER, P.; SHIELDS, B.	1	Marketing esportivo						1		1
REVERBEL, O.	1	Jogos teatrais na escola						1		1
REZENDE, J. R.	1	Organização e administração no esporte	1	1						2
RIBAS, J. C. B.	1	O que são pessoas deficientes	1							1
RIZZI, L.; HAYDT, R. C.	1	Atividades lúdicas						1		1
ROBERGS, R. A.; ROBERTS, S. O.	1	Fisiologia do exercício para a saúde e desempenho				1				1
ROCHA, P. E. C. P.	1	Medidas e avaliação em ciências do esporte	1	1						2
ROCHE, F. R.	1	Gestão desportiva	1	1					1	3
RODRIGUES, C.	1	A importância das atividades de vida diárias		1						1
RODRIGUES, R.	1	Primeiros socorros				1				1
RODRIGUES, R. P.	1	Brinquedoteca				1				1
RODRIGUES, T. L.	1	Flexibilidade e alongamento							1	1
ROSADAS, S.	2	Brincando na educação especial; Educação física especial					1	1		2
ROSAMILHA, N.	1	Psicologia do jogo e aprendizagem infantil				1				1
ROSE, D.	1	Esporte e atividade física na infância e adolescência			1					1
SÁ, N. R. L.	1	Cultura poder e educação de						1		1

		surdos								
SÁ, S. A. G.	1	Biometria em EF						1		1
SABA, F.	1	Exercício físico em academia						1		1
SAFRID, M.	1	Medidas e conceitos na EF							1	1
SALIBA, T.	1	Segurança e Higiene							1	1
SAMULSKI, D.	1	Psicologia do Esporte			1					2
SAMULSKI, D. et. al.	1	Psicologia aplicada a criança no esporte		1						1
SANTILLI, G.; VENERANDO, A.	1	Medicina do esporte				1				1
SANTIN, S.	1	EF da alegria do lúdico à opressão do rendimento				1				1
SANTOS, B. S.	1	Pela mão de Alice				1				1
SANTOS, S. M. P.	2	Brinquedoteca; O lúdico na formação do educador				2				2
SARAIVA, M. C.	1	Educação física e esportes							1	1
SASSAKI, R. K.	2	Inclusão construindo uma sociedade para todos; Inclusão no lazer e turismo em busca de qualidade de vida.			3					3
SATO, L.; SOUZA, M. P. R.	1	Pesquisa etnográfica em psicologia				1				1
SAWAIA, B.	1	As artimanhas da exclusão				1				1
SCHMIDT, R.	1	Aprendizagem motora e performance						1		1
SCHMIDT, R. A.	1	Aprendizagem e Performance Motora	2	2	1	2				7
SCHMIDT, R.; WRISBERG, C. A.	1	Aprendizagem e Performance Motora, uma abordagem da aprendizagem baseada no problema				3			1	1
SCHWARTZ, G. M.	1	Atividades recreativas				1				1
SCHUARTZ, G. M.	1	EF no ensino superior						1		1
Secretaria do desporto do PR	1	Código de organização da justiça e disciplina esportiva						1		1
Secretaria do esporte do desporto	1	Gestão de eventos desportivos		1						1
SÁ, S. A. G.	1	Biometria em educação física						1		1

SHARKEY, BJ.	1	Condicionamento físico e saúde				1					1
SHEPHARD RJ.	1	Envelhecimento e atividade física				1					1
SIEGFRIED M. P.	1	Síndrome de down				1					1
SIGAUD, C. H. S.	1	Avaliação física da criança e do adolescente							1		1
SILVA, E. N.	2	Recreação na sala de aula; Atividades recreativas						1			1
SILVA JUNIOR, A. G. de	1	Aprendizagem por meio da ludicidade						1			1
SILVA, L. I da	1	Bandagens esportivas					1	1			
SILVA, M. R.	1	Trabalho infantil	1								1
SILVA, N.	1	Subjetividade				1					1
SIMEONI, M. C.	1	Didática progressista						1			1
SKLIAR, C. A.	1	Surdez							1		1
SOLER, R.	1	Brincando e aprendendo na educação especial					1	1			2
SOUZA, R.R.	1	Avaliação biométrica em EF					1	1			2
SPECTOR, P. E.	1	Psicologia das organizações				1					1
SOUZA, P. A.	1	O Esporte na paraplegia e tetraplegia	1								1
SOBRINHO, C. C.	1	Administração e organização desportiva							1		1
STAINBACK, S.; STAINBACK, W.	1	Inclusão um guia para educadores			2						2
TAFFAREL, C. N. Z.	1	Criatividade nas aulas de EF						1			1
TANI, G.	7	Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento; Cinesiologia, EF e esporte; Contribuição da aprendizagem motora para EF; a criança no esporte; Criança e movimento; Variabilidade e programação motora; Crescimento e aprendizagem motora;			1	9	2		1	1	14
TANI, G. et. al.	1	EF escolar fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista			2						2
TANI, G. et. al.	1	Análise desenvolvimentista da tarefa motora			1						1

TANI, G. et. al.	1	Aprendizagem motora, tendências e perspectivas e aplicações				1					1
TANI, G. et. al.	1	Processo adaptativo em aprendizagem motora				1					1
TANI, G.; CORREA, U. C.	1	Da aprendizagem motora à pedagogia				1					1
TEIXEIRA, L. A.	6	Avanços em comportamento motor; Controle motor; Estágios da aprendizagem motora, Transferência de aprendizagem; Frequência de conhecimentos, Interferência no contexto			2	5					7
THOMAS, A.	1	Esporte e psicologia								1	1
THOMPSON, P.	1	Cardiologia do esporte				1					1
TOLEDO, R.	1	Gestão do esporte universitário							1		1
TONELLO, M. G. M.; PELEGRINI, A. M.	1	Demonstração de habilidades motoras em EF				1					1
TRISCHLER, K.	1	Medidas e avaliação em EF	1	1		1		1			4
TUBINO, M. J. G.	2	Metodologia do treinamento desportiva; Dimensões sociais do esporte					1	2		2	5
TUNES, E.; PIANTINO, D.	1	Síndrome de down				1					1
UGRINOWITSCH, S.; MANOEL E. J.	1	Interferência contextual, aspectos invariável e variável				1					1
UGRINOWITSCH, S.; et. al.	1	Efeitos do estabelecimento de metas na aprendizagem			1						1
VASQUEZ, A.	1	Ética				1					1
VENÂNCIO, S.; FREIRE J. B.	1	O jogo dentro e fora da escola				1					1
VERGARA, S.C.	1	O trabalho e a realização humana				1					1
VERKHOSHANSK, I.	1	Treinamento de força							1		1
VIANA, A. R.; PINTO, J. A.	1	Futebol: manual de testes			1						1
VIANA, E.	1	O Poder no esporte								1	1
VIANNA, H. M.	1	Medidas Educacionais							1		1
WAICHMAN, P.	1	Tempo livre e recreação	1								1
WATSON JONES R.	1	Traumatismos articulares e fraturas				1					1
WEINBERG, R. G.; GOULD, D.	1	Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício		1				1			2

WEINECK, J.	3	Manual do treinamento desportivo; Anatomia Aplicada ao esporte; Biologia do esporte			1		1	2		1	5
WILMORE, JH, COSTILL DL.	1	Fisiologia do esporte e exercício				1					1
WINNICK, J. P.	1	E F e esportes adaptados	1		2				1		4
WOOLLACOT, M.	1	Controle motor, teoria e aplicações				1					1
WERNECK, C.	1	Lazer trabalho e educação	1								1
XAVIER FILHO, E.; MANOEL, E. J.	1	Comportamento motor			1						1
ZZAKHAROV, A.	1	Ciência do Treinamento desportivo						1			1
Sem autoria	1	Primeiros Socorros						1			1

Como observamos na tabela 9, as referências aparecem com poucas semelhanças para as duas formações. Sendo que as que se aproximam abordam especialmente as seguintes temáticas: socorros e urgência, desenvolvimento e controle motor, aspectos que envolvem a educação especial, noções de administração na área da educação física, além de referências que abordam o treinamento esportivo.

Contudo, as temáticas não variam muito, sendo que no bacharelado vamos perceber mais referências voltadas para os aspectos do desenvolvimento e aprendizagem motora e na licenciatura as temáticas envolvem com mais evidência as temáticas da inclusão e também do desenvolvimento, porém com mais ênfase no espaço escolar.

Podemos perceber que entre os autores mais citados, tanto para a licenciatura como para o bacharelado, encontra-se um dos representantes da matriz científica, Go Tani, apontando que a matriz científica fica mais evidente na formação inicial em educação física na dimensão Técnico-Instrumental, diferentemente do que acontece na dimensão Relação Ser Humano e Sociedade.

É possível ainda perceber, em algumas IES o aparecimento de autores como Geertz, no bacharelado, e Lovisolo nas disciplinas de cursos de licenciatura e bacharelado, o que pode indicar uma tentativa de aproximação com a antropologia, o que poderia gerar discussões e leituras diferenciadas da realidade, contudo, não podemos descartar a possibilidade de que o aparecimento desse referencial seja devido a um erro de digitação, indicando assim descuido com a documentação do curso.

A forma como os currículos são organizados na universidade, tende mais para a especificidade do que para uma visão geral dos conhecimentos. Somado a isso temos as demandas na graduação e na pós-graduação e a configuração das pesquisas no país por área de conhecimento. É comum que as disciplinas não busquem essas interrelações, já que foge à alçada do professor, que tem agregado cada vez mais aspectos técnicos à sua formação.

Talvez esteja nessa dimensão e na dimensão didático-pedagógico que encontramos a maior diferença encontrada para caracterizar as duas formações. Se pensarmos na separação da área na década de 1980, motivada pela Resolução 03 CFE/87 parece que houve mudanças significativas na formação, isso porque ao abordar essa separação, Souza Neto (1999) identificou no discurso dos

participantes do estudo, atores no processo de separação, que a diferença observada entre as duas formações estava restrita às disciplinas de prática de ensino, a estrutura e funcionamento do ensino e a didática, na licenciatura e fisiologia do exercício e teoria do treinamento.

Quanto à dimensão didático-pedagógica, a tabela abaixo mostra as referências presentes nas disciplinas das IES 1, 2, 3 e 4 e as aproximações de referencial teórico.

**Tabela 10** - Banco de dados do referencial teórico básico e complementar do programa das disciplinas da dimensão do conhecimento Didático-pedagógico do curso de Licenciatura e Bacharelado da IES 1, 2, 3 e 4.

AUTOR (ES)	TOTAL DE OBRAS DO(S) AUTOR (ES)	TEMÁTICA DA(S) OBRA(S)	QUANTAS VEZES A(S) OBRA(S) É(SÃO) CITADA(S) NO REFERENCIAL								TOTAL CITADO
			IES 1		IES 2		IES 3		IES 4		
			L	B	L	B	L	B	L	B	
ABERASTURY,	1	Adolescência	1				3	1			5
ALENCAR, E. S.	1	Psicologia da criatividade			1						1
ALVES, R.	1	Conversa com quem gosta de ensinar	1	1				3			5
APPLE, M. W.	1	Educação e poder	1	1							1
ARANHA, M. L.	1	Pedagogia, o otimismo dialético na educação					1				1
ARANTES, V. A.	1	Humor e alegria na educação			1						1
ARAÚJO, E. S.	1	PPP e trabalho coletivo na escola			1						1
AZEVEDO, I. B.	1	Prazer da produção científica								1	1
AUSUBEL, D. P. NOVAK, J. D.; HANESIAN, H.	1	Psicologia educacional			1						1
BARROS, C. S. G.	1	Psicologia geral							1		1
BASSO, I. S.	1	Trabalho docente			1						1
BAYER, C.	1	O ensino dos desportos coletivos			1						1
BECKER, F. A.	1	Professor e escola			2						2
BELLONI, M. L.	1	Educação a distância							1		1
BENJAMIN, W.	1	Criança, brinquedo e educação					3				3
BENTO, J. O.	1	Desporto discurso			1						1
BENTO, J. O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A.	1	Pedagogia do desporto			1						1
BERTRAND, Y.; VALOIS, P.	1	Paradigmas educacionais			2						2
BETTI, M.	1	Por uma teoria da prática				2					2
BIANCHETTI, L.	1	Trama & Texto – Leitura crítica, escrita criativa	1	1							2
BLOOM, B.D.; KRATHWOHL, D.R.;	2	Taxionomia dos objetivos educacionais. Domínio Afetivo e	2	2							4

MASIA, B.B.		Domínio Cognitivo								
BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L.T.	1	Psicologias	1				1	1	1	4
BOMPA, T.	1	Periodização: teoria e metodologia do treinamento		1						1
BORGES, C. M. F.	1	Professor de EF			1					1
BORGES, C. DESBIENS, J.F.	1	Intervir para uma EF em mudança			1					1
BRACHT, V.	2	EF e Aprendizagem social; Teorias pedagógicas na EF	1	1	1					3
BRANDÃO, C. R.	1	O que é educação					3			3
BRASIL	8	PCNs; LDB, Referência curricular para a educação infantil; Resolução 02 e 03/CEB/98; Diretrizes curriculares para o ensino médio; Diretrizes curriculares para a EF; Diretrizes curriculares para o ensino fundamental; Indagações sobre o currículo; Proposta de experiência curricular no Ensino médio; Educação de jovens e adultos; Diretrizes curriculares para educação especial na educação básica; Diretrizes curriculares para a educação no nível técnico; Ética	2	1	38		22	6		69
BROOKS, D.	1	Personal Trainer		1						1
BROTTO, F. O.	2	Jogos cooperativos					4			4
BRUHNS, H. T.	1	Conversando sobre o corpo					1			1
BUENO, J. G. S.	1	Educação especial	1							1
BUSQUETS, M. D. et al.	1	Temas transversais em educação			1					1
CALAISS-GERMAN, B. Cadernos Cedes	1	Anatomia Os saberes do docente e sua formação						2		2
CALDEIRA, A. M.	1	Formação de professores de EF			2					2
CAMPOS, D. M. S.	1	Psicologia da aprendizagem; Psicologia da adolescência					1		1	2
CAMPOS, D. M. S.;	1	criatividade			1					1

WEBER, M.G										
CAMPOS, N. P. de	1	A construção do olhar estético					1			1
CARDOSO, B.	1	Ensinar, tarefas profissionais			2					2
CARREIRO DA COSTA, F.	1	Formação de professores			1					1
CBCE	1	EF Escolar, LDB e PCNs	1	1						2
CECON, C.; OLVEIRA, M. D. de; OLIVEIRA, R. D.	1	A vida na escola e a escola da vida					1			1
CESÁRIO, M.	1	Formação de professores de EF			2					2
CHAVES, E. O. C.	1	Filosofia da educação			1					1
CHATEAU, J.	1	O jogo e a criança			1					1
CHAZAUD, J.	1	Psicomotricidade	1	1						2
CHERVEL, A.	1	História das disciplinas escolares			1					1
COLL, C.	1	Psicologia e currículo			1					1
COLL, C. et al	1	Desenvolvimento psicológico e educação	1							1
COLLARES, C. et al.	1	Preconceito e escola	1							1
CONSOLARO, A.	1	O "ser" professor	2							2
CONTRERAS, J.	1	Autonomia de professores			1					1
CORTELLA, M. S.	1	Escola e conhecimento			1					1
COSTA, A. S da; PALMA, J. A.	1	Bom professor			1					1
COSTA, L. P.	2	Teoria e prática do esporte comunitário e de massa; EF e esportes não formais					2			2
CUSTÓDIO, E. M.	1	Avaliação das dificuldades						13		13
D'ANDREA, F.	1	Desenvolvimento da personalidade	1							1
D'ANGELO, F. L.	1	Jogo e cooperação			1					1
DAOLIO, J.	2	EF e conceito de cultura; Cultura, EF e futebol			2					2
DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.	1	Educação física na escola;			3			13		16
DAVIS, C. OLIVEIRA, Z.	1	Psicologia da educação	1							1
DAY, C.	1	Desenvolvimento profissional de professores			1					1
DELORS, J.	1	Educação um tesouro a descobrir					3			3
DELVAL, J.	6	Aprender a aprender; aprender			8					8

		na escola; Participação e autonomia; Conhecimento na escola								
DEMO, P.	3	Avaliação qualitativa; Questões de teleeducação; Mitologias da avaliação					1		2	3
DE ROSE JUNIOR,	2	Modalidades esportivas coletivas; Esporte e atividade física na infância			2					2
DE VRIES, R.; ZAN. B.	1	Ética na educação infantil			1					1
DEWEY, J.	1	Vida e educação				1				1
DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F.	1	Sabedoria docente			3					3
DIECKERT, J.	1	Esporte de lazer				1				1
DOLL JUNIOR, WILLIAM, E.	1	Currículo			1					1
DUARTE, N.	1	Concepções sobre o ato de ensinar			3					3
Educação e sociedade	1	Políticas curriculares e decisões epistemológicas			1					1
EIZERICK, C. L.; KAPCZINSK, F.; BASSOLS, A. M. S.	1	A vida humana numa perspectiva psicodinâmica				2				2
ENDERLE, C.	1	Psicologia da adolescência	1							1
ENRICONE, D. et al	1	Planejamento de Ensino e Avaliação	1	1						2
ESBER, E.	1	Problemas de 3º grau				2				2
FAZENDA, I. C. A.	2	Didática e Interdisciplinaridade			2				13	15
FADIMAN, J.; FRAGER, R.	1	Teorias da personalidade					2			2
FERRAÇO, C. E.	1	Cotidiano escolar					1			1
FERREIRA, J. R.	1	Exclusão e diferença	1							1
FERREIRA, S. L.	1	Atividades recreativas					1			1
FERREIRA, V.	1	EF, interdisciplinaridade e inclusão					2			2
FERREIRA, V.L.C.	1	Prática de EF no 1º Grau	1	1			2			4
FILIN, V. P.	1	Desporto juvenil, teoria e metodologia							1	1
FLAVELL, J. H.	1	Psicologia do desenvolvimento	1							1

FONTANA, N.; CRUZ, N.	1	Psicologia e trabalho pedagógico	1								1
FREINET, C.	1	Pedagogia do bom senso			1						1
FREIRE, J.B.	6	Educação de corpo inteiro; Educação como prática corporal; Entre o jogo e o riso; Esporte educacional; Pedagogia do esporte; Pedagogia do futebol	1	1	6		9				17
FREIRE, P.	4	Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa; Educação como prática da liberdade; Educação e mudança; Professora sim tia não	1	1	1		9				12
FRITZEN, S. J.	1	Jogos e recreação					2				2
GADOTTI, M.	1	Educação e poder-Introdução a pedagogia do conflito	1	1			1				3
GALLATIN, J.	1	Adolescência e individualidade	1								1
GALLARDO, J.S.P. et al	1	EF: contribuições à formação profissional	3	2	7		4	2			18
GALLARDO, J.S.P.; OLIVEIRA, A.B.; ARAVENA, C.J.O.	1	Didática de EF. A criança em movimento: jogo, prazer e transformação.	1	1			2				4
GASPARIN, J.L.	1	Uma didática para a Pedagogia História Crítica	2	1							3
GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G.	1	Desporto para crianças e jovens			1						1
GHEDIN, E.	1	Professor reflexivo			1						1
GHIRARDELI JUNIOR, P.	1	EF progressista					2	2	13		17
GIROUX, H. A.	2	Pedagogia crítica da aprendizagem; Os professores como intelectuais			2						2
GOELNER, S. V.; BRACHT, V.	1	As ciências do esporte no Brasil				1					1
GOMES, C.	1	Caminhada					1				1
GOODSON, I. F.	1	Tornando-se uma disciplina acadêmica			2						2
GORINI, M. A.	1	Proposta de avaliação na EF			1						1
GOULART, I. B.	1	Psicologia da educação	1								1
GRAÇA, A. OLIVEIRA,	1	O ensino dos jogos desportivos			1						1

J.										
GUDSDORF, G.	1	Professores para que?	1	1						2
GUTIÉRREZ, F.; PRIETO, D.	1	Mediação pedagógica e educação à distância						1		1
Grupo de trabalho pedagógico UFSM – UFPE	1	Visão didática da EF	1	1						2
HADJI, C.	2	Pensar e agir na educação; Avaliação			2					2
HANNEMAN, R. H.	1	O que é psicologia						1		1
HARROW, A.J.	1	Taxionomia do Domínio Psicomotor	1	1						2
HEIDI, S. E. V. D.	1	EF nas primeiras séries do ensino fundamental					2			2
HERNANDEZ, F.	1	Cultura visual					1			1
HILDEBRANDT, R. RALF LADING, R.	1	Ensino aberto			1		3			4
HOFFMANN, J.	4	Pensar e agir na avaliação; Avaliação construtivista; Avaliação do pré a universidade; Avaliar e respeitar			4					4
HUIZINGA, J.	1	Homo ludens			1		1			2
HURLOCK, H.	1	Desenvolvimento do adolescente	1							1
HURTADO, J. G. G. M.	1	EF escolar e pré escolar					2			2
JUNIOR, A.	1	Aprendizagem e ludicidade					2			2
KAMIL, C.; DeVRIES, R.	1	Jogos em grupo na educação infantil			1					1
KASSAR, M. C. M.	1	Ciência e censo comum e classes especiais	1							1
KAPANJI, I. A.	1	Fisiologia articular						1		1
KENDALL, H. O. et al.	1	Músculos						1		1
KISHIMOTO, T.M.	1	Jogo, brinquedo, educação			1					1
KOHL, M.	1	Vygotsky	1							1
KOHLBERG, L.; MAYER, R.	1	Educação			1					1
KOKUBUN, E.	1	Negação do caráter filosófico- científico da EF				2				2
KROGER, C.; ROTH, K.	1	Escola da bola			1					1
KRUCHEISKI, S.;	1	Cidades e gestão da saúde					1			1

RAUCHBACH, R. KUNZ, E.	3	Transformação didático- pedagógica do esporte; Didática da EF	2	1	5				39		47
KUPFER, M. C.	1	Freud e educação	1								1
LEDERMAN, A.; TRACHSEL, A.	1	Parques infantis e centros recreativos					1				1
LEMBO, J.M.	1	Porque falham os professores	1	1							2
LIBÃNEO, J.C.	2	Didática; Democratização da escola pública	3	2	1		1				7
LIMA, A. O.	1	Avaliação escolar	1								1
LIMA, L. O.	1	Piaget					1				1
Londrina	1	PPP da rede de ensino fundamental			3						3
LOPES, A. C.	1	Currículo			1						1
LOPES, A. C.; MACEDO, E.	1	Debates contemporâneos sobre currículo			1						1
LOVISOLO, H.	1	Ciências do esporte				2					2
LOWMAN, J.	1	Dominando as técnicas de ensino	1	1							2
LUCKESI, C.C.	2	Lúdico e prática educativa; Avaliação da aprendizagem escolar			2		3				5
LURIA, A. R.	1	Curso de psicologia geral	1								1
MACEDO, R. S.	1	Currículo			2						2
MACEDO, E. et al.	1	Currículo no cotidiano			1						1
MACEDO, L.	2	Ensaio construtivistas; Ensaio pedagógicos			2						2
MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C.	1	Jogos e o lúdico na aprendizagem			1		1				2
MACHADO, A. R.	1	O ensino como trabalho			2						2
MAHLO, F.	1	Ato tático no jogo			1						1
MAKARENKO, A.	1	Poema pedagógico					1				1
MANTOAN, M. T. E.	1	Pessoas com deficiência	1								1
MARCELLINO, N. C.	2	Lazer e humanização; Lazer e educação					2				2
MARIZ DE OLIVEIRA, , J. G.	1	EF, tendências e perspectivas				2					2
MARQUES, M.O.	1	Formação do professor			1						1
MARTINS, J.	1	Enfoque metodológico do			1						1

		currículo								
MARTINS, O. B.	1	Educação superior à distância						1		1
MAZZOTTA, M.	1	Educação especial no Brasil	1							1
MEC	1	Política nacional de educação especial	1							1
MELCHESTER, H. J.	1	O ensino da EF						13		13
MEUR, A. STAES, L.	1	Psicomotricidade						1		1
MEZAN, R.	1	Freud	1							1
MIRANDA, M. G.	1	O professor pesquisador			1					1
MIRANDA, N.	3	Organização de atividades de recreação; Jogos infantis					4			4
MIZUKAMI, M. B. N.	1	Ensino as abordagens do processo			2		1			3
MIZUKAMI, M. B. N. et al.	1	Desenvolvimento profissional na docência			1					1
MORAIS, R.	1	O que é ensinar			3					3
MORAN, J. M. et al.	1	Tecnologias e mediação pedagógica						1		1
MOREIRA, A.F.B.; PACHECO, J.A; GARCIA, R.L.	1	Currículo			1					1
MORENO, M. J. A.	1	Aprendizagem através do jogo			1					1
MORIN, E.	2	Repensar a reforma e reformar o pensamento; saberes necessários à educação do futuro			4		1			5
MUSSEN, P. H.; CONGER, J. J.; KAGAN, J.	1	Desenvolvimento e personalidade na criança			1		1			2
NAHAS, M. V.	1	Atividade física saúde e qualidade de vida							1	1
NEGRÃO, R. F.	1	Origem as expressão "EF"			2					2
NEGRINE, A.	1	Desenvolvimento infantil	1							1
NERICE, L.G.	2	Metodologia do ensino: uma introdução; Educação e metodologia	2			2				4
NETO, N. B.	1	Crokiarte desenho na EF					1			1
NÓVOA, A.	1	Profissão professor			2					2
OLIVEIRA, A. A. B.	1	EF no ensino médio noturno			2					2
OLIVEIRA, B.	1	Organização do saber escolar			1					1

OLIVEIRA, J.G.M. et al	1	EF e o ensino de 1º grau	1	1						2
OLIVEIRA, M.	1	EF humanista; O que é EF					6			6
PACHECO, J. A.	1	Escritos curriculares			2					2
PACHECO, J. A.; FLORES, M. A.	1	Formação e avaliação de professores			1					1
PACHECO, J. A.; MORGADO; J. C.	1	Projeto curricular de escola			2					2
PAES, R. R.	1	EF escolar					2			2
PAIVA, I. M. R.	1	Brinquedos cantados					1			1
PALMA, A. P. T. V.	2	Conhecimento humano e educação infantil; EF e construtivismo			4					4
PALMA, A. P. T. V.; PALMA, J. A. V.	3	Organização curricular em EF; Organização curricular na educação infantil; desenvolvimento profissional docente			6					6
PALMA, A. P. T. V.; PALMA, J. A. V.; OLIVEIRA, A. A. B. de	1	Avaliação em EF			2					2
PARANÁ	2	Deliberação n. 90/90 processo 384/90; Diretrizes curriculares da EF			3		1			4
PARENTE FILHO, M.S. et al	1	Esporte, EF e Constituição	1	1						2
PARO, V.H.	1	Escritos sobre educação	1	1						2
PERRENOUD, P.	4	Avaliação; Professores profissionais; As competências desde a escola; Pedagogia na escola das diferenças			4		2			6
PIAGET, J.	4	Psicologia da criança; Os pensadores; aprendizagem e conhecimento; Estudos de psicologia	3				1			4
PICCOLO, V. L. N.	1	EF escolar						3		3
PICQ, L.; VAYER, P.	1	Educação psicomotora e retardo mental					1			1
PILETTI, C.	1	Didática geral	2	2						4
PIMENTA, S. G.	3	Pedagogia e pedagogos; Estágio na formação de professores;	1		5					6

		Professores pesquisa e didática								
PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.	1	Professor reflexivo no Brasil			2					2
PIMENTA, S. G.; ANASTACIOU, L. G. C.	1	Docência no ensino superior			3					3
PIMENTEL, M. da G.	1	Professor em construção			2					2
POSTMAN, N.	1	Valor da escola					1			1
RAPPAPORT, C. et al.	2	Psicologia do desenvolvimento; teorias do desenvolvimento	1					2		3
RATNER, A. C.	1	Psicologia de Vygotsky					1			1
RASCH, P. J.; BURKE, R.K.	1	Cinesiologia e anatomia						1		1
REGO, T. C.	1	Vygotski	1							1
REIS, M.	1	Identidade acadêmico científica da EF			2					2
REVERBEL, O.	1	Jogos teatrais na escola					3			3
RIBEIRO, A. C.	1	Desenvolvimento curricular			1					1
RIZZI, L. HAYDT, R. C.	1	Atividades lúdicas na educação da criança					3			3
ROBISON, D. N.	1	Inteligência	1							1
RODRIGUES, M.	1	Manual teórico prático de EF infantil					2			2
RODRIGUES, N.	1	Intelectual, política e educação					1			1
ROUSSEAU, J. J.	1	Emílio					1			1
RUBINSTEIN, S. L.	1	Psicologia geral	1							1
RUIZ, A. R.; BELLINI, L.M.	1	Ensino e conhecimento			3					3
SACRISTÁN, J. C.	1	O currículo			1					1
SACRISTÁN, J. C.; GÓMES, A. I. P.	1	Compreender e transformar o ensino			4					4
SANTANA, W. C.	2	Futsal; Pedagogia do esporte e moralidade infantil			2					2
SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B.	1	Pedagogia do esporte e educar par a autonomia			1					1
SANTOS, B. S.	1	Pela mão de Alice					2			2
SAVIANI, D.	2	Escola e democracia; Pedagogia histórico-crítica			3					3
SAVIANI, N.	2	Saber escolar, currículo e didática; Política e educação no			1		1			2

		Brasil								
SCHUARTZ, G. M.	2	Dinâmica lúdica				2				2
SEBER, M. G.	1	Inteligência	1							1
SÉRGIO, M.	1	Epistemologia da motricidade humana			3					3
SEVERINO, A. J.	1	Metodologia do trabalho científico			1					1
SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A.	1	Formação profissional e prática pedagógica						13		13
SILVA, E.N.	2	Plano de aula- 5ª e 6ª série; 7ª e 8ª série; atividades recreativas na 1ª infância	3	1			2			6
SILVA, J. B.	1	EF, esporte e lazer			1					1
SILVA JUNIOR, A. G. da	1	Aprendizagem por meio da ludicidade				1				1
SILVA, L. C. F.; PALMA, A., P. T.	1	Epistemologia e conhecimento			1					1
SILVA, P. A.	3	Exercícios e jogos na EF escolar				3				3
SILVA, T. T.	2	Teoria do currículo; Política curricular			2					2
SIMEONI, M. C.	1	Práticas histórico-sociais				1				1
SINGER, R. N.; DICK, W.	1	Ensinando EF				3				3
SMITH, L.	1	Cinesiologia clínica						1		1
SOARES, C. L. et al	1	Metodologia do Ensino de EF	3	2	1		2	2	1	11
SOLER, R.	1	Jogos cooperativos					2			2
SPERLING, A. MARTIN, K.	1	Psicologia					2			2
TAFFAREL, C. N. Z.	1	Criatividade nas aulas de					3	2		5
TANI, G.	2	Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista; vivências prática no curso de EF			1	2	2	2		7
TANI, G.; BENTO, J. O.; PERTERSEN, R. D.	1	Pedagogia do desporto			1					1
TARDIFF, M.	1	Saberes docentes e formação profissional			2					2
TIBA, I.	2	Disciplina; Ensinar aprendendo					2			2
TORRANCE, E. P.	1	Criatividade			1					1
TREFIL, J.	1	Somos diferentes							1	1
TUBINO, M. J. G.	2	Dimensões sociais do esporte;					1		1	2

		Métodos científicos do treinamento desportivo									
TYLER, R. W.	1	Currículo e ensino			1						1
VALENTE, M. C.	1	Pedagogia do movimento			1						1
VASCONCELOS, M. S.	1	Criatividade, psicologia e educação			1						1
VEIGA, I. P. A.	1	PPP da escola			1						1
VEIGA, I.P.A. et al	2	Uma prática pedagógica do professor de didática; Repensando a didática		2							2
VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B.	1	O jogo dentro e fora da escola			1						1
VERENGUER, R. C. G.	1	Mercado de trabalho de educação física				2					2
VIEIRA, J. L. L.	1	EF e Esportes	2	1							3
VILLAS BOAS, B. M. F.	1	Avaliação escolar			1						1
VINHA, T. P.	1	Educador e moralidade infantil			1						1
VOTRE, S. et al	1	Ensino e avaliação em EF	1	1							2
VYGOSTKY, L. S.	1	Formação social da mente	1								1
VYGOSTKY, L. S. et al.	1	Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem	1								1
WADSWORTH, B. D.	1	Afetividade e inteligência em Piaget	1								1
WERNNECK, C.	1	Sociedade inclusiva							1		1
WITER, G. P.; LÔMONACO, J. F. B.	1	Psicologia da aprendizagem					1				1
ZAGURY, T.	1	Adolescência	1								1
Sem autoria	3	Regulamento geral do estágio UEL; Regulamento do estágio do bacharelado UEL; PPP do curso de graduação em EF/UEL				6					6

Nesta dimensão os cursos de licenciatura apresentam maior quantidade de referencial, quando comparados aos cursos de bacharelado, sendo que os documentos como PCNs; LDB, Referência curricular para a educação infantil; Resolução 02 e 03/CEB/98; Diretrizes curriculares para o ensino médio; Diretrizes curriculares para a EF; Diretrizes curriculares para o ensino fundamental; Indagações sobre o currículo; Proposta de experiência curricular no Ensino médio; Educação de jovens e adultos; Diretrizes curriculares para educação especial na educação básica; Diretrizes curriculares para a educação no nível técnico; Ética, tem se apresentado em maior número. A maioria está nos cursos de licenciatura da IES 2 e 3, mas ainda aparecem nos cursos da IES 1 e no curso de bacharelado da IES 3, na qual observa-se nas disciplinas de estágio referências que tratam dos PCNs de 1ª a 4ª série, Referencial curricular para a educação infantil e Currículo básico da escola pública do Paraná, revelando incorrências e necessidade de repensar essas disciplinas.

As disciplinas da dimensão didático-pedagógica dos cursos de bacharelado das IES do Paraná apresentam diferenças quando trazem em seu referencial obras que vão tratar das ações do *personal trainer*, referências sobre a metodologia do desporto, aspectos da formação e regulamentação da profissão. Sobre esse assunto, Ramos (2002, p. 100) ressalta que

é urgente o abandono da concepção que vê, nos estágios curriculares, a idéia de mão-de-obra/trabalho/emprego e, com isto, o momento de se unir teoria e prática na preparação do futuro profissional. Tal visão, parece, busca mascarar e suprir os deficientes, decadentes e insuficientes modelos curriculares em Educação Física, calcados na racionalidade técnica.

Ramos (2002) nos traz dois alertas quanto aos estágios curriculares na formação inicial, primeiro, há uma tendência em compreender o estágio apenas como uma atividade da prática, sem interligações com a teoria, fato que pode ser observado em algumas disciplinas pesquisadas nesse estudo que não trazem nas referências um corpo de conhecimento que dê subsídios para a atuação profissional à que se pretende, e inclusive se voltam para referenciais da escola, e segundo, a racionalidade técnica têm ocultado os currículos falhos, e justificado a formação inicial diferenciada apenas

pela prática vivenciada nos estágios. Talvez seja o momento de pensar o estágio na formação do bacharelado, de forma exclusiva.

Quanto aos dados apresentados, de forma geral, identificamos que:

- 1) As análises realizadas acerca do referencial teórico das disciplinas presentes nos cursos de licenciatura e bacharelado apontam para mais semelhanças do que diferenças no referencial teórico que subsidia as duas formações;
- 2) O referencial que se mantém equivalente nas disciplinas da dimensão ser humano e sociedade nos cursos de licenciatura e bacharelado apontam para a adesão à matriz pedagógica, que tem na figura de Valter Bracht um dos principais idealizadores;
- 3) Há uma tentativa de apresentar um corpo de conhecimentos diferenciados, especialmente quando observamos as referências apresentadas nos cursos da IES 2.
- 4) A maior diferença parece ser na dimensão técnico-instrumental, seguida da dimensão didático-pedagógica;
- 5) Os aspectos técnicos que envolvem os conhecimentos da dimensão cultural de movimento, ainda são privilegiados, contudo, devemos reconhecer os avanços nessa área e as tentativas de dialogar com outros referenciais que contribuam para reduzir a visão exclusivamente técnica;
- 6) Há incoerências teóricas quando comparamos alguns referenciais do curso de licenciatura e bacharelado, denotando uma tendência à formação do licenciado, fato que foi observado por um dos coordenadores entrevistados;
- 7) A dimensão técnico-instrumental tem apontado para diferenças na formação, contudo, a universidade não deve cair no discurso do mercado no processo de formação inicial, privilegiando a prática sobre a teoria;
- 8) Os professores têm aparecido como os principais responsáveis pela seleção do conteúdo na formação profissional, o que lhes confere autonomia e responsabilidade no processo de formação inicial;
- 9) De forma geral, há mais aproximações que distanciamentos na formação inicial na área da educação física quando comparamos as duas formações a partir da disciplina e do referencial teórico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

---

Diante da realidade da formação inicial na área da Educação Física, estabelecida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e apresentadas pelas Resoluções 01 e 02 CNE/CP/02 e 07 CNE/CES/04, foi possível refletir sobre a formação em licenciatura e bacharelado no Estado do Paraná, de modo a levar a um conhecimento que possa contribuir para a reestruturação da formação de modo que atenda às especificidades de cada área levando a educação física a galgar mais um degrau no processo de formação inicial.

Propusemos como objetivo desse estudo investigar a base teórica dos cursos de educação física do Estado do Paraná por meio dos referenciais teóricos utilizados, a fim de conhecer se há diferença significativa entre os cursos de licenciatura e bacharelado. Para alcançar esse objetivo, contamos especialmente com os coordenadores das IES que abriram as portas para que essa investigação pudesse ser feita, tendo a certeza que o resultado desse trabalho poderia trazer benefícios a todos os profissionais da classe. Com essa oportunidade nas mãos, investigamos disciplinas, referenciais, entrevistamos, lemos, pesquisamos, analisamos e concluímos.

No que tange à formação inicial, descrevemos o processo histórico pelo qual a educação física passou, desde o surgimento, em 1934, com a criação da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo e, junto com ela, do primeiro programa civil de formação para a área. Após pelo menos sete reformulações, entre debates e crises de identidade, a educação se viu frente à uma situação que ainda não estava madura para enfrentar, e que precisaria de muitas pesquisas e horas de estudo para acompanhar as transformações que se davam de forma rápida demais para a estrutura científica, pedagógica, tecnológica, acadêmica e profissional que se dispunha.

Quanto ao objeto de estudo parecia que havia um consenso, a cultura corporal de movimento, contudo sua forma de abordagem rendeu muitas explicações, opiniões, proposições e teorias para a área, que de certa forma

contribuiu para que a mesma se desvencilhasse das amarras da aptidão física e do esporte, que experimentava uma posição de supremacia, sendo muitas vezes confundido com educação física.

Entre discursos, livros, teses, artigos e dissertações, buscamos embasamentos para discutir esse contexto e percebemos que os pesquisadores têm se preocupado e produzido nessa área, e a crise de identidade da área havia disseminado muitas pesquisas em todo país.

Alguns alertavam para uma crise ainda maior, a separação! Licenciatura de um lado, baseada em teorias da educação, sociologia, filosofia, entre outras, daria à escola um atendimento priorizado, Bacharelado de outro, com ênfase nas ciências naturais, daria suporte para outros contextos de atuação, e ofereceria uma formação adequada para isso. Por outro lado, tinham aqueles mais positivos que defendiam o que havia sido estabelecido pelas diretrizes da área. Havia também muitas ideologias e muitas visões de mundo, de homem e de sociedade, que articulavam ideias para unir o que o homem havia separado.

Quando analisamos pelo viés das disciplinas e referenciais teóricos, na prática (investigada), essa separação se deu da seguinte forma: os cursos de licenciatura, buscaram atender a duas dimensões principais do conhecimento do currículo: a cultural do movimento (identificadora da área) e a didático pedagógica. Por sua vez, os cursos de bacharelado buscaram atender as dimensões: cultural do movimento e a técnico-instrumental, contudo, de forma geral, a primeira dimensão do conhecimento não se apresentou diferenciada para as duas formações, inclusive no referencial teórico apresentado, salvo pequenas exceções.

Devido à algumas semelhanças de disciplinas e de referenciais, o bacharelado em alguns momentos se aproximou mais da licenciatura apresentando referenciais da matriz pedagógica, caso que foi evidenciado também por alguns coordenadores que admitiram a dificuldade de propor um curso de bacharelado, sendo necessário buscar subsídios na licenciatura, formação mais abastada na área.

Na dimensão técnico-instrumental encontramos referenciais mais específicos para as formações, especialmente quando observamos cada IES em particular. Contudo, essa diferença não é identificada nas dimensões cultural do movimento,

biológica do corpo humano, didático-pedagógica (para o bacharelado que alguns casos se apropriou de referenciais da licenciatura), e produção do conhecimento. Na dimensão relação ser humano e sociedade há uma tentativa, mas ainda com discussões voltados para o contexto educacional. Isso não quer dizer que não há diferenças, nem que essas diferenças não apareçam na atuação em sala de aula, mas pelo viés que escolhemos nessa pesquisa, esse é o quadro que conseguimos sintetizar, o que indica uma limitação do estudo.

Há também casos isolados de curso que oferece uma formação diferente, mas ainda é uma parcela pequena, há ainda casos de referenciais que são utilizados igualmente para ambas as formações para atuações complementemente diferentes, como encontramos em algumas disciplinas do estágio supervisionado. Parece que os acadêmicos do bacharelado ainda ouvem muito falar de escola.

Identificamos também, que os professores têm grande responsabilidade nesse processo, porque à eles cabem as tarefas de elaboração da disciplina e seleção do referencial teórico, sua autonomia é ressaltada na fala dos coordenadores, que confiam muito no trabalho desempenhado.

Dessa forma, acreditamos que o objetivo desse estudo foi atingido e que para além dele revelamos realidades muito mais interessantes, contribuindo assim para que as discussões na área possam continuar e evoluir rumo à uma formação inicial consolidada.

Não obstante, não poderíamos nessa pesquisa controlar todas as variáveis que envolvem a formação inicial, escolhemos um caminho, um recorte da realidade de alguns cursos de educação física no Estado do Paraná, analisamos documentos e falas, apresentamos conclusões, porém abrimos muitos caminhos para novas investigações e indagações que trarão mais contribuições e conclusões, que somadas e socializadas poderão de fato apresentar a visão cada vez mais ampla da formação inicial em educação física.

# REFERÊNCIAS

---

---

ALVES, Márcio Moreira. **Beabá dos MEC-USAID**. Rio de Janeiro/RJ: Edições Gernasa, 1968.

ANDRE, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 113, Julho, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742001000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 10 Agosto de 2010. doi: 10.1590/S0100-15742001000200003.

ARANTES, Ana Cristina. A História da Educação Física escolar no Brasil. **Revista Digital**. Buenos Aires - Ano 13, n. 124, set. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm> Acessado em: 27 de abril de 2010.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. **A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em educação física**: encaminhamentos para uma reestruturação curricular. Campinas, SP: [s.n.], 2004. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. **Movimento**. Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 185-207, set./dez. 2008.

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 271-286, jul./dez. 2003.

BARROS, José Maria de Camargo. Educação Física na UNESP de Rio Claro: Bacharelado e Licenciatura. **Motriz**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 71-80, jun. 1996.

BENITES, Larissa Cerignoni, SOUZA NETO, Samuel, HUNGER, Dagmar. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.34, n.2, p. 343-360 mai./ago. 2008.

BETTI, Mauro. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991

BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**: revista de divulgação científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física. Rio de Janeiro, v. 3, n.12, p. 73-127, dez. 1996.

BETTI, Mauro. Educação Física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.3, p.183-97, jul./set. 2005.

BETTI, Mauro. Concepções teóricas e formação profissional no campo da educação física. In: NETO, Samuel de Souza; HUNGER, Dagmar (org.). **Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblióetica, 2006.

BORIN, João Paulo; GONÇALVES, Agnaldo. Educação física/esporte/rendimento de alto nível no CBCE. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Educação física/Ciências do esporte: intevenção e conhecimento**. Florianópolis, SC: CBCE, 1999.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**. v.1 n. 2, p. 12-19, 1989.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. 2.ed, Porto Alegre/RS: Magister, 1997.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, Ago. 1999.

BRACHT, Valter. Educação física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 22 n. 1, p. 53-63, set. 2000.

BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da educação física como componente curricular. In CAPARRÓZ, Francisco Eduardo (org.). **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória, ES: PROTEORIA, 2001.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução n. 3, de 16 de outubro de 1987**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1987a.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Conselho de Ensino Superior. **Parecer n. 215, de 11 de março de 1987**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1987b.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Resolução n. 02, de 19 de fevereiro de 2002**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 4 de março de 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. **Resolução n. 07, de 31 de março de 2004**. Brasília: Diário Oficial da União, Brasília, 5 abr. 2004.

BRASIL. **Decreto n. 5622, de 19 de dezembro de 2005**. Brasília, DF: Diário oficial da União, 2005.

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura/Secretaria de Educação Superior**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior, 2010. Disponível em: <http://www.dca.ufrn.br/~adelardo/PAP/ReferenciaisGraduacao.pdf>  
Acessado em: 20 de julho de 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COLLET, Carine, et al. Formação Inicial em Educação Física no Brasil: trajetória dos cursos presenciais de 2000 a 2006. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.493-502, jul./set. 2009

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR. **Proposta de diretrizes curriculares para os cursos de graduação em educação física**. Maio de 1999. Disponível em: <<http://www.pp.ufu.br/EduFis.htm>> Acesso em: 21 novembro de 2010.

COSTA, Francisco Carreiro da. Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 26-39, 1994.

CUNHA JUNIOR, A escolarização da Educação Física no Imperial Collegio de Pedro Segundo. **Anais... V Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – V EnFEFE**. Niterói, RJ: 2001.

DAÓLIO. Jocimar. Fenômeno social esporte na formação profissional em educação física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 111-115, 1998.

DAÓLIO. Jocimar. Antropologia, cultura e educação física escolar: considerações a respeito do artigo de Moura e Lovisolo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 179-192, set. 2009.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A crise da racionalidade moderna e a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 28-38, set. 2000.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Conhecimento, epistemologia e intervenção. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Educação física/Ciências do esporte: intervenção e conhecimento**. Florianópolis, SC: CBCE, 1999.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Epistemologia e prática pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 203-214, mai. 2009.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 136-167, set. 2002.

Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em: 19 de novembro de 2010.

FUZZI, Fábio Tomio. **Formação de professores de educação física e avaliação: investigando a reestruturação curricular dos cursos de licenciatura**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências. Rio Claro, SP, 2010.

GAYA, A. Educação Física: educação e saúde? **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.1, n.0, p. 36-38, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira. **Estudo da disciplina educação física adaptada nas instituições de ensino superior do Estado de Goiás**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, [s.n.], 2002.

GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista – a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 10. ed. São Paulo/SP: Edições Loyola.

KELLY, Albert Victor. **O currículo: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1981.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005. Resenha de: LISITA, Verbena Moreira Soares de Sousa. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 131, maio/ago. 2007.

LOVISOLO, Hugo. Da educação física escolar: intelecto, emoção e corpo. **Motriz**, São Paulo, v.8 n.3, p. 99 – 103, Set./Dez. 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Breve histórico da educação física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de idéias e idéias de tendências. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 16, n. 1, p. 91-102, Jan./Jun. 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MASSA, Marcelo. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.1, n. 1, p. 29-38, 2002.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Corpo, Biologia e Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 9-22, set. 2002.

MIZUKAMI, M. da G. N.; STEFANE, C. A. A formação inicial vista a partir do exercício profissional da docência: contribuições de professores de educação física. In: MIZUKAMI, M. da G. N.; REALI, A. M. de M. R. (Orgs.). **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MOLINA NETO, Vicente. Reflexões sobre a produção do conhecimento em educação física e ciências do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.

MORENO, Jose Carlos de Almeida. **A disciplina basquetebol e a formação de professores de Educação Física**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, [s.n.],1998.

MOURA, Diego Luz; LOVISOLO, Hugo R. Antropologia , Cultura e Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 137-153, mai. 2008.

NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Formação do profissional de educação física e as novas diretrizes: reflexões sobre a reestruturação curricular. In: NETO, Samuel de Souza; HUNGER, Dagmar (org.). **Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006.

NOVAES, Caio Rotta Bradbury. **Formação, conhecimento e identidade acadêmica – o programa de pós-graduação em ciências da motricidade na UNESP/RC**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências. Rio Claro, SP, (2006)

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Metodologias Emergentes no Ensino da Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.8, n. 1, 1997.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. A formação profissional em educação física: legislação, limites e possibilidades. In: NETO, Samuel de Souza; HUNGER, Dagmar

(org.). **Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Mercado de trabalho em educação física e a formação profissional: breves reflexões. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 8, n. 4, set., 2000.

PARANÁ. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Educação Física**. Curitiba, 2008.

RAMOS, Glauco Nunes Souto. **Preparação profissional em Educação Física: a questão dos estágios**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2002.

RANGEL-BETTI, Irene C.; BETTI, Mauro. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Motriz**. São Paulo, v. 2, n.1, p. 10-15, Jun. 1996.

REIS, Marize Cisneiros da Costa. **A legitimidade acadêmico-científica da educação física: uma investigação**. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2002.

SANTOS, Ana Lúcia Padrão dos; SIMÕES, Antonio Carlos. Desafios do ensino superior em educação física: Considerações sobre a política de avaliação de cursos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 259-274, abr./jun. 2008.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n.1, p. 1-15, Jul./2009. Disponível em [http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf). Acessado em: 10 de maio de 2010.

SILVA, Rossana Valéria de Souza e. **Pesquisa em Educação Física: determinações históricas e implicações epistemológicas**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, SP, [s.n.], 1997.

SILVA, Rita de Fátima da. **A ação do professor de ensino superior na educação física adaptada: construção mediada pelos aspectos dos contextos históricos, políticos e sociais**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, [s.n.], 2005.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOEIRO, Maria Isaura Plácido. Educação física profissão e mercado: um estudo de caso. In: NETO, Samuel de Souza; HUNGER, Dagmar (org.). **Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006.

SOUZA NETO, Samuel. **A Educação Física na Universidade:** licenciatura e bacharelado – as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Carlos, 1999.

SOUZA NETO, Samuel de, et al. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004.

SOUZA, Nilva Pessoa de. **O ensino das disciplinas esportivas coletivas nos cursos de Licenciatura em Goiás:** um estudo descritivo. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, [s.n.], 2007.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Currículo, formação profissional na educação física & esporte e campos de trabalho em expansão: antagonismos e contradições da prática social. **Movimento.** Rio Grande do Sul, ano IV, n. 7, v. 2, 1997.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. A formação profissional e as diretrizes curriculares do programa nacional de graduação: o assalto às consciências e o amoldamento subjetivo. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 9, n.1, p. 13-23, 1998.

TANI, Go. Perspectivas da Educação Física como disciplina acadêmica. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2, Rio Claro. **Anais.** Rio Claro: UNESP, 1989.

TANI, Go. 20 anos de ciências do esporte: um transatlântico sem rumo? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte : 20 anos CBCE,** Campinas, n. esp., p. 19-31, set. 1998.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude e LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação.** n. 4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação.** n. 13, Jan./Fev./Mar./Abr. 2000.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TOJAL, João B. A. G. O objeto de estudo da Educação Física. **Corpoconsciência,** n. 0, p. 87-99, 1997.

VERENGUER, Rita de Cassia Garcia. **Preparação profissional em educação física:** das leis a implementação dos currículos. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, [s.n.], 1996.

VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Dimensões profissionais e acadêmicas da educação física no Brasil: uma síntese das discussões. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.11, n. 2, p. 164-75, jul./dez. 1997.

## **ANEXOS**

---

---

**ANEXO A:** Roteiro de perguntas para os coordenadores de curso referente às matrizes teóricas dos cursos de formação em educação física de acordo com objetivos da pesquisa

<b>OBJETIVOS</b>	<b>INDICADORES</b>	<b>QUESTÕES</b>
Investigar a base teórica dos cursos de educação física do Estado do Paraná por meio dos referenciais teóricos utilizados, a fim de conhecer se há diferença significativa entre os cursos de licenciatura e bacharelado.	- A incidência de referenciais teóricos voltados para uma determinada formação em detrimento da outra;	Quanto às referências que dão base para as disciplinas dos cursos, há incidência de determinados referenciais teóricos, bem como de determinadas linhas teóricas? Quais?
Discutir a incidência de determinados referenciais teóricos nos programas das disciplinas, bem como uma relação às bibliografias mais utilizadas e a formação em licenciatura e bacharelado.	A incidência de referenciais teóricos voltados para uma determinada formação em detrimento da outra;  Formação Geral: a) Relação ser humano-sociedade; b) Biológica do corpo humano e; c) Produção do conhecimento científico e tecnológico. Formação específica: a) Culturais do Movimento Humano; b) Técnico-Instrumental; c) Didático-Pedagógico	Quais critérios foram levados em consideração para a seleção de referenciais teóricos para subsidiar a formação em licenciatura e bacharelado?  1. Especificidades teóricas de cada formação, bem como das disciplinas;  Existe alguma indicação geral do curso para a seleção do referencial teórico das disciplinas? Quais?

**ANEXO B:** Carta convite aos coordenadores das IES, para a participação na pesquisa

### **Carta Convite aos docentes participantes da pesquisa**

Universidade Estadual de Maringá – UEM  
Centro de Ciências da Saúde  
Departamento de Educação Física  
Prezado (a) Professor (a)

Tenho a satisfação em convidá-lo a participar do Projeto de Pesquisa apresentado ao Edital MCT/Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), nº 14/2009, intitulado “Panorama da formação inicial em educação física no estado do Paraná”, proposto pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi docente do departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O objetivo geral da pesquisa será: mapear o panorama da formação inicial dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas instituições de ensino superior (IES) do estado do Paraná depois da reformulação curricular motivada pela Resolução 07/04 CNE. Farão parte deste estudo coordenadores dos cursos de Educação Física dessas instituições, bem como professores dos referidos cursos.

Para a coleta de dados será utilizada a técnica de aplicação de questionários aos coordenadores e professores de todas IES públicas e particulares, bem como entrevistas a esses coordenadores, a fim de obter informações sobre o curso, docentes e disciplinas. Do tipo descritiva, será priorizada uma análise qualitativa, por meio de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Também será utilizada estatística descritiva, haja vista o grande número de dados quantitativos a serem coletados nesse estudo.

Sei que a aceitação em participar desta pesquisa tomará seu valioso tempo, porém, gostaríamos de deixar claro que todos os esforços serão feitos no sentido de reter a essência de suas respostas, que serão tratadas confidencialmente.

Agradeço antecipadamente e me coloco ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos pelos telefones: (44) 3261-1342, (44) 3261-4315 e (44) 8404-9635.

Atenciosamente,

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ieda Parra B. Rinaldi

**ANEXO C:** Documento de autorização para realização da pesquisa.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Prezado (a) Professor (a), Coordenador (a) de Colegiado do Curso de Educação Física:

Vimos por meio desta solicitar à V. S<sup>a</sup>. autorização para a realização do Projeto de Pesquisa apresentado ao Edital MCT/Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), n<sup>o</sup> 14/2009, intitulado “Panorama da formação inicial em educação física no estado do Paraná”, proposto pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O objetivo geral da pesquisa será mapear o panorama da formação inicial dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas instituições de ensino superior (IES) do estado do Paraná depois da reformulação curricular motivada pela Resolução 07/04 CNE. Farão parte deste estudo coordenadores dos cursos de Educação Física dessas instituições, bem como professores dos referidos cursos.

As informações serão coletadas por meio de aplicação de questionários aos coordenadores e professores de todas IES públicas e particulares, bem como entrevistas a esses coordenadores, a fim de obter informações sobre o curso, docentes e disciplinas. Do tipo descritiva, será priorizada uma análise qualitativa, por meio de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Também será utilizada estatística descritiva, haja vista o grande número de dados quantitativos a serem coletados nesse estudo.

O sigilo das informações será preservado, nenhum nome, identificação de pessoas, locais e instituições, especificamente, interessa a este estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e elaboração do projeto. Além disso, informamos que este estudo é realizado de acordo com as normas do Comitê de Ética da UEM e que eventuais dúvidas podem ser esclarecidas com a pesquisadora responsável, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi pelos telefones: (44) 3261-1342, (44) 3261-4315 e (44) 8404-9635.

Eu \_\_\_\_\_,  
Professora responsável pelo Colegiado do Curso de Educação Física –, após ter lido todas as informações e esclarecidos todas as minhas dúvidas referentes ao estudo, autorizo a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi, a realizar a pesquisa intitulada “Panorama da formação inicial em educação física no estado do Paraná”.

---

Coordenador (a) de Colegiado

**ANEXO D:** Termo de consentimento enviado aos coordenadores de cursos das IES.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar do estudo: **Panorama da formação inicial em educação física no estado do Paraná**, sob coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi, docente da Universidade Estadual de Maringá.

**Justificativa, objetivos e procedimentos:** Nos últimos vinte anos o número de cursos de graduação em Educação Física no Brasil cresceu vertiginosamente e, conseqüentemente também no estado do Paraná. Nessa direção, muito embora a formação profissional em Educação Física tenha sido alvo de muitos estudos, principalmente a partir de 1980, ainda é necessário que novas pesquisas relacionadas ao tema sejam concretizadas, sobretudo pelo acréscimo dos cursos nas duas últimas décadas. Os estudos sobre a formação profissional em Educação Física no Brasil buscam uma nova postura para o ensino superior, entendendo que o período de formação inicial é importante, pois é nele que se adquirem conhecimentos indispensáveis para a atuação profissional, é o momento em que os futuros professores poderão ou não, alterar a concepção que possuem de Educação Física, assumirão ou não, uma prática pedagógica permeada pela cultura dominante. Para tanto, acreditamos ser necessário quebrar os laços com o paradigma vigente, rumo a uma nova epistemologia para a formação de professores, justificando a necessidade da realização dessa pesquisa. Sendo assim, e devido à argumentação apresentada propomos como objetivo principal mapear o panorama da formação inicial dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas instituições de ensino superior do Estado do Paraná, depois da reformulação curricular motivada pela Resolução 07/04 CNE, analisando, por meio de documentos e questionários, aspectos específicos dos cursos, dos docentes, das disciplinas e da produção e atuação no âmbito da pesquisa dos docentes. Propõe ainda visitas técnicas às Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Estado do Paraná, para apresentar e discutir os dados obtidos e as interpretações dos mesmos, enriquecendo assim a análise realizada.

**Benefícios esperados:** Espera-se, com essa pesquisa, analisar a formação inicial dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas instituições de ensino superior do estado do Paraná, visando intervenções no sentido de uma formação sólida e emancipatória.

Em relação à formação de recursos humanos, esse projeto prevê a execução de seis dissertações de mestrado com alunos do programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física, em nível de mestrado UEM/UEL, bem como três projetos de iniciação científica. Em adição, sete alunos de mestrado (Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física, em nível de mestrado UEM/UEL) participarão deste projeto. Em suma, o presente estudo propõe a formação de recursos humanos, em uma área carente de pessoal qualificado, o que será importante para a formação de profissionais na região e para o país.

Forma de assistência e responsável: **em caso de dúvidas quanto à participação na pesquisa, os interessados deverão ligar para a pesquisadora responsável Ieda Parra Barbosa Rinaldi no fone (44) 3261-4315 que estaremos à disposição para qualquer esclarecimento.**

Esclarecimentos antes e durante a pesquisa sobre a metodologia: **os participantes selecionados para o estudo serão informados sobre a metodologia antes de consentirem com a sua participação e se caso necessário estaremos à disposição para qualquer esclarecimento durante o decorrer da pesquisa.**

Liberdade de recusar ou retirar o consentimento sem penalização: **os participantes terão a liberdade de aceitar, recusar e interferir a qualquer momento durante a pesquisa, não sendo alvo de penalização.**

Garantia de sigilo e privacidade: **garantimos a não publicação de nomes e fatos comprometedores e somente os resultados globais serão divulgados após análise.**

Formas de ressarcimento: **sendo a participação voluntária, não haverá ressarcimento para nenhuma das partes envolvidas.**

Formas de indenização: **constatado algum problema após a aceitação da pesquisa e iniciada a intervenção, será dada toda a assistência necessária.**

Eu, \_\_\_\_\_, *(responsável pelo menor)* após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Professora Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE que menor \_\_\_\_\_ participe do mesmo.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Assinatura do responsável ou impressão datiloscópica

Eu, \_\_\_\_\_, após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE em participar do mesmo.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Assinatura do pesquisado ou impressão datiloscópica

Eu, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Parra Barbosa Rinaldi, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao participante.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Assinatura

Equipe:

Nome: Ieda Parra Barbosa Rinaldi  
Telefone: (44) 3261-4315

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Biblioteca Central – Campus Central - Telefone: (44) 32614444.

**ANEXO E – Documento de aprovação do Projeto no Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos**

	<b>Universidade Estadual de Maringá</b> Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos Registrada no CONEP em 10/02/1988
CAAE N°. 0151.0.093.000-10	PARECER N°. 247/2010
<b>Pesquisador (a) Responsável:</b> Ieda Parra Barbosa Rinaldi	
<b>Centro/Departamento:</b> CCS/ Departamento de Educação Física	
<b>Título do projeto:</b> Panorama da formação inicial em Educação Física no estado do Paraná.	
<b>Considerações:</b> O presente projeto tem por objetivo mapear o panorama da formação inicial dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física nas instituições de ensino superior do estado do Paraná, depois da reformulação curricular motivada pela resolução 07/2004 CNE. A pesquisa é de caráter qualitativo, do tipo descritivo. A amostra será constituída por 69 instituições de ensino superior que ofereçam curso de Educação Física, sendo estes representados por seus coordenadores. Serão aplicados questionários aos coordenadores de todas as IES e alunos, a fim de obter informações sobre o curso, docentes e disciplinas. Consta cronograma com entrega de relatório e publicação prevista para dezembro de 2011. Consta a autorização das 69 IES do Paraná e orçamento com recursos de R\$ 14.500,00 financiados pelo CNPQ (Edital 014/2009 universal). Consta TCLE de acordo com a Res. 196/96-CNS, folha de rosto devidamente preenchida e autorização do chefe do DEF/UEM.	
<b>Parecer:</b> Face ao exposto, o parecer é pela aprovação do protocolo na forma em que este se apresenta.	
<b>Situação:</b> APROVADO	
<b>CONEP:</b> ( X ) para registro ( ) para análise e parecer <b>Data:</b> 21/5/2010.	
<b>O pesquisador deverá apresentar Relatório Final para este Comitê em: Agosto de 2011.</b>	
O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução n°. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 195ª reunião do COPEP em 21/5/2010.	 <b>PROF. DR. Ieda Harumi Higarashi</b> <b>Presidente do COPEP</b>